

They say good things come to those who wait...

Always Only You



A BERGMAN BROTHERS NOVEL

CHLOE LIESE



bookworms



cafe

TABELA DE CONTEÚDOS

NOTA DA PLAYLIST

1

FRANKIE

2

FRANKIE

3

REN

4

FRANKIE

5

FRANKIE

6

REN

7

FRANKIE

8

FRANKIE

9

REN

10

FRANKIE

11

REN

12

REN

13

FRANKIE

14

REN

15

REN

16

FRANKIE

17

FRANKIE

18

REN

19

FRANKIE

20

FRANKIE

21

REN

22

FRANKIE

23

FRANKIE

24

FRANKIE

25

FRANKIE

26

REN

27

FRANKIE

28

REN

29

FRANKIE

30

REN

31

REN

AGRADECIMENTOS

NOTA DA PLAYLIST

No início de cada capítulo, há uma música e um artista que proporciona outro meio de conexão emocional. Não é uma necessidade – para alguns pode ser uma distração ou, para outros, inacessível e, portanto, deve ser totalmente ignorado! – nem as letras são literalmente “sobre” o capítulo. Ouça durante ou antes de ler para uma experiência de trilha sonora. Se você gosta de listas de reprodução, em vez de pesquisar individualmente cada música à medida que lê, pode acessar diretamente essas músicas em uma [lista](#) de [reprodução do Spotify](#), entrando em sua conta do Spotify e inserindo “Always Only You (BB #2)” na barra de pesquisar.

*Para os deslocados.
Você foi maravilhosamente feito. Você pertence.
Sempre.*

“Você não quer nada além de paciência – ou dê um nome mais fascinante, chame de esperança.”
—Jane Austen, *Razão e Sensibilidade*

20/01/2020

Il primo capitolo è dedicato alla storia della lingua italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

Il secondo capitolo è dedicato alla grammatica italiana, dalla morfologia alla sintassi, fino alla punteggiatura.

Il terzo capitolo è dedicato alla lessica italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

Il quarto capitolo è dedicato alla fonetica italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

Il quinto capitolo è dedicato alla morfologia italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

Il sesto capitolo è dedicato alla sintassi italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

Il settimo capitolo è dedicato alla punteggiatura italiana, dalla sua origine alla sua evoluzione, fino alla sua attuale situazione.

FRANKIE

Música da Playlist: “Better By Myself” - Hey Violet

REN BERGMAN ESTÁ FELIZ PARA caralho.

Nos três anos que o conheço, o vi sem sorrir *duas vezes*. Uma vez, quando ele estava inconsciente no gelo, então eu acho que dificilmente conta, e da outra vez, quando uma fã radical se empurrou no meio da multidão, gritando que ela tinha tatuado o rosto dele em suas partes femininas porque, e eu cito: “Uma garota pode sonhar.”

Mas para aqueles dois momentos estranhamente sombrios, Ren não foi nada além de um raio de sol desde o momento em que o conheci. E enquanto eu mesma sou uma pequena nuvem de tempestade, reconheço que a capacidade do Papai Noel de Ren para a bondade torna meu trabalho mais fácil.

Como Coordenadora de Mídias Sociais para o Los Angeles Kings, tenho um trabalho difícil para mim. Jogadores de hóquei, você deve ter ouvido, nem sempre são os humanos mais bem comportados. Isso infla o ego, receber milhões de dólares para jogar um jogo que eles amam enquanto matam a saudade da sua criança interior. *Bater. Esmagar. Empurrar.*

Com a fortuna, vem a fama e as fêmeas bajuladoras na palma das mãos – isso também não ajuda em nada. Sim, estou ciente que são muitas palavras com “f”. Então, me processe, eu gosto de aliteração.

Embora o departamento de RP tenha o maravilhoso privilégio de apagar incêndios de imagem pública, eu faço o trabalho de base diário para cultivar a presença de nossa equipe nas mídias sociais. Colada à equipe, com o iPhone na mão, torno os caras acessíveis aos fãs ao implementar uma publicidade sancionada por relações públicas – entrevistas informais, brincadeiras, pegadinhas inofensivas, oportunidades de fotos, gifs e até mesmo um meme viral ocasional.

Eu também documento passeios informais de caridade voltados para nossos fãs menos representados. Não está na descrição exata do meu trabalho, mas acredito piamente em quebrar o estigma em torno das diferenças que tendemos a condenar ao ostracismo, então me arrastei para o processo. Não quero apenas tornar nosso time de hóquei mais acessível aos fãs, quero que sejamos um time que lidere seus fãs ao avanço da acessibilidade em si.

Isso me faz parecer doce, não é? Mas a verdade é que ninguém na equipe me chamaria assim. Na verdade, minha reputação é exatamente o oposto: Frank, a Excêntrica. E embora essa má reputação seja formada por verdades parciais e amplos mal-entendidos, peguei o apelido e continuei com ele. No final, isso torna a vida de todos mais fácil.

Eu faço meu trabalho com *resting bitch face*¹. Sou franca, toda

profissional. Gosto das minhas rotinas, concentro-me no meu trabalho e tenho a certeza absoluta de que não chego perto dos jogadores. Sim, nós nos damos bem na maior parte do tempo. Mas você tem que ter limites quando você é uma mulher na companhia quase constante de duas dúzias de atletas do sexo masculino encharcados de testosterona – atletas que sabem que estou do lado deles, mas que também sabem que Frankie é uma nuvem de tempestade que você não chega muito perto, a menos que você queira ser eletrocutado.

Assim como nuvens de chuva e sol compartilham o céu, Ren e eu trabalhamos bem juntos. Sempre que a RP tem um conceito matador e eu venho com um golaço de mídia social – perdoe minha mistura de metáforas de esportes – Ren é o meu homem.

Esquete exagerada no vestiário para arrecadar dinheiro para os programas urbanos de esportes? Lá está Ren e seu sorriso megawatt, dizendo suas falas com charme sem esforço. Sessão de fotos para a arrecadação de fundos para o abrigo de animais local? Ren está rindo enquanto gatinhos agarram seus ombros enormes e cachorrinhos choram por sua atenção, lambendo seu queixo enquanto ele os esbanja com aquele sorriso largo e ensolarado.

As vezes, é praticamente de revirar o estômago. Ainda fico enjoada quando me lembro da vez em que Ren sentou-se com uma jovem paciente com câncer. Ficando branco como um lençol, devido ao seu medo de agulhas, ele contou-lhe as piadas de toc-toc mais idiotas do mundo enquanto doava sangue e ela fazia seu exame de sangue. Para que eles pudessem ser corajosos juntos.

Deixa para desmaio coletivo feminino.

Eu não deveria reclamar. Eu não deveria. Porque, sinceramente, o cara é um pontuador sem parar, sorridente, um pedaço de um metro e noventa de felicidade, que torna meu trabalho muito mais fácil do que seria de outra forma. Mas há um limite de alegria que uma rabugenta como eu pode aguentar. E por três anos, Ren foi empurrando meu limite.

No vestiário, eu franzo o cenho para o meu telefone, lidando com um *troll* idiota na página do Twitter da equipe, enquanto serpenteio através do labirinto de homens seminus. Já vi tudo isso milhares de vezes e não poderia me importar menos–

— *Ugh* — eu resmungo quando meu rosto se conecta com um peito nu e sólido.

— Desculpe, Frankie. — Mãos fortes me seguram pelos ombros. É o próprio homem feliz, Ren Bergman. Mas desta vez, ele está sem camisa, coisa que Ren nunca está. Ele é o mais modesto do grupo.

Eu sou alta, o que coloca meu olhar diretamente alinhado com os músculos dos peitorais esculpados em pedra de Ren. E mamilos achatados e escuros, que se contraem enquanto o ar resfria sua pele úmida. Tento desviar meus olhos, mas eles têm uma mente própria, indo cada vez mais para baixo para seus seis – não, oito – não, droga, seus *muitos* gominhos.

Engulo em seco tão alto que praticamente ecoa na sala.

— E-está tudo bem.

Bem, olá, voz rouca e sexy de prostituta.

Limpo minha garganta e tiro meus olhos de seu corpo.

— Não se preocupe — digo a ele. — Culpa minha. — Levantando meu telefone, eu balanço-o de um lado para o outro. — Bem feito para mim, por andar por aí com o nariz enfiado no Twitter.

Ren sorri, o que apenas piora meu humor mais ainda. A quantidade de dopamina que o cérebro desse cara produz diariamente é provavelmente minha soma total anual.

Alisando a mão sobre sua barba de *playoff*²; ele a leva até a nuca e coça, o que aprendi nos últimos anos que é o seu tique nervoso. Seus bíceps se envergam, um ombro arredondado se flexiona, e tento não olhar para seus enormes músculos, que dão à sua parte superior do corpo uma formato poderoso de “V”, costurando-se nas suas costelas e em uma cintura longa e elegante.

O banquete visual resulta em um curto-circuito temporário, limpando meus pensamentos, exceto por duas palavras.

Uau. Músculos.

Deve ser porque enquanto o resto da equipe são praticamente nudistas, Ren sempre desaparece para tomar banho e volta carregando um terno limpo, camisa impecável e gravata. Nunca vi tanta nudez de Ren Bergman. Nunca.

E estou fascinada.

— Você está bastante despido — eu deixo escapar.

Ele cora e abaixa a mão ao lado do corpo.

— Verdade. — Inclinando-se, ele levanta uma sobrancelha e diz conspiratoriamente: — Este é o vestiário, você sabe.

Eu resisto ao desejo feroz de beliscar seu mamilo.

— Não me provoque, Bergman. Eu não terminei. — Dou um passo para trás porque, puta merda, aquele homem cheira bem. Sabão fresco e um tempero quente perseguindo-o. Algo sedutoramente masculino. — Você *normalmente* não anda pelado como...

Kris corre com a bunda nua em um grito agudo, chicoteando sua toalha de brincadeira em Ren quando ele passa. Eu levanto a mão na direção do idiota.

— Schar prova o meu ponto de vista.

O rubor de Ren se aprofunda enquanto ele desvia o olhar.

— Você tem razão. Eu normalmente não perambulo por aí assim. Eu apenas esqueci algo de que precisava.

— O que você esqueceu? Seu terno está bem aí atrás. — Posso ver daqui, pendurado perto dos chuveiros. Homem inteligente. O ar úmido remove as dobras.

Droga, agora estou pensando em Ren tomando banhos fumegantes.

— Bem, uh... — ele diz. — Eu esqueci o que se vai *por baixo* do terno.

— Oh!

Minhas bochechas esquentam. Minha nossa. Claro. O cara esqueceu

sua boxer – *Ooh, ou talvez cueca?* Preciso parar de pensar sobre isso – e aqui estou eu segurando-o como se fosse a Inquisição Espanhola.

Como se ele pudesse ler meus pensamentos sujos, Ren me prende com aqueles olhos anormalmente intensos – felinos e pálidos como o gelo em que ele patina.

— Vou buscá-lo, então...

— Boa ideia. — Dou um passo para o lado, enquanto Ren segue o mesmo caminho. Nós dois rimos sem jeito. Então Ren tenta o outro lado, assim como eu, também. — Jesus — eu murmuro. Tão embaraçoso. Se a terra se abrisse e me engolissem por inteiro, esse momento seria significativamente melhorado.

— Aqui. — As mãos de Ren pousam quentes em meus ombros novamente, seu toque gentil, ao contrário da maioria dos caras do time, que parecem incapazes de não tocar em mim como se fossem o Hulk. Enquanto eu vacilo antes de entrar em contato com eles, há algo gracioso e controlado sobre Ren.

— Vou por aqui — diz ele. — Você vai por ali.

Como uma porta giratória, finalmente conseguimos passar um pelo outro. Uma vez que Ren está se afastando, eu gostaria de dizer que não olho por cima do ombro para cobiçar as costas do cara pelos contornos reveladores de uma toalha de vestiário, mas não tenho o hábito de mentir.

— Fraaaaaankie — uma voz desagradável grita.

Esse é Matt Maddox. O mal yin do yang de pura bondade de Ren.

— Jesus, mantenha-me forte — murmuro.

Em nossa pequena metáfora da natureza, na qual eu sou a nuvem de tempestade e Ren é o sol, Matt é o gêiser sulfuroso fedorento do qual todos fogem. Enquanto Ren é caloroso e sempre cavalheiresco, Matt é, em resumo, um desastre natural de uma estupidez nota 10.

Matt atravessa o vestiário e se aproxima de mim, não pela primeira vez. Não por um longo período.

Preparando-me para o impacto, coloco meu telefone no bolso e me preparo para respirar pela boca. Estou acostumada com o fedor do nosso vestiário, mas depois do jogo, os caras cheiram bem podre e eu tenho um nariz sensível. Eu engasgo aqui regularmente.

Colocando um braço fedorento em volta de mim, Matt sacode todo o meu corpo. Eu aperto minha mandíbula e tento não estremecer.

— Onde está o seu telefone? — ele diz. — Acho que precisamos de uma selfie, Frank.

Eu me abaixo e me arrasto para trás, fora de seu alcance.

— E *eu* acho que você precisa de um banho. Você faz o seu trabalho, Maddox. Eu farei o meu.

Ele tira o cabelo escuro encharcado de suor do rosto e suspira.

— Um dia desses, vou quebrar você.

— Eu sou um osso duro de roer, campeão. — Virando, eu desenterro meu telefone, deslizo para abrir para a câmera e o angulo sobre a minha cabeça para cortar Matt e pegar os caras atrás de mim. Ninguém está

mais em um estado de nudez extensiva – alguns peitos nus, a maioria quase terminando de vestir seus ternos. Os fãz comem essa merda no café da manhã. — Sorriam, meninos!

Todos eles chicoteiam suas cabeças em minha direção, estampando sorrisos obedientes enquanto dizem: "Xis!"

Eu os tenho muito bem treinados.

— Obrigada. — Pondo meu telefone no bolso, vou em direção à saída.
— Não se esqueçam, bebidas – não em excesso – e hambúrgueres, no Louie's. Uber, se vocês planejam encher a cara de qualquer maneira.

Em um coro de "*Certo, Frankie*" ecoando atrás de mim, eu empurro a porta aberta, animada pelo propósito satisfatório de uma mulher cuja vida é ordenada e previsível. Exatamente como eu gosto.

No Louie's, tiro meu blazer e arregaço as mangas, preparando-me para a refeição que pedi. Ternos e comida de bar gordurosa não são a melhor combinação, mas nunca há tempo para me trocar depois de minhas obrigações pós-jogo antes de sairmos, então estou presa usando minha roupa de trabalho usual.

Como o resto da equipe e jogadores, no dia do jogo, eu visto um terno. O mesmo, em todos os jogos. Blazer peplum preto, calças combinando com corte na altura do tornozelo e uma camisa social branca com botões pretos. Minhas calças curtas exibem meus tênis Nike Cortez em sua assinatura preta e prata, e minhas unhas são naturalmente pintadas com o usual preto brilhante com brilho prateado no dedo médio, porque deixa as pessoas ainda mais festivas. Todo o visual é bem Wandinha Addams, com um efeito repelente semelhante e planejado. As pessoas me deixam em paz. É assim que eu gosto.

— Cheeseburger duplo — diz Joe, nosso barman.

— Obrigada. — Eu aceno e puxo o prato na minha direção.

Coisa agradável sobre Louie's é que eles dão preferência aos nossos pedidos primeiro – um monte de atletas com fome precisam de comida *urgentemente* após um jogo – por isso, menos de dez minutos depois de chegar, de mangas arregaçadas, gordura escorre pelos meus pulsos enquanto eu mordo o meu hambúrguer. Seguro-o sobre o prato e me inclino para prender o canudo da minha bebida com a boca, tomando um longo gole de refrigerante.

O Louie's é uma daquelas preciosidades de lanchonete modesta de Los Angeles que parece diminuir a cada passar de ano em que o estilo de vida saudável aumenta. Eu juro, mesmo há apenas quatro anos, quando me mudei para cá, LA ainda era a terra do hambúrguer gorduroso e da melhor comida de rua do mundo. Agora é tudo lojas de suco e qualquer merda que o GOOP³ diz que vai achatar seu estômago.

Enquanto o refrigerante borbulha feliz na minha barriga, eu tiro um pickles do meu sanduiche e o mastigo.

— A vida é muito curta para abrir mão de hambúrgueres.

Willa grunhe em concordância de seu assento ao meu lado. Ela está namorando Ryder, irmão de Ren, e eles tentam participar de um punhado de jogos a cada temporada, então esta não é a primeira vez que Willa e eu conversamos, mas é a primeira vez que nos unimos contra a triste reviravolta para o rumo mais saudável que a comida sul-californiana tomou. Ou, mais precisamente, tenho feito um monólogo sobre isso por cinco minutos sem parar enquanto ela grunhe e come e parece concordar comigo. Tenho a tendência de me fixar em algo e depois falar mais sobre isso do que a maioria das pessoas, o que aprendi que às vezes irrita as pessoas, entedia as outras e, de vez em quando, consegue interessá-las da mesma forma.

Infelizmente, geralmente só reconheço, em retrospecto, quando já monologuei. Eu juro, não estou inventando isso. Não posso dizer quando está acontecendo. Todo mundo conhece o ditado "o tempo voa quando você está se divertindo", e essa é a única maneira de explicar como minha consciência funciona quando estou em um ritmo, falando sobre algo que eu gosto – não tenho noção de quanto tempo já se passou.

Porque esta não é a minha primeira vez com Willa, no entanto, eu sei que ela e eu estamos confortáveis o suficiente uma com a outra que ela me calaria ou mudaria de assunto se ela quisesse. Nós apenas saímos algumas vezes desde então, como uma jogadora de futebol profissional, ela está muito ocupada, mas nos conectamos em um punhado de jogos que ela e Ryder compareceram.

— Hambúrgueres gloriosos — diz ela com voz rouca, depois de comer. — Eu nunca poderia deixá-los ir. Quer dizer, o treinador me mataria por comer isso, mas, droga, não há nada melhor do que um cheeseburger duplo depois de um dia longo. Não me importo com a minha pegada de carbono. Mate aquela vaca e coloque-a na minha barriga.

Ryder se afasta de sua conversa adjacente a nós e diz a ela:

— Vou ignorar esse comentário ambientalmente insensível porque você beija bem, meu raio de sol, e eu cozinho à base de plantas para nós oitenta por cento das vezes.

Envergonhada, Willa sorri para ele.

— As vezes eu desejo que essas bugigangas em torno de seus ouvidos não funcionem *perfeitamente* bem, Ry.

Ryder usa implantes cocleares, que mal posso ver em meio ao seu cabelo loiro e espesso. Como Ren, Ryder é um cara bonito. Barba curta, olhos verdes brilhantes e maçãs do rosto de Ren.

Willa e Ryder moram no estado de Washington, onde Willa joga pelo Reign FC, e seu lugar fica situado no meio da floresta. Olhando para eles, você pode imaginar isso totalmente. Ryder emite uma vibração de amante da natureza com sua camisa de flanela xadrez, jeans desbotados e botas. Willa combina com ele em suas roupas quentes e práticas – um moletom da UCLA e jeans rasgados, sem maquiagem à vista para acentuar seus grandes olhos âmbar e lábios carnudos. Ela tem um cabelo incrível com ondas e cachos indomáveis, nenhum produto, nenhum

penteados. Apenas uma beleza selvagem.

Willa é tão *au naturel* por dentro quanto por fora, e esse é o meu tipo de pessoa. As pessoas com quem me dou bem tipificam uma mentalidade “o que você vê é o que você consegue” e, dessa forma, Willa é muito parecida com minhas duas boas amigas em LA, Annie e Lo. Fazer amigos não é fácil para mim, mas sinto que estou me tornando amiga da realista e amante de cheeseburger, Willa Sutter.

Ryder sorri para ela, fazendo o sorriso de Willa se alargar. Eu largo meu hambúrguer no meu prato com um som de *plaft* e arrasto uma batata frita no ketchup.

— Meu bom Deus. Se beijem logo.

Ryder ri. Plantando seus lábios suavemente na têmpora de Willa, ele então volta para sua conversa, um semicírculo de homens formado por Ren; Rob, nosso capitão; François, nosso goleiro; e Lin, um defensor novato promissor.

— Desculpe por isso. — As bochechas de Willa ficam rosadas enquanto ela bebe sua limonada. — Ainda estamos naquela fase de eu-gosto-mesmo-de-você-e-sempre-quero-pular-em-você.

Eu a dispenso com as mãos, batata frita na mão.

— Sou eu quem deve pedir desculpas. Meu cérebro é um lugar sem filtros. A maior parte do que ele pensa tende a sair da minha boca. Eu não quis ser rude. Você está apaixonada e feliz. Nada para se desculpar.

Willa sorri enquanto pega seu hambúrguer.

— Obrigada. Quer dizer, eu costumava achar nojento quando via pessoas em público parecendo tão apaixonadas. Eu sempre pensei: “É tão difícil manter esse tipo de safadeza em casa?” — Ela dá uma grande mordida no hambúrguer e diz — Então eu conheci Ryder e percebi que, sim, com a pessoa certa, é muito difícil.

Meu hambúrguer fica preso na garganta. Que possibilidade aterrorizante se sentir tão atraído por alguém que você não consegue evitar amá-lo. Tento sorrir para mostrar que estou bem, mas sou incapaz de sorrir involuntariamente. Cada vez que tento, acabo dando a impressão de que vou vomitar.

Willa ri.

— Parece que você acabou de dizer que é cocô de cachorro entre o seu pão de hambúrguer.

Bingo.

Eu finalmente limpo minha garganta e olho para a minha comida.

— Eu, uh... — Minha postura sobre relacionamentos é difícil de explicar. E embora eu goste de Willa, não é algo que estou pronta para discutir com ela.

Ela me cutuca.

— Ei, só estou brincando com você. — Inclinando a cabeça, ela me encara por um longo minuto. — Você não é uma garota de relacionamentos?

Eu balanço minha cabeça, então dou uma mordida na comida.

— Não, eu não sou. Nada contra eles. Eles simplesmente não são

adequados para mim.

— Sim. Eu mesma era muito contra eles quando conheci o lenhador.

— Ela joga o polegar por cima do ombro para o grupo de homens onde Ryder está. Ren ri de algo que ele diz, fazendo Ryder rir também.

Eles são quase gêmeos de perfil, exceto que tudo sobre Ren apenas grita para que eu olhe para ele. Ondas avermelhadas rebeldes, nariz comprido e maçãs do rosto acentuadas. Aquela barba de *playoff* que ele de alguma forma mantém arrumada, então eu ainda posso ver a sugestão de lábios carnudos que se retorcem em diversão irônica. Seus olhos se enrugam quando ele ri, e ele tem o hábito de segurar o peito e se curvar ligeiramente, como se a capacidade de alguém diverti-lo fosse direto para seu coração.

Tão feliz. Tão despreocupado. Como é viver assim? Ser tão sem fardos?

Eu não tenho ideia. Em relacionamentos passados, *eu fui* o fardo. Uma série de questões a serem tratadas, complicações a serem gerenciadas. Em casa, as pessoas me tratavam como um problema, não como uma pessoa. E assim, cheguei a duas conclusões. Primeiro, era hora de me afastar e, segundo, para me proteger de repetir essa humilhação, é melhor deixar meu coração sozinho, seguro a sete chaves.

Então, eu visto preto. Eu não sorrio. Eu me escondo atrás de uma cortina pesada de cabelos escuros e uma lista de afazeres de um quilômetro e meio. Dou boas-vindas às metáforas das bruxas, ando por aí com a testa franzida e um grunhir em resposta sempre que possível. Não faço amizade com os vizinhos nem vou a piqueniques da equipe. Eu fico segura em minha solidão, fria e intocável.

Por um bom motivo. Não serei tratada como fui nunca mais.

Willa dá um tapinha na minha mão suavemente, em seguida, coloca uma batata frita na boca.

— Quer saber o que me fez mudar de ideia?

Eu olho para ela.

— Não.

Isso a faz rir de novo.

— Ah, Frankie. Você é impagável. Rooney vai te amar.

— Rooney?

— Minha melhor amiga da faculdade. Ela está em Stanford agora. Direito biomédico.

Uma façanha rara para mim, eu consigo morder minha língua e não mencionar meus próprios planos para a faculdade de direito. Sim, enviei minha inscrição para a UCLA meses atrás. Sim, fiquei obcecada e me esforcei muito para fazer minha inscrição, e tenho praticamente certeza de que é perfeita. Mas não recebi minha carta de aceitação.

Eu mantenho minha boca fechada e bebo um pouco de refrigerante.

— Um dos filhos Bergman inevitavelmente fará aniversário em breve — diz Willa.

Pelo que me lembro do que ele disse sobre sua família, Ren tem um número assustador de irmãos, muitos dos quais moram perto. Ele é um

daqueles raros atletas que foi convocado por sua cidade natal e nunca mais quer sair dela. O que, para esta ex-nova-iorquina que deliberadamente se mudou para o outro lado do país, é alucinante.

— Ziggy, não é? — Willa olha para o teto, passando por algum tipo de calendário mental. — Sim, eu acho que Ziggy é a próxima. Depois que Ry e eu ficamos juntos, especialmente depois que nos mudamos para Tacoma, Rooney começou a ir a todas as festas da família Bergman para ter o máximo de tempo para me ver e matar a saudade. Ela é uma filha única extrovertida, então se apaixonou pela grande família e agora é uma Bergman honorária. Venha à festa de Ziggy e você conhecerá Rooney.

Eu engasgo com meu refrigerante.

— Uh, eu não sei por que estaria lá.

Willa dá um tapinha nas minhas costas suavemente.

— Porque eu acabei de convidar você. Preciso de solidariedade nessas coisas, Frankie. Todos esses Bergmans, Rooney também – nenhum deles é mal-humorado ou mal-adaptado o suficiente. Diferente de você e eu.

— Obrigada?

— Eu preciso de uma alma gêmea rabugenta. Sério, venha na próxima vez. Você e Ren são amigos. Sua mãe está sempre o importunando para trazer uma moça. Aposto que ele adoraria que você viesse.

Há tantos componentes estupefacientes no que ela acabou de dizer que estou ficando sem palavras. Eu pisco para longe, arrastando minhas batatas fritas no meu prato.

Willa pega sua comida, mas faz uma pausa antes de dar uma mordida.

— Além disso, de uma alma rabugenta para outra, se algum dia você precisar encontrar alguém que te faça querer reconsiderar sua postura em relação aos relacionamentos, estou aqui para você, ok? É só falar.

FRANKIE**Música da Playlist: “How to Be a Heartbreaker” - MARINA**

ANTES QUE EU TENHA a chance de responder à oferta perturbadora de Willa, Matt, O Mestre do Mal Desagradável, cai ao meu lado no bar. Posso sentir o cheiro de cerveja nele.

Alcançando bem em cima de mim, Matt oferece a Willa sua mão.

— Você é a estrela do futebol. Cunhada de Renford — ele balbucia.

— Não exatamente. Apenas Willa. — Apertando a mão dele, ela rapidamente a solta, em seguida, enxuga a palma da mão na calça jeans embaixo do balcão.

O braço de Matt pousa com um baque duro em volta dos meus ombros, quase me derrubando na minha comida.

— Frank. Frank, Frank, Frank. — Ele suspira. — Quando você vai parar com a atuação de rainha do gelo?

Eu me endireito e tento tirar seu braço, mas ele apenas o trava com mais força.

— Frank — diz ele. — Nós dois sabemos que há algo aqui—

— Matt. Tire seu braço de cima de mim antes que eu esmague suas bolas com a Varinha das Varinhas.

A Varinha das Varinhas é como chamei minha bengala.

Sim, tenho vinte e seis anos e uso uma bengala. Parece com vidro fumê, mas em vez disso é de acrílico e totalmente foda. Também é ótimo para acertar idiotas como Maddox nas bolas.

Matt deixa cair o braço e franze a testa.

— Eu não entendo você. Você é tão quente e fria.

— Não, não sou, Matt. Eu acelero constantemente e sou fria quanto um freezer de última geração. Não coloque isso em mim. Só porque eu sou uma mulher que está regularmente em sua proximidade e não estou caindo aos seus pés como as muitas almas problemáticas que compram suas calças atléticas no eBay, não significa que eu secretamente desejo foder com você na próxima semana.

Matt franze a testa.

— Você não quer?

— Não.

— Que diabos, Frank? — ele berra. Alto o suficiente para que todos na sala privada em que estamos parem de falar por um segundo e olhem para nós.

— Matt, acho que você deveria pedir um Uber agora.

— Eu vim dirigindo — ele rosna, sinalizando para Joe.

Vendo Matt chamá-lo, Joe caminha em nossa direção. Quando vejo

seu olhar e balanço a cabeça suavemente, Joe para, gira e se vira para continuar lavando os copos.

Matt pragueja baixinho.

— Você acabou de me desligar, Frank?

— Sim. — Eu me viro e sorrio desculpando-me com Willa, conforme ignoro Matt. Virando meu copo, tomo um gole de refrigerante.

— Frank. — Ele agarra meu pulso, o que faz o refrigerante voar da minha mão e cair com respingos gelados por toda a minha camisa.

Eu sibilo com o choque disso.

— Jesus, Maddox.

De repente, uma grande mão agarra as costas da camisa de Matt e o arranca da banqueta com tanta violência que ele cai no chão. Ren se curva, limpando meu blazer, que também caiu, e imediatamente o joga sobre meus ombros. Quando ele se endireita, meu queixo cai.

Ren Bergman *realmente* não está sorrindo.

E o não sorridente Ren Bergman é um animal totalmente novo. Não, cara.

Afastese, Erik, o Vermelho. Há um novo viking ruivo enfurecido que vem para matar, e que Deus me ajude, pessoas atraentes com cabelo cor de canela são minha fraqueza. Tenho confiado nas lâmpadas fluorescentes sob as quais trabalhamos para tornar o cabelo de Ren opaco até o bronze polido. Cada vez que o vejo, digo a mim mesma que ele não é, de fato, um deus *ruivo* glorioso do hóquei no gelo. Ele é um deus loiro enferrujado glorioso do hóquei no gelo. Ajuda. Ligeiramente.

Mas agora eu tenho que enfrentar os fatos: o cabelo de Ren é um lindo cobre de um pôr do sol que se desvanece, e a raiva que irradia dele é igualmente de tirar o fôlego.

Eu fico boquiaberta com ele; Ren, o ruivo, vingativamente sexy, e ordeno que minha mandíbula se feche. É hora de encontrar minha feminista interior. Para reforçar minhas paredes. Ren derrubando em meu nome não deveria estar me afetando assim. Especialmente devido à minha história.

Demonstrações masculinas arcaicas de proteção não são sexies. Demonstrações masculinas arcaicas de proteção não são sexies. Demonstrações—

Droga, isso é sexy e meu corpo sabe disso. Não posso negar isso mais do que posso negar que minha calcinha do Harry Potter está agora tão molhada quanto em um dia chuvoso em Hogwarts. Ren gira seus olhos claros, um deslumbrante cinza azulado invernal, direto para Maddox. Eles ficam com uma fúria fria enquanto olham para ele, então voltam para mim.

— Joey, uma toalha, por favor. — Sua voz tem um tom de comando que ouvi Ren usar no gelo inúmeras vezes antes, mas nunca em qualquer conversa que me envolvesse. Minha barriga dá uma cambalhota enquanto vejo uma toalha voar em sua direção, antes de Ren imediatamente colocá-la em minhas mãos. — Aqui.

— Obrigada — murmuro estupidamente, enxugando a frente da minha camisa. Eu já estou tremendo com esta camisa molhada fria para

caralho colada na minha pele.

Abruptamente, Ren dá uma guinada em direção ao bar. Eu olho para cima e percebo que é Matt quem bateu nele.

— Maddox — eu estalo. — Pare!

Ren o empurra, gira e habilmente agarra Matt pelo pescoço.

— Você a *tortura*, porra. É o suficiente. Deixe-a em paz.

Uau. Ren nunca xinga. Bem, não assim, pelo menos não em público ou com a equipe. Os palavrões elisabetanos são mais a cara dele. *Desordeiro. Maligno. Infeccioso.* Ele é sutil, resmungando baixinho, mas tenho uma audição excepcionalmente boa e, desde que peguei o primeiro, estou sempre esticando o pescoço para ouvir quando estou perto dele, esperando ouvir outro.

A pior parte? Ele é bom nisso. Tipo, eu tenho que fingir uma crise de tosse toda vez que ele os usa, ou eu correria o risco de rir, talvez até sorrir, e então minha reputação interna de rainha do gelo durona seria destruída.

Ren ainda está estrangulando Matt. Talvez seja hora de intervir antes que nosso jogador mais valioso fique no banco por má conduta.

— O cavalheirismo é desnecessário, Bergman — digo-lhe. Levantando-me lentamente do banquinho, engulo um gemido enquanto meus quadris gritam em desaprovação.

Não gostamos de banquetas, Frankie, gritam minhas juntas. *Você sabe disso.*

Eu envolvo minha mão em torno do antebraço de Ren e tento ignorar os cabelos de cor de fogo macios abaixo, o poderoso tendão e músculos flexionando sob meu aperto.

— Por favor, Ren. Ele está bêbado. É inútil.

— Oh, seria útil. — Ren encara Matt e o sacode pela traqueia. — Ele aprenderia uma lição se eu lhe desse uma surra.

— Ei, e aí. — Rob entra.

Eu suspiro de alívio.

— Onde você esteve?

— Eu tive que mijar. — Rob consegue puxar a mão de Ren da garganta de Matt. — Um cara não pode mijar e não voltar com as crianças tentando se matar? Ren Bergman, recorrendo à violência. Nunca pensei que veria esse dia. Tenho certeza de que Maddox merece tudo o que você estava prestes a fazer, mas vamos lidar com isso como adultos.

Matt olha maliciosamente para ele.

— Bergman só está com ciúmes.

Eu esfrego o ponto latejante entre meus olhos.

— *Ciúmes* significaria que ele tem algo a invejar entre nós, Maddox. — Ou que Ren ainda se importa com quem dá ou não em cima de mim. Por que ele iria?

— Agora, Matthew. — Rob coloca a mão em volta do pescoço de Matt e o puxa de lado. — Você está pegando um Uber para casa. Você vai ficar sóbrio. Então, amanhã, no treino, você vai se desculpar com Frankie.

Rob capta meu olhar e franze a testa. Nas primeiras vezes que ele fez

isso depois que comecei a trabalhar para a equipe, achei que ele estava com raiva de mim. Isso porque eu sou péssima em ler expressões faciais.

Como, você pergunta, alguém com esse tipo de problema interpessoal trabalha com redes sociais? Ela assiste a muitas entrevistas esportivas e séries de comédia para memorizar o contexto e o significado de tanto comportamento humano quanto possível. Mas às vezes nem isso é o suficiente e me vejo no escuro. É quando eu simplesmente tenho que perguntar. Que é o que eu tive que fazer com Rob. Agora eu sei que esta expressão em particular é uma verificação não verbal.

— Estou bem — digo a ele.

Ele balança a cabeça e puxa Matt para longe. Ren ainda está olhando na direção deles, enquanto eles desaparecem no corredor dos fundos. Quando ele se vira e olha para mim, me prendendo com aqueles olhos gélidos, um arrepio percorre minha espinha.

— Você está bem? — ele pergunta baixinho. Sua voz é profunda, calorosa.

— Estou bem, Ren. — Exceto pela minha calcinha de Harry Potter encharcada. E meus limites emocionais destruídos, depois de ver seu alter ego irritado e impetuoso que fez com que cantos esquecidos de mim ganhassem vida.

Inclinando-me contra o banquinho, pego minha bolsa e sinalizo para Joe que quero acertar as contas. Ren ainda está me observando. Eu sinto seu olhar como o sol, aquecendo minha pele.

— Você está me encarando.

Ren pisca para longe.

— Desculpa. Estou apenas... preocupado.

— Preocupado?

— Ele agarrou você, derramou sua bebida em cima de você.

— Obrigada. — Eu varro a mão pela minha frente encharcada. — Eu não tinha percebido.

Passando a mão pelo cabelo em frustração, Ren puxa as pontas onduladas.

— Ele poderia ter machucado você.

Eu deslizo meu cartão pelo bar em direção a Joe e olho para Ren. As pessoas normalmente presumem que sou indefesa, principalmente quando um atleta bêbado e volumoso se joga em minha direção. Aqui está Ren, referindo-se a essa vulnerabilidade física. É aí que o constrangimento e a raiva usuais devem chegar.

Mas não vem.

Porque enquanto Ren olha para mim, enquanto processo suas palavras, não consigo me lembrar de um único momento que Ren tenha agido ou falado como se pensasse que não posso cuidar de mim mesma. Ele nunca pairou atrás de mim como se eu fosse cair. Ele não fala comigo como se eu fosse uma inválida. Dizer que Maddox poderia ter me machucado não é um reflexo da minha fraqueza. É uma acusação ao mau uso da força de Matt.

Os olhos de Ren fixam-se nos meus. Meu coração bate contra minhas

costelas e minha garganta seca.

É demais. Eu pisco para longe, e quando eu olho de volta, o olhar de Ren finalmente mudou para a minha boca. Uma onda de calor queima meus lábios, desliza pela minha garganta e pausa, quente na minha barriga.

A mão de alguém repousa nas minhas costas, quebrando o momento. Eu não conheço Willa bem o suficiente para ler seu rosto, mas felizmente ela fala antes que eu fique pensando por mais tempo.

— Eu estava esperando que você usasse a Varinha das Varinhas — diz ela. — Você está bem?

— Você não é a única que está desapontada. Esse cara está atrasado para uma surra. — Agradeço a Joe quando ele devolve meu cartão e recibo, que assino com um floreio. — Mas, sim, estou bem. Só cansada. Eu deveria ir para casa.

Não que eu tenha certeza de como isso vai acontecer. Normalmente, dirijo por todos os lugares e torro audiolivros para passar a quantidade impressionante de tempo que passo no trânsito de Los Angeles. Mas a luz de “verificar o motor” do meu carro estava acesa ontem, então ele está na oficina. Rob me levou ao Louie's e com certeza gostaria de me levar para casa também, mas ele ainda está lidando com Maddox, o que significa que eu tenho que esperar ou pegar uma carona com outra pessoa. Não faço viagens de táxi tarde da noite sozinha.

— Frankie — Ren diz. — Deixe-me levá-la.

Eu olho para Ren e começo um olhar de Frankie para os livros. Seus olhos são luminosos, cinzentos como a névoa, do tipo que obscurece o seu mundo, mas por alguns metros à sua frente, isso te faz questionar o que está acima ou abaixo. Tantas vezes, tive a sensação inquietante de que poderia ficar igualmente perdida neles.

— Deixe-o levar você — diz Willa. Ela sorri enquanto enfia os braços na jaqueta. Ryder dá um passo atrás dela e a ajuda a colocá-la sobre os ombros, dando-lhe um aperto afetuoso nos braços enquanto dá um beijo no topo de sua cabeça. Um pequeno gesto íntimo repleto de tanto amor que sinto que acabei de ver algo que não deveria.

— Posso estar um pouco enferrujada na minha geografia de LA — diz ela — mas Hawthorne está no caminho. Vamos passar a noite na casa de Ren e ele vai nos levar de carro também. Vai ser uma festa dançante na nova van.

Minha atenção se volta para Ren.

— Você comprou uma van?

As bochechas de Ren ficam vermelhas, mas ele se mantém erguido.

— Caramba, sim, eu comprei uma van. Não há vergonha em possuir uma Honda Odyssey.

Willa limpa a garganta e sorri, enquanto os ombros de Ryder tremem com o que parece uma risada. Ele a esconde atrás de uma tosse em seu punho.

Eu reconheço a postura de Ren como indicando defesa e imediatamente me sinto mal por abrir minha boca. Isso às vezes

acontece. Eu faço uma pergunta e as pessoas ouvem... *mais do* que uma pergunta. Elas ouvem críticas, julgamentos ou provocações. Desisti de tentar explicar que meu cérebro não está preparado para essa sutileza, que não poderia implicar esse tipo de camada de significado se quisesse, porque muitas vezes as pessoas não acreditaram em mim. Elas ouvem justificativas, em vez de contexto. Então, parei de tentar e disse a mim mesma para parar de me importar quando fosse mal interpretada.

Agora, apenas aqueles mais próximos de mim são confiáveis para saber o verdadeiro motivo pelo qual Frankie tem um sucesso duvidoso com sarcasmo e em sacar piadas. Por que ela trabalha com rosto de cadela em repouso e entrega impassível, usa protetores de ouvido nos jogos e é obsessivamente fascinada por Harry Potter, gomas de refrigerante, estatísticas da NHL, linguística, meias até os joelhos, e apenas vestir roupas em tons de cinza, entre muitas outras coisas...

Autismo.

— Ooh! — Willa diz. — Eu escolho a música.

A risada e tosse de Ryder se transforma abruptamente em um gemido.

— Quando Willa é a DJ, eu gostaria que minhas bugigangas de ouvido não funcionassem tão bem também-ai.

Willa dá um tapa de brincadeira no estômago dele, então agarra sua mandíbula e dá um beijo firme em sua boca.

— Lenhador idiota. Você está apenas procurando por uma briga.

Ele sorri e envolve um braço em torno de Willa enquanto ela cai sobre os calcanhares.

— Talvez eu esteja.

Eles saem na nossa frente, acenando boa noite para o resto da equipe e suas famílias. Uma amena brisa noturna desliza pela porta enquanto eles saem, e Ren dá um passo perto de mim. Com cuidado, ele desengancha minha bengala da borda do bar e, curvando-se com um floreio, a inclina na minha direção.

— Seu cetro, majestade.

Sinto um raro sorriso erguer minhas bochechas.

— Ouvi rumores de que você é um idiota de um Shakespeare enrustido, Bergman.

— Eles entenderam tudo errado. — Ele se endireita e sorri. — Não há nada de enrustido nisso.

Uma risada surpresa sai de mim, e o sorriso de Ren se alarga, mais brilhante do que o sol do meio-dia da Califórnia. Mas, pela primeira vez, aquele sorriso do sol não incomoda nem um pouco essa rabugenta.

REN

Música da Playlist: "For the Time Being" - Erlend Øye

DEPOIS DE ACOMPANHAR Frankie até a porta – com um lembrete, em sua fala impassível, de que ela é uma garota crescida que pode ir do carro até sua casa – pulo de volta para a van. Ela se tranca em seu bangalô amarelo-canário na 133rd, e vejo as luzes piscarem na sala da frente antes que sua silhueta diminua conforme ela entra mais profundamente na casa.

Desfrutando das minhas câmeras supercaras de direção traseira, saio da garagem de Frankie.

— Entããã. — Willa sorri para mim, batendo os cílios. Depois que Frankie desocupou o banco do carona da van, Willa se despediu dela com um abraço, pulou nele e agora está curvada, olhando para mim. Alcançando o botão de volume, ela abaixa Busta Rhymes.

— Graças a Deus — Ryder murmura do banco de trás. Ele reconecta seus transmissores de implante e se recosta com um suspiro de alívio.

— Renny Roo. — Willa se inclina mais perto. — Precisamos falar sobre Frankie.

Minhas mãos agarram o volante com força.

— O que tem ela?

— Uh, sobre como “Eu gosto dela. Eu quero ficar com ela. Eu amo seu humor seco, ela sabe *tudo o que é* possível sobre Harry Potter, incluindo o mais recente horror que é a palhaçada da sua autora no Twitter—”

— O que ela fez agora? — Ryder pergunta do banco de trás.

— Apenas mostrou que você pode escrever um mundo mágico repleto de personagens complexos que desafiam os rótulos e, ainda assim, ser uma decepção feminista trans-excludente.

Eu suspiro.

— O que há de errado com as pessoas?

Willa encolhe os ombros.

— Quem é que sabe. O poder corrompe. Você pensaria que escrever sobre isso teria dado a ela um pouco de consciência.

Ryder e eu grunhimos em concordância.

— De volta para Frankie — diz Willa. — Você viu como ela destruiu aquele hambúrguer no Louie's? Eu quero uma mulher na família que destrói comida de bar como eu. Freya se preocupa demais com a saúde e Ziggy come como um pássaro. Então volte para a porta da frente, encontre o seu Viking interior, jogue-a por cima do ombro e diga-lhe que ela está presa conosco.

Willa e Ryder não estão noivos, mas é apenas uma questão de tempo. Ela é da família agora e está claramente fazendo planos para

conjunhadas no futuro. Movendo-se para uma nova posição, ela coloca os pés no painel e me dá um sorriso atrevido.

Não posso me dar ao luxo de reconhecer, nem mesmo indiretamente, meu interesse por Frankie, porque se eu contar a Willa, contarei ao mundo, o que é a última coisa que quero fazer. Eu mudo a estação de rádio, para não perdermos a hora do bluegrass.

— Eu não me importo o quão bem segurados são esses pés, Winnifred. Tire-os do meu painel.

Willa suspira e abaixa os pés.

— Foco. Fale sobre Frankie.

— Estou focado. Na estrada. — Clicando no sinal de mudança de direção à direita, verifico meus retrovisores e saio da rua de Frankie para a Hawthorne Boulevard.

— Cara — Ryder bufa. — *Esquerda* na Hawthorne, então à direita na Inglewood. É muito mais rápido.

Eu o encaro pelo espelho retrovisor por um microssegundo.

— Você nunca vai parar de me dizer como dirigir?

— Não. — Willa sorri por cima do ombro para ele. — Quando nos mudamos para Tacoma, tínhamos muitas brigas porque ele estava me dizendo como dirigir do banco do carona. Agora eu apenas o deixo dirigir e finjo que é o meu chofer. Era isso ou desmembrá-lo.

Ryder sorri.

— Eu não me importava em brigar no carro com você. Em geral, isso trazia consequências que eu ficava mais do que feliz em sofrer.

— Ok. — Eu levanto a mão. — Esta van é um espaço com classificação livre.

Isso faz Willa bufar e rir.

— Ainda não consigo superar o fato de que você comprou uma van. — Ela suspira feliz. — É tão você.

— Entre os caras da equipe e o Clube de Shakespeare, estou sempre levando um punhado de pessoas para algum lugar. Além disso, tem muito espaço para o meu equipamento—

— E para os bebês que você e Frankie vão fazer.

Se eu não fosse um atleta assustadoramente coordenado, teria batido o carro.

— Willa — Ryder diz do banco de trás. — Vá com calma com ele.

— *Calma*? Não sei o que essa palavra significa. — Cutucando meu ombro, Willa se inclina. — Então, diga-me, quanto longe vocês foram?

— Ela começou a trabalhar para os Kings um ano antes de mim.

— Então, você a conhece durante toda a sua carreira profissional. Hm.

— Willa estreita os olhos e acaricia um cavanhaque invisível. — Interessante.

— Willa — Ryder diz em advertência.

Ela faz um movimento de enxotar para Ryder, como se ele fosse um mosquito irritante, não um cara com a estrutura de um linebacker que não tem problema em fazer cócegas nela até ela fazer xixi.

— E você tem ou não se abstinido de namorar desde que assinou com

os Kings? — ela me cutuca.

Eu me concentro cuidadosamente na estrada.

— Como a maioria dos novatos, passei praticamente todos os momentos desde que assinei focado em minha carreira.

— Mas você não é mais um novato.

— Não significa que de repente eu tenho tempo para romance.

Ela franze a testa.

— Eu não acredito nisso. Você se divertiu na faculdade, não foi? Você equilibrou as demandas da Divisão I de hóquei, estudos e romance *lá*.

— Eu não tive namorada na faculdade. — Pressionando um monte de botões sem quebrar meu foco na estrada, eu finalmente encontro aquele que abaixa minha janela. O interrogatório de Willa está me fazendo suar.

— Isso é uma evasão, se eu já ouvi uma. A questão é que você encontrou tempo para encontros. Ou, devo dizer, em prol do seu romantismo renascentista, tu cortejaste e cortejaste.

Eu reviro meus olhos.

— Na verdade, Wilhelmina, às vezes "desejo que fossemos estranhos."

Willa torce o nariz.

— Huh? — Ela percebe e dá um tapa no meu peito. — Ei, isso é rude. E falso. Você me ama. Eu sou sua quase cunhada favorita.

— Você é minha *única* quase cunhada.

— Renny Roo, eu não vou ser distraída. Você gosta dela, não gosta? É por isso que você não namorou ninguém desde que se juntou ao time.

Eu fico olhando para a estrada. Por que demora tanto para dirigir alguns quilômetros até Manhattan Beach?

Willa suspira sonhadora.

— Poxa. É muito romântico. Você está sofrendo por ela.

Ryder dá um tapinha no meu ombro com simpatia pelo banco de trás. Eu não espero que ele se intrometa. Ele é o mais quieto de todos nós, e quando Willa está em um ritmo, não há como pará-la, de qualquer maneira.

— Willis. — Eu olho para ela enquanto esperamos no sinal vermelho na Sepulveda. — Frankie leva seu trabalho extremamente a sério. Eu a conheço há três anos e, em todo esse tempo, ficou claro que eu sou apenas um dos caras para ela, uma parte do trabalho. Um trabalho com regras claras que desencorajam encontros entre funcionários e jogadores.

Willa me encara enquanto a luz fica verde, o que me salva de encontrar aqueles intensos olhos âmbar.

— Resposta interessante. — Ela se recosta e abre a janela, deixando entrar uma nova lufada de ar quente da primavera.

— Por que isso foi interessante? — Ryder pergunta.

Willa sorri.

— Porque isso realmente não foi uma resposta.

Ao contrário da maioria dos meus colegas – e acredite em mim, eles

me odeiam por isso – jogar hóquei profissional não era meu sonho de infância. Venho de uma grande família sueco-americana de jogadores de futebol clássico, como diz o lado da família da mamãe na Europa, ou aqui nos Estados Unidos, simplesmente jogadores de futebol.

Ryder, que é o próximo na ordem de nascimento depois de mim, estava jogando pela UCLA com a confiança merecida de que se tornaria profissional depois, mas a meningite bacteriana prejudicou sua audição e equilíbrio tão severamente em seu primeiro ano, que sua carreira terminou ali. Freya jogou pela UCLA também, mas pendurou as chuteiras depois, fez seu doutorado e começou a praticar fisioterapia. Ela não amava futebol o suficiente para fazer disso sua vida, disse ela. Axel, meu irmão mais velho, seguiu com isso durante o ensino médio e ainda gosta de jogar em uma liga mista competitiva.

Meus dois irmãos mais novos, Viggo e Oliver, são excelentes, mas apenas Oliver está jogando em um nível universitário, enquanto Viggo decidiu não ir para a faculdade e agora joga competitivo recreativo como Axel. O bebê em nossa família, Ziggy, está muito além do nível de habilidade de suas colegas do ensino médio e joga pela Seleção Feminina Sub-20. Ela está determinada a estar na Equipe Olímpica Feminina um dia, e se eu duvidasse de sua habilidade – o que não duvido – apenas sua natureza perseverante já me convenceria de que ela chegará lá.

Quanto a mim, jogava e gostava de futebol. Eu era bom nisso. Mas nunca *amei*. Quando cheguei ao ensino médio, não era próximo de ninguém do time de futebol e, embora fosse excelente como goleiro, meu coração não estava nisso. Me mudei recentemente do estado de Washington. Eu não me encaixava com os meninos de Cali, esse ruivo desajeitado, idiota, de um metro e oitenta que gostava de poesia e teatro ao vivo, que não se sentia confortável falando sobre garotas como os outros caras faziam, que odiava os jogos de poder mesquinhos e a maneira horrível como os caras se tratavam no vestiário e nos corredores.

Durante meu segundo ano, em uma festa que meus pais estavam organizando, o colega de meu pai olhou para mim, aparentemente viu potencial e perguntou se eu estava interessado em tentar hóquei. Em seu tempo livre, o Dr. Evans treinou uma liga de caras da minha idade e disse que me daria aulas pessoais para ver se eu gostava.

Havia graça e fluidez no hóquei que eu sentia falta no futebol, que se desdobrou dentro de mim no momento em que amarrei um par de patins e fui para o gelo. Quando eu peguei aquele taco na minha mão, o silêncio frio de um ringue para mim, o disco na minha frente, foi como se eu finalmente tivesse encontrado o meu habitat natural. Eu ganhei *vida* patinando, jogando hóquei. Eu ainda ganho.

Todos os dias me belisco por esse ser o meu trabalho. Que sou pago para jogar um jogo que amo, por ser um exemplo para as crianças e contribuir com minha comunidade. Eu também me belisco por poder ver Frankie todos os dias que trabalho.

Ela é uma das primeiras pessoas que conheci quando assinei. Depois de reuniões envolvendo linguagens jurídicas e, expectativas e,

cronograma e, logística, lá estava Frankie na porta, desfilando com uma bengala cor de fumaça e Nikes novos com as cores da equipe. Olhando para ela, eu senti algo bater dentro do meu peito enquanto o ar corria para fora de mim, mais brutal do que qualquer verificação perante o conselho.

Ela sentou-se à minha frente, explicando o que eu precisava fazer para cultivar minha presença nas redes sociais, como tweetar e postar no Instagram, como engajar, como complementar o que ela fazia durante os treinos e jogos.

Meu momento favorito foi quando ela me deu uma olhada crítica e disse: “Peço desculpas antecipadamente por ter que dizer isso, mas se você postar uma foto de pau em qualquer plataforma de mídia social ou enviar uma para a caixa de entrada de qualquer mulher, quando eu acabar com você, você não terá mais um pau para *tirar* fotos. Entendeu?”

Ela foi cortês e totalmente profissional depois disso, como se ela não tivesse apenas ameaçado me castrar, embora por um bom motivo. Lembro-me de tentar ouvir o que ela dizia enquanto lutava para não olhar para sua boca. Eu ainda luto contra isso.

A porta da sala de tratamento se abre, seguida por um familiar, “Ren Zenzero”. ZENzero é como Frankie diz.

Minha cabeça se levanta da mesa de massagem. Não tenho ideia de por que ela me chama assim. Sei que parece italiano e quase pesquisei no Google uma dúzia de vezes, mas estou com medo de descobrir o que significa. Eu só sei que quando ela usa a palavra, ela sai de sua língua de uma maneira que faz meu corpo todo se contrair, os cabelos do meu pescoço e braços ficam em pé. Parece fácil e enfático, apenas mais uma evidência de que Frankie é muito italiana, como se seu nome não fosse um sinal óbvio.

Francesca Zeferino. Embora se você chamá-la de qualquer outra coisa que não seja Frank ou Frankie, ela torcerá seu mamilo até que você comece a chorar. Seu cabelo é uma camada de seda cor de café que cai até a metade das costas. Ela tem uma pele sempre dourada que brilha como se ela fosse iluminada por dentro, grandes olhos cor de mel, cílios grossos e escuros, lábios rosados e uma covinha ridiculamente profunda em sua bochecha esquerda.

Frankie para ao lado da mesa de massagem, levanta sua bengala e bate na minha bunda com ela.

— Ai! — Eu grito.

John, um de nossos treinadores, está acostumado com a abordagem autoritária de Frankie com os jogadores. Ele levanta as mãos e se afasta.

— Apenas grite quando ela terminar de bater em você.

Eu levanto o olhar para Frankie.

— O que diabos foi isso?

Ela franze a testa.

— Seu clube de leitura de Shakespeare vem *em massa* amanhã. Eu não sabia sobre isso.

Meu estômago embrulha. Isso não deveria vazar. Um rubor furioso

sobe pela minha garganta até minhas bochechas. Essa é uma das desvantagens de ter cabelos avermelhados. Papai e Ziggy, como os ruivos da família, têm empatia. Você não pode esconder suas emoções para salvar sua vida – você as veste na pele.

Eu engulo nervosamente e lentamente me sento.

— Quem te disse isso?

— Isso é irrelevante. — Frankie se apoia em sua bengala e me lança um olhar severo. — Esta foi quase uma *grande* oportunidade perdida. O que você estava pensando, escondendo isso de mim? Você sabe quantas ideias eu tenho? Nos cinco minutos desde que eu soube, eu já—

— Frankie. — Eu me inclino para frente, os cotovelos sobre os joelhos. Com sua altura, e porque ela está bem ao lado do banco, estamos cara a cara, nossos narizes quase se tocando.

Por apenas um segundo, seus olhos se fixam nos meus, lascas de bronze e esmeralda desaparecendo conforme suas pupilas se expandem. Ela pisca, dá um passo para trás e pigarreja.

— O quê?

— Frankie, essa parte do meu mundo... é particular.

— Por quê? — Ela inclina a cabeça como se eu estivesse realmente a confundindo. Como se ela não entendesse a discrepância que a maioria das pessoas veria entre quem eu sou aqui – antigo Novato do Ano, capitão alternativo, viking no gelo – e a parte de mim que ainda é nerd por Shakespeare e leituras de poesia.

— Eu não tenho vergonha deles ou dos meus interesses, mas alguns desses caras, eles não gostam de câmera e estar sob os holofotes. Eles são nerds como eu, que acham qualquer tipo de atenção indevida muito remanescente ao tipo de atenção que recebiam no passado.

Frankie se aproxima.

— Zenzero, você está me dizendo que *você* foi um nerd na escola? Que você tinha amigos nerds?

— Sim.

Ela me dá um sorriso raro, e a covinha aparece. Deus me ajude, não a covinha agora.

— Você está dizendo... — Seus olhos procuram os meus. — Você está falando sério? *Você*? Você foi caçoado na escola? Você foi—

— Um desajustado. Sim. E nem todo o meu Clube de Shakespeare saiu necessariamente desse grupo demográfico. Eu não quero deixá-los desconfortáveis, ok?

Frankie cobre a boca.

— Ok. — Sai abafado.

— Você está rindo de mim?

Ela balança a cabeça.

— Estou morrendo de fofura. — Pelo menos é o que eu acho que ela murmura.

Não sei se devo ficar ofendido ou contente.

— Frankie, há quanto tempo você me conhece? Eu não tenho uma placa com *estranho* escrito na minha testa?

Ela bufa por trás da mão. Outra sacudida de sua cabeça.

— Uau. Por seu trabalho depender inteiramente da astúcia social, você perdeu muito os sinais.

Isso a faz parar de rir. Sua mão cai.

— Às vezes... — Ela engole e torce os dedos em torno de um colar que usa quase sempre. Tem formas de metal e pingentes pelos quais ela desliza os dedos, torce, rola e gira. Ela faz isso com frequência, como se a acalmasse.

— Às vezes eu interpreto mal as pessoas — ela diz calmamente. — Eu sinto muito. Eu não estava rindo de você. Foi uma surpresa agradável. Pensei que as coisas de Shakespeare eram... uma excentricidade. Você está me dizendo que isso é muito mais profundo, vou respeitar que seja particular.

Ela evita meus olhos, focaliza um fiapo de sua manga e o arranca.

Há incongruência entre suas palavras e sua aparência agora. Ela soa bem, mas parece que eu acabei de puxar o tapete debaixo dela. Sinto-me simultaneamente culpado e curioso. O que ela está escondendo?

Eu me levanto, mas Frankie coloca a mão no meu peito e me empurra para trás com uma força surpreendente.

— De volta ao Clube de Shakespeare — ela diz. — Os anos nerds. Eu preciso de detalhes. Eu preciso de tantos detalhes—

— Frank, a excêntrica. — Matt entra na sala de tratamento e caminha até ela, nos interrompendo descaradamente e me ignorando. Ele estende a mão. — Eu vim para beijar a sua bunda e pedir desculpas.

A raiva rola por mim. Eu ainda quero estrangulá-lo até que seus olhos castanhos assustadores saiam de sua cabeça por causa do idiota que ele foi com ela no Louie's.

— Águas passadas — ela diz a ele. Frankie pega sua mão e recua quando ele aperta com muita força.

Andy e Kris entram, quebrando a tensão do momento. Matt solta a mão dela, assim como Kris puxa o elástico do short de Matt e o solta com um estalo.

— Babaca! — Matt late.

Kris ignora isso e oferece a Frankie um soco suave, que ela encontra.

— Ei, Frankie.

— Frank, a duroooona — Andy chama.

Frankie sorri enquanto os dois correm para a mesma mesa de massagem, como os idiotas supercompetitivos que são. Kris tropeça em Andy, mas Andy o traz com ele. Ambos se viraram sobre o tapete esticado e caíram com gemidos duplos.

Pegando o telefone, Frankie tira uma foto, depois sorri e suspira.

— Vocês realmente facilitam meu trabalho.

— Frankie. — A porta da sala dos treinadores se abre novamente, revelando Millie, uma das administradoras que trabalha meio período no escritório corporativo, meio período aqui na recepção. Ela tem setenta e cinco anos, uma leitora voraz e entrou oficialmente no Clube de Shakespeare no ano passado. — Você tem que mover seu carro, boneca.

Eles estão pavimentando.

— O quê? — Frankie geme. E esse som... vai direto para minha virilha.

Eu limpo minha garganta e tenho que lembrar de uma memória particularmente traumatizante envolvendo Viggo, Oliver e um pote de maionese de tamanho grande para impedir meu corpo de responder mais.

— Vou mover para você, Frankie.

— Nah. — Ela está no meio do caminho para a porta, quando ela se vira e aponta sua bengala para mim no ar. — Eu não terminei com você, Bergman. Eu quero respostas.

Eu dou-lhe um sorriso inocente.

— Certo.

Resmungando, ela sai, passando por Millie, que segura a porta aberta e aponta o dedo para mim. Sigo o rastro de Frankie, parando quando Frankie vira a esquina e estou perto o suficiente para Millie sussurrar

— A reunião do clube ainda está acontecendo na próxima semana?

— Não, na semana seguinte. Daqui a duas semanas.

Ela sorri e ajusta os óculos.

— Oh, tudo bem. Ainda bem que perguntei. Agora, eu admito, esta é minha primeira vez lendo *Como Gostais*, e estou um pouco confusa. Todos estão apaixonados, mas ninguém está junto e todos estão escondendo algo.

— Essa é a versão de comédia romântica de Shakespeare. Tudo ficará claro no final.

Sua risada é suave e fina.

— É justo. Mas... — Ela puxa algumas páginas e as desdobra. — Você pode me ajudar a analisar esse diálogo? Estou preocupada em ler errado...

Levo alguns minutos para ajudar Millie a encontrar as entrelinhas em suas falas, mas somos interrompidos quando Tyler vem caminhando em nossa direção. Ela embolsa seu roteiro e está na metade do caminho para fora da porta antes de parar e se virar para me encarar.

— Digo, talvez você deva ter certeza de que Frankie não está tendo problemas com o carro dela.

Eu franzo a testa.

— Por que ela teria... — A suspeita surge. — Mildred Sawyer. Você não mexeu no carro de Frankie.

— Quem, eu? — Ela sorri e balança as sobrancelhas. — "O amor dá-se ao acaso: Alguns cupidos matam com flechas, outros, com arapucas."

— Você vai conseguir o próximo roteiro do Segundo Guarda — eu sibilo enquanto passo por ela e corro em direção ao estacionamento.

A gargalhada de Mildred ecoa pelo corredor. Talvez eu a classifique como uma bruxa em vez disso.

Eu tropeço para fora, então congelo quando vejo Frankie suando por causa do seu carro. O capô está aberto, seu cabelo está preso em um coque casual e ela tem graxa de carro na bochecha. Eu fico lá,

estupidamente, guardando a imagem na memória.

— O quê? — Ela se endireita e limpa as mãos com um pano que cobre o farol. — Nunca viu uma mulher consertar o carro?

Eu engulo.

— Desculpa. Eu estava... Isso é... — Aproximando-me, eu espio o quebra-cabeça louco de fios e peças. — O que está errado?

— Vela de ignição solta. Fácil de corrigir. Apenas me certificando de que nada mais esteja desligado. Primeiro minha luz de "verificar o motor", agora isso. Algum punk está gostando de foder com meu carro.

Vou estrangular uma senhora de setenta e cinco anos. Mildred obviamente não conhece Frankie muito bem. Eu poderia ter dito a ela que adulterar isso trivialmente era um desperdício. Frankie é a pessoa mais fortemente independente que conheço — é claro que ela pode solucionar os problemas básicos de seu carro.

Um barulho alto próximo nos faz olhar para cima. A máquina de asfalto faz barulho, uma multidão de operários da construção esperando na beira do estacionamento.

— Bem — diz Frankie enquanto deixa cair o capô — obrigada por vir ao resgate, mas eu consegui me salvar.

— Eu nunca duvidei disso, Frankie.

Ela aperta os olhos para mim, protegendo os olhos do sol.

— Aqui. — Eu resmungo quando seu punho acerta meu estômago, seu blazer enrolado em seu aperto. — Leve isso para dentro para mim, sim? Tenho que mover o carro logo, e estou suando pra caramba.

Abrindo a porta do carro, Frankie sai do pavimento quando eles assobiam para ela e se retira em direção ao estacionamento alternativo.

FRANKIE

Música da Playlist: "The Love Club" - Lorde

DURANTE TODA A MINHA VIDA, ou fui um enigma, ou um problema. Quando menina, eu era obcecada por rotinas, ansiosa e propensa a explosões emocionais. Eu gritava quando roupas eram colocadas em mim e dormia terrivelmente. Eu tinha uma melhor amiga, e a queria só para mim. Eu odiava lugares barulhentos e chorava todas as semanas na missa quando usavam incenso.

Quando adolescente, ficava tão absorvida em ler histórias que esquecia de comer o dia todo, falava sobre livros que amava sem parar, chorava quando terminavam e lia exaustivamente todas as fanfics que existiam. Ficava louca quando minha irmã mais velha, Gabby, mastigava muito alto, quando minhas calças estavam presas à estática, quando mamãe se desviava do cardápio e quando algo que deixei em um lugar não estava lá quando ia procurá-lo.

Às vezes, eu deixava minha família maluca. Mamãe confusa, *Nonna* irritada e Gabby frustrada. Mas papai sempre me entendeu. Ele me segurava com força e me embalava em seus braços. Ele me dava banhos quentes e pedia a *Nonna* que costurasse vestidos soltos e rodados para eu usar por cima do único tipo de legging que eu podia tolerar. Sob o firme poder matriarcal de *Nonna*, fui treinada para ficar quieta, me concentrar, ouvir, ser educada. Pistas sociais e mensagens não ditas sussurravam ao meu redor, muito escorregadias e evasivas para entender, então me virava para meus colegas, observando e imitando seus movimentos, gestos, falas e expressões faciais. Pratiquei esportes, era uma boa aluna. Fiz o meu melhor para me passar por um deles.

E por um tempo, eu consegui. Eu parecia uma criança normal – seja lá o que isso for – até que a depressão e a ansiedade após a morte do meu pai me jogaram em uma queda livre, obliterando as reservas emocionais necessárias para fingir normalidade.

Eu tinha treze anos quando fui diagnosticada com autismo. O psicólogo disse que eu teria sido diagnosticada mais cedo se não fosse por minha fantástica habilidade de seguir regras, copiar comportamentos e fingir que era "normal". Todo mundo atinge um ponto de ruptura, disse o psicólogo. Era apenas uma questão de tempo antes que eu tivesse que parar de fingir e ser honesta sobre minha diferença neurológica.

Em nossa tradicional casa católica italiana, dominada pelo ceticismo de *Nonna* por qualquer coisa, exceto a oração como solução para todos os problemas, era uma maravilha que eu tivesse sido levada para uma avaliação sequer. É uma prova de como minha mãe estava cansada, que

ela desafiou a insistência de Nonna de que eu era apenas uma normal, embora teimosa, criança hiperativa. Mas minha mãe confiou em sua intuição, me levando sorrateiramente a uma série de consultas com o psicólogo pediatra que acabou me diagnosticando. Provavelmente não a agradei o suficiente por isso.

Após o diagnóstico, comecei a terapia para controlar minha ansiedade, tratar os desvios de minhas compulsões e obsessão através da regulação emocional e lidar com aquele sentimento às vezes deprimente que a maioria dos autistas sente de fora para dentro.

Então, quando cheguei à puberdade, uma presença crescente de dores e rigidez invadiu minha vida. No meu aniversário de dezessete anos, recebi outro diagnóstico: artrite reumatoide. Ao longo de um verão, passei de uma pessoa ativa que corre diariamente a alguém cujos joelhos e quadris estavam tão rígidos que eu não conseguia sair da cama. Uma adolescente cujas mãos não conseguiam abrir garrafas de água ou usar abridores de latas.

E foi aí que me tornei um problema, não uma pessoa. Talvez se fosse apenas autismo *ou* artrite, eu teria sido uma jovem independente e poderosa. Mas, com o medo e a ansiedade de minha mãe após a morte de meu pai, ela facilmente caiu em uma flutuação opressiva e infantilizante. Frankie estava frágil, quebrada e fraca. Era sufocante.

Sem lugares barulhentos, Frankie não gosta deles.

Nada daquele jogo de bola, aqueles assentos são muito difíceis para ela caminhar.

Frankie não pode ser deixada sozinha. Quem sabe o que aconteceria?

Eu era um impedimento para atividades e locais divertidos, uma fonte de preocupação e exaustão, um fardo. Um cobertor molhado. Estraga prazeres. Bisonha.

Até eu me mudar. Minha família pôde se divertir novamente. E tive a chance de provar a mim mesma que era capaz de viver sozinha, forte, segura e independente.

E eu provei a mim mesma, e muito mais. Mesmo assim, posso admitir que há dias em que minha vida é difícil. O autismo é uma realidade que dura a vida toda, de que você nunca conseguirá entender os sinais, acompanhar o tempo, ver o mundo como muitas pessoas veem. E às vezes isso tem reverberações isolantes, frustrantes e deprimentes.

E depois há a artrite reumatoide, uma cadela de uma doença auto-imune para a qual não há cura, apenas controle de danos. Quanto mais cedo você retardar a inflamação crônica criada pelo próprio corpo que ataca, melhor. Como fui diagnosticada rapidamente, a medicação em grande parte evitou danos permanentes às minhas articulações. Mas mesmo com bons medicamentos e cuidados, surgem crises.

Cada vez, em cada surto, meu quadril esquerdo dói mais, um ponto favorito para o entusiasmo excessivo do meu sistema imunológico. Três anos atrás, desenvolvi dores crônicas e fraqueza nas articulações o suficiente para que uma bengala fosse necessária. Minha família se preocupou – chocante – que isso era um sinal de minha fragilidade, ter

vinte e três anos e precisar de uma bengala.

Mas eu abracei a ideia. Talvez devido ao meu cérebro autista e sua praticidade analítica, eu não tinha *sentimentos* sobre a bengala. Simplesmente vi sua vantagem funcional. Ajudou. Eu estava mais firme com isso. Minha perna não cedeu. Eu não caí de cara. O que diabos havia de ruim nisso?

Não machucou eu ter encontrado uma bengala que me fez sentir como uma bruxa durona de Hogwarts, também. Você sabe quanta vantagem pode ganhar por possuir uma imitação de varinha e um feitiço impressionante de memória? Muito, essa é a sua resposta.

Não, a vida nem sempre é fácil ou sem dor, mas tenho alguns amigos que conhecem e amam meu verdadeiro eu, e encontrei conforto e estabilidade com a Varinha das Varinhas. Também faço aconselhamento, faço fisioterapia, ando de bicicleta ergométrica, pratico ioga, nado. Eu tomo meus remédios e acho meu desconforto e desafios passíveis de sobrevivência na maior parte do tempo.

Em suma, tenho minha vida administrada em grande parte. E quando parece menos controlada, quando meu sistema imunológico e meu cérebro autista me sabotam, eu tenho meu trunfo: cannabis, que proporciona uma pausa muito necessária da dor crônica e da ansiedade.

Isso mesmo. Às vezes, para enfrentar essa viagem louca que é a minha vida, fico chapada. Às vezes, meu amigo Carter, do dispensário de maconha medicinal, me convence a tentar essa nova “variedade perfeita” e, depois que fumo, voou tão alto que estou na estratosfera, e é aí que sei que é hora de Frankie ir para a cama. Mas primeiro ela deve pedir comida chinesa. Depois de colocar uma pizza no forno.

Estou com tanta fome. Acabei de terminar a pizza e comecei a inalar chicletes enquanto espero por meu porco moo shu, rolinhos de ovo e sopa wonton, quando a campainha tocou. Entrega bem rápida para a comida chinesa, mas não estou reclamando. Lentamente, eu me arrasto para atender.

Lutando com a tranca, eventualmente acabo conseguindo destrancar a porta. Depois de abri-la, estendo a mão para receber meu banquete chinês quando percebo quem estou vendo.

Eu sabia que não deveria ter dado aquele último trago no baseado. Estou imaginando coisas.

Uma miragem de Ren Bergman está na minha varanda, sorrindo como sempre, com um blazer jogado no braço e um pequeno pacote embrulhado em papel nas mãos. Cabelo despenteado e meio molhado. Uma camisa de mangas compridas azul-celeste que faz seus olhos se destacarem. Calça jeans desgastada e um par de Nikes surrados. Caramba, o homem consegue usar roupas.

Seu olhar percorre rapidamente meu corpo enquanto um rubor vermelho-tomate mancha suas bochechas.

Ah, sim. A realidade está me dando um soco no rosto: *Atenção, Frankie, você está usando apenas uma cueca curta de menino das Relíquias da Morte, malmente coberta por um moletom enorme dos Kings.*

Eu puxei o moletom para baixo, desejando que fosse longo o suficiente para alcançar o topo das minhas meias de compressão verdes neon, que param logo acima dos meus joelhos. Eu os uso porque eles dão às minhas articulações um aperto que alivia a dor sensorialmente.

Minhas bochechas queimam com o calor mais intenso do que qualquer labareda, rugindo dos meus dedos do pé até o topo da minha cabeça. Apenas olhar para Ren Fantasma desperta uma forte dor no meu baixo ventre.

A medida que faço um balanço da minha libido vindo a vida e dos aspectos menos atraentes sexualmente da minha roupa – que seriam todos eles –, começo a ter uma espécie de crise. Estou excitada ao ver Ren Bergman. Novamente. Primeiro no vestiário, depois no Louie's, então na sala de treinamento hoje. E agora, aqui, na minha porta. Sempre pensei que ele fosse impressionante – porque duh, ele é – mas tentei ignorar. E agora, parece que não posso mais. Eu vi um lado atraente dele quando ele brigou com Matt, e agora não consigo deixar de ver. Não consigo parar de pensar nisso, honestamente.

Ele não é real. É nisso que preciso me concentrar. O verdadeiro Ren não tem nenhuma razão para estar aqui, parecendo sexo em canela em pau. O que significa que não vai doer nada se eu me permitir contemplar essa invenção da minha alta imaginação.

Eu fico olhando para ele, caindo de cabeça naquelas íris de inverno. Eu encaro. E encaro. E encaro.

Mas, como todas as fantasias, minha indulgência nisso tem que acabar. Respirando fundo, bato a porta da miragem. Do contrário, eu poderia me deixar levar pela imaginação e convidar o Ren Fictício para entrar, então fantasiar sobre despi-lo com uma necessidade feroz de saber se o tapete combina com as lindas cortinas ruivas.

E isso, simplesmente não posso fazer.

Não tenho certeza de quanto tempo a porta está fechada. Há quanto tempo estou ofegante, minhas costas contra sua superfície lisa enquanto espero meu corpo esfriar de minhas alucinações. Nunca mais vou fumar aquela maconha, visto que ela está claramente misturada com outra coisa. Carter, do dispensário, tem algumas respostas a dar.

Mas então, a voz de Ren destrói toda esperança de que isso seja uma fantasia induzida por drogas.

— Frankie?

Eu grito, pulando para longe da porta o mais agilmente que posso.

— S-sim? — Eu espio pelo olho mágico.

Maria, Mãe de Jesus, montada num burro, aquele cabelo. À luz da lua, é a cor precisa de uma moeda de cobre desbotada.

Devo ter sido uma verdadeiro idiota em uma vida passada, porque o carma parece determinado a me punir nesta rodada. Ou seja, minha incapacidade de me moderar com aquelas gomas de refrigerante proibitivamente caras que eu só posso comprar de vendedores extorsionários terceirizados, e ser uma doida total por um homem-doce ruivo deste mundo, que é, obviamente, a espécie masculina

estatisticamente mais rara.

Em retribuição por tudo o que eu fiz como um gato impiedoso em uma vida anterior, as forças cósmicas colocaram o melhor espécime ruivo dos Estados Unidos em minha esfera e o tornaram totalmente fora dos limites. Ele é um membro da equipe. Eu sou da equipe. Ren e eu somos proibidos. *Verboten. Impossible. Interdit.* Não. Permitido. Não posso me sentir atraída por um jogador do time. Não consigo nem *pensar* em me sentir atraída por ele.

— Frankie. — A voz de Ren é abafada do outro lado da porta. — Está tudo bem?

Limpando a garganta, eu abro a porta novamente, puxando rapidamente meu moletom em um esforço inútil para parecer digna.

— Desculpe por isso. Você me surpreendeu. — Dando um passo para trás, faço um sinal para ele entrar. — Eu estava esperando comida chinesa.

Sua testa franze.

— Desculpe desapontar.

— Tudo bem. Acabei de comer uma pizza inteira e bater em um saco de gomas de refrigerante. Eu mereço um descanso gastrointestinal.

Apoiando seu ombro contra o batente da minha porta, as feições de Ren mudam para algo quente, talvez divertido. Há aquele sorriso alegre de nada-vai-me-derrubar que me faz subir pela porra da parede. Principalmente porque gostaria de poder reproduzi-lo. Assim, as pessoas podem não pensar que sou tão mal-humorada quando, na realidade, simplesmente não consigo me obrigar a sorrir voluntariamente.

— Você está chapada, não é? — ele diz.

— Com licença. — Eu fungo indignada. — Estou sóbria como uma freira. — Assim que digo isso, procuro em minha extensa memória aquela analogia e não encontro nada. Há uma boa chance de eu ter tirado isso da minha bunda. Droga.

Ren sorri.

— As freiras que eu conheço são notórias festeiras.

Lá está ele, rolando com isso, sendo legal. Maldito seja, este homem irracionalmente bom.

— Acho que você encontrou as freiras legais, então — digo-lhe. — As que eu conhecia batiam em minhas mãos com régua na escola primária e me faziam ficar em um canto por minha *insolência*.

A risada de Ren é suave e quente.

— Você? Insolente?

Eu me viro em direção à cozinha quando ouço minha cadela Pazza começar a latir no quintal, bem a tempo de vê-la jogar as patas contra a janela.

Quando eu olho por cima do ombro, noto que Ren está onde eu o deixei, na soleira. Ele parece hesitante em avançar.

— É só a minha cadela lá fora. Ela é inofensiva... mais ou menos. Bem, na realidade, não. Eu estava preocupada que ela maltratasse o entregador, então ela está lá fora.

Ren empalidece.

— Vou mantê-la do lado de fora — digo-lhe, caindo na minha bola gigante de exercícios com um gemido. — Eu só preciso sentar, Zenzero. Venha. Se você quiser conversar, é aqui que estamos fazendo.

Ren fecha a porta atrás de si e caminha lentamente pela minha sala de estar, seus olhos vagando pelo lugar com curiosidade. Seu sorriso permanece, mas ele parece... É tímido? Nervoso? Deus, o que eu daria para ler melhor os rostos.

Gentilmente, ele deposita o conteúdo de seus braços. Primeiro, um blazer, que reconheço agora como meu. Então, o pacote que ele estava segurando. Ele o desliza pelo balcão da cozinha, empurrando-o na minha direção.

— Seu casaco que você deixou para trás — diz ele. — E um presente de agradecimento por abrir mão do esquema do Clube de Shakespeare.

Eu franzo a testa para ele.

— Você não entende o quanto isso dói. Somos os *LA Kings*. Eu tinha uma esquete na minha cabeça. Trajes e linhas. Tanto material para trabalhar, sabe? *Rei Lear*. *Henrique IV*, *Henrique V*, *Ricardo II*, *Ricardo III*, *Macbeth*. *Cymbeline*. *Rei John*. Isso não são nem todos eles... — Minha voz morre enquanto eu vasculho a expressão enigmática de Ren. — O quê? Eu o choquei com meu conhecimento categórico de Shakespeare?

— Um pouco. — Sai rouco.

— Não se apegue muito à ideia. Só sei todos os títulos e algumas linhas aqui e ali que tive que memorizar para um teste na faculdade. Não sei muito sobre a maioria deles.

Ren limpa a garganta e balança a cabeça, saindo do que quer que seja. Seu sorriso fácil está de volta enquanto ele empurra o pacote para mais perto.

— Certo. Bem, eu não queria tornar isso estranho dando a você no trabalho amanhã, e pensei que seria ainda mais estranho se eu enviasse para você. Além disso, eu estava com seu casaco, então...

Puxando o pacote em minha direção, eu puxo cautelosamente a corda. Os nós são a ruína da existência do artrítico. Mas a corda se desfaz sem esforço.

Eu olho para ele e me sinto sorrir.

— Obrigada por evitar o nó duplo.

Ele sorri timidamente e acena com a cabeça. Meu sorriso se aprofunda quando um calor desconhecido inunda meu peito. Eu puxo o papel, rasgando-o facilmente. Um pacote de algodão macio cai sobre o balcão e eu levanto o tecido.

— Uma camisa social?

Ren se aproxima, virando-a antes de alisá-la ao longo do balcão de granito. Eu fico olhando para suas mãos por mais tempo do que provavelmente é "apropriado". Mas elas são... lindas. Longas e ligeiramente sardentas. Após uma inspeção mais próxima, elas também estão vermelhas nos nós dos dedos, como se ele tivesse socado algo recentemente.

— Maddox arruinou a sua outra — diz ele. — E eu tinha certeza de que era assim. É uma boa combinação?

Eu fico olhando para a camisa, processando o que ele está dizendo, meus dedos deslizando ao longo dos botões. Eles são diferentes. Eu posso dizer isso imediatamente. Tenho quatro das mesmas camisas, calças e blazers que uso em todos os jogos e, embora essa camisa pareça quase idêntica, posso sentir sua diferença. Eu puxo a camisa suavemente e a vejo se separar.

— Os botões... — Sua voz falha, e ele limpa a garganta. — Os botões são colados a um ímã resistente. O painel ao redor deles mantém a atração magnética oposta e é reforçado para que possam dar um bom puxão.

Normalmente deixo minhas camisas abotoadas, exceto as duas de cima, então posso colocá-las pela cabeça e não lidar com abotoá-las. Os botões são um pouco difíceis para as minhas mãos — especialmente no início do dia ou no final da tarde, quando estão mais rígidas. Apesar do esforço que faço para garantir que minhas roupas sejam confortáveis, nunca pensei que roupas poderiam ser *mais fáceis*, embora ainda me permitissem usar o que eu queria.

— Ren, onde você... — Minha garganta parece estranha, espessa com uma emoção que eu não posso começar a nomear.

— Minha irmã é fisioterapeuta, mas ela é uma pessoa perfeccionista e se preocupa com tudo que se adapta, de roupas a utensílios de cozinha.

— Ele encolhe os ombros. — Ela os mencionou antes, disse que uma loja no Fashion District os vendeu.

Olhando para Ren, estou tão confusa. Claramente, ele está ciente dos meus desafios, a ponto de comprar algo para mim por consideração. No entanto, não há nenhum traço daquela claustrofobia sufocante e humilhante que senti com quase todo mundo que conheço. Neste momento com Ren, eu apenas sinto... vista. E eu sinto uma necessidade terrível de beijá-lo.

Droga de maconha. A culpa é toda dela.

Maconha nunca deixa você com tanto tesão.

Cale-se, cérebro maconheiro. Sem mais piadas.

— Isso é muito atencioso da sua parte. — Hesitante, eu envolvo minha mão em torno da dele, aperto uma vez e, em seguida, solto, antes de ceder ao impulso de puxá-lo em meu caminho e beijá-lo até perder os sentidos. — Obrigada.

Um rubor furioso sobe pelo pescoço de Ren, passando pela barba de playoff. É além de doce, mas tão estranho ver esse lado dele. Porque o Ren que vi nos últimos três anos é humilde, sim, mas confiante, assertivo, marcante. Novato do Ano. Jogador Mais Valioso. Lançado em todas as capas de revistas, votado no mais quente nisso, mais sexy naquilo. Os caras o provocam sobre isso, e ele apenas balança a cabeça e continua a conversa. Ren tem tudo, e ele sempre pareceu muito feliz com isso.

Mas há esse outro lado que vejo, que estou vendo agora. Quando ele cora e faz seu tique nervoso de coçar a nuca. Quase como se ele estivesse

inseguro de si mesmo, não o cara confiante que conquistou o mundo do hóquei.

— De nada — ele diz. — Espero que não seja... — Aí está. Ele esfrega a nuca. — Espero que não esteja cruzando uma linha ou algo assim.

— Não, Ren. É um gesto muito atencioso de um amigo carinhoso. — Os olhos de Ren piscam com algo que não consigo ler. — Quer dizer, eu sei que trabalhamos juntos. Mas somos amigos, não somos?

Não somos?

— Com certeza. Sim. Completamente. — Ele acena com a cabeça, deslocando seu peso.

O silêncio cai. Aprendi a melhor forma de tentar manter uma conversa fiada. Ainda não sou muito boa nisso e definitivamente não *gosto*, mas memorizei algumas maneiras de passar por lacunas silenciosas na conversa. Só não estou com vontade de ser normal agora. Sinto que sou a verdadeira Frankie com o que estou começando a suspeitar que seja o verdadeiro Ren. Então, deixo o zumbido ocioso da minha geladeira, o sussurro dos grilos do lado de fora da janela da minha cozinha servir como nossa trilha sonora. Eu me permito encarar Ren como provavelmente não deveria, enquanto ele olha para a minha boca com o tipo de foco que eu só o vi dedicar à vídeos de jogos.

O momento estoura como uma bolha quando a campainha toca.

Quebrando seu olhar, Ren olha para a porta da frente.

— É a comida chinesa?

— A menos que outra pessoa da equipe tenha me trazido calças com encaixe magnético.

Ele ri baixinho.

— Certo. Vou verificar, se você quiser.

— Obrigada, isso seria ótimo. — Quando ele se vira, luto com a articulação para pegar o baseado que apaguei antes e o acendo furiosamente.

FRANKIE

Música da Playlist: "Atlantis" - Bridgit Mendler

OBSERVANDO-O caminhar em direção à porta, tento muito não verificar sua bunda, mas você precisa entender como isso é difícil. Primeiro: todos os jogadores de hóquei têm bundas incríveis. É um fato. Segundo: Ren tem uma bunda *realmente* fantástica. Merece ser imortalizado em escultura, uma homenagem em mármore à glória do traseiro masculino.

Eu pulo na bola de exercícios para perder o nervosismo, arrasto o baseado, sentindo sua doçura acré encher meus pulmões. Essa longa batida suaviza meus pensamentos acelerados o suficiente para me ajudar a parar de cobiçar Ren e me recompor. Jesus, estou uma bagunça. Eu apago o resto e balanço o ar para limpar um pouco o cheiro.

— Uau. — Ren entra novamente na cozinha, coloca a enorme sacola de comida no balcão e espia dentro. Se ele está perturbado com a nuvem de maconha de segunda mão em que está, ele não deixa transparecer. — Sentindo-se extremamente esfomeada esta noite, não é?

Eu rasgo o saco e quase deixo cair o porco moo shu. Ren o pega. Colocando-o com cuidado, ele levanta a tampa e o coloca de lado, encobrendo o momento enquanto sorri para mim.

— Posso pegar os pratos? — ele pergunta. — Hashis?

Ele dá a volta no balcão antes que eu responda. Uma onda de autoconsciência me pica.

— Só se você se juntar a mim.

Ren congela no armário e olha por cima do ombro.

— Frankie, eu não quero pegar sua comida.

— Por favor, compartilhe comigo, Ren. — Eu mantenho seu olhar.

Não vá por aí. Não você. Por favor, não me torne a pobre criatura que você ajuda e paparica.

Os olhos claros de Ren brilham com seu sorriso cada vez mais profundo.

— Bem, ok. — Ele pega pratos e tigelas, depois fecha o armário e fica à vontade, remexendo nas gavetas até encontrar hashis e colheres. — Mas eu reivindico a sopa wonton.

Quando ele me serve primeiro, percebo que ele estava brincando sobre conseguir a preferência na sopa. Ren nos serve igualmente com eficiência fácil enquanto conversa sobre nada em particular. Normalmente, eu odeio ser servida, mas isso é amigável, confortável. Não me sinto nem um pouco mimada. Ele também é pior que eu nos hashis, o que ajuda meu ego.

— Tem certeza de que não tem problemas nas articulações também?

— Murmuro com a boca cheia de moo shu.

Ren ri e cobre a boca.

— Eu dei uma surra em um saco de pancadas antes de vir. Minhas mãos estão inúteis agora.

— Somos dois. — Eu sorrio para ele e ele sorri de volta. Meu foco muda para os nós dos dedos maltratados. — Alguma razão em particular para o saco de pancadas ter ganhado tal surra?

Ren faz uma pausa no meio da mastigação, parecendo um pouco pego de surpresa.

— Hum. Não, na verdade, não. Só bati no saco para ajudar a manter meu... temperamento sob controle.

Eu franzo a testa para ele.

— Você? Temperamento? Isso vindo de um cara que ainda não brigou em seus três anos jogando pela NHL, exceto por empurrar um cara de cima dele quando ele tentou começar algo. O cara que abraça bebês como *se fosse* o seu trabalho, não hóquei. Quem assina qualquer coisa, *sempre* que um fã pede. Você tem um temperamento?

— Eu quase toquei no pescoço de Maddox na outra noite. Dê-me crédito por isso.

— Eh. — Eu tomo um gole de caldo wonton. — Ele mereceu. Eu ficaria mais preocupada com você se você *não o tivesse* estrangulado.

— Mas você me entendeu. Não é que eu não tenha um temperamento, apenas descobri como administrá-lo. Muito trabalho com sacos de pancadas. "Devo ser cruel para ser gentil."

Eu engulo minha mordida de moo shu.

— *Hamlet*.

Ren faz uma pausa e um sorriso faz seus olhos se enrugarem lindamente.

— Então, ela realmente conhece Shakespeare.

— Tenho boa memória. Quando ouço alguma coisa, gruda. Mas sim, gosto de *algumas* peças de Shakespeare. *Hamlet* não é uma delas. Esse cara gosta de se ouvir falando demais.

— Assim como Maddox — Ren murmura.

— Eu não culparia você por odiá-lo.

Ren bate seus hashis contra o prato e olha para longe, pensativo.

— Eu não o odeio. Eu odeio *jogar* com ele. Ele tem uma energia terrível.

— E eu pensei que ele era apenas um idiota.

Ren ri alto — uma gargalhada profunda e bonita.

— Não foi *tão* engraçado — eu digo conscientemente.

Sua risada morre.

— Eu não acho que você percebe o quão espirituosa você é, Frankie.

Eu olho para o meu moo shu e o mexo pelo meu prato.

— Acho que você precisa sair um pouco mais, se *me* acha espirituosa, Zenzero.

Ele ainda está olhando para mim quando eu olho para cima. Limpando a garganta, tomo um longo gole de água.

— Você estava falando sobre Maddox? Antes de fazer você aspirar o wonton.

Ren pisca finalmente.

— Ele me frustra. Ele deveria mostrar bem mais respeito a você e a todas as pessoas que ele cruza. Mas Maddox ainda é o idiota do atleta que tenho certeza que foi no colégio.

— O que você não foi.

— Não, eu não fui. Eu era bom nos esportes, mas também era o garoto que ficava emocionado na aula de inglês da décima série, quando nossa classe lia *Romeu e Julieta* em voz alta.

Eu mordo meu lábio para não rir. Acho que é insanamente cativante e saudável, que Ren está em contato com seu lado sensível, mas eu sei em primeira mão como é difícil dizer se alguém está rindo de você ou com você. Eu não quero ferir seus sentimentos.

No passado, eu não teria pensado que nada poderia derrubar Ren. Eu não teria me preocupado em rir. Mas nos últimos dias, Ren me mostrou haver muito mais mentiras sob aquele sorriso alegre. Tudo o que eu sempre soube que ele era, é esse cara otimista, bonito e talentoso. O sol brilhava na bunda de Ren, o mundo estava aos seus dedos e, secretamente, esse nível de perfeição despreocupada me irritava.

Mas o que Ren me mostrou é que dentro desse exterior maduro de cisne imaculado, há um patinho feio de antigamente. Um doce, idiota estranho que nunca realmente se encaixava, que talvez *ainda* não sinta como ele se encaixasse em qualquer lugar. E isso significa que temos uma tonelada métrica de merda a mais em comum do que eu jamais pensei.

Não que a semelhança seja importante. Para alguém por quem não me sinto atraída. Com quem eu não quero dormir. De forma alguma. Nunca.

Limpo minha garganta e tento endireitar minha postura na bola de exercícios.

— Então, ter que conviver com Maddox te incomoda. O saco de pancadas é como você lida com sua frustração porque os valentões ainda estão à solta.

Ren levanta os olhos de sua comida, parecendo surpreso.

— Entre outras coisas, sim.

— Bem, ouça. — Eu parto um biscoito da sorte em dois e dou-lhe a metade. — Se isso te faz sentir melhor, você tem a última risada. Matt é um idiota mesquinho. A reputação dele é uma merda e acho que vamos ter que pagar outra equipe para pegá-lo. Então olhe para você, olhe onde você está.

Ren aceita seu biscoito da sorte.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

Eu quase respondo com um comentário direto sobre falsa modéstia, mas sou interrompida por este conhecimento recém-descoberto que ele me deu: Ren honestamente não se vê como todo mundo o vê. Ele não está fingindo humildade ou procurando um elogio. Ele realmente quer dizer o que diz quando expressa dúvidas sobre si mesmo. Se alguém

consegue sentir empatia por se ver de uma maneira e ser percebido de forma tão dissonante disso, é essa mulher autista e invisivelmente doente bem aqui.

Uma nova rachadura se forma em meu coração. Isso é uma farsa. Ninguém tão maravilhoso deveria se sentir tão inseguro de si mesmo.

Jogo o biscoito da sorte na boca e mastigo.

— Ren, o ruivo. Você é um doze de dez, por dentro e por fora. Aposto que a fila de mulheres esperando por você é mais longa do que a fila para o próximo produto da Apple.

— Mulheres que eu não conheço. — Focando sua atenção em seu biscoito, Ren pega o biscoito da sorte e o encara.

— Bem, é para isso que você sai, amigo. Então, elas se tornam mulheres que você *conhece*. O problema é que você é um santo. Nunca te vi com uma mulher. Estou ciente que marias-patins não são para você, mas fora da temporada, você se permite se divertir um pouco, certo? Agora que você não é mais um novato, sua carreira está totalmente no caminho certo, talvez você esteja pronto para procurar alguém que seja boa para um relacionamento.

— Há alguém. — Seus olhos dançam no papel do biscoito da sorte. Ele dobra e embolsa.

— E? — Eu pressiono.

— E ela está indisponível por enquanto. Também não tenho certeza se ela me vê dessa forma.

— Então ela é burra como um tijolo. Siga em frente, cara, o problema é dela.

Ele balança a cabeça.

— Não funciona agora, mas talvez funcione um dia. Essa indisponibilidade não durará para sempre. Quando acabar, terei coragem de dizer a ela como me sinto.

— Ela sabe que você está esperando?

Além disso, merda. Que cara espera por uma mulher hoje em dia? A maioria dos homens que conheço não tem esse tipo de paciência de namoro à moda antiga. Eles não podem esperar nem dez minutos em uma fila da Starbucks por um café com leite medíocre.

Ele passa a mão na barba.

— Não. E agora, se eu contasse a ela, isso a colocaria em uma posição estranha, o que não é justo com ela. O momento não é bom.

— Bem, bem-vindo a trabalhar como atleta profissional. O momento nunca é *bom* para um relacionamento. Não até a aposentadoria. Mas, novamente, como você sabe, alguns dos caras estão felizes em formar pares, pelo menos até os playoffs, quando seus parceiros terminam uma temporada de oitenta jogos. Não quero parecer tão cínica. Se alguém pudesse fazer funcionar, seria você.

Ren mastiga seu biscoito da sorte e me encara com curiosidade.

— Eu posso esperar. Eu esperei tanto tempo. Mais alguns anos não vão me matar.

— Mas você deveria se divertir, Zenzero. Se distraia. Um cara como

— você não deveria estar sentado na prateleira.

— Um cara como eu? — Um meio sorriso irônico puxa sua boca. — O que isso significa?

Meu barato está lentamente se dissipando. Tateio freneticamente no balcão em busca de minhas gomas de refrigerante e abro um novo saco. Puxando uma entre os dentes até que se rompa, eu mastigo e tomo um minuto. Meu cérebro não filtrado ainda vence.

— Você sabe que as mulheres babam por você.

Ele se levanta e limpa nossos pratos e tigelas vazios na pia.

— Você não está respondendo à pergunta.

Eu o vejo abrir a torneira da pia dupla e colocar um pouco de sabão. O idiota vai lavar meus pratos e provar exatamente o que estou prestes a fazer.

— Droga, Bergman, você é o pacote completo. Você é atencioso, talentoso, bonito e um verdadeiro cavalheiro. Você é um príncipe de um homem. Ok?

Ren para de lavar por um momento. Então ele começa a esfregar novamente. Eu o vejo enxaguar os pratos e colocá-los no escurador para secar sem dizer uma palavra. Finalmente, ele se vira e encosta o quadril no balcão, os braços cruzados sobre o peito largo.

— Você acha isso? Ou você está dizendo o que presume que outras pessoas pensam?

Claro, eu acho isso. Que mulher em sã consciência não iria?

Eu rasgo outra goma com meus dentes.

— Isso importa?

— Sim. — Sua mandíbula está rígida, aqueles olhos de gato pálidos fixos nos meus intensamente.

O medo toma conta de mim. Deus, eu tenho que estar horrorizando-o. Aqui estou eu, tola. Praticamente sem roupas. E até agora ultrapassando a linha de comportamento profissional.

— Ren, eu... — Eu engulo nervosamente. — Eu sinto muito. Essa foi uma direção inadequada que eu nos levei. Para começar, sou sem filtros, mas a cannabis não ajuda. Por favor, ignore tudo que eu disse.

Ren caminha em minha direção, parando no balcão onde as gomas estão. Segurando meus olhos, ele arranca uma do saco, a coloca entre os dentes e puxa até que se parte ao meio. Meus olhos mudam para sua boca.

José em uma árvore de zimbro. Assistir Ren rasgar uma goma de refrigerante como um leão abrindo sua presa apenas transformou meus joelhos em gelatina. Felizmente, já estou sentada. Bem, quicando, na bola de exercícios. Sou uma daquelas pessoas que precisa estar em movimento perpétuo.

— Você ainda não me respondeu — ele diz, soltando a mandíbula com um *estalo* alto. — Uau, estes são borrachudos. E para que conste, não estamos trabalhando. Não tem nada de inapropriado.

Pego um punhado de gomas e coloco na boca. Com sorte, vou sufocar e desmaiar para que possamos esquecer esse canto mortificante em que

nos encurralei.

— Oh, é inapropriado — eu digo com minha grotesca boca cheia. — Você é um jogador, eu sou sua gerente de mídia social, não importa onde estejamos. Estou sentada aqui com minha calcinha de "O Menino Que Sobreviveu", chapada de maconha, importunando você sobre sua vida íntima. É tão inapropriado que quase quero me despedir.

O rosto de Ren se contrai com uma expressão que não consigo ler.

— Você não vai se despedir, Frankie. Você estará no trabalho amanhã.

— Quero dizer, você está certo. Mas só porque gosto do meu convênio e do clima ameno. Eu estarei lá, com uma condição: chega de gestos agradáveis como este, especialmente quando eu estiver comprometida por maconha.

A risada de Ren é calorosa. Ela ondula ao longo da minha pele, fazendo os pelos dos meus braços e pescoço se arrepiarem. Saindo do balcão, ele pega suas chaves e sorri para mim, aquele sorriso fácil e ensolarado do Ren Bergman.

— Boa noite, Frankie. Vejo você amanhã.

Ele está no meio do corredor quando eu chamo

— Ren!

Em um giro suave, ele agora me encara.

— Sim?

Digo ao meu coração para parar de tentar sair correndo do meu peito.

— Obrigada.

O sorriso de Ren muda, seus olhos vão para a minha boca, como se ele estivesse esperando que eu diga mais. Mas é tudo o que tenho. Finalmente, ele diz.

— Claro.

Com mais uma virada fluida, Ren se afasta e fecha a porta atrás de si. É só quando eu ouvi um clique da fechadura que eu percebo como estranhamente fácil isso foi, tê-lo aqui e como *inquieta* eu me sinto agora que ele se foi.

Isto é ruim. Muito, muito ruim.

REN

Música da Playlist: "Neighborhood # 2" - Arcade Fire

— BERGMAN! — um dos caras grita da cozinha. — Não consigo encontrar a mostarda com mel!

Venho do terraço com outra bandeja de frango grelhado.

— Vou adivinhar e supor que você não verificou a geladeira.

Lin franze a testa.

— Por que eu faria isso?

Deslizando a bandeja para o fogão, abro a geladeira e tiro uma série de condimentos, incluindo mostarda com mel, e os coloco em seus braços.

— Uau — ele diz.

Dou um tapinha em seu braço.

— Você usa seu celibato na manga, meu amigo.

Lin me dá uma olhada.

— Falou o cara que nem *olha* para as mulheres.

— Por favor. Isso se chama sutileza. Ao contrário de você, aprendi a não babar nelas. E quando chegar a hora de sossegar, saberei até como navegar na minha própria cozinha.

Girando Lin, eu o empurro em direção à mesa onde toda a comida está disposta e, em seguida, examino o estado da minha casa. No momento está mudando da escala de um oásis tranquilo à beira-mar para uma casa de fraternidade. Eu estremeço. Como minha mãe, sou uma pessoa neuroticamente organizada. É uma das poucas coisas que tenho em comum com a maioria dos meus irmãos, exceto Freya e Viggo, que, como papai, são desleixados impenitentes.

Toda a equipe está aqui na minha casa após o treino. Estou alimentando-os antes de pegarmos um vôo mais tarde esta noite para Minnesota e começarmos nosso primeiro trecho na estrada para os playoffs. Praticamente todos os caras moram em Manhattan Beach, então não é incomum se reunirem aqui, *mas* há um motivo específico para esse encontro: superstição.

Há dois anos, mal chegamos aos playoffs. A tensão estava alta, os caras estavam uma pilha de nervos, e Rob, nosso capitão, pela primeira vez se voltou para *mim* em busca de ajuda. Recentemente, fui nomeado capitão alternativo, o que foi uma grande honra após ter apenas terminado minha temporada de estreia.

— Eu preciso de uma distração para os caras — disse ele. — Chega de conversas estimulantes ou de assistir a gravações de jogos. Ajude-me a fazê-los espairecer.

Então, eu fiz o que ele pediu. Convidei todos para a minha casa para uma noite de distração.

Não era... o que eles esperavam. Não havia pôquer. Sem cornhole⁴. Sem jogos de mãos. Havia vinte e duas cópias impressas das cenas da "tropa de artífices" de *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, e um banquete de comida sueca.

Eu estava preparado para o ceticismo e o silêncio constrangedor, porque eu sou eu, e já encontrei isso muitas vezes na minha vida. Os caras estavam cautelosos, até que começaram a comer e então devorar a comida, e Rob me pediu para explicar do que se tratava tudo enquanto folheava as páginas, um sorriso puxando sua boca.

— Sei que estamos sob pressão — disse à equipe. — Mas há uma razão pela qual chegamos aonde estamos. Fazemos o que devemos fazer e continuaremos fazendo o que fizemos bem. Então, esta noite, nós simplesmente vamos sair de nossas cabeças. Uma pequena distração. Iluminando-se, rindo de nós mesmos.

Os caras pareciam nervosos e constrangidos quando eu atribuí as partes e expliquei o cenário de ambas as cenas da peça – a primeira cena, em que meia dúzia de comerciantes qualificados – a "tropa de artífices" – decidem entrar em uma competição de teatro realizada pelo rei de Atenas, e a segunda, na qual eles realmente representam a tragédia, o que está muito além de sua compreensão, com resultados inteiramente cômicos.

Eu poderia dizer que eles estavam apreensivos, mas se alguma parte de Shakespeare daria certo para um novato, era essa. Faltando quatro linhas para a leitura, as risadas começaram. Linguagem confusa, vozes em falsete afetadas de mulheres, sotaque inglês ruim e incontáveis erros de pronúncia. A comédia física inegavelmente ridícula que se desenrolou quando um bando de atletas interpretou intuitivamente as cenas. Os momentos *ahá* quando eles sacaram o humor. Isso levou homens adultos a chorarem de tanto rir.

Naquela noite, todos comeram bem, tiraram da mente a pressão e saíram satisfeitos e felizes. Talvez até um pouco mais confortáveis um com o outro de uma nova maneira. E então ganhamos nosso caminho direto para a Copa Stanley.

Assim, nasceu um ritual. Porque os jogadores de hóquei são realmente alguns dos atletas mais supersticiosos que você encontrará. Se eles cagaram de costas no banheiro antes da noite do seu primeiro hat-trick, pode acreditar que eles farão essa façanha antes de cada jogo, sem nem piscar.

Lemos Shakespeare antes do primeiro jogo fora de playoffs que levou à nossa primeira Copa em muito tempo. Então, agora, isso é o que fazemos antes de pegar a estrada para nosso primeiro jogo fora de playoff: comer as melhores receitas suecas da minha mãe e ler as cenas da "tropa de artífices".

— Moreaux. — Andy cutuca François. — Troque de papel comigo.

— Vá se foder — François diz a ele. — Você sabe há quanto tempo estou esperando para interpretar Thisbe?

Andy faz beicinho.

— Além do Halloween, o Dia da Trupe de Artífices é o único dia do ano em que posso me vestir de forma aventureira e não ouvir merda por isso.

Rob dirige-se à fila de comida, empilhando seu prato.

— Não é verdade. Você se veste de forma *aventureira* regularmente durante o período fora da temporada, e nenhum de nós diz uma palavra. Esse biquíni que você usa na praia pertence a uma bunda muito menos peluda.

— Ei. — Andy o encara. — É uma sunga. E é da Europa. As mulheres gostam.

François bufa.

— Confie em mim, Andrew. Eu sou europeu, e tanto eu quanto essas *mulheres* de quem você se refere iríamos preferir que você mantivesse seu calção de banho americano.

— Ok, vamos comer — eu grito para os retardatários do lado de fora e na sala de estar.

Os caras descem sobre a mesa como hienas em uma carcaça, esvaziando rapidamente os pratos de comida. Eles chegam à minha sala de estar, que é um espaço aberto com um teto abobadado, aconchegante, com estantes de livros embutidas, paredes azul-esverdeadas claras como o oceano lá fora e um amplo sofá em forma de L cinza agrupado com mesas de apoio da metade do século.

Joguei algumas cadeiras grandes de marfim e um enorme tapete de lã em cores coordenadas para absorver o som, e é meu cômodo favorito da casa, além do meu quarto. Eu tive alguns sentimentos sobre a decoração, então deixei meu irmão Oliver escolher tudo para mim. Ele tem um olho bom e acabou montando um espaço que eu gosto muito.

Há muito espaço, e os caras estão acostumados a se sentir em casa aqui, então eles se acomodam no sofá e nas cadeiras, até mesmo de pernas cruzadas no chão da mesa de centro.

— Droga, você sabe cozinhar, Bergman — Rob murmura em torno de uma mordida de comida.

Sento-me na última vaga aberta, que está ao lado dele, e começo a comer meu prato.

— Obrigado. Estou feliz que você gostou.

— Gostei? — Ele ri. — Eu comeria isso em vez de qualquer coisa que eles servem nos lugares chiques de que Liz gosta. — Após um momento em que ele destrói um sanduíche de camarão em três mordidas, ele se inclina um pouco e abaixa a voz. — Falando de Liz. Eu estava pensando, você se importaria de me dar uma aula de culinária ou duas? Quando a temporada terminar, quero fazer para a minha esposa uma boa refeição, começar a fazer a minha parte um pouco mais em casa. Vou pedir aos meus pais que fiquem com as crianças por alguns dias, assim que isso acabar. Só para mostrar a ela o quanto eu aprecio ela aguentar a

insanidade.

Eu sorrio.

— Certo. Quer aprender algo em particular?

— Bife. Talvez risoto de cogumelos também? Ela sempre pede isso quando comemos fora. — Ele olha para mim e percebe meu sorriso. — O quê? Você acha que é ridículo, não é?

— De jeito nenhum. Acho que é exatamente o que um cara deve fazer por sua parceira depois de um longo período em que ela assume todas as responsabilidades de casa. Adoraria ajudar.

Antes que Rob possa responder, algo quebra na cozinha.

— Merda! — alguém grita. — Rennnnnn.

Eu gemo.

— Eles são como crianças.

— Eles são piores — Rob diz. — Pelo menos piores do que as minhas.

Levanto, com um suspiro, e coloco um sanduíche de camarão na boca.

— Estou chegando!

— Ei. — Pego o telefone de Kris de suas mãos e o coloco no bolso. — Esta é uma zona livre de telefones. Concordamos que todos atuam melhor quando não estão preocupados em aparecer no Twitter com uma toga dizendo: "Oh, minha franga formosa!"

— É chantagem de ouro. Não, de platina — Kris lamenta, se lançando sem sucesso para o meu bolso que agora contém seu telefone. — Eu *preciso* disso, Ren.

Eu cruzo meus braços sobre meu peito.

— Quais são as regras do teatro nesta casa?

Kris faz beicinho.

— Respeite a intenção da história. Faça seus colegas atores parecerem bem. Promova um espaço seguro para a atuação.

— Obrigado. — Eu aponto para François. — Continue, por favor.

— *Merci*. — François começa a se curvar, mas congela no meio do caminho e muda para uma reverência. Verdadeiro compromisso com o personagem, aí mesmo. Este é o momento em que Píramo e Tisbe, dois amantes se encontrando no jardim e separados pelas circunstâncias — uma homenagem a *Romeu e Julieta*, sem dúvida — se encontram para um beijo clandestino.

— Certo. — Tyler limpa a garganta e ajusta o elmo. Ele está lendo Píramo este ano. — "Ó noite de olhar negro, ó noite escura, que sempre estás onde não se acha o dia! Ó noite negra! Ó minha desventura! Tisbe não chega! A pobre desvaria. E tu, muro querido..." — Tyler olha em volta. — Onde está a porra do muro?

Andy entra.

— Ele teve que mijar.

François suspira.

Andy tira o cobertor do meu sofá, envolve-o em volta dos ombros

para que fique bem coberto e estende os braços.

— Aqui. Desculpa.

Tyler levanta seu roteiro e encontra seu lugar.

— "Ó doce, ó doce muro, que entre o terreno meu e do pai dela te levantas cruel, não sejas duro, uma fresta me mostra ou uma janela..."

Andy levanta a mão, juntando o polegar e o indicador, então Tyler continua.

— "Graças, bom muro; Jove há de amparar-te. Mas, que vejo? Em vão Tisbe ora procuro."

Tyler enrola seu roteiro e bate na cabeça de Andy. Andy grita.

— "Possas, muro — grita Tyler —, rachar-te em toda parte, por me deixares espiar no escuro" — Diz ele, batendo em Andy mais algumas vezes.

Uma gargalhada percorre a sala. Alguns dos caras assobiam e vão enquanto François caminha para o outro lado do braço coberto de Andy.

— Maddox. — Kris joga um travesseiro em sua cabeça. — É a sua fala, idiota.

Matt lentamente levanta os olhos de uma revista que está folheando.

— Desculpe, onde estamos?

Todo mundo geme.

— Por que você deu Teseu a ele? — Rob sussurra à minha direita.

Eu encolho os ombros.

— Tentando estender um gesto de paz. Obviamente, um esforço desperdiçado.

— Espero que ele seja negociado — murmura Rob. Eu mantenho minha boca fechada, mas Rob sabe que eu me sinto da mesma maneira, e eu não sou o único. Ninguém gosta de Maddox. Ele tornou todos nós inimigos.

Kris vai até Matt.

— Vou ler se você não...

— Eu vou. Fazer. — Matt o encara, então diz em um tom monótono desanimador — "A meu ver, o muro deveria também amaldiçoar, por ser dotado de sensibilidade."

Um suspiro coletivo de decepção. Eu tenho que abafar uma risada. Os caras ficam tão envolvidos agora que já estamos fazendo há alguns anos, eles ficam fora de si quando alguém estraga tudo. Tyler diz a frase de Píamo, e então é o momento de François.

Ele fala com um sotaque francês, em um falsete perfeitamente exagerado, antes de Tyler franzir os lábios perto da mão de Andy, onde o polegar e o indicador criam a fenda.

— "Oh, beije-me através do buraco desta parede vil!"

François se inclina para dar um beijo propositalmente no lugar errado — sua próxima frase deveria ser, "Eu beijo o buraco da parede, não seus lábios" — mas antes que ele possa, Andy abaixa sua mão para que Tyler e François realmente esmaguem suas bocas.

Uma erupção de *oooohhhs* entretidos ecoa na sala. Tyler encara Andy com um olhar assassino. François agarra Andy pelo cobertor em volta de

seu pescoço, e antes que eu possa intervir para evitar o desastre, François o joga no chão. Tyler salta junto, e logo, é um empurra-empurra de jogadores de hóquei brigando e exaltados.

— Rapazes! — Eu grito. Kris passa correndo por mim, jogando-se em cima da pilha crescente de corpos. Eu abaixo minha cabeça e suspiro. — E por isso que não podemos ter coisas boas.

A viagem de avião é estranhamente sombria. Rob e eu passamos muito tempo separando as pessoas. A maioria deles ficou mal-humorada depois disso, mas alguns dos caras saíram desgastados. François não parou de fazer cara feia, e Tyler, ainda horrorizado com o beijo, continua enxaguando a boca com água e depois cuspidando em um recipiente vazio. Andy tem um olho roxo um tanto merecido. Kris está com o lábio partido — bem feito para ele, por ter pulado de cabeça na violência. Felizmente, os jogadores de hóquei não chamam muita atenção por parecerem espancados.

Rob desmaiou no assento ao meu lado, roncando. Tenho *Como Gostais* em mãos porque é o próximo para o Clube de Shakespeare e é uma boa distração. Estou tentando não estar totalmente consciente de Frankie, que está sentada do outro lado do corredor, rolando pelo seu celular, com seu laptop ligado e funcionando também.

Seu cabelo está solto, escuro e liso como chocolate amargo derretido. Ela está na roupa-pretas relativamente casuais, calças slim, um suéter felpudo cinza que parece um espanador — Freya tem um em azul gelo, então eu estou supondo que eles estão *em alta* no momento e seus tênis, preto e prata, como sempre. Sua bengala repousa entre suas pernas, e ela passa os dedos pelo colar enquanto olha entre as telas.

Minha resistência já fraca evapora quando eu largo meu livro na bandeja de colo.

— Planejando a dominação mundial?

Ela olha para cima e seu olhar trava no meu. Um sorriso lento aquece seu rosto.

— Mas é claro.

Eu sinto um rubor esquentando minhas bochechas. Agradeço a Deus pela barba do playoff que a esconde um pouco. Como posso ficar tão calmo no gelo, nas salas de imprensa, na frente de todo mundo, mas sou um menino de colegial corado quando se trata dela?

— Você está me encarando — ela diz.

Eu pisco rapidamente.

— Hum. Eu. O quê?

Frankie leva a mão, constrangida, ao rosto.

— Eu tenho açúcar de confeitado no rosto ou algo assim?

No início do voo, tive de, cuidadosamente, *não* observar Frankie comer uma caixa de mini donuts pulverizados com açúcar. Eu me certifiquei de *não* assistir ela lambe cada dedo. E eu definitivamente não

baixei minha bandeja de colo para cobrir um problema crescente esmagado contra minha braguilha depois de ver cada dedo longo deslizar em sua boca, em seguida, deslizar para fora com um *pop* erótico.

Eu me inclino para o outro lado do corredor e, você não sabe, Deus está cuidando de mim. Há uma mancha de pó branco bem em sua bochecha. Eu limpo e luto contra a vontade de lamber meu polegar para limpar.

— Bem ali.

Seu sorriso se aprofunda, fazendo a covinha aparecer.

— Obrigada. Agora, que tal você me dizer por que todos estão agindo como se estivessemos indo para o inferno ártico para levarmos um pontapé na bunda.

— Porque nós estamos indo para o inferno ártico, provavelmente para levarmos um pontapé na bunda. — Saint Paul, em Minnesota, tem uma frente fria terrível para o início de abril, e o Wild não vai jogar este ano. Há uma boa chance de perdermos.

Ela levanta uma sobrancelha escura e arqueada.

— Sério, vocês estão tão carrancudos. O que aconteceu? Vocês desapareceram depois do treino fora do gelo, então você apareceu assim. Não pense que não percebi que nos últimos anos todos vocês desaparecem do radar antes da viagem do nosso primeiro jogo de playoff.

Ela bate o dedo contra os lábios e estreita os olhos. Como sempre, suas unhas são pintadas de preto brilhoso. O pensamento daquelas garras arranhando meu torso aperta tudo no meu estômago. Nunca fui tão grato por bandejas de colo de avião.

— É apenas um pequeno ritual — eu finalmente consigo. — Ficou fora de controle este ano.

— Deixe-me adivinhar. Kris teve algo a ver com isso. Talvez Tyler. — Ela abaixa a voz e se inclina para mais perto, infundindo seu perfume no ar. — Definitivamente Andy.

— Uh. — Eu engulo em seco, tentando pensar direito. É difícil quando estou tão perto dela. Apenas o cheiro dela já embaralha meu cérebro, o sussurro limpo do ar da noite e flores de orquídea. Por muito tempo, não consegui identificar o que fazia Frankie cheirar tão bem. Isso me deixou louco. Até o verão passado, depois de guardar as sobras, vendo o pôr do sol da janela da cozinha dos meus pais, quando senti o cheiro de Frankie. Uma brisa fresca de verão passou pelas orquídeas perfumadas à noite que minha irmã Ziggy adquiriu em sua solidão como a última criança em casa. Elas estavam cheias e cheirosas, suas flores abertas. Era isso, seu perfume suave, exatamente. Se eu fechasse meus olhos, teria jurado que ela estava ao meu lado.

Quem dera.

Frankie tira o dedo da boca e se inclina para trás.

— Hm. Você é bom em esconder coisas, Bergman, admito. Mas vou arrancar a verdade de você um dia desses.

Ela não tem ideia de como isso é provável. Ou como estou nervoso

para ouvir o que ela vai dizer quando a verdade finalmente aparecer.

FRANKIE

Música da Playlist: “New Rush” - Gin Wigmore

NEM SEMPRE SOUBE que queria trabalhar com esportes profissionais, mas sempre adorei assisti-los. Algumas das minhas memórias mais preciosas do meu pai é estar sentada em seu colo, assistindo aos Mets em nossa pequena TV. Nós nos aconchegávamos no sofá de nosso apartamento no Queens, que dividíamos com Nonna, e apertávamos os olhos para tentar localizar a bola quando Carlos Delgado a mandava voando pelo campo.

Gabby e mamãe assistiam do recorte no armário sobre a pia enquanto preparavam o jantar, e todos gritávamos para a tela. Nonna dizia palavrões em italiano que faziam papai tapar meus ouvidos com as mãos, e mamãe gargalhava.

Os esportes eram parte integrante de nossa família. Gabby e eu jogamos softball e basquete. Iamos aos jogos de beisebol quando tínhamos dinheiro para isso. Mas foi só no ensino médio que me apaixonei pelo hóquei. O então namorado de Gabby, agora marido, Tony, era amigo de um dos irmãos dos jogadores e nos deu ingressos para o Islanders. Daquele jogo em diante, fiquei obcecada. O jogo era graça e poder, era uma dança de agilidade e disciplina física extenuante.

Foi quando eu soube que, de alguma forma, sempre quis que o hóquei fizesse parte da minha vida. Fui para a faculdade, me formei em comunicação digital e relações com a mídia, passei pelo programa de estágio da faculdade e fui colocada com ninguém menos que os Islanders – sim, eu também surtei – e depois passei para um cargo de assistente de relações públicas de nível básico com eles após a formatura.

Mas, à medida que me adaptei às realidades da vida com artrite, o clima frio do nordeste tornou-se doloroso de enfrentar. Quando meu emprego dos sonhos, localizado no ameno Sul da Califórnia, caiu aos meus pés, eu o agarrei e mudei para o outro lado do país. E, embora me despedir de Gabby e Tony, mamãe e Nonna, doesse como o diabo, senti um alívio. Eu não era mais um fardo ou preocupação. Eu era um telefonema semanal. Uma visita semestral para garantir que não nos sentimos totalmente afastados e para me importunar sobre a obtenção de radiografias regulares. Um país entre nós, tornei-me uma pessoa para eles mais uma vez.

Desde que me mudei para cá, fiz duas amigas em LA, por meio das aulas de hidroginástica e do clube do livro, Annie e Lorena. Fora isso, a minha família do Kings é minha família. Suas vitórias são minhas vitórias e suas derrotas são minhas derrotas.

É por isso que antes de cada jogo, eu me sinto tão perto de me cagar

de nervosismo quanto todos os caras provavelmente fazem.

Depois de outra viagem ao trono de porcelana, graças à minha barriga ansiosa, sigo para uma das salas de exercícios reservadas para a equipe visitante. Todo mundo está em vários estágios de atividade física, ainda de camiseta, bermuda e tênis, aquecendo seus corpos.

— Frank, a durona! — Andy chama.

Saúdo-o e viro-me para Tyler, que está fazendo rotações laterais com uma bola medicinal.

— Johnson. Não se esqueça que você estará ao vivo no Instagram em meia hora.

Tyler sorri.

— Sim, senhora.

— Schar. — Kris olha para mim enquanto completa os círculos do quadril. — Por favor, pare de envolver os trolls no Twitter. Não leva a nada, e os habitantes de Minnesota odeiam você.

Ele concorda.

— Ótimo. — Eu me viro, dou um passo e congelo porque Jesus Cristo, Ren Bergman está fazendo flexões em forma de T.

Sem camisa.

Deixe-me ajudar a imaginar isso. Você vai me agradecer, eu prometo. É uma flexão. Até que ele endireite os braços e, em vez de descer para outra repetição, ele levanta o braço para o céu girando a cintura. Parece *trikonasana*, para os nerds da ioga. A lição mais importante é que cada músculo do torso, das costas, dos ombros e dos braços daquele homem se ondula e se enrosca quando ele mergulha, depois sobe, mergulha e então sobe.

Meus olhos arrastam para baixo em seu corpo, hipnotizados pelo ritmo de seus quadris abaixando para pairar acima do chão, antes de empurrar para cima. Empurra para cima, depois para baixo, empurra para cima, para baixo.

Estou enraizada no chão, hipnotizada. Como eu disse, só vi Ren sem camisa algumas vezes. Mesmo enquanto pratica fora do gelo, ele é sempre modesto, sempre vestindo camisas enquanto se exercita.

Hoje é aparentemente um dia de exceções gloriosas.

— Perdeu uma camisa, Zenzero?

Ren congela no meio da flexão, o que não ajuda o estado das coisas da minha calcinha quando seu tríceps ridículo estala, junto com todos os músculos de suas costas. Hoje à noite, estou usando meu shortinho de Edwiges da sorte, o que significa que, enquanto o Efeito Ren acontece, desta vez é a amada coruja de estimação de Harry que é pega pela chuva.

Finalmente, Ren se endireita e pula para ficar de pé tão facilmente quanto um grande felino selvagem. Pegando uma toalha por perto, ele a arrasta pelo rosto e peito, depois se vira e me encara. Eu me assusto quando olho para ele. Seus olhos estão vidrados, suas bochechas rosadas. Aproximando-me, sinto sua testa, antes que ele rapidamente se afaste.

— Você está uma merda. — Eu juntei as peças. — É por isso que você está sem camisa. Você está com febre.

Ren olha por cima do meu ombro para os outros caras. Percebo tarde demais que não fui discreta quando deveria. Outra coisa que eu não sou fantástica em: sensível durante conversas quando eu deveria ser sutil e *secreta*.

— Estou bem — ele diz baixinho.

— Você não está. — Quando eu o alcanço novamente, ele se afasta.

— Se eu não estiver, você não deveria estar me tocando. Eu poderia te deixar doente.

— Você não vai me deixar doente. — A preocupação dá um nó no meu estômago. Quero cobri-lo com panos frios, dar-lhe picolés e enfiar sua bunda em uma cama de hotel.

— Seus remédios, Frankie. Eles enfraquecem o seu sistema imunológico.

— Como você sabe disso?

Ele pisca para longe.

— E-é de conhecimento comum.

— Não, não é.

Ren muda seu peso e cruza os braços.

— Frankie. Meu pai é médico. Minha irmã mais velha é fisioterapeuta. Um dos meus irmãos é estudante de medicina. Tenho que sentar em jantares de família e ouvi-los palestrarem sobre anatomia e as últimas terapias e farmacopeia. Eu sei que a maioria dos tratamentos de artrite reumatoide atua suprimindo o sistema imunológico, o que significa que você pode ficar doente facilmente.

Eu fico olhando para ele, sentindo meu coração dar um salto para trás no meu peito novamente. Assim como na outra noite, quando ele me deu a camisa.

— Voltando ao meu ponto. — Ren limpa a garganta e me lança um olhar severo. — Você precisa se afastar. Já é ruim o suficiente que já estivéssemos em um avião juntos, você respirando meus germes naquele ar reciclado horrível...

— Estou bem — digo-lhe. — Eu tomo o maior punhado de vitaminas do mundo todas as manhãs. Sou uma lavadora de mãos obsessiva. Eu vou ficar bem. Mas você. Você parece uma merda aquecida. Diga ao treinador que você está fora.

Ele ri secamente, afastando-se ainda mais e baixando a voz.

— Você é engraçada. Eu não estou fora. Dê-me de dois a três metros, Frankie. Estou falando sério. Se eu deixar você doente, vou ficar mal-humorado.

— Isso não é um desincentivo, Bergman. Eu pagaria muito para ver você ficar mal-humorado.

Ele estreita os olhos de gato para mim.

— Tudo bem — eu murmuro. — Mas vou mandar Howard para cima de você depois. — Dra. Amy Howard é nossa médica chefe, que viaja conosco. Ela é zero frescura, e eu a amo. Se ela decidir que Ren está doente, ela não terá nenhum problema em deixá-lo no banco no próximo jogo.

— Nem pense nisso — diz ele. — Eu mesmo vou falar com ela depois, ok?

Eu faço uma carranca para ele.

— Tá bem.

Para quem está queimando de febre, Ren é uma máquina de lançar. Ele já marcou no primeiro período e parece prestes a marcar outro gol assim que começarmos o segundo. Estou vagando em meu habitat natural perto do banco, tirando fotos com meu telefone, tweetando, postando no Instagram, engajando em tempo real com fãs e compartilhando suas postagens, mas meus olhos estão em Ren, e no resto dos jogadores, é claro, tanto quanto possível.

Ren corre atrás de um defensor da Wild. Logo quando ele poderia facilmente esmagar o cara contra as placas, Ren, ao invés, habilmente puxa o disco para fora e desliza por ele com ele colado em seu taco. Isso é Ren em poucas palavras. Elegante. Estratégico. Sólido. Agora, não me entenda mal, eu o vi tirar o fôlego de um cara contra a placa. Eu o vi jogar um ombro e empurrar para trás. Mas ele nunca *busca a* violência. Ele nunca assume o gelo como um homem com algo a provar. Ele apenas joga. Lindamente.

De todos os caras da equipe, Ren sempre foi o que mais teve o meu respeito. Ele é uma boa pessoa, um atleta confiável, um líder natural, mas despretenso. Sim, ele é irritantemente alegre e educado, mas agora entendo que é mais uma escolha para proteger sua vida privada, para ser uma presença positiva na equipe, do que algum indicador de uma existência despreocupada.

Desde a noite envolvendo um presente generoso de roupas adaptáveis e quantidades excessivas de maconha, tenho passado muito tempo tentando *não* pensar em Ren. Isso está me deixando louca, mas é assim que eu trabalho. Ren me mostrou um novo lado fascinante de si mesmo. E quando encontro algo que me fascina, é difícil para mim não dedicar um tempo excessivo a isso.

Exceto *que é ele*. E isso é um problema.

Ren voa pelo gelo, tecendo, esquivando-se, aquele disco para sempre ancorado em seu taco. Com seus patins, ele tem um metro e noventa e oito de altura, seu corpo é poderoso, mas sua graça rivaliza com a de um patinador artístico. Bem no fundo da nossa zona, ele trabalha o disco, fintando, provocando, deixando cair o disco e, em seguida, voando ao redor da rede. Os defensores o cercam, seus tacos batendo contra o dele, seus corpos mergulhando em busca de derrubá-lo contra o rinque, mas ele os evita todas as vezes, como um gato deslizando pela abertura mais estreita em uma porta. Não deveria ser possível. Ele não deveria ser tão gracioso. Mas ele é.

Ren mantém a posse do disco, mesmo quando cercado por dois, então o desliza no centro para Tyler. Tyler simula uma tacada e passa para Rob.

Rob tem um ângulo de merda para uma tacada, mas Ren gira de volta ao redor da rede a tempo de Rob passar para ele. Ren se conecta com o disco e o lança sem esforço dentro da rede.

— *Gooooooooo!!!!!!* — Grita o locutor.

A campainha toca, a luz fica vermelha e estamos todos de pé, gritando vitoriosamente. Com meus protetores de ouvido para abafar o barulho ao nosso redor, é um momento estranhamente sereno, vendo os fãs explodirem, o bando de jogadores se amontoando em comemoração. Ren, como sempre, apenas levanta seu taco, bate no peito de seus companheiros de equipe e patina para longe. Calmo e sorridente como sempre.

Matt não está muito longe no banco, respirando pesadamente do seu turno, lançando punhais para Ren e Rob. Ele olha para mim e me dá uma varredura rígida da cabeça aos pés, antes de voltar a se concentrar no jogo.

Depois de um confronto direto e de posse do disco, o Wild navega pelo centro, mas Ren está correndo com eles, patinando para trás como se fosse nada. Meu corpo não se move tão facilmente há muito tempo, mas quase posso sentir como seria, o ritmo enquanto ele transfere seu peso e corta o gelo. Ele está abaixado, seu taco balançando, e quando ele cutuca o disco, Ren consegue roubá-lo do jogador do Wild novamente e fugir para a zona de ataque. Rob está seguindo bem atrás dele, o que, claro, Ren sabe. Ele puxa para a direita, joga para Rob, então desliza para trás do defensor. Rob finta para a direita e passa para a esquerda, para Ren, que o arremessa na rede.

A luz fica vermelha, a buzina soa e Rob envolve um braço em volta do pescoço de Ren com um sorriso de papai orgulhoso em seu rosto. Eu capturo no meu telefone e imediatamente tuíto.

Meus olhos viajando pelo banco, vejo que o treinador ainda não está sorrindo, mas sua carranca usual não está em lugar nenhum, o que neste ponto eu aprendi significa que ele está positivamente feliz para caralho.

Ren cruza a linha central e alinha, parecendo concentrado e relaxado, como se um hat-trick nos playoffs fosse apenas parte do trabalho. Seu cabelo ruivo loiro avermelhado ondula sob seu capacete, sua barba brilha como cobre por trás de sua máscara, e logo antes de o disco cair, Ren olha para mim com aqueles olhos gelados e sorrisos.

Uma onda de calor flui pelo meu corpo, cortando o frio que sempre se infiltra em minhas roupas quando estou no rinque.

Nada disso, Francesca. Não faça disso algo que não é. Ele sorri para todos.

Mas ele sorri para eles assim? Uma pequena e absurda parte de mim espera que não.

Eu me distraio desses pensamentos inseguros tweetando o vídeo do gol de Ren, com uma legenda rápida e as hashtags relevantes. Quando eu olho para cima, Lin está trabalhando para passar o disco e o envia voando para Tyler. Tyler o joga para Ren, que desce pelo centro, engana, e então passa para a esquerda para Kris. O número 27, que está em cima de Ren o jogo todo, está voando em direção a Ren por trás, e eu tenho

que engolir o impulso de gritar: *Cuidado!*

Erguendo seu taco, 27 dá um golpe brutal em Ren por trás. Ren surge para frente e se choca contra as placas, sua cabeça conectando-se com o acrílico e quicando para trás, muito solta e não ancorada para o meu conforto. Eu ofego quando ele cai no gelo como uma árvore derrubada.

Boa parte da multidão vaia ao ouvir o apito. O treinador e metade da equipe estão gritando, o barulho abafado pelos meus protetores de ouvido, como se em um túnel distante.

"Golpe ilegal!"

"Jogada perigosa!"

"Expulse-o!"

O ruído diminui ainda mais até que eu só ouço meu pulso. Minhas unhas cavam em minhas palmas enquanto eu olho para o corpo imóvel de Ren. A ansiedade, minha velha amiga familiar, arrasta-se pela minha espinha, deixando minhas pernas fracas. Eu caio no final do banco, meus olhos grudados em Ren.

Minha respiração ecoa em meus ouvidos. Eu uso a respiração de ioga, inspirações longas e expirações lentas pelo nariz. As batidas do meu coração diminuem ligeiramente, mas minhas mãos estão tremendo muito. Eu as enfio entre os joelhos e me concentro na minha respiração um pouco mais.

Ele está bem. Ele vai ficar bem.

A raiva persegue a ansiedade, rasgando meu sistema. Eu aperto meu telefone, ignorando flagrantemente meu trabalho no momento. Não quero tweetar ou tranquilizar os fãs. Eu quero correr naquele gelo e dar um soco bem na cara do 27.

O árbitro está curvado sobre Ren, que está inconsciente, seu corpo estendido indefeso enquanto seu braço se projeta em um ângulo não natural. Amy segue para o gelo e logo está pairando sobre ele também. Ele não se move. Não há suspiro de alívio ou consciência. Apenas o som assustador do silêncio.

Então vem o que eu odeio ver. A maca sobre rodas. Os paramédicos saem, rapidamente estabilizando o pescoço de Ren enquanto deixa seu capacete, e cuidadosamente transferindo seu corpo enorme para a maca. Todos se levantam na arena e batem palmas enquanto ele sai. Quando Amy passa com ele, vejo que seus olhos estão fechados, sua boca aberta. Limpo meu nariz e sinto a umidade em minhas bochechas. Quando lambo meus lábios, sinto o gosto de sal.

Malditos empanados de peixe. Estou chorando. Eu não choro. Bem, raramente. Nunca publicamente.

Andy dá um tapinha no meu ombro gentilmente e eu tiro um protetor de ouvido.

— O quê? — Eu digo bruscamente.

Ele está acostumado com meu jeito espinhoso, então simplesmente dá um tapinha no meu ombro mais uma vez e diz

— Não se preocupe, Frankie. Ren é inquebrável. Ele vai ficar bem.

Eu vejo os patins de Ren desaparecerem de vista enquanto ele é

levado para longe.

— Espero que sim.

Serei a primeira a admitir que, pelo resto do jogo, faço um raro trabalho de merda nas redes sociais do jogo. Estou distraída, meus dedos estão mais lentos do que o normal. Eu continuo fodendo com os tweets, e minhas fotos são uma merda. Uso as hashtags erradas e não consigo parar de olhar por cima do ombro, esperando que Amy saia e acabe com minha preocupação antes que eu tenha uma úlcera.

Ela não faz.

Embora eu esteja preocupada com Ren, esta não é minha primeira temporada de perto no hóquei profissional, e eu sei que com toda a probabilidade, ele vai ficar bem. Se algo impensável acontecesse, eu saberia nesta altura. Eu me consolo com esse pouco de racionalidade enquanto me concentro nas necessidades pós-jogo. Vencemos, embora apenas por causa dos gols que Ren nos deu.

— Frankie — Rob chama do seu lado do vestiário.

Abro caminho entre os rapazes, com cuidado para não prender minha bengala em um cadarço de skate rebelde ou em uma peça de roupa. Quando chego ao Rob, fico sem fôlego de ansiedade. Isso tem que ser sobre Ren. Pelo menos espero que seja.

— Sim?

— Ele acordou — diz Rob.

— Concussão?

Ele suspira.

— Parece que sim.

— Merda. — Isso significa que Ren está fora pelos próximos jogos, pelo menos.

— Machucou o ombro dele também, mas ele está bem.

— Seu ombro? Ele precisa de cirurgia? Ele—

— Ei. Respire. Ele está bem. — Rob gentilmente aperta meu braço. — Vê? Por trás dessa fachada mal-humorada está um coração mole que se preocupa conosco.

Eu faço uma carranca para ele.

— Não deixe que a notícia se espalhe.

Rob sorri.

— Seu segredo está seguro comigo. — Quando eu faço para me virar, Rob me para. — Na verdade, eu te chamei porque ele perguntou por você.

— O quê? — Ren perguntou por *mim*?

— Apenas vá vê-lo. Anime o cara. Ele está com Amy e está comicamente desorientado.

— Isso não é muito reconfortante.

Ele ri enquanto tira sua camisa.

— Vamos. Ele é sempre tão bem-comportado. Ren sem filtros é um deleite raro. Você deveria estar me agradecendo.

Resmungando, eu caminho pelo corredor, dou algumas voltas e encontro o meu caminho. Ren está sustentado em um colchão inclinado,

uma intravenosa, que eu espero que seja apenas soro, em seu braço. Amy está conversando com o treinador. Eles não percebem quando eu entro. Mas Ren, sim.

— Francesca. — Ele abre um sorriso grande e largo. Como um sorriso grande e largo do Loony Tunes. Segurando o braço que não está amarrado em uma tipoia, ele acena.

Está bem, então. Há claramente algo mais naquele soro intravenoso.

— Francesca — ele diz novamente, seus olhos me rastreando enquanto eu caminho até ele. Ninguém tem coragem de me chamar pelo meu nome completo. Deixei bem claro para todos que meu nome é Frankie. Mas se alguém pode escapar impune, é Ren, que está com uma concussão e delirando. Também ajuda o fato de eu ter seu nome completo para usar em retribuição.

— Søren. — Deus, eu amo o nome dele. É mais sueco do que IKEA. Curiosidade: sua grafia é dinamarquesa. Sendo uma amante de línguas estrangeiras e linguística — é um interesse especial meu — posso dizer que *ø* não está no alfabeto sueco. Em um de nossos muitos voos, Ren me disse que sua grafia foi amplamente debatida entre a preferência de sua mãe sueca por Sören e o amor de seu pai americano pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard.

Obviamente, ninguém está se perguntando de onde Ren tirou sua nerdice. O processo de nomeação de Ren envolveu um teólogo existencialista e debate multilíngue. Tenho certeza de que meus pais tiraram um nome italiano da cartola e jogaram em mim.

— Ficou bem e se machucou lá, hein? — Eu pergunto.

Seus olhos dispararam sobre meu rosto.

— Uh-huh. Mas eu não me mije, e eu sei meu aniversário, então Amy disse que vou ficar bem.

Ao ouvir seu nome, Amy interrompe sua conversa com o treinador e sorri para Ren.

— Oh, ele está em uma forma rara agora. Tive que dar Percocet para o ombro.

— Sem mídia social! — O treinador avisa.

Eu levanto minhas mãos, demonstrando minha inocência.

— Nenhuma câmera à vista, eu prometo. — Eu olho para Ren. — Você precisava de um narcótico para um ombro machucado?

— Dê-lhe algum crédito — Amy diz gentilmente. — Está um pouco separado e isso dói como o inferno. — Ela se inclina e sorri. — Ele também desmaiou quando coloquei o soro intravenoso.

— Uau, Judas. — Ele estreita os olhos para ela, então se vira para mim. — Foi cientificamente comprovado que os ruivos precisam de doses mais elevadas de alívio da dor, Francesca. Somos sensíveis.

— Estou brincando com você, Ren, o ruivo. Não consigo imaginar o quanto isso dói. Essa batida estava perigosamente atrasada e alta.

O treinador grunhe em concordância enquanto ele bebe de sua garrafa de água.

— Besteira absoluta. Que bom que eles o expulsaram. — Dando

tapinhas no ombro bom de Ren, ele joga sua garrafa de água na lixeira reciclável. — É hora de reunir os meninos. Vá com calma, Bergman. Você fez bem, como sempre.

— Obrigado, treinador.

Quando a porta bate, Ren aperta minha mão de repente, os dedos se enrolando em torno dela.

— Francesca, preste atenção. Isso é importante.

Ele é como uma criança agora. Olhos arregalados e profundamente sinceros. Eu me permiti olhar para suas feições, sabendo que ele provavelmente não se lembraria. Sua mão segurando a minha parece estranhamente familiar. É quente e pesado, o arranhar de suas calosidades acalma minha pele.

— Você precisa de uma máscara. Eu tenho febre. E eu continuo tocando em você. E respirando perto de você. Dra. Amy! — ele grita.

— Ren. — Ela ri. — Bem aqui, amigo. E aí?

— Esta Francesca aqui é... — Ele franze a testa. — Ah, eu não consigo pensar na palavra agora. Mas isso significa que seu remédio torna seu corpo muito amigável com os germes. Ela precisa de algo para estar a salvo da minha praga.

Amy sorri para mim, em seguida, dirige-se a Ren.

— Embora isso seja muito atencioso de sua parte, tenho certeza de que sua febre não se deve a nada relacionado à praga. Quando eu estava avaliando você, percebi sinais de uma infecção sinusal. Lembra, eu disse que ia te dar alguns antibióticos?

Ele a encara.

— Eu não me lembro disso.

Ela dá um tapinha em seu braço bom.

— Isso é porque você teve uma bela pancada na cabeça. Você me disse que pegou um resfriado recentemente, e eu disse que parece que você desenvolveu uma infecção bacteriana secundária em sua cavidade nasal. É por isso que você está com febre.

Ele aperta os olhos para ela com um olho só.

— Você pode condensar isso em palavras menores? Eu não estou entendendo.

— O que eu quero dizer é — ela diz gentilmente —, que você não é contagioso. Você não vai deixar Frankie doente.

— Oh, bom. — Ren suspira e fecha os olhos. — Assim, ela pode continuar segurando minha mão, então, e eu não vou dar a ela a praga.

— Eu deveria ir de qualquer maneira —, digo a ele. — É hora de você dormir, Zenzero. — Lentamente, eu começo a puxar minha mão, mas Ren a segura e seus olhos se abrem.

— É isso. *Isso é o* que eu queria te perguntar. — Ele tenta se sentar e cai para trás, fazendo uma careta. — Esqueci disso — ele geme.

— Fácil. Você sabe que estou sempre por perto. Nós podemos conversar amanhã.

— Não. — Ele me encara sério. — Eu preciso saber isso. O que significa *zenzero*?

Um rubor quente inunda minhas bochechas. Limpo minha garganta conscientemente. Amy está vagando perto da porta em seu telefone e está totalmente ao alcance da voz. A última coisa que preciso é que ela venha com merda por isso.

— Bem, é bobo — eu digo, baixando minha voz. —, é apenas uma bobagem italiana.

— Bobagem. — Ele franze a testa. — Você me chama de *bobagem*?

— Droga, Bergman. Não — eu sussurro. —, Significa *ruivo*, ok? Porque você é... — Eu aceno minha mão nas proximidades de seu rosto. — Você é ruivo. É fofo.

O sorriso de Ren é tão brilhante que sua voltagem poderia alimentar um quarteirão da cidade. Ele vira a cabeça na direção de Amy.

— Ouviu isso, Dra. Amy? Ela me acha fofo.

Mas antes que eu possa dizer uma palavra em minha defesa, ele fecha os olhos com um suspiro suave, adormecendo, sua mão travada com força na minha.

FRANKIE**Música da Playlist “Undertow” - Lisa Hannigan**

SE REN SE LEMBROU de nossa pequena conversa íntima induzida por narcóticos, ele não deixou transparecer. Durante o café da manhã no hotel na manhã seguinte, ele me lançou seu sorriso amigável padrão e depois me tratou como sempre. Como uma mulher com quem ele trabalha. *Não* como uma mulher que ele chamou de Francesca, cuja mão ele insistiu em segurar até cair em um sono agitado.

O que para mim tudo bem. Honestamente, é mais fácil que ele não se lembre. Se ele tivesse se lembrado, eu poderia apenas imaginar seu embaraço agudo, aquele rubor furioso, o remorso que pintaria seu pedido de desculpas, embora eu achasse o que ele fez divertido e estranhamente cativante.

De volta ao avião para casa depois de perder o segundo jogo, infelizmente – mas sem surpresa, já que jogamos sem Ren – eu meti o nariz no trabalho e evitei falar com alguém. Se eu não colo meus olhos no meu telefone ou notebook, eles continuam vagando estupidamente pelo avião até onde Ren está sentado, folheando uma pequena brochura que tenho noventa e nove por cento de certeza que é Shakespeare, o nerd.

Droga. É por isso que as linhas não podem ser tênues, os limites não podem ser ultrapassados. Apenas alguns encontros fora do padrão com ele e agora toda vez que estou perto de Ren, sensações estranhas fervem sob a superfície da minha pele. Quando eu o vi ontem no jogo em seu terno cinza-carvão e percebi que seus olhos ficaram da cor de uma ardósia salpicada pela chuva – quando o vi conversar com seus companheiros de equipe, dando-lhes todo o seu foco e aquela risada de boca larga – meu estômago deu um nó furiosamente.

Logo depois que me sentei no avião, minha respiração parou quando ele passou por mim e deixou em seu rastro aquele cheiro familiar limpo e picante. Isso me deu água na boca. Não foi a primeira vez que aconteceu, mas antes, eu atribuí ser um perfume surpreendentemente bom. O cara tem bom gosto para colônia. E daí?

E daí? Então, desta vez, quando o inspirei, meu corpo doeu tão ferozmente em lugares negligenciados que quase me esbofetei. E então eu me empenhei no trabalho.

O voo não tem sido o mais tranquilo e é difícil me concentrar no trabalho. Duas vezes, quando eu olho para cima, eu poderia jurar que os olhos de Ren acabaram de voltar para seu livro. E agora, ele me pega olhando para ele. Aquele olhar pálido e felino desliza para cima da página que está acompanhando e se fixa no meu. Minha respiração fica

presa na minha garganta.

Eu pisco para longe.

O que é isso?

Azia. É isso. Eu comi aquele rolo de atum picante para o jantar antes de partirmos. Eu esfrego meu peito, tentando afastar essa *coisa* quente, apertada, queimando. Argh. Sem mais rolo de atum.

Mergulhando minha cabeça de volta para o meu computador, mesmo depois de ser forçada a pegar as malas para a descida, não olho para cima até que nossas rodas encostem no chão com um solavanco de chacoalhar os ossos. Até que eu esteja segura novamente, aterrada na terra e na realidade.

Jogador. Empregada. E “Os dois nunca hão de se encontrar”.

Sim. Ren não é o único idiota da literatura por aqui.

Posso não ser uma apaixonada incondicional em Shakespeare como Søren, mas gosto dos meus livros. Eles são uma das ferramentas mais vitais em meu arsenal para navegar no comportamento humano, para explorar meus sentimentos sobre as partes da vida que mais me confundem. Os livros me ajudam a me sentir um pouco mais conectada a um mundo que muitas vezes é difícil de entender. Os livros são pacientes comigo. Eles não riem de mim em vez de rir comigo. Eles não perguntam por que estou “sempre” carrancuda ou porque não consigo ficar parada. Os livros me acolhem – com estranheza e tudo – e me aceitam exatamente como eu sou.

Depois de nosso pouso difícil, desembarcamos e seguimos para o ônibus de volta ao Toyota Sports Center, nosso centro de treinamento. Sentada sozinha, ligo meu telefone, apenas para ver a mensagem de Annie:

O pior momento do mundo, mas estou no hospital. Não posso dizer se é parto prematuro ou um alarme falso. Eu diria a Tim para me deixar aqui e vir buscá-la, mas acho que ele se divorciaria de mim por isso. Eu sinto MUITO. Você pode me ligar quando pousar? Eu me sinto horrível. Eu sei que você não gosta de pegar Uber tão tarde da noite.

Merda. Estou preocupada com Annie. E estou preocupada em voltar para casa. Porque Annie está certa. Considero viagens noturnas sozinhas em um táxi dirigido por um cara estranho estressante.

Talvez seja a nova-iorquina em mim, mas sou cautelosa em relação às situações em que me coloco. Tenho orgulho, sim, e não gosto de ser mimada, mas também sou uma mulher prática. Posso reconhecer que minha capacidade de me defender é objetivamente menor do que uma mulher cujas mãos e pés se movem com muito mais facilidade.

Meu carro estava estranho antes de partirmos para St. Paul e teve que ir à oficina *novamente* – então Annie e Tim se ofereceram para me buscar quando eu voltasse. Minha outra amiga Lorena não tem carro, então não posso pedir que ela venha no lugar. O que significa que, agora que Annie não consegue me pegar, estou ferrada.

— Tudo certo?

Eu pulo na minha cadeira ao som da voz de Ren e deixo cair meu

telefone. Ele cai com um estalo nauseante no chão do ônibus.

— *Zounds!* — Ren se inclina e o pega.

— Você acabou de xingar em Shakespeare—

— Vamos seguir em frente e fingir que não fiz isso. — As bochechas de Ren estão vermelhas. Suspirando de alívio quando ele o vira, Ren me entrega meu telefone, demonstrando que a tela de alguma forma sobreviveu à queda. — Me desculpe por ter assustado você.

— Tudo bem. — Quando pego meu telefone, nossos dedos se roçam e um estalo de eletricidade atravessa minha pele. Eu grito e me afasto, uma carranca apertando minha boca. Sempre pareço uma assassina quando sou pega de surpresa porque, embora a maioria das pessoas se sobressalte levemente quando surpreendida, eu salto para fora da minha pele, a adrenalina inunda meu sistema e tudo o que quero fazer é me enrolar na posição fetal. É perturbador e constrangedor.

— Você está bem? — Ren pergunta.

— Estou bem. — Eu fecho o punho e o solto. Minha mão está tremendo. — Isso não te machucou?

Ele encolhe os ombros.

— Eu senti um choque. Mas eu estava esperando por isso.

Esperando por isso. O que isso significa?

Os olhos de Ren estão em mim, sua boca mudando de um sorriso fácil para uma carranca de preocupação.

— Você não *parece* bem. O que há?

Eu olho para o meu telefone, olhando para a mensagem de Annie.

— Minha carona para casa foi por água abaixo. Sou resmungona quando se trata de uma mudança de planos, mas não é grande coisa. Eu vou dar um jeito.

— Deixe-me te dar uma carona. — Quando ele vê meu olhar inquieto, ele cutuca minha coxa suavemente. — Você já esteve na minivan. Você sabe como isso é legal. Como você pode dizer não?

Seus olhos prendem nos meus, aquele sorriso fácil e gentil no lugar. Algo me diz que entrar naquela van sozinha com Ren é procurar encrenca. Mas comparada a uma viagem de Uber tarde da noite com um assassino possivelmente fetichista por bengala – ria o quanto quisesse, mas é uma possibilidade estatística e esses não são os riscos que eu quero correr, mesmo quando os riscos são mínimos – não é o suficiente para me deter.

— Tudo bem — digo-lhe. — Obrigada.

O sorriso de Ren se alarga, antes que ele controle sua expressão.

— Legal. — Ele pega seu livro e não diz mais nada.

Quando nosso ônibus para do lado de fora do centro de treinamento, Ren se levanta e se espreguiça. Isso coloca seus quadris ao nível dos meus olhos e é muito fácil imaginá-lo mais do que sem camisa – pele pálida, a sombra de cabelo caindo em seu estômago...

Eu olho para longe furiosamente enquanto o calor inunda minhas bochechas. Depois de me atrapalhar em empurrar meu telefone na minha bolsa, eu me levanto da minha cadeira, sufocando um gemido de

desconforto. Minhas juntas praticamente rangem quando me endireito, um processo que leva mais tempo do que deveria. Quando levanto minha bolsa sobre meu ombro e fico totalmente de pé, noto que Ren se posicionou um pouco atrás de nossa fileira de assentos, seus braços apoiados em cada lado, selando a fileira até que eu esteja livre.

Metade dos caras está atrás dele, olhos em seus telefones, suas pequenas malas de mão nos ombros. Eles estão esperando.

— Desculpa! — Eu chamo. — Vovó Frankie está se movendo devagar.

Um monte de variações de "*Você é boa, Frankie*" viaja no ônibus. Levando meu tempo descendo aqueles degraus íngremes estúpidos para fora do ônibus, eu saio para o ar ameno da Califórnia esperando por nós e respiro longa e profundamente.

De repente, o peso deixa meu ombro. Eu fico boquiaberta enquanto observo Ren içar fluidamente minha bolsa pelo braço, enquanto ele carrega não apenas seu equipamento – sim, o homem *insiste* em carregar seu próprio equipamento e não deixar os assistentes humildes arrastarem suas coisas – mas também as nossas malas, todas com o uso de um braço bom.

— Estou me sentindo um pouco inútil — grito. — E você deve ter cuidado com seu ombro.

Ren sorri de volta para mim.

— Meu ombro está bem. Além disso, estou impaciente. Eu tive que sentar na minha bunda e assistir a um jogo. Apenas conseguindo um pouco de condicionamento funcional.

Ignorando a opção de deixar algumas de suas coisas na instalação, Ren pega suas chaves, e a porta do porta-malas da van se abre com um chiado. Depois de carregar nossa bagagem ordenadamente, Ren dá um passo para o meu lado para abrir a porta para mim, esperando enquanto eu deslizo no assento e coloco o cinto. Minha bolsa do notebook está colocada ordenadamente aos meus pés antes que ele feche minha porta e corra para o seu lado.

Nosso centro de treinamento fica em El Segundo, a dez minutos de carro a oeste do meu bangalô alugado em Hawthorne, que fica na direção oposta da casa de Ren em Manhattan Beach. Eu me sinto mal por fazê-lo sair do seu caminho para me levar para casa, mas ter uma viagem segura de volta faz valer a pena dar uma mordida na torta da humildade.

Antes de sair, Ren liga o rádio e escolhe uma estação que é calma, mas tocante. Guitarras, violinos, talvez até um ukulele. A voz do homem é gentil e suave. É relaxante. Eu sufoco um suspiro enquanto me acomodo no couro macio do meu assento e abro minha janela, esperando que isso me acorde um pouco desse estupor de sonho que o carro dele está me colocando.

— Você pode mudar a música, se quiser. — Ren observa a estrada com cuidado, então atravessa o tráfego.

— Eu gosto. Obrigada, no entanto.

Ele acena com a cabeça e se concentra na estrada. Ren parece absurdamente certo ao dirigir uma minivan. Eu posso apenas imaginá-lo

anos depois na estrada, atrás do volante, mais algumas linhas nos cantos dos olhos, uma aliança de casamento reivindicando seu dedo anular esquerdo. Levando seus filhos para o treino de futebol, passando sacos de Goldfish e caixas de suco para o banco de trás, cantando em voz alta música da Disney no aparelho de som. E então, estupidamente, me vejo no lugar exato em que estou, de alguma forma pertencendo àquela foto.

Honestamente, Francesca.

Desviando o olhar, me concentro na janela. Depois de uma longa onda de silêncio confortável, eu limpo minha garganta e digo a ele

— Obrigada novamente pela carona. Desculpe tirá-lo do caminho.

— Não tem problema, Frankie. Sempre fico feliz em te dar uma carona para casa. — Ele vira à direita na El Segundo Boulevard para Inglewood.

Minutos depois, chegamos à minha casa e Ren descarrega minhas coisas enquanto eu pego as chaves da minha bolsa e caminho até a porta. Eu deslizo minha chave na fechadura primeiro, congelando quando eu viro e não sinto a tranca deslizar para trás. Está destrancada. Eu testo a alça. Também está destrancada.

— O que é? — Ren coloca minha mala suavemente entre nós.

— Minha porta... — Sai rouca e puída. — Minha porta está aberta.

— Frankie. — A urgência na voz de Ren faz minha cabeça levantar bem a tempo de perceber que ele está me levantando do chão, segurando meu corpo inteiro facilmente em um braço — *puta merda* — e carregando minha mala no outro.

Estou escondida na van, Ren corre para o outro lado e dirige rapidamente pela estrada, antes de estacionar e abrir o telefone. Eu vejo seus dedos discarem 911.

— O-o que você está fazendo? — Pergunto-lhe.

Ren olha para mim quando o telefone toca.

— Chamando a polícia. A maior parte da violência relacionada a roubos acontece durante arrombamentos, quando o dono da casa se depara com os intrusos. Se alguém ainda estiver lá — Oi, sim...

Eu fico olhando para Ren enquanto ele fala calmamente com aquela voz composta e uniforme que ele usa no gelo, aquela que ele usou depois que Maddox ficou bêbado e estúpido comigo.

Sempre achei fascinante ver pessoas como Ren em ação durante uma crise. Pessoas cuja resposta ao estresse não está prejudicando sua capacidade de funcionar. Ren é o cara que pensa analiticamente e mantém sua merda sob controle quando o mundo está pegando fogo. Sou eu que afundo no chão e me esqueço como respirar.

Ele conta meu endereço, explica a situação. Eu deveria estar ajudando. Falando. Fazendo qualquer coisa para assumir o controle da situação. Mas, em vez disso, fico ali sentada, olhando para a estrada para meu pequeno bangalô alugado que trabalhei tanto para fazer com que me sentisse em casa. Foi arrombado. Invadido.

Uma dormência fria varre meu corpo.

A voz de Ren corre sobre mim, uma brisa quente que me puxa do

meu choque congelado.

— Frankie. A polícia está chegando. Vai ficar tudo bem. Você tem o número do proprietário?

Eu concordo. Mas não consigo mover minhas mãos para encontrar meu telefone. Com cuidado, Ren dobra e retira meu telefone da minha bolsa.

— Qual o nome dele?

— Mike Williams — eu sussurro.

Ren disca, abre lentamente a porta e fica do lado de fora da van, os olhos grudados no bangalô. Ele deixa a janela abaixada para que o ar entre, para que eu possa ouvir sua conversa, se eu fosse capaz de acompanhá-la. Mas, lentamente, um rugido mais alto do que as ondas do Pacífico eclipsa minha audição. Lágrimas picam meus olhos.

Existem pequenos momentos em que a saudade do meu pai é aguda e inesperada. Ele morreu quando eu tinha doze anos. Eu tenho vinte e seis anos. Vivi mais tempo sem ele do que com ele, então por que, tantos anos sem pai, sinto que daria qualquer coisa agora para me sentir segura em seus braços fortes, para ouvir sua voz grave me confortando?

Excelente. Agora estou chorando. E eu não choro na frente dos outros. Porque desde que me mudei para a Califórnia e percebi que tinha a chance de reescrever o roteiro de como as pessoas viam a garota autista mancando, o Projeto Faça da Frankie Uma Fodona consiste em uma frente fria e impenetrável. Hoje em dia, eu choro em *particular*.

Eu choro em tigelas de sorvete do vigésimo quarto ao vigésimo nono dias do meu ciclo. Eu choro assistindo aqueles programas de TV onde eles constroem casas para pessoas em crise. Eu choro quando aquele comercial de abrigo humano aparece na TV do hotel a cada jogo fora de casa, porque sinto falta do meu cachorro que está ficando com a tia Lorena enquanto a mamãe viaja, e eu quero uma casa cheia de gatos e meu bangalô, que era acessível, perto tanto para o local de prática quanto para a arena, era perfeito, exceto por uma pequena coisa — “*nada de gatos!*” — Então não posso ser a tia dos gatos que sempre quis ser e agora nem parece que minha casa é segura e—

— Frankie. — Ren abre sua porta, caindo no banco do motorista enquanto ele se lança sobre o console e me envolve em seus braços. — Ei. *Shhh*, está tudo bem. Você está bem. Nós vamos resolver isso.

Agora não estou apenas chorando em público, estou *soluçando*. Nos braços de Ren Bergman, nada menos, deixando ranho e lágrimas por todo o seu terno bonito e agarrando aquela camisa azul macia tão forte quanto meus dedos doloridos permitem.

Você já começou a chorar por uma coisa e se pegou chorando por muito mais quando realmente começou a chorar? Isso é o que acontece comigo às vezes. Isso é o que acontece agora.

Chorando porque já sinto falta de me sentir segura em minha casa. Chorando porque estou sofrendo e estou cansada de sofrer. Chorando porque quando uma merda acontece, eu quero minha irmã, minha mãe, minha avó, e elas estão em um país inteiro de distância. Chorando

porque preciso do meu pai e ele não está aqui e nunca mais estará. Chorando porque sinto falta do meu cachorro. Chorando porque essa invasão me assusta e me faz sentir vulnerável, e me esforço muito para não me sentir assim.

— Frankie. — Ren pressiona sua bochecha no topo da minha cabeça e me abraça. — Você pode respirar fundo?

Eu inspiro, em seguida, solto um suspiro longo e estremecido.

— Bom — diz ele suavemente. — E de novo?

Eu tomo outra respiração lenta e calmante. E outra. E outra. Até que minha respiração esteja uniforme e minhas lágrimas sejam apenas silenciosas, deslizando pelo meu rosto. Em algum ponto do meu colapso, ele começou a esfregar minhas costas em um movimento circular lento e relaxante. Eu suspiro e me inclino para ele.

— Eu liguei para o proprietário — Ren diz. — Ele vai falar com a polícia, certificar de que eles deixem o local limpo e seguro novamente.

— A mão de Ren desliza pelas minhas costas, em seguida, segura minha nuca. — Você tem algum animal de estimação que eles precisam ficar de olho? Seu cachorro, certo? — ele pergunta gentilmente.

Soltei um soluço feio contra seu peito.

— Pazzaaaaa.

Ren se afasta o suficiente para segurar meu rosto com as duas mãos e procurar meus olhos.

— Frankie, não consigo entender você.

— Pazza, meu cachorro. — Consigo respirar longa e lentamente sem chorar. — Ela está com Lo.

— Sua amiga Lorena?

Eu franzir a testa.

— S-sim, Lorena. Mas como você sabe?

— Você a mencionou várias vezes, Frankie.

Tenho certeza de que devo tê-la mencionado *uma vez*, mas... Os polegares de Ren acariciam minhas bochechas, fazendo com que essa sensação de atordoamento me envolva. Minha respiração se acalma novamente e as lágrimas finalmente param de embaçar minha visão.

— Pazza — eu sussurro.

— Você quer ir para a casa de Lorena? Você precisa de um lugar para ficar até que eles resolvam isso e você se sinta segura para voltar para casa.

Lo tem uma nova namorada, Mia. Uma nova namorada pela qual ela está ligeiramente obcecada, que recentemente deu o salto da coabitação e se mudou para o estúdio de Lorena. Não posso ficar na casa de Lo. Não há nenhum lugar para dormir e nenhuma privacidade.

Então há Annie. Annie e Tim estão esperando seu primeiro filho, e seu segundo quarto agora é um berçário, sem falar que eles estão no hospital, possivelmente se preparando para trazerem um bebê prematuro para casa. Claro, eles têm um sofá, mas não posso dormir em sofás porque são um inferno para minhas articulações.

A última vez que dormi em um sofá foi em uma festa em casa na

faculdade e, na manhã seguinte, não consegui sair dele. Eu tive que ser ajudada a ficar ereta pelo cara que eu tinha acabado de me entregar para namorar. Assim que ele me fez levantar, ele inventou uma desculpa sobre uma sessão de estudo de sábado que ele havia esquecido. Ele nunca me viu ter um dia ruim, e no meu primeiro, isso o assustou. Na minha caminhada lenta para casa, eu mandei uma mensagem para ele de que tínhamos acabado. Então me sentei no chuveiro até que a água quente acabasse, acalmando as dores nas articulações tanto quanto no coração.

— Hum. — Eu limpo meu nariz. — Acho que vou conseguir um hotel hoje à noite.

Ren franze a testa.

— Uma ova que você está dormindo em um hotel, Frankie. Você acabou de voltar para uma casa saqueada. Você precisa estar com amigos.

— Søren. — Eu esfrego meu rosto. Ele está certo e não quero admitir. Não quero ficar em algum lugar impessoal e sozinha. Mas não tenho outras opções. — Você está sendo arrogante.

— Francesca. Você está sendo teimosa.

Eu deixo cair minhas mãos.

— Não tenho um grande círculo de amizades. Tenho dois amigos e nenhum deles tem lugar para mim.

Ren se curva para que nossos olhos se encontrem. Segurando meu olhar, ele estende a mão, voltada para cima. Sem pensar, eu deslizo minha palma sobre a dele, engolindo um suspiro com o calor de sua pele. Seus dedos envolvem suavemente os meus.

— Você se esqueceu de mais um amigo de Los Angeles, e ele tem mais espaço do que pode fazer com ele, Frankie. — Aquele sorriso brilhante de Ren Bergman cintila ao luar. — Eu.

REN

Música da Playlist: “Sisyphus” - Andrew Bird

ISTO É BOM. Está bem. Estou bem.

Se eu disser isso a mim mesmo o suficiente, vai ficar tudo bem.

Frankie está sentada no banco de trás, falando com voz de bebê com seu cachorro, Pazza, uma mistura de Husky Siberiano e Malamute do Alasca. Ela não está mais chorando, o que melhorou significativamente minha capacidade de respirar adequadamente e nos levar com segurança para minha casa. Frankie chorando me fez sentir como se meu coração estivesse sendo arrancado do peito.

Após falar com os policiais, eles confirmaram uma invasão e fizeram um inventário do que foi roubado – sua TV, o monitor do computador que ela conecta ao notebook, remédios de emergência, a maioria de suas roupas e muitos itens da despensa. Uma pequena consolação era que ela mantinha todas as informações confidenciais em um cofre seguro, então a polícia estava confiante que sua identidade não seria roubada.

Sem mais nada para fazer no bangalô, eu nos conduzi, a pedido dela, até o drive-thru do In-N-Out, preparado para comprar a franquia se necessário, o que fosse preciso para colocar um sorriso em seu rosto.

Dois milkshakes de chocolate, três batatas fritas grandes e um Double-Double mais tarde, Frankie parecia provisoriamente reconfortada. Mas nossa viagem para a casa de Lorena em Echo Park foi a verdadeira solução. Ela não parou de sorrir, acariciando Pazza, uma enorme cadela preta e branca com olhos de ouro penetrantes que me encara pelo retrovisor, mostrando os dentes.

— Frankie?

— Sim? — ela cantarola bem no pescoço peludo da cadela. — Quem é minha boa menina?

Pazza finalmente interrompe seu olhar por tempo suficiente para se virar e lambe o rosto de Frankie.

— Parece que sua Musky quer me comer no jantar.

Frankie ri baixinho.

— Esta mistura é chamada Alusky, Søren.

Tento ignorar o quanto gosto de ouvir Frankie dizer meu nome completo. Eu me curei da maioria das feridas sofridas nos dez anos difíceis da adolescência, mas a provocação brutal que recebi pelo meu nome é como a última cicatriz dolorida que simplesmente não desaparece. *Ninguém* me chama de Søren, exceto Axel quando ele está procurando por uma briga.

Quando Frankie diz meu nome, soa caloroso, e quando deixo minha

imaginação se levar, eu até diria afetuoso.

Eu paro na minha garagem.

— Um Alusky.

— Sim. E ela não come jogadores de hóquei grandes e durões. Ela come livre de grãos.

Jogando o carro no estacionamento, eu olho por cima do ombro.

— Bem, eu também estou livre de grãos. Isso não é reconfortante, ouvir que sua loba é paleo.

— Ela não é uma loba! — Pazza acaricia Frankie, empurrando-a suavemente para trás no assento. Imediatamente, o cachorro ganiu e colocou a cabeça no seu colo. — Estou bem, Pazza.

— Nós temos tudo que ela precisa por agora?

Frankie sorri para mim por cima da cabeça do cachorro.

— Sim. Lo preparou comida suficiente para alguns dias.

— Você *faz* comida para ela?

Os olhos de Frankie se estreitam.

— Sim, Søren.

— Não venha com "Søren", Francesca. Foi uma pergunta.

— Você repetiu o que eu disse.

— Eu só fiquei surpreso, Frankie. Eu não estou julgando.

— Ótimo, — ela diz — porque alimentar seu cão com comida fresca comprovadamente aumenta a saúde e a longevidade dele. — Frankie beija a cabeça de Pazza. — Eu a quero por perto enquanto eu puder tê-la.

Há uma ternura na voz de Frankie que nunca ouvi antes. No trabalho ela é rápida e sem sentido. Mas, assim como quando eu a surpreendi outra noite trazendo aquela camisa e acabei compartilhando sua comida, é o outro lado de Francesca Zeferino que me faz sentir ainda mais sentimentos fora de questão por ela.

O que é desastroso. Super desastroso. Posso não ler romances tão vorazmente quanto Viggo, mas aprendi o suficiente na minha época para saber que o amor proibido é uma trope confusa, uma linha de história tão carregada — além de triângulos amorosos e malditos — quanto pode ser.

Prova A: *Romeu e Julieta*. O amor deles é proibido, o momento é terrível, mas eles estão tão apaixonados um pelo outro que jogam a cautela ao vento. Cortejo impaciente, casamento forçado, falta de comunicação, temperamentos impetuosos, violência, conexões perdidas, tudo termina no par desafortunado se matando.

Sim. O amor proibido é aquele a ser evitado. O que significa, é claro, que estou no meio de tudo isso. Vida típica de Søren Bergman.

Saio do carro com um suspiro, circulo a van e abro a porta traseira do passageiro.

Frankie sai dele, seguida por sua cadela.

— Pazza, sente-se — diz Frankie.

Pazza fica de cócoras, abanando o rabo.

— Boa menina. *Ben fatto*. *Brava* — Frankie cantarola e coça a orelha dela. Sua voz é baixa e cadente, como quando ela diz *Zenzero*. É ridiculamente quente.

Olhando para mim, ela franze a testa, seus olhos se estreitando com preocupação enquanto ela examina meu rosto.

— Tudo certo? — ela pergunta.

— Sim. Está tudo bem. — *Não está nada bem.* — Você, uh, fala um pouco de italiano?

— Oh. Muito fluente. Meu pai veio com minha avó quando ele tinha cinco anos. Então, eu cresci falando isso com eles. E eu sou um pouco poliglota. Adoro aprender novos idiomas.

Ótimo. Simplesmente ótimo. A mulher que está prestes a se tornar uma hóspede em minha casa e por quem nutro sentimentos não correspondidos e inapropriadamente amorosos, também fala uma linguagem romântica sexy.

A imagem espontânea de Frankie sussurrando italiano em meu ouvido enquanto seu toque vagueia pelo meu corpo praticamente me cega enquanto voa pela minha mente, uma fantasia com tão pouca chance de um futuro quanto a estrela moribunda que dispara no céu acima.

Eu pisco, sacudindo-me desses pensamentos.

— Isso é impressionante.

— "*Pazza*" também é italiana — diz Frankie alegremente, curvando-se para beijar o focinho da cadela. — Bem, o nome dela é. Significa *loucura*. Porque ela era absolutamente louca quando era filhote — Estou falando de psicótica. Ela era como a Coelhinha Energizer... — Os olhos de Frankie dançam na minha direção e ela franze a testa. — Tem certeza que está bem, Ren? Acho que isso é um pouco mais do que você esperava quando me ofereceu uma carona para casa, hein?

— Frankie, fico feliz em ter você aqui. Bem, quero dizer, não estou feliz que sua casa tenha sido roubada. — Eu suspiro e esfrego meu rosto.

Um sorriso surge em sua boca.

— Eu sei o que você quer dizer — diz ela calmamente.

— Certo. Vamos entrar. — Dou um passo em sua direção, alcançando a bolsa de carteiro que pesa em seu ombro, mas Frankie ergue as mãos. — Espere, Ren! *Pazza* é territorial... — a voz dela morre quando o cachorro se aproxima de mim, cheira minha mão e arrasta a língua ao longo de meus dedos.

Fico imóvel, observando *Pazza* me acariciar, antes que ela solte um chiado baixo. Ela olha para cima e segura meus olhos, inclinando a cabeça para o lado.

— Ela gosta de você — Frankie diz baixinho.

Eu afasto meu olhar de *Pazza* e olho para Frankie.

— Parece uma cadela amigável. Ela não gosta de todo mundo? Além do entregador.

— Não. Ela é cautelosa com todos, exceto Lo e Annie. Ela é ok com Tim, começando a gostar de Mia.

— Bem, então estou honrado. — Coço a outra orelha de *Pazza* e sorrio para ela. — É um bom clube de se fazer parte.

Quando eu olho para cima, Frankie está me observando com

curiosidade, um pequeno sorriso puxando sua boca até que se transforma em um bocejo relutante.

— Vamos, Francesca. Vamos colocar você e Pazza na cama.

Acordo com a luz fraca do sol, bem cedo, como sempre. A casa está quieta. Nenhum barulho de patas de cachorro, nenhum ruído suave que eu poderia esperar se Frankie estivesse acordada. Vestindo um short de ginástica e uma camiseta, passo pelo quarto de hóspedes que arrumei para ela. A porta está fechada.

Na cozinha, noto que minha máquina Nespresso foi usada e uma colher solitária está ao lado da pia com uma pequena poça de caramelo. Leite com café. Exatamente como Frankie gosta. Creme, se estiver disponível, um açúcar.

Eu pareço um esquisito sabendo disso. Mas tendo sentimentos não correspondidos por uma mulher por mais de três anos, sem nenhuma oportunidade apropriada de socializar fora do trabalho sem levantar suspeitas, você absorve cada pequeno detalhe que pode quando estão juntos.

O barulho fraco de um cachorro latindo vem da costa. Sigo o som, abrindo as portas de correr para o terraço, e sou saudado por uma visão para a qual gostaria de ter tido os meios para me preparar.

Frankie em calças de ioga e outro moletom enorme. Ela fica descalça na praia, jogando uma bola para Pazza, que dispara ao longo da areia firme e a pega agilmente para longe das ondas espumosas que ondulam em sua direção. O vento varre o cabelo escuro de Frankie em tiras escuras que brilham contra o nascer do sol. O sol rasteja sobre a beira da água, ressaltando suas maçãs do rosto, a suave elevação de seu nariz.

Seu sorriso é pequeno, seus pensamentos parecem distantes.

Raramente há um sorriso aquecendo o rosto de Frankie. Na maioria das vezes, sua boca é definida em uma linha dura. Os caras fazem piada sobre isso – Frank, a Excêntrica, como eles a chamam. Mas eu nunca a vi assim. Ela é séria. Sem besteira. Mas muitas vezes as mulheres sentem que precisam ser assim para serem respeitadas em seu trabalho, para garantir que os homens não tenham ideias e ultrapassem limites.

Além disso, ela tem artrite. Ela nem sempre parece desconfortável, mas posso dizer quando ela está com dor, e não é raro. Eu não andaria exatamente por aí sorrindo constantemente se meu corpo doesse assim.

Não que você acredite que a inflamação esgote as articulações de Frankie enquanto ela chicoteia a bola no ar em um arremesso de bola rápida. Um assobio involuntário de apreciação me deixa, e sua cabeça chicoteia em minha direção, o retrato de surpresa.

Então, a coisa mais estranha acontece. Seus olhos se enrugam. Sua boca se abre em um largo sorriso. A covinha aparece. E meu coração quase cai fora do meu peito. Ela parece... feliz em me ver.

Eu absorvo, ganancioso, faminto. Um olhar como esse é uma vez na

vida. Porque Frankie grunhe muito olá. Acenos rápidos, sem contato visual. Claro, eu sei que ela me respeita, que ela confia em mim para ser uma pessoa decente no que diz respeito ao nosso trabalho, mas isso?

Isso é novo. Raro. Um nó de nervos aperta meu estômago enquanto eu levanto a mão timidamente.

Ela levanta sua garrafa térmica de café em resposta e grita.

— Venha! Não posso jogar essa bola para sempre!

Correndo pela areia, pego a bola de Pazza quando ela volta com ela. Então eu a jogo em um arco alto pelo ar.

Frankie observa com os olhos estreitos.

— Exibido — ela murmura em sua garrafa térmica antes de tomar um gole.

— Diz a mulher com um arremesso de softball médio.

Ela olha para mim.

— Você viu isso, não é?

— Eu vi. Você está escondendo algo de mim, Zeferino?

— Dificilmente. — Ela toma seu café novamente. — Eu não jogo softball desde o primeiro ano do ensino médio, antes de... — Outro gole de café. — Já faz muito tempo. E isso dói como o inferno. Como eu não desloquei meu cotovelo lançando assim, eu nunca saberei.

Quando ela volta, dou um afago afetuoso em Pazza e, em seguida, jogo a bola para ela novamente.

— Bem, parece que você ainda tem isso.

Frankie me lança um olhar de soslaio. Suas bochechas ficam um pouco rosadas, antes de seus olhos se desviarem.

— Obrigada.

O silêncio cai entre nós, mas eu não me importo. Cresci em meio ao caos — uma família de seis irmãos e dois pais ocupados — e sei como contornar isso, como gritar alto o suficiente para ser ouvido, como empurrar, provocar e competir por atenção. Mas depois de dois anos morando em minha casa na praia, essa casa grande que espero que um dia fique tão cheia de amável caos quanto aquela em que cresci, aprendi a desfrutar do sossego. Então, eu ouço as ondas quebrando na costa. Eu vejo o vento ondular o cabelo de Frankie no ar enquanto o nascer do sol surge sobre a água. E parece inexplicavelmente certo.

— Zenzero.

Eu acordo.

— Eu estava encarando. Desculpa. Você parece bem iluminada pelo nascer do sol — isto é, quero dizer, essa foi uma declaração estritamente platônica... — Minha voz desaparece quando um rubor queima minhas bochechas.

Frankie sorri para mim.

— Não se preocupe. Você ainda é fofo, mesmo tropeçando em suas palavras, Sr. Calmo-Legal-e-Feliz.

Eu franzo a testa para ela.

— É assim que você me vê? — Experimente Enlouquecido-Quente-e-Incomodado.

Ela encolhe os ombros e volta a se concentrar em Pazza.

— Estou começando a descobrir que há mais em você do que aquele sorriso ensolarado.

— E o que seria?

Pazza vem disparando em nossa direção e desliza até parar na areia a nossos pés enquanto deixa a bola cair. Inclinando a cabeça, ela olha entre nós dois, sua língua saltando feliz para fora de sua boca.

Frankie pega a bola da areia e a joga suavemente no ar, pegando-a quando ela passa por mim.

— Um tímido, nerd, querido. Tenho pena das mulheres de Los Angeles quando isso vazar, Ren.

— Espera. — Eu me esforço para alcançar Frankie, o que não é difícil. Ela se move mais devagar pela manhã. Ela também não está usando a bengala, então ela favorece a perna esquerda e anda com cuidado. — Frankie, só para deixar claro, quero que minha vida pessoal seja apenas entre mim e os amigos.

Frankie para na parte inferior da escada do meu deque.

— Então, somos amigos, não é?

— Você disse isso na outra noite.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Verdade. Mas se minha memória confusa de maconha não me falha, fiz você se passar por um tomate quando disse isso.

Eu esfrego meu pescoço.

— Você me pegou desprevenido. Eu não sabia que você gostava de mim o suficiente para me chamar de amigo.

O sorriso de Frankie desaparece.

— O quê?

— Não, espere. — Eu engulo em seco nervosamente. — Isso saiu errado. E-eu preciso de café. Vamos entrar e vou tentar de novo.

Frankie vai na frente, mas Pazza para, bloqueando meu progresso enquanto ela olha para cima e me lança um olhar incrédulo.

— Confie em mim — murmuro para o cachorro. — Ryder me contou tudo sobre isso. Eu sou o rei em meter o pé pelas mãos. — Pazza bufa e sai trotando na minha frente.

Depois que Frankie lava seus pés e as patinhas de Pazza, nós nos acomodamos na cozinha. O som de um cachorro lambendo sua comida é o único barulho na sala enquanto Frankie está na ilha e sorri para mim enquanto toma seu café. Eu engulo um gole escaldante e tento formular meus pensamentos. Eu sou tão irritantemente desajeitado com minhas palavras perto dela.

Colocando meu café na mesa, estreito meus olhos para seu sorriso divertido.

— Gosta de me ver me sofrer?

O sorriso de Frankie se aprofunda e a covinha aparece.

— Não posso mentir, Zenzero, é divertido. Você geralmente é tão tranquilo.

Giro minha caneca de café lentamente, no sentido horário.

— Aprendi que as coisas vão melhor para mim quando é isso que as outras pessoas veem.

— Mas isso não é tudo que existe, é? O que a maioria das pessoas vê é... incompleto.

Meus olhos levantam e encontram os dela. Suas íris brilham, verde floresta salpicado com ouro, como a luz do sol espreitando através de um dossel de folhas.

— Sim.

— Bem — diz Frankie enquanto ela coloca seu café e pigarreia. — Tenho muita empatia por isso, Zenzero. Seu segredo está seguro comigo.

Eu inclino minha cabeça, esperando que ela me dê mais. Em vez disso, ela se vira e diz:

— Já que estamos falando sobre privacidade, quero que você considere como minha permanência com você parece. Preciso que fique bem claro com a equipe que circunstâncias atenuantes, e nada mais, me levaram a ficar com você.

— Entendido. Vou contar para os caras para que não haja rumores. Sua casa foi invadida. Eu moro perto. Era tarde. Você dormiu aqui. Você ficará aqui até que seja seguro voltar. Tudo bem?

— Sim, isso funciona. — Lentamente, ela caminha até a pia e enxágua a caneca, assobiando para Pazza. — Exceto... você fala sério sobre eu ficar aqui até que a casa esteja pronta? Não que demore muito, apenas até que o proprietário conserte o pequeno estrago, troque as fechaduras e o seguro consiga o que precisa.

— Claro, eu estou falando sério. E imagino que pode demorar um pouco até que você se sinta confortável em voltar para casa, mesmo depois que eles endireitarem tudo e estiver seguro novamente. Então, saiba que este lugar é seu pelo tempo que quiser.

Ela parece hesitar, mordendo o lábio.

— Obrigada. Da minha parte, vou falar com a Darlene, informá-la sobre a nossa situação de viver juntos. Apenas ser aberta sobre isso para que não seja estranho. — Darlene é a chefe dela. A chefe de toda a nossa mídia e relações públicas. — Vou tomar um banho, então.

Calor corre através de mim. É muito fácil imaginar a água deslizando pelo seu peito, franzindo entre as coxas. Eu expiro com força e puxo minha camisa, tentando me refrescar.

— Banho. Certo. Excelente.

Deus, estou perdido.

Frankie me dá um sorriso divertido.

— Ok. Estarei pronta às oito?

— Parece bom. — Eu engulo o resto do meu café, esperando que seu caminho queimando em minha garganta me distraia. *Não faça isso. Não mais. Não pense em Frankie nua no chuveiro. Não. Não. Não.*

A água quente começa a cair e eu abaixo minha cabeça no balcão com um gemido.

Tarde demais.

FRANKIE

Música da Playlist: "Go Wild" - Friedberg

ANNIE ME ENCARA sem acreditar.

— Por que só estou ouvindo agora sobre isso?

Eu me mexo na minha cadeira no café ao ar livre que é nosso local de almoço habitual. É um ponto intermediário entre o centro de treinamento, o laboratório de pesquisa de Annie e o campus onde Lorena dá aulas. Ren e eu temos um trabalho vespertino de relações públicas no Children's, e ele se ofereceu para me levar depois do almoço com minhas amigas.

Enquanto hesito em me explicar para Annie, olho para Ren, sentado do outro lado do café. Ele toma um gole de chá, livro na mão. Ele está escondido em uma mesa para dois situada em um canto escuro.

— Eu não queria preocupá-la — digo-lhe. — Você estava possivelmente dando à luz a um humano ontem à noite. Você está em uma condição delicada.

Annie bufa.

— Ouça, eu sei que lemos aquele romance de época fascinante no outro mês no clube do livro, mas essa frase não se sustenta. Eu não estou delicada. Estou grávida. E era indigestão, aparentemente. Posso lidar com más notícias sem ter um ataque de histeria. Ligue-me da próxima vez que sua casa for invadida e saqueada.

Encontro os grandes olhos verde-musgo de Annie. Ela empurra seus óculos de nerd para cima do nariz de botão sardento e franze a testa para mim.

— Estou falando sério — ela diz.

Eu agarro sua mão e aperto.

— Desculpa.

— Eu perdoo você. — Annie apunhala um pedaço de frango, alface e tomate, depois os enfia na boca. — Desde que você venha para hidroginástica esta noite.

— Argh, tudo bem. Sei que estou faltando muito, mas a agenda dos playoffs é brutal. Eu estarei livre para molhar minha bunda consistentemente assim que terminarmos.

— Vocês duas e sua hidroginástica. — Lo balança a cabeça, então congela enquanto percorre seu telefone. — Ei, Frankie. Você esteve no Twitter recentemente?

Eu sinto minha cor sumir. Sou experiente em mídia social o suficiente para saber que isso nunca leva a nada bom.

— Não desde esta manhã. Fizemos uma sessão de perguntas e

respostas ao vivo no vestiário após o treino para a campanha publicitária dos playoffs esta manhã, então eu vim para cá. Por quê?

Lo desliza seu telefone em minha direção. É uma foto de paparazzi, tirada do lado de fora do centro de treinamento, antes de Ren e eu sairmos para vir aqui. Sua mão repousa no final das minhas costas enquanto ele alcança a porta do carro. Um pequeno gesto quando bati meu dedo do pé no asfalto irregular, que parecia tão surpreendentemente *bom*. Talvez seja porque ele não disse nada. Apenas gentilmente me firmou com aquela mão quente e sólida enquanto ele abria minha porta.

Annie se inclina para ver o Twitter se desenrolando com comentários que fazem meu estômago revirar. Empurrando os óculos no nariz, ela olha do telefone de Lo para mim.

— Uau. Muitas mulheres já não gostam de você, hein?

Os comentários se desenrolam em velocidade alarmante. Alguns são legais. Muitos são terríveis.

Ooh, eu quero os sapatos dela.

Isso é uma bengala?

Uau. Eu pensei que ele era gay.

Lorena mastiga um cubo de gelo de seu chá e pragueja baixinho.

— É por isso que precisamos do feminismo. Para exorcizar o patriarcado embutido em nossa cultura, as mulheres precisam parar de internalizar práticas masculinas tóxicas, como a agressão hierárquica, e depois empunhá-las umas contra as outras.

Annie se recosta na cadeira e põe o prato na barriga redonda com um suspiro.

— Embora seja verdade, Lo, talvez o que Frankie precise seja de menos crítica cultural e uma visão mais prática agora.

Lo levanta as mãos.

— Estou na academia de artes liberais. Eu sou a pior pessoa a quem recorrer para qualquer coisa prática.

Ambas as minhas amigas se viram para me encarar. Suas cabeças se inclinam em olhares duplos de preocupação. A doce e pequenina Annie, com seu pragmatismo e seu grande coração. Lo com aqueles olhos cor de mocha afiados e piercings faciais fodões que escondem uma alma sensível e filosófica. Elas são tão diferentes por fora quanto por dentro. E especialmente agora, não sei o que faria sem elas.

— Está tudo bem. — Eu encolho os ombros. — Nada a ser feito, realmente. Apenas esperar pelos comentários, quando me chamarem de foda de piedade dele.

— Oops, acabou de chegar um — murmura Annie.

Lo e eu giramos nossos olhares para ela.

Annie fica vermelha e afunda mais na cadeira.

— Desculpa. Cérebro de gravidez. Posso ter um passe para isso?

— Um — Lo diz severamente. Ela pega o telefone de Annie, percorrendo os comentários. Sua expressão endurece, e ela vira o telefone, colocando-o sobre a mesa para que a tela fique oculta. — Eu

quero dar um soco na garganta desses trolls do mal.

— Mas você não pode — eu a lembro. — Então, vamos seguir em frente, certo?

Lo me encara por um longo minuto. Ela tem uma capacidade muito perturbadora de intuir meus pensamentos, então eu pisco para longe, evitando o contato visual enquanto respiro longa e lentamente para acalmar meu coração acelerado. Tenho experiência com isso, talvez não com isso sendo dirigido de forma tão agressiva contra *mim*, mas a mídia social é uma fera com a qual lido com competência todos os dias.

Não é grande coisa. As pessoas são idiotas. Estou acostumada a ser julgada por minha aparência — a bengala e meu rosto sem expressão. O que é algumas centenas de milhares de pessoas pensando o pior de mim?

— Então — Annie diz, apertando minha mão afetuosamente. — Quando você receberá sua carta de aceitação da UCLA?

— Isso não é uma coisa certa — eu a lembro. — Quem sabe se serei aceita?

Annie revira os olhos.

— Por favor. Você será aceita. Você foi feita para fazer direito desportivo. Seus documentos de admissão foram perfeitos.

— É verdade — diz Lo. — Eu os editei para você. Eu me certifiquei disso.

— Veremos — murmuro.

Annie dá um tapinha na minha mão.

— Vamos mudar de assunto. Eu posso ver você ficando chateada em falar sobre isso.

— Pensar sobre isso me faz ficar ansiosa. Prefiro esquecer que apliquei e ficar agradavelmente surpresa se, de alguma forma, conseguir entrar.

— É justo — diz Annie. — Como vai o ensino, Lo?

Enquanto Lo responde, meu olhar vagueia para Ren, escondido em seu canto circunspecto. Seu livro repousa sobre uma pequena mesa de duas cadeiras, a água e o chá perfeitamente lado a lado.

— Frankie. — A voz de Lo me assusta.

Eu olho de volta para ela.

— O quê?

Ela move o piercing no lábio com a língua e mexe as sobrancelhas, fazendo com que os piercings do local façam uma pequena dança.

— Vê algo que você gosta?

Minhas bochechas esquentam. Eu torço meus dedos em meu colar.

— Eu estava apenas olhando para o nada.

Lo ergue uma sobrancelha. Aprendi que este é um código para *mentira*.

Annie geme, alheia à nossa troca.

— Deus. Estou farta de estar grávida.

— Você não vai dar à luz logo? — Eu pergunto a ela. — Você parece o pão da minha avó quando ela o deixa de fora por muito tempo para fermentar.

Lo se engasga com a água.

Annie me encara sem acreditar.

— Frankie. Eu tenho mais um mês, pelo menos.

Há um dos meus momentos Por-que-você-abriu-a-boca-e-disse-o-óbvio? para você. Eu faço uma careta.

— Desculpe, Annie. Eu não queria insultá-la. Você é apenas uma pessoa minúscula com o bebê de um cara alto dentro de você. E—

Lo limpa a garganta ruidosamente e levanta as sobrancelhas. Se um estranho fizesse isso, eu perderia isso, mas construí confiança em minhas amigas e não acho uma pequena direção social aqui e ali ofensiva ou condescendente. É útil, na verdade, e eu disse isso a elas.

Annie pega o garfo, segurando-o sobre a salada.

— Eu quero rir sem fazer xixi em mim mesma. Eu quero beber cerveja de novo. — Olhando para o prato em sua barriga, Annie franze a testa para a comida. — E eu quero comer você. Mas eu não tenho espaço.

— Pobre Annie. — Lo dá a Annie um sorriso empático antes de morder seu tofu e burrito de feijão. — Então, depois que você entrar na faculdade de direito, Frankie, por quanto tempo mais você fará este trabalho? Você vai tirar uma folga? Porque quero planejar algo divertido com você entre isso e o início do semestre.

— Não, está tudo bem — diz Annie. — Eu apenas estarei vazando leite materno, destruída pelo nascimento do bebê monstro de Tim. Mas, por favor, planeje uma viagem a Napa sem mim.

Lo emite um *tsc*.

— Estou falando algo como um dia no spa e um filme em pijamas. Para *todas* nós. Nova mamãe inclusa.

Annie se anima e sorri.

— Ok. Continuem planejando, então.

Eu tomo um gole do meu refrigerante.

— Depende dos playoffs. Meu pensamento é que darei meu aviso prévio de duas semanas assim que perdermos. Economizei um pouco do pé-de-meia. Eu gostaria de estudar um pouco e, do contrário, tirar alguns meses de folga para relaxar um pouco até o início das aulas.

— Ótimo. — Lo sorri, olhando por cima do meu ombro. — Algum plano para *relaxar* com o gostoso do hóquei?

— Sim, claro — murmuro enquanto mordo um pedaço de pizza. — Transar com Ren seria um ponto alto na minha vida, se ele for tão coordenado na cama quanto no gelo, mas ele está esperando por outra pessoa.

Meu estômago azeda ao dizer isso. Eu esfrego minha barriga e bebo um pouco de água.

— Quem é ela? — Lo pergunta.

— Alguém que não está disponível agora, mas que ele tem esperança de poder eventualmente conseguir. Não sei os detalhes, apenas que ele está disposto a esperar por ela.

Annie inclina a cabeça, olhando de Ren para mim.

— Você não tem ideia de quem é? Ele não te contou, nem mesmo deu

a entender?

— Bem, se ele fez isso, você sabe que eu não pego dicas — eu a lembro. — E não, eu realmente não tenho ideia.

— Huh. — Lo olha além de mim, direto para Ren, sua testa franzida em pensamento.

Eu espio por cima do ombro e olho para Ren novamente enquanto ele vira a página de seu livro, então sorri. Meu coração aperta estranhamente e eu me viro.

— O quê? — Eu pergunto as duas.

— Senhor, me ajude — diz Annie. — Ele sorri enquanto lê.

Lo sorri.

— E ele bebe chá de ervas.

— Ele é *adorável* — elas dizem em uníssono.

— Shh! — Eu sinto minhas bochechas ficando vermelhas. — Sério, pare, vocês duas.

Os olhos de Lorena vasculham Ren.

— Eu não sei, Frankie. Eu digo para você dar seu aviso prévio com duas semanas de antecedência, e então se jogar em sua bela bunda.

Annie suspira melancolicamente. Seu prato de comida nem mesmo balança, descansando firmemente em seu estômago redondo.

— Lo está certa. Vá em frente. Você gosta dele. Vocês dois se dão bem.

— Uau, que razão convincente para me jogar nele — eu digo secamente. — Por esse critério, eu deveria chamar nosso garçom para sair.

Annie geme, cruza os olhos com Lorena e então olha para mim.

— Frankie, ele é bonito. E ridiculamente legal.

Eu dou uma olhada para ela.

— Você o conheceu uma vez. Ele disse oi para você e sorriu. E só isso.

— E daí? — ela atira de volta. — Sua saudação foi encantadora e memorável. E você disse que vocês dois se consideram amigos. Só estou dizendo que acho que Lo está no caminho certo.

— Senhoras. Ele não está a fim de mim. Ele é o epítome de educado e amigável, é isso. Além disso, sabemos que Frankie não está seguindo o caminho do amor.

A pequena mão de Annie repousa sobre a minha.

— Discutimos que os caras são um pouco como um ponto fraco para você.

— E *você* diz que não está indo para o caminho do amor — Lo diz fazendo um movimento peculiar com a sua sobrancelha com piercing — mas nós dizemos, besteira.

Eu dou carranca para ela.

Lo pega minha outra mão.

— O homem que é digno de seu amor não vai tratá-la como sua família fez. Você é uma mulher brilhante, Frankie, mas parece precisar do lembrete de que a interação da vida de casal pode ser mutuamente íntimo, fortalecedor e recíproco...

— Lá vamos nós — murmuro.

— E hora de superar essa atitude negativa em relação a isso — ela continua alegremente. — Fale sobre isso com a terapeuta, por favor? É hora de se preparar para o amor. Porque acredite em mim, quando o amor vier, você vai querer estar pronta. Você não sentiu aquelas borboletas, o revirar do estômago, a sensação de que seu coração está prestes a saltar do peito. Quando você sente isso, tudo muda.

Minha pizza se revira no meu estômago. Eu senti a maioria dessas coisas apenas olhando para Ren. Eu guardo esse detalhe inquietante para mim.

— E só porque um cara não está pulando em cima de você, não significa que ele não te queira — acrescenta Annie. — Na falta dele seduzir você, vamos considerar o fato de que Ren *ilustra* pré-requisitos importantes para um candidato a namorado sólido. — Ela levanta os dedos e começa a marcá-los. — Ele é um cavalheiro. Ele é ruivo.

Lo gargalha.

— Frankie é louca por ruivos. — Eu a chuto por baixo da mesa.

— Ele gosta de ler — continua Annie. — Ele se preocupa com sua comunidade. Depois disso, você vai gravar um vídeo dele lendo para crianças doentes, pelo amor de Deus!

— Seu ponto? — Enfio um pedaço de pizza na boca e mastigo.

Annie pisca para mim, como uma coruja através dos óculos.

— Meu ponto é que ele é especial. Ele está sentado em um café, claramente não porque está com fome, mas porque prefere lidar com ser cobiçado por um restaurante inteiro só para dar uma carona para você, ao invés de evitar essa merda e encontrá-la lá. Acho que ele não é apenas um ser humano fantástico. Acho que você significa algo para ele.

— Isso... isso... é uma coisa de trabalho.

— Você sabe, em ciências, — diz Annie — o princípio lógico chamado Navalha de Occam.

Eu olho para ela.

— Sim?

— Bem, diz que devemos aceitar, até que tenhamos razão em contrário, que a explicação mais simples para suas informações é a mais lógica e, portanto, provável. Isso se aplica de forma ampla, eu acho. Para a vida. Para os sentimentos.

— Annie. Eu não sou uma cientista. Ren e eu não somos um experimento.

— Bem, você está certa, é claro. — Ela rouba uma fatia da minha pizza e dá uma mordida. — Mas esta é a verdade simples: você e Ren se gostam e se sentem confortáveis perto um do outro. Não é?

— Sim — eu resmungo.

— Então, explore isso. Quero dizer, se você quiser. O que eu acho que você parece querer... Estou errada?

Eu olho para a minha pizza e suspiro.

— Não. Quer dizer, eu gosto dele.

Gosto dele. Ok, talvez eu mais do que *goste* dele. Mas é simplesmente carnal, não é? Estou tão sexualmente atraída por aquele doce pãozinho

de canela de homem, é loucura.

Annie se inclina.

— E você se sente atraída por ele?

— Sim — eu admito. — Mas eu realmente não acho que ele me vê dessa maneira, e nós trabalhamos juntos—

Lorena bate palmas.

— Aleluia, ela vai transar. Então, talvez ela não seja tão ácida no clube do livro.

Minha pizza recebe o peso de minhas emoções. Eu mordo violentamente e arranco outro bocado.

— Eu não estava sendo ácida. Aquele livro era um lixo. Não aconteceu nada por, tipo, seiscentas páginas.

Lorena respira fundo.

— O quê? — Eu sigo seu olhar de volta para a mesa de Ren e quase engasgo com a pizza, deixando minhas bochechas cheias como as de um esquilo.

Uma mulher paira sobre ele. Ela está apoiando a bunda na mesa de Ren, envolvendo o braço em torno de sua cadeira. Ele se recosta totalmente na cadeira e coça a nuca. Ele está nervoso. Encurralado.

Vermelho tinge minha visão.

— Aquela maria patins vadia...

— Ei, senhora — Lorena diz. — O que é tudo isso, senhorita Eu-digo-Eu-acho-Eu-meio-que-gosto-dele?

Eu engulo minha mordida dolorosamente enorme de pizza e fico olhando.

— Eu só... Ele é meu amigo. Ele é tímido. Ele odeia atenção como essa.

— Ele é um menino crescido — Lorena ronrona. — Ele não precisa que você o defenda. A menos que você *queira* esclarecer algumas coisas com a mulher que está claramente demonstrando interesse...

Eu luto comigo mesma. Lorena está certa. Ren é um homem adulto. Ele pode cuidar de si mesmo. Mas Ren geralmente não o faz quando se trata de fãs. Ele é sempre educado. Educado *demais*.

De pé, pego minha bengala e caminho pelo café. Os olhos de Ren se erguem e prendem nos meus enquanto eu atravesso a sala, uma batida de energia e propósito jorrando por mim a cada passo. Seu olhar me fixa com uma intensidade descarada que enfraquece meus joelhos e me deixa feliz por ter algo em que me apoiar.

A voz da mulher morre quando paro na mesa. Ren se levanta, fazendo-a soltar sua cadeira e se sentar de volta na mesa. Seus olhos dançam entre os meus, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Oi — eu digo para a mulher em uma tentativa de sorriso. Ela se afasta um pouco, então acho que meu sorriso falso foi um fracasso brilhante, como sempre.

Meu estômago dá uma cambalhota estranha enquanto me inclino na minha bengala e volto minha atenção para Ren.

— Olá, Zenzero.

Ele engole em seco.

— Oi, Frankie.

— Você não deve ter me visto quando entrou. — Eu aceno em direção à minha mesa, onde Annie e Lorena acenam com entusiasmo exagerado. — Há um quarto lugar chamando seu nome.

Os ombros de Ren relaxam. Ele sorri enquanto pega seu livro e deixa uma nota de cinquenta na mesa.

— Com licença — ele diz para a mulher em um aceno educado, enquanto se aproxima de mim. — Eu tenho que ir.

Nós nos viramos e, mais uma vez, Ren coloca sua mão nas minhas costas para indicar que eu devo ir na frente dele. É apenas uma fração de segundo antes que ela desapareça, mas eu juro que meu coração correu uma maratona naquele minúsculo espaço de tempo.

— Obrigado — diz ele calmamente. — Eu deveria melhorar em escapar desse tipo de situação.

Eu sorrio para ele por cima do ombro.

— Qual é a sua tática usual?

— Inventar uma desculpa para o porquê de eu precisar ir embora.

— Ah. E você não saiu dessa vez porque...

Ele para no meio do caminho.

— Porque eu estava esperando por você. É claro, eu não fui embora.

— Você poderia ter esperado em seu carro, Ren. — Eu giro para poder encará-lo. — Você não tem que lidar com isso por minha causa.

A boca de Ren se curva em um sorriso fraco.

— O que você acha de me deixar me preocupar sobre como e onde eu espero por você, Francesca?

— Como quiser, Søren. — Eu belisco seu bíceps provocativamente. — Agora me ajude a terminar minha pizza para podermos ir para o Children's, depois ir para casa. Antes que Pazza faça cocô naquele seu sofá chique.

— Suas amigas são ótimas — Ren diz.

Eu franzo a testa enquanto olho pela janela do carro.

— Elas estão na casinha do cachorro.

Da próxima vez que fizer hidroginástica, vou contar a Annie aquela terrível piada sobre vegetais que ela nunca consegue superar. Ela vai fazer xixi na piscina de tanto histeria — obrigada, gravidez avançada de Annie. Lorena é a pior delinquente, no entanto. Estou enviando um gogo boy no seu horário de expediente. Isso vai ensiná-la.

Ren ri.

— Frankie. Você é fodona e legal. Suas amigas contando algumas histórias pouco embaraçosas e totalmente hilárias apenas completam o quadro.

Eu resmungo baixinho e me mexo no banco, tentando encontrar uma posição confortável. É meio difícil quando os dois quadris doem.

Ren segura o volante exatamente na posição das nove horas e quinze minutos, deixando a posição das nove horas apenas o suficiente para ajustar seu espelho retrovisor em um sinal vermelho.

— Você não estava falando sério sobre Pazza fazer cocô no sofá, estava?

— Não, eu não estava. Ela está enclausurada pelo dia. Quero dizer, já se passaram anos desde que ela mastigou até sair da sua casinha e rasgou todo o meu conjunto de móveis da sala.

Ren faz um barulho estrangulado e arrisca um olhar para mim.

— Você está brincando comigo, não é?

Eu sorrio.

— É divertido provocar você, Zenzero. Eu não posso evitar.

— Acredite em mim, eu já ouvi isso antes.

A culpa me atinge, pesando no meu intestino. Tanto porque sofri o peso de perder uma piada ou uma provocação muitas vezes para contar – acontece muito com um cérebro extremamente literal – e porque ele me disse outro dia que era uma daquelas crianças para quem o ensino médio era puro sofrimento. Ele provavelmente já foi provocado o suficiente por duas vidas.

— Ei. Desculpe-me. — Eu coloquei uma mão em sua coxa, e Doce Papai Noel Preso Na Chaminé, as pernas desse homem são duras como granito. Eu puxo minha mão para trás como se a tivesse queimado.

Ren limpa a garganta e acelera quando o sinal fica verde.

— Você não precisa se desculpar, Frankie.

Eu sinto que ele está escondendo alguma coisa, mas sou péssima em perceber momentos como esses. Esses são os momentos em que ser autista é frustrante e exaustivo. Especialmente quando as pessoas não sabem o que você está enfrentando.

Não falo sobre autismo no trabalho. Eu mascaro, o que é outra maneira de dizer, eu faço o que preciso fazer para parecer “normal”, e é por isso que Ren e os caras só veem Frank a Excêntrica, séria, sem sorrisos. Mas às vezes eu gostaria que Ren soubesse. Porque agora ele não entende o quanto eu preciso que ele não dance em torno da verdade, mas me diga diretamente. Não consigo ver através dessas camadas linguísticas difusas como muitos podem.

Quase sai da minha boca, mas, em vez disso, me mexo no banco novamente e mudo de assunto.

— Então... eu tenho algo para te contar. — Pode muito bem diminuir o boom agora. — Os paparazzis tiraram uma foto de nós saindo para almoçar juntos. O Twitter explodiu. Pode haver uma pequena conjectura de que estamos juntos.

Ren pisa no freio com força, nos empurrando para frente.

— Desculpa, o quê?

— Vai cair no esquecimento, Zenzero. — Eu agarro a alça acima da porta do carro, apenas no caso de ter outra sacudida.

Um rubor furioso sobe por seu pescoço e escurece suas bochechas.

— Oh.

— Oh? — Eu cutuco seu ombro. — Você está ficando monossilábico comigo.

Ele começa a balbuciar, suas bochechas escurecendo para um vermelho framboesa.

Tento ignorar essa facada no meu orgulho. É *tão* terrível estar temporariamente ligado a mim dessa maneira?

— Ren. Relaxar. Vai morrer por conta própria. E se você quiser que desapareça mais rápido, coloque-se lá fora e vá a alguns encontros reais. Seja visto com outra mulher...

— Não — diz ele bruscamente. Soltando um longo suspiro lento, Ren agarra o volante com força, em seguida, relaxa os dedos. — Desculpe, isso saiu hostil. Estou nervoso. O que eu quis dizer é que não estou interessado em namorar agora.

Uma estranha onda de ciúme me alfineta. Quem é essa mulher que ele está esperando, que tem esse direito profundo em seu coração?

— É melhor que esta mulher valha a pena, Bergman.

Sua boca está apertada. Ele balança a cabeça.

— Eu estou... não é... — Suspirando, ele vira a van para a garagem do hospital e pega uma vaga acessível. Pego meu adesivo de estacionamento e prendo em seu espelho.

— Isso afetará seu trabalho? — ele pergunta. — Você quer que eu entre em contato com Darlene?

Eu balanço minha cabeça.

— Não se preocupe. Eu já enviei um e-mail para ela para explicar mais cedo. Só sinto muito que você tenha que lidar com pessoas pensando que você está comigo—

— Frankie.

Eu congelo no meio de desafivelar.

— Sim?

Ren se vira em sua cadeira e me olha nos olhos.

— Eu ficaria *lisonjeado* se alguém pensasse que você estava comigo.

Meus ouvidos zumbem. Uma dor surda aperta meu coração enquanto cada alarme dispara dentro de mim.

Perigo! Perigo! Você está captando sentimentos por Ren Bergman.

Enquanto estou morando com ele. E tentando manter minha integridade profissional intacta. E mantendo meu coração selado.

Merda, merda, merda. Momento terrível, terrível, Francesca.

Abro a porta do meu carro, o que eu sei que vai encerrar essa conversa, pelo menos por agora, porque Ren é obstinado no cavalheirismo. Ele quase corre para o meu lado, segurando a porta aberta e me oferecendo a mão, como ele faz toda vez que descemos o ônibus de viagem e ele está na minha frente.

Não porque ele pensa que sou frágil ou que não posso fazer isso sozinha, mas porque Ren deveria ter nascido duzentos anos atrás, quando os homens ficavam de pé enquanto as mulheres entravam em uma sala, e os namoros eram beijos roubados em jardins iluminados pela lua.

— Não terminamos com essa conversa — diz ele com firmeza.
Dou um tapinha em seu ombro de forma tranquilizadora e reprimo meu sorriso.
— Como quiser, querido.

REN

Música da Playlist: "Port of Call" - Beirut

EU NÃO VOU CHORAR. Eu não vou chorar. Eu não vou—

Carbúnculos. Estou chorando.

Eu perguntaria de quem foi a ideia de ler "*Wherever You Are, My Love Will Find You*" para um grupo de pacientes em idade pré-escolar e crianças, mas não tenho dúvidas de que foi obra de Frankie.

Ela se inclina contra a parede, com um sorriso que é tão perigosamente lindo que estou preocupado de que meu coração vá bater para fora do meu peito. Pelo menos estou em um hospital. Alguém provavelmente poderia fazer algo sobre isso aqui.

— Você está bem, Sr. Ren? — Meu novo amiguinho, Arthur, sorri para mim e ajusta os óculos. Ele está sentado perto e descansa sua pequena mão no meu braço.

— Sim, Arthur. Estou bem. Às vezes sinto muitos sentimentos e eles me fazem chorar.

O sorriso de Arthur se alarga.

— Eu também. Eu choro quando as coisas doem. E quando sinto falta da minha família. Papai me disse que está tudo bem. Ele disse que mães e irmãs não são as únicas que choram. Irmãos e papais também choram.

— Isso é o que meu pai me disse quando eu era pequeno, também.

Arthur sorri e se inclina para mais perto, cutucando o livro.

— Você pode ler mais agora?

— Certo. — Pegando o livro, eu limpo minha garganta e pisco para afastar a umidade embaçando minha visão. — "Portanto, mantenha sua cabeça erguida e não tenha medo de marchar até a frente de seu próprio desfile. Se você ainda é meu bebê ou está totalmente crescido, minha promessa a você é que você nunca está sozinho."

Eu engulo outro nó na minha garganta. Cristo, esses livros. Não ajuda em nada o fato de metade dessas crianças ter pais que só podem visitá-los ocasionalmente. A Califórnia é um estado enorme e este é um hospital de primeira para doenças infantis. Muitos dos pais dessas crianças têm que trabalhar para pagar o tratamento de seus filhos enquanto vivem horas longe. Se alguém precisa ser lembrado de que o amor não desaparece quando a mamãe ou o papai vão embora por um tempo, são esses pequeninos.

Eu olho para Frankie, que está segurando o telefone com a concentração de quem está filmando um vídeo único, mordendo a língua entre os dentes da frente. Ela *sempre* faz isso, e *sempre* mexe com meu corpo.

Estou começando a ter uma resposta que está além de inadequada para o horário de leitura de um hospital infantil, então pisco e me concentro no livro. Depois que termino de ler, fazemos um artesanato, comemos alguns lanches saudáveis e eu dou abraços de despedida, prometendo a Arthur que passarei em breve e direi olá novamente.

Caminhando pelo corredor, noto que Frankie está mancando um pouco mais, mas vou ser amaldiçoado se disser algo sobre isso ou me oferecer para encostar a van bem na saída. Ela vai enfiar aquela varinha dela na minha bunda mais rápido do que eu posso abrir minha boca para pedir *desculpas por ter perguntado*.

— Bem, isso foi um home run — diz ela. — E ganhei a aposta com a Nicole do RP.

— Que aposta foi essa?

Ela sorri quando paramos em frente aos elevadores e apertamos o botão para descer.

— Que você não poderia ler aquele livro com os olhos secos.

— Uau. Fiz você ganhar algum dinheiro com o meu lado sensível, Francesca. Que agradável ser usado para lucrar. — Ela me empurra e quica para trás, já que meu corpo não se move. Eu a pego pelo cotovelo e a estabilizo. — Fácil.

Frankie olha para mim. Calor desliza pela minha mão enquanto seguro seu braço. Ela flexiona seu bíceps magro sob meu aperto e ergue uma sobrancelha.

— Cuidado — ela diz. — Não se machuque.

Eu dou ao músculo um aperto experimental, estreitando os olhos em uma concentração fingida.

— Impressionante.

Seu sorriso desaparece quando seu olhar se dirige para minha boca. E de repente não parece que estamos brincando. Não mais.

A porta do elevador se abre, eu largo meu aperto, e o momento passa.

Assim que estamos na van, descendo a 110 South em direção a Manhattan Beach, Frankie desaparece em seu telefone, resmungando para si mesma enquanto responde a e-mails e verifica as plataformas de mídia social. Então ela pega seu telefone, trabalhando seu caminho através das mensagens de voz. Eu roubo todos os olhares possíveis que posso dar com segurança e digo a mim mesmo que posso lidar com isso. Posso ter a mulher pela qual sou louco em minha casa e me manter bem. Eu posso—

— Ren!

Eu piso no freio, olho ao redor, supondo que Frankie viu algo que estou prestes a bater.

— O quê? O que foi?

Ela deixa cair o telefone.

— Desculpa. Eu queria pará-lo antes de passarmos por Hawthorne. Acabei de me lembrar que esperava pegar minha correspondência.

Um suspiro de alívio me deixa.

— Claro, Frankie, tudo bem.

Estávamos quase passando pelo bairro dela, então apenas alguns minutos depois estou parando na frente da casa dela.

— Posso pegar para você? — Eu pergunto.

Frankie abre a boca. Fecha. Pisca rapidamente.

— Hum. Eu ia dizer que sou uma garota crescida que pode pegar sua própria correspondência dela da sua casa recentemente invadida, mas agora estou me sentindo um pouco inquieta.

Abrindo minha porta, dou-lhe um sorriso.

— Eu volto já.

Quando eu volto para a van e coloco sua correspondência no colo, Frankie rapidamente a folheia, parando quando chega a um envelope. Os nós dos dedos ficam brancos quando ela o agarra.

Eu deveria cuidar da minha vida. Afastar o meu olhar, me concentrar em dirigir e ir para casa. Frankie fica olhando para o envelope até estarmos tão perto que minha casa está à vista.

Abruptamente, ela rasga o selo e puxa uma pequena pilha de papéis dobrados em três partes. Ao abri-los, seus olhos se lançam freneticamente pelo texto, até que um grito irrompe na van.

— Eu entrei! — ela grita.

Ela entrou em quê? Eu olho para o endereço do remetente. Faculdade de Direito da UCLA.

Os anjos cantam “Hallelujah Chorus” na minha cabeça. Frankie vai para a faculdade de direito. O que significa que Frankie não trabalhará para os Kings por muito mais tempo.

O que significa que em breve... Frankie não estará mais fora dos limites.

Estacionando o carro, eu olho para a frente em transe. Uma onda de medo de cair o estômago me atinge. Frankie está indo embora. O jogo de espera acabou. Finalmente, eu posso tomar uma atitude. E de repente, percebo que não tenho ideia do que isso significa.

— Parabéns — eu consigo dizer com a voz rouca.

Virando-se para mim, seus olhos brilham com lágrimas não derramadas. É o mais feliz que já a vi.

— Ren, me desculpe, estou enlouquecendo. Apenas não pensei que fosse entrar.

Finalmente, encontro minha voz e me mexo no meu lugar para encará-la.

— Você não achou que iria entrar? Frankie, é claro que você ia entrar. Você está estudando direito desportivo? Você planeja ser uma agente?

Ela sorri para mim, enxugando os olhos.

— Sim.

Seja a minha, eu quero dizer. Exceto que, por mais que eu adorasse ter alguém tão inteligente e forte negociando todos os meus contratos, o que quero de Frankie é muito mais. Eu quero seus sorrisos. Seu corpo. Seu humor. Sua atenção total e sagacidade afiada.

Quando realmente me permito sonhar, quero o amor dela.

Eu quero Francesca Zeferino. Ela tem sido o objetivo final. E agora

finalmente tenho um tiro certo.

— Você vai se sair bem, Frankie — digo a ela. — Você deveria estar orgulhosa.

O pequeno espaço na van fica quase claustrofóbico. Estou me afogando em seu perfume de orquídea, ouvindo sua respiração suave e constante enquanto ela sorri para mim, brilhando de felicidade. Agora que a possibilidade de nós está diante de mim, sou confrontado com a enorme lacuna entre o que somos e o que eu quero que sejamos. Eu fui um dos caras para ela por três anos. Eu me segurei, mordi minha língua, esperei. E esperei. E esperei.

Mas isso não significa que eu não possa fazer isso. Afinal, eu já fiz isso na pista de gelo — esperei meu tempo, trabalhei em direção ao meu objetivo até que o momento certo se abrisse, então agi com paciência com precisão impressionante. Se posso fazer isso no hóquei, posso fazer isso com Frankie.

Certo?

— Não consigo ver você, Axel. — Inclinando a tela do meu laptop, angulo para que meu irmão mais velho possa pelo menos ver *meu* rosto.

— Você não precisa me ver — ele fala arrastado, metade para fora da tela. Algo bate e ele pragueja baixinho. — Estou ouvindo.

— Uau, obrigado. Eu me sinto uma prioridade máxima agora, Axelrod.

Ele congela, então se inclina para a tela, um longo dedo do meio bem perto.

— Vê isso?

Eu sorrio.

— Obrigado.

Ele se senta com um suspiro bem na frente da tela e arrasta os dedos pelos cabelos.

— Parei de pintar para você. Que fique registrado. Que tal isso por dar prioridade?

O barulho de dentro da minha casa me faz olhar por cima do ombro. Oliver e Viggo vagam pela cozinha e imediatamente começam a atacar meus armários, colocando comida em seus braços.

Eu empurro meu polegar em direção a eles e olho de volta para Axel na tela.

— Eles nem mesmo dizem oi. Apenas saqueiam minha despensa.

Ele encolhe os ombros.

— Eles são animais. Acho que mamãe estava cansada demais na época em que nasceram para colocá-los em ordem.

Viggo e Oliver são tão diferentes quanto noite e dia, mas tão inextricavelmente ligados. Com exatamente doze meses de diferença, eles costumam ser confundidos com gêmeos, porque agora, totalmente crescidos, eles têm a mesma altura, a mesma constituição esguia, os

mesmos olhos claros que eu. A única diferença física óbvia é o cabelo de Viggo, que é castanho intenso como o de Axel, enquanto o de Oliver é loiro como o de Ryder.

— Isso é sobre o quê? — Ax tamborila os dedos na mesa. — Você está bem?

— Estou bem. Vamos esperar que Ryder entre na ligação antes de eu explicar.

— A propósito, gostaria de voltar a pintar. Eu não tenho a noite toda.

Meu irmão mais velho tem uma personalidade particular e rígida. Ele não é abertamente afetuoso, evita ser tocado, é solitário e incrivelmente direto. Na maioria das vezes, sua expressão é séria, sua forma de agir concisa, mas por trás desse exterior espinhoso está uma pessoa amorosa e leal. Você apenas tem que ver além do isolamento.

— Estou ciente — digo a ele. — Eu não vou manter você. Será breve. Assim que estivermos todos aqui.

Ax ri secamente.

— Nós? Breve? É quase como se você não conhecesse sua própria família.

Viggo fecha a porta de correr atrás dele e de Oliver enquanto eles entram no terraço.

— Bela crítica — diz Viggo — vindo do cara que se mudou para Seattle e vem visitar duas vezes por ano.

— Traidor — Oliver resmunga.

Ax faz uma carranca.

— Em primeiro lugar, estou aí na merda ensolarada de Los Angeles pelo menos dez vezes por ano, ok? E você sabe o quanto eu odeio soar. Em segundo lugar, sou um adulto. Eu tenho minha própria vida. É um conceito estranho para vocês, filhotes de homem, mas um dia, ter uma carreira e se defender sozinho não será um conceito abstrato. Então, vocês vão entender.

Viggo se senta e abre um saco de batatas fritas, enquanto Oliver abre a tampa de um pote de molho.

— E de alguma forma, — diz Oliver — vamos conseguir fazer isso sem abandonar nossa família.

O rosto de Ax se contrai. Eu me viro e dou uma olhada para Viggo e Oliver.

— Isso foi cruel, e você sabe disso. Ele não abandonou ninguém. Ele se mudou para o lugar que o faz mais feliz.

Viggo bufa enquanto mergulha uma batata frita no molho e mastiga.

— Axel. Feliz. Hah.

Ax abre a boca, parecendo irritado e na defensiva. Esta pequena assembleia está fugindo do meu controle.

— Ok. — Eu levanto minhas mãos. — Vamos deixar essa conversa para outra hora.

O rosto de Ryder ganha vida na tela.

— Parece que eu apareci na hora certa.

Oliver para de devorar a comida por tempo suficiente para acenar

para Ryder.

— Ei, Ry! — Viggo liga.

Ax se inclina e aperta os olhos.

— Esse é meu irmão ou o Abominável Homem das Neves?

Ryder faz um peteleco para Ax

— A barba não vai a lugar nenhum, não importa o quanto você a odeie.

— Você não teve barba durante os primeiros vinte anos de sua vida — diz Ax. — Eu simplesmente não vejo porque as pessoas têm que mudar coisas assim. Me incomoda.

Ryder bufa uma risada.

— Sinto muito por perturbar sua rotina ao fazer crescer meus pelos faciais, mas eu gosto.

— Rapazes. — Eu limpo minha garganta.

Ax começa a discutir com Ryder. Viggo e Oliver estão brincando de cabo de guerra com o saco de carne seca. Ninguém está me ouvindo.

— Rapazes!

Todo mundo congela em um retrato intitulado *Culpados*.

Ryder e Ax se endireitam em seus assentos na tela. Oliver deixa Viggo comer a carne seca. Viggo rasga o saco e joga um pedaço no colo de Oliver. Os dois puxam a carne entre os dentes, o estalo simultâneo a quebrar o único outro som além das ondas quebrando ao longo da costa.

— Obrigado por participarem da reunião de emergência. — Limpando a garganta novamente, eu olho para dentro, certificando-me de que Frankie não voltou para casa mais cedo. Ela supostamente está fazendo hidroginástica e disse que chegaria tarde em casa, resmungando algo sobre me deixar em paz. Estava na ponta da minha língua, dizer a ela o quão longe da verdade isso é.

— Ok, então, como todos aqui sabem, eu sou um pouco desajeitado quando se trata de mulheres. — Um coro de bufadas e risadas reprimidas me interrompe, mas rapidamente morrem. Todos eles educam seus rostos.

— Prossiga — Axel diz sério.

— Certo. Bem, vocês se lembram de Frankie, de quem mencionei. Ela é nossa coordenadora de mídia social.

Ryder balança as sobrancelhas.

— Willa estava certaaa — ele cantarola. Eu dou uma olhada para ele. Ele apenas sorri mais amplamente.

— Sinto-me atraído por ela — digo-lhes. — Eu adoraria convidá-la para sair. Eu quero desde que a conheci, mas Frankie e eu não podemos namorar agora, não enquanto trabalhamos juntos.

Ax dá o sinal universal para *agilizar*.

— Ela está largando o emprego assim que estivermos fora dos playoffs ou depois de ganharmos a Copa — eu prossigo. — Ela entrou na faculdade de direito e em breve não seremos mais colegas de trabalho. O que significa que agora é minha chance de convidá-la para sair. E eu... eu não tenho ideia de como fazer isso. O que eu digo? E quando? — “Ei,

Frankie. Faz três anos que anseio por você, secretamente desejando poder namorar você, e agora posso"? Eu pareço assustador. Um perseguidor. — Eu esfrego meu rosto. — Por que isso é tão complicado?

Ryder e Axel colocam seus dedos na frente de suas bocas ao mesmo tempo. Oliver mastiga uma batata frita pensativamente enquanto Viggo engole sua carne seca e, finalmente, diz:

— Você sabe se *ela* está a fim de *você*?

— Bem, eu acho que não. Mas algo que ela disse na outra noite me fez pensar que talvez? Pelo menos que ela estaria aberta a isso?

Conto-lhes sobre nossa conversa sobre a entrega de comida na casa dela e, quando termino, todos eles estão me olhando com grandes sorrisos.

— O quê? — Eu pergunto.

Ryder bate as mãos unidas e as esfrega de excitação.

— Ok, temos muito com o que trabalhar aqui.

Oliver e Viggo começam a falar um sobre o outro, clamando para compartilhar suas opiniões não solicitadas.

Axel levanta a mão, silenciando a todos.

— Antes de formarmos um plano de ataque, eu tenho que perguntar. Você nos contou tudo o que precisamos saber?

— Bem, acho que esqueci de mencionar uma parte. Ela está morando comigo temporariamente.

O queixo de Ryder cai. Os olhos de Axel se arregalam. Viggo e Oliver piscam para mim em estado de choque. E então todos os quatro explodiram em conselhos, gritando freneticamente uns sobre os outros. Abro o bloco de notas do meu telefone. Faço eles se revezarem. Acabei com seis lutas diferentes quando eles discordaram quanto à tática.

Como Ax previu, é tudo menos breve, e no momento em que estou anotando o décimo ponto de Axel, enquanto cruzo com o conselho um tanto conflitante de Ryder, o barulho de um carro parando na frente da minha casa faz todos nós congelarmos.

— *Amoras!* — Eu sibilo.

Oliver bufa.

— Você acabou de dizer—

— É ela!

Eu fecho o computador na cara de Ryder e Axel. Oliver e Viggo se levantam, batendo desajeitadamente de frente enquanto tentam escapar de suas cadeiras. Eles tropeçam um no outro, caindo das escadas para a areia e contornam a lateral da casa no momento em que Frankie entra na cozinha. Seus olhos viajam para o terraço, observando a pilha gigante de comida que meus irmãos deixaram na mesa. Ela levanta uma sobancelha, mas antes que eu possa sequer acenar, ela se foi, fora de vista.

Eu fico encarando-a, como um idiota estupefato, ouvindo todos os pensamentos dos meus irmãos ricocheteando na minha cabeça, suas vozes guerreando entre si sobre o que devo fazer a seguir. Ansiedade e nervosismo reviram meu estômago. O que eu faço? Qual movimento é o

certo a fazer?

Frankie abre a porta corrediça e Pazza pula para fora, correndo em direção à costa. Ela sorri para mim, a luz das estrelas dançando sobre sua pele.

As vozes dos meus irmãos morrem. A brisa do oceano nos envolve. E a resposta é cristalina.

— Que tal um passeio ao luar, Francesca?

Seu sorriso se aprofunda quando ela desliza seu braço no meu, sem dizer uma palavra. Mas é toda a resposta de que preciso.

REN**Música da Playlist: “Hallelujah” - Jake Shimabukuro**

— EU VI UM SUBARU LÁ NA FRENTE. — Frankie vira a cabeça em direção à casa, mas mantém os olhos em Pazza correndo pela areia. — Carro do vizinho?

Jogo a bola para Pazza, depois me viro para olhar para Frankie.

Tão bonita. Sem maquiagem, o cabelo penteado para trás em um coque frouxo, aqueles lábios macios que ela puxa entre os dentes, cílios escuros piscando lentamente.

Ela se inclina e abaixa a voz.

— Talvez seja o carro da senhora misteriosa. Ela finalmente foi esperta e fez uma visita.

Eu posso dizer que ela está brincando. Ela não estaria aqui na areia comigo se realmente pensasse que outra pessoa estava esperando por mim em minha casa. Mas é tão difícil saber o que dizer quando Frankie fala sobre si mesma sem saber que é ela em que estou sempre pensando e falando.

O vento sopra entre nós e puxa uma mecha escura de cabelo em seu rosto. Cuidadosamente, eu deslizo meu dedo ao longo de sua bochecha e coloco aquele fio solto, cor de café, bem atrás de sua orelha. Eu não deveria, mas não consigo evitar. Ela se inclina, quase imperceptivelmente, em meu toque. Eu deixo meus dedos traçarem a concha de sua orelha, sussurrando mais leve que uma brisa em seu pescoço, antes de largar minha mão.

— Foram meus irmãos — eu consegui dizer com a voz rouca.

Ela franze a testa.

— Seus irmãos? Onde eles estão?

— Eles saíram. Bem quando você chegou aqui. Acredite em mim, você não está pronta para conhecê-los. Não aqueles filhotes de homem. Você viu a carnificina que eles deixaram sobre a mesa.

Sua risada suave e seu sorriso me atingiram, uma onda dupla para a qual eu não estava preparado. Posso contar em uma mão as vezes que fiz Frankie rir. É como um presente.

— Você contou à sua família sobre a UCLA? — Pegó a bola de Pazza, iludo-a e jogo-a para o alto.

— Conteí. Liguei para eles antes da hidroginástica e disse-lhes. Eles estavam animados por mim. — Frankie pigarreou. — Oh, e eu recebi uma mensagem de voz do meu senhorio. Ele disse que ainda estão consertando os danos causados à cozinha e ao meu quarto, mas depois disso estará pronto. Devo conseguir voltar na próxima semana, depois de

nossos jogos em Minnesota.

— Bem... isso é bom.

Genialidade verbal, Bergman.

Estou uma pilha de nervos. Há tanta coisa que quero dizer a ela e nada disso vai se desembaraçar em meu cérebro. Quero pedir a ela que fique, mesmo quando for seguro voltar para aquele bangalô. Quero confessar que estou louco por ela. Quero perguntar se ela é um pouco louca por mim, também.

Mas a única coisa em que todos os cinco irmãos Bergman concordaram esta noite foi que eu deveria esperar para dizer a ela como me sinto.

O *quando* não foi um acordo unânime entre meus irmãos. Enquanto Axel e Oliver disseram para esperar até que ela deixasse a equipe, Ryder e Viggo votaram para não esperar tanto tempo, apenas até que ela voltasse ao seu próprio espaço novamente, altura em que, se eu lhe dissesse e ela não se sentisse da mesma forma, ela pelo menos não ficaria presa sob o meu teto.

Apenas presa trabalhando com você.

Frankie me encara. Percebi que ela faz isso às vezes, como se ela não estivesse apenas olhando *para* mim, mas como se estivesse tentando olhar *dentro de* mim.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

Eu recuso a isso.

— O que você quer dizer?

— Eu pensei que talvez você estivesse com raiva. Sua resposta foi curta. E isso geralmente se traduz para mim como raiva.

— Frankie, não. — Eu tenho que me conter para não a abraçar. Quero beijar sua testa e implorar para saber como a fiz sentir que estava com raiva dela, quando estou tão longe disso. — Por que você pensaria isso?

Seu olhar vagueia para as ondas quebrando na costa.

— Ler as pessoas é complicado para mim. Normalmente, não posso dizer pelo rosto de alguém como ela está se sentindo, não até que eu os conheça muito bem e tenha muito tempo para aprender suas expressões.

— Ela se vira e me encara de novo, franzindo a testa seriamente. — Isso é porque sou autista.

O ar sai correndo de mim. Frankie está no espectro.

Deus, eu tenho sido estúpido. Embora eu saiba que é único para cada pessoa, estou familiarizado com a complexidade do autismo, a forma como ele se esconde e foge. Minha irmã mais nova, Ziggy, de quem sou próximo, foi diagnosticada há apenas um ano. Axel não foi diagnosticado, mas cada vez mais desde o diagnóstico de Ziggy, eu me pergunto por que ele não foi. A questão é que estou bem familiarizado com o espectro do autismo em pessoas de quem sou próximo. Por que não reconheci em Frankie?

Aproximando-me, eu timidamente enrosco meus dedos nos de Frankie, me preparando para ela se afastar, para rejeitar o gesto. Mas ela não faz. Em vez disso, ela desliza seus dedos com mais força com os

meus.

— Obrigado por me contar, Frankie. Por confiar em mim.

Ela inclina a cabeça, levantando os olhos para encontrar os meus.

— Eu gostaria de ter contado a você antes. Mas quando te conheci, você era apenas mais um jogador do time. Não parecia necessário.

Uma palavrinha — *era* — mas faz a esperança voar pelo meu corpo.

— Posso perguntar por que você não conta aos outros? Por que você está me dizendo agora? Se for pessoal, eu entendo.

Frankie aperta minha mão e tenho que sufocar a inspiração áspera que isso causa. Sua palma é macia e fria por causa do ar noturno. Ela se encaixa perfeitamente dentro da minha.

— Eu tenho uma... uma máscara que uso para trabalhar — ela responde. — Eu escondo muito de mim mesma para fazer meu trabalho. Por que dizer às pessoas que sou autista quando ajo como se não fosse?

— Isso não é exaustivo? — Lembro-me disso ser o refrão de Ziggy: *“Estou tão cansada. Tão cansada de fingir e ainda me sentir péssima nisso. Eu me sinto invisível. Até para mim.”*

— Sim. — Ela sorri. — Por isso, faculdade de direito. Estudar e negociar o direito, é um ponto forte para ser meticulosamente observadora e voltada para os detalhes, metódica, hiper-focada, literal, direta. Às vezes me preocupo com o que vou fazer quando não notar as coisas interpessoais. Sei que o direito pode ficar sujo e as pessoas podem distorcer suas palavras, mas não estou lutando contra isso em um tribunal. Estarei lendo letras pequenas, negociando contratos para clientes que conheço bem, então acho que vou me sair bem. Vou ser eu mesma de verdade.

— Estou feliz por você, Frankie. Você merece ser você mesma. No trabalho. Com amigos. Em qualquer lugar.

Ela olha para mim, outro de seus olhares incisivos.

— Obrigada.

Pazza late e gira, perseguindo o próprio rabo. Nós a olhamos quando o silêncio se instala entre nós, exceto pelo barulho incessante do oceano nas proximidades.

— Você se lembra que tenho irmãos equivalentes a um país pequeno, certo?

Frankie franze o nariz, claramente confusa.

— Sim?

— Minha irmãzinha está no espectro. Então, embora todo mundo seja único e eu não seja um especialista, amo alguém que é autista. E espero que saiba que sou um lugar seguro para você ser você.

Frankie funga e limpa o nariz. Pisca algumas vezes e enxuga os olhos com a palma da mão, segurando seu moleto.

— Você está bem?

— Não estou chorando — ela diz imediatamente.

Eu aperto sua mão, esfregando meu polegar em um círculo suave em sua palma.

— Claro que não.

— Está ventando — ela diz.

— Ventando muito.

Quando ela olha para mim, ela está sorrindo. E é uma flechada no coração.

Eu quero beijar Frankie. Desesperadamente.

Não enquanto ela for sua hóspede, sem ter para onde ir. Seja paciente. Você esperou tanto tempo. Espere mais um pouco.

— Você está encarando a minha boca — ela sussurra.

— D-desculpe. — Tento piscar para longe, mas meu olhar se volta para ela, uma bússola apontada para o norte verdadeiro.

— É quase como se você quisesse me beijar, Zenzero. — Ela morde o lábio, seus olhos fixos na minha boca também.

Eu apenas fico olhando para ela, como uma idiota. Pazzo larga a bola pegajosa bem no meu pé, dá uma cabeçada e late. Mas estou alheio. Tudo o que vejo é Frankie, que está olhando de volta para mim, e é como uma queda livre no tempo e espaço, perdido no vórtice de seu olhar.

Acontece em câmera lenta, Frankie pressionando na ponta dos pés, seus dedos envolvendo meus braços para se apoiar. Eu puxo o ar quando faíscas disparam em minha pele, e ela se inclina para mim. Suas curvas pressionam contra toda a superfície plana e rígida do meu corpo, seu aperto aumenta. Antes de saber o que está acontecendo—

Os lábios mais doces roçam os meus. Sua boca é cheia e macia enquanto prova meu lábio inferior e suga suavemente. Minha inspiração é instável, minha expiração é um gemido de alívio. Ela desliza as mãos pelos meus ombros, pelo meu pescoço e entrelaça os dedos no meu cabelo. Seu toque é gentil, mas determinado, quente e terno, enquanto ela pressiona beijos fracos nos cantos da minha boca.

Eu envolvo um braço em volta de sua cintura e a puxo para mais perto. Oh, Deus, seu corpo. Longo, forte, magra em torno de suas costelas, onde a seguro, mas suave onde seus seios esfregam contra meu peito, onde seus quadris se curvam nos meus. Pegando seu pescoço, eu massajeio os músculos tensos na base de seu crânio. Frankie geme contra minha boca, seus lábios se separando, e o som, eu juro, sacode a terra sob meus pés. Eu deslizo minha outra mão mais para baixo das suas costas e a coloco perto, estabelecendo-a na curva tenra de sua coluna.

Como algo com que sonhei pode exceder tão loucamente minha imaginação, nunca saberei. Achei que sabia o que poderia esperar, quão doce ela seria, quão quentes e macios seriam seus lábios. Mas meus sonhos não são nada perto da realidade.

Sua língua provoca a minha, redemoinhos lentos e constantes que persuadem a minha a encontrar a dela. Inclino sua cabeça em minhas mãos, angulo minha boca para aprofundar o beijo. Balançando-a contra mim, enroscando minha língua com a dela, o beijo se torna tão rítmico quanto as ondas atrás de nós. Desliza, provoca, recua.

— Ah, merda. — Ela se afasta sem fôlego, mãos trêmulas cobrindo a boca. — Ok. Uau. Apenas... uau. Ok. Sim, eu beijei você. Eu não deveria ter feito isso. Pazzo!

Pazza corre em nossa direção pela areia quando a realidade me atinge. Frankie me beijou. *Ela me beijou.*

Ela gosta de você! Pelo menos o suficiente para te beijar.

— Ren, me desculpe — ela murmura, esfregando a testa.

— Frankie, por favor, não se desculpe—

— Meu treinador de ioga vem de manhã cedo, se ainda estiver tudo bem?

Bochechas de um vermelho vivo, olhos na areia. Claramente, ela quer seguir em frente, o que eu não tenho ideia do que pensar.

— Claro... que horas? Vou me juntar a você.

Isso parece tirá-la das profundezas de seu constrangimento. Ela recua como se eu a tivesse surpreendido e levanta as sobrancelhas.

— Este não é aquele treinamento de "ioga" para iniciantes que a equipe faz com o Lars.

— Estou ciente, Francesca.

— Não me chame de "Francesca", Søren. — Suas feições estão protegidas, enquanto ela se afasta lentamente. — Oito horas.

Eu não posso deixar de sorrir para ela.

— Eu estarei lá. Boa noite, Frankie.

Ela não responde, apenas gira lentamente em direção à casa. Fico olhando para ela, observando a forma de Frankie diminuir enquanto ela sobe os degraus com cuidado e entra, com Pazza pulando ao lado dela.

Ela me beijou. Ela me *beijou*. E eu a beije de volta.

Pego meu telefone e abro a mensagem de texto do grupo dos irmãos. Eles não vão acreditar nisso.

Acordo cansado, dolorido e frustrado depois de uma noite de muito pouco sono e muitos sonhos envolvendo Frankie e seus lábios enlouquecedoramente macios. Rolando, eu esfrego meus olhos e olho para o relógio. Eu tenho que estar lendo errado. Isso, ou eu não ouvi o meu alarme.

O vago ruído de uma voz além de Frankie, seguido pela risada dela, confirma o último.

— *Cacilda!*

Eu escovo meus dentes enquanto coloco um moletom e puxo uma camiseta. Rapidamente, eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, aliso minha barba para que não pareça muito louca e corro até minha sala de treinamento.

Na soleira, eu congelo. Há um *homem*. Um homem com muito pouco apego a roupas ou, aparentemente, a ter suas mãos por muito mais tempo. Ele está sem camisa, vestindo apenas shorts de ciclismo, segurando os quadris de Frankie enquanto ele fica bem atrás dela em uma posição altamente sugestiva. Requer cada canto feminista e evoluído do século XXI para que eu não rosne e o atire contra a parede.

Momento do homem das cavernas dominado, eu entro.

— Bom dia. Desculpe, estou atrasado.

Frankie espia da posição de cachorro olhando para baixo.

— Bom dia, Søren. Este é o Fabrizio.

— Você pode me chamar de Fabi. — Ele estende a mão. Eu pego-a e me dedico a apertar um pouco mais forte do que o estritamente necessário. Fabrizio não parece sentir, porque ele simplesmente coloca a mão de volta no quadril de Frankie assim que eu a solto e focaliza seu olhar firmemente em sua linda bunda.

Ela está usando leggings preta com um painel transparente em zigue-zague até o osso do quadril. As unhas dos pés estão pintadas de preto assim como as unhas das mãos, e sua blusa é um cropped preto, abraçando suas costelas. Tanta pele dourada, tantos músculos e curvas perfeitas de Frankie.

— Bem, então — diz Fabrizio. —, Søren...

— Ren — eu o corrijo, caminhando para o outro lado da sala e circulando meus braços, suavemente contorcendo meu torso, acordando meu corpo.

Ele inclina a cabeça em um pedido de desculpas.

— *Scusa*. Frankie te chamou assim, eu simplesmente presumi.

— Tudo bem. Ela faz isso para me provocar.

Frankie ergue os olhos para Fabrizio e diz algo para ele em italiano. Ele ri e suas mãos deslizam por suas coxas, agarrando seus joelhos. Ele está curvado e praticamente usando a bunda dela como travesseiro.

— Então, Fabrizio — eu digo entre os dentes cerrados. — Há quanto tempo você ensina Frankie?

Ele sorri. Eu juro que ele sabe que está me provocando. Enquanto ele se levanta, ele coloca a mão nas costas de Frankie e alisa sua coluna.

— Três anos — diz ele com um sorriso. — Agora, por que não começamos com algo básico para ver onde você está em sua prática, Ren?

Movendo-se para a frente da sala, Fabrizio inicia uma saudação ao sol. Embora eu só pratique ioga básica com o nutricionista e treinador de bem-estar de nossa equipe, Lars, estou familiarizado o suficiente para seguir as sequências de Fabrizio e as faço com facilidade.

Posso sentir os olhos de Frankie em mim, mas cada vez que olho para ela, ela está observando Fabrizio, conversando com ele em italiano, depois traduzindo o que suspeito ser apenas uma parte disso para mim. Depois do que parece zilhões de posições de *chaturangas*, então variações guerreiras que me lembram o quão apertada está minha virilha, seu instrutor se endireita e me olha de cima.

— Ren, você é modesto, meu amigo. — Fabrizio se vira para Frankie.

— Ele é bom. Vocês dois façam algumas poses juntos, *sì*?

— Hum. — Frankie ergue os olhos da pose de criança, com as bochechas rosadas.

Eu rolo em minhas costas e sorrio para ela, me sentindo levemente vingativo quanto ao instrutor de ioga italiano seminu e apalpador. Não podia ser do tipo maternal e com ossos estralando. Não. Tinha que ser um cara que parecia ser modelo de capa de algum anúncio de colônia e que falasse a língua dela. Literalmente.

Pode ser bom vê-la se sofrer um pouco.

— O que você me diz, Frankie? Vamos lá.

Frankie me encara. Cerrando a mandíbula, ela se vira e faz uma careta para Fabi.

— Tudo bem.

— *Eccellente!* — Ele bate palmas.

Frankie faz cara feia para mim, mas eu apenas dou a ela um sorriso mais largo. Aí está o mau humor que adoro provocar com um sorriso.

— Pose de camelo. *Ustrasana* — diz ele. Frankie e eu nos ajoelhamos em sua direção, joelhos se tocando. Em seguida, segurando os antebraços um do outro, nos inclinamos para cima e para longe na pose. Nossas virilhas se fundem com a posição — minha pélvis pressionada na cavidade macia entre seus quadris. A respiração de Frankie acelera enquanto eu mordo minha bochecha para abafar um gemido. Isso é tortura. Eu estava meio mastro quando acordei, mas agora não há nada remotamente “pela metade” sobre o que está dentro da minha calça de moletom.

— Respire na pose. Corações abertos, peito para o céu — diz Fabrizio, antes de se afastar para pegar a água.

Tudo o que posso sentir é Frankie. O calor de suas coxas e a dádiva de boas-vindas entre os ossos do quadril que meu corpo dolorido se encaixa perfeitamente. Ela se mexe, um movimento deliberado. Um rodopio decadente de seus quadris.

Santo Deus.

Tento imaginar aquela vez em que encontrei Freya e Aiden se agarrando quando eles estavam no primeiro encontro — tipo, *realmente* se agarrando — porque não há nada mais revoltante do que ver sua irmã com a língua na garganta de um cara, mas nem mesmo isso reprime o calor surgindo através de mim. Sou um escravo do meu pulso, a necessidade urgente de estar mais perto de Frankie, bem dentro dela, conectado.

— Francesca — advirto.

Ela abre um olho e sorri para mim.

— Você se meteu nesta confusão, Søren. Antes de aceitar a pose de um casal, você deve ter considerado que faríamos um pretzel nas partes íntimas um do outro.

Eu assobio quando ela faz outra dança. Já chega.

Agarrando seus antebraços, inclino minha pélvis ainda mais fundo, deslizando-me contra o calor entre suas coxas. Seus olhos se arregalam quando ela faz um pequeno ruído abafado.

— Como vai você, *fresterska*?

— Do que você me chamou? — ela chia.

— Você não é a única que fala outra língua. — Eu rolo meus quadris contra os dela e sinto suas unhas cravarem em meu antebraço.

— Bom. — Fabrizio volta. — Vocês têm uma bela energia juntos.

Os sentidos desse cara devem estar entorpecidos por todo o patchouli em que ele se banhou. Não há nada de bonito nisso. É pura frustração

sexual e vingativa.

— Agora terminamos com mais uma pose que os aproxima — diz ele.

Depois de soltar os braços um do outro, seguimos sua direção para girar e sentar, costas com costas. Minha rotação envolve um ajuste sutil na minha calça de moletom depois daquele absurdo de pose de camelo.

— Torção da coluna sentada. — Fabrizio se inclina sobre nós, puxando-nos para cima até que nossas costas encostem nas do outro. Sinto as vértebras de Frankie, a cutucada de suas omoplatas, e pego o mais leve fragmento de seu perfume de orquídea misturado com seu suor tentador. — Agora, ambos para à sua direita. Sua mão na perna do outro, e incline-se sobre ela, alongando sua coluna.

A mão de Frankie está alta e firme na minha coxa. A minha agarra acima do joelho, já que minha lombar não é tão flexível. É silencioso, exceto pela nossa respiração.

— Respiração *Ujjayi* — ele diz suavemente. — Entra pelo nariz e sai, como as ondas além de nós.

Nossas respirações profundas se sincronizam, a subida e descida de nossas costas em conjunto.

— Afinal. — Fabi suspira feliz. — A paz foi restaurada.

FRANKIE**Música da Playlist: “The Calculation” - Regina Spektor**

— ENTÃO. — Ren desliza o leite na minha direção junto com um pequeno pote de açúcar. — Fabrizio, hein?

Eu despejo uma colher cheia de açúcar na minha caneca e mexo, olhando carrancuda para Ren. A dor do vazio entre minhas coxas é inteiramente culpa dele. Não estive tão frustrada sexualmente desde que cheguei à puberdade. Eu sei que não deveria tê-lo beijado na noite passada. Eu deixei meu coração se levar por sua doçura melancólica e o beijei por isso.

Mas eu expressei arrependimento. Eu deixei claro que foi um erro.

Por que, então, ele teve que ficar todo flertador e nos obrigar a fazer ioga tântrica esta manhã? Agora tenho que sofrer sua presença absurdamente sexual o dia todo, andando por aí com a versão feminina das bolas azuis. Simplesmente ótimo.

Respiro lentamente, o que não me acalma em nada, e tomo um gole de café.

— Escolhi Fabi porque consigo manter meu italiano atualizado e fico flexível.

Ren murmura algo enquanto dá um gole em seu café.

— O quê? — Eu pergunto.

— Nada. — Ele pousa a caneca e me lança um olhar que não consigo ler. — Quer um pouco de café da manhã?

— O que tem no cardápio?

Ren retorna para a geladeira. Eu faço uma tentativa corajosa, mas sem sucesso, de não olhar para todos os músculos destacados por sua camisa encharcada de suor grudada em seu corpo.

— Clara de ovo. Frutas vermelhas. Bacon de peru.

— Que nojo.

Ele sorri por cima do ombro.

— Bem-vinda à dieta da temporada de hóquei, Francesca.

— Você não precisa de carboidratos? Um pouco de gordura? Você queima um absurdo de calorias jogando.

— Preciso. — Ele fecha a porta da geladeira com o quadril, os braços cheios de ingredientes. — Mas eles têm que ser os corretos. Eu faço smoothies para isso.

Largando os ingredientes dos seus braços no balcão, ele então começa a cortar vegetais.

— Eu prometo, é uma omelete surpreendentemente boa. Vou adicionar um pouco de queijo para você. Não vamos contar ao Lars.

Eu pego um pedaço de pimentão verde recém-picado e o mastigo. Lars é o nutricionista e treinador de bem-estar da equipe.

— Ele me mataria se soubesse como eu influenciei você. O que você acha que Lars come? Além de smoothies de grama de trigo. Acho que ele tem 1% de gordura corporal.

— Não faço a mínima ideia. Mas aposto a minivan que ele não come hambúrguer há uma década. — Ren joga as cebolas e pimentões em uma panela que contém a menor gota de azeite conhecida pelo homem. — Isso explicaria por que ele está tão rabugento o tempo todo.

— Agora, não vamos julgar os rabugentos do mundo. Temos nossos motivos.

Ren olha para cima e abaixa sua faca.

— Você não é rabugenta, Frankie. Você é apenas...

Eu mordo um sorriso e roubo um pedaço de cheddar.

— Eu sou rabugenta.

— Você é *séria*.

— Você é um amor, Zenzero. Mas sou rabugenta. É o melhor para todos. Mantém os meninos na linha e com medo dos meus feitiços.

Ren sorri para si mesmo enquanto deixa a omelete borbulhar na frigideira e mistura para nós um smoothie de frutas vermelhas. Comemos rápido e em silêncio, roubando olhares sobressalentes enquanto Pazza circula entre nós, devorando tudo o que derrubamos.

Quando eu dou minha última mordida, Ren pergunta:

— Então. Qual é o veredicto sobre a omelete de clara de ovo?

Eu largo meu garfo e dou um tapinha na minha barriga.

— Deliciosa. Salva pelo cheddar.

— Sim. — Ele pega meu prato e o coloca no dele. — O queijo torna-a comestível. Do contrário, realmente tem gosto de papelão.

Deslizando para fora da minha banqueta, tomo o último gole do meu smoothie e coloco o copo na mesa.

— Obrigada novamente pelo café da manhã, Zenzero. Deixe esses pratos para eu poder lavá-los depois do meu banho? Meu corpo está rígido. Preciso de um banho quente antes de tentar fazer algo tão hábil como lavar a louça tão cedo. Se eu tentasse agora, acabaria derrubando e quebrando tudo que tentasse segurar.

Ele acena com a mão.

— Leva dois segundos. E você é minha hóspede.

— Bem, então pelo menos me deixe preparar algo bom para o café da manhã amanhã. Eu faço um ótimo sanduíche de café da manhã no micro-ondas.

Com sua risada ainda ecoando na cozinha, vou para o meu quarto de hóspedes tomar um banho. Eu mudo a água para quente, deixando-a acalmar minhas articulações, que se tornaram mais flexíveis na ioga, mas lentamente endureceram conforme meu corpo esfriava. Assim que saio do banho, me enrolo em uma toalha e, em seguida, jogo meu cabelo para cima em outra toalha para fazer um turbante. Eu faço minha rotina — hidratante, corretivo sob os olhos, um pouco de pó solto para não ficar

brilhante. Gabby costumava tentar me cobrir com maquiagem, mas mais do que isso me faz sentir que estou usando uma máscara.

Eu uso máscaras o suficiente.

Estou apenas tampando meu protetor labial de baunilha quando ouço a porta da frente de Ren abrir e fechar. Pazza está no meu quarto e começa a latir como uma louca. A preocupação pinica minha pele.

— Ren? — Eu chamo.

Sem resposta. Abrindo a porta do banheiro, chamo o nome de Ren novamente. Nada.

Exceto por um leve farfalhar na cozinha. Agora estou mais curiosa do que qualquer coisa. Ren já saiu do banho? Talvez ele tenha pegado o jornal. Deve ser por isso que ouvi a porta da frente. Não é como se as pessoas invadissem casas multimilionárias à beira-mar, batessem a porta atrás deles e atacassem a cozinha.

Assaltantes atacaram sua despensa.

Merda. Eles fizeram, não foi?

Eu tenho uma imaginação fértil. Isso alimentou minha ansiedade há muitos anos, mas com a terapia, aprendi a treiná-la, para me ajudar a me concentrar em explicações racionais e acalmar a fera nervosa e irracional por dentro. E, você sabe, maconha ajuda. Mas não há maconha em meu sistema neste momento, apenas o pensamento lógico me dizendo que tudo está provavelmente bem.

Lentamente, caminho em direção à cozinha. Quando eu limpo o corredor e tenho uma boa visão, não há ninguém lá. Mas então, eu percebo que a geladeira está aberta.

De repente, um homem aparece. Solto um grito horripilante e tropeço de volta para a parede do corredor.

— Frankie! — Ren grita do fundo da casa. Eu ouço uma porta se abrindo, o barulho de seus passos.

O homem sorri para mim enquanto fecha a geladeira com a bunda e lustra uma maçã em sua camisa. O que o faz parecer muito menos ameaçador. A menos que ele seja um daqueles assassinos em série sorridentes. Que come um lanche saudável primeiro.

Meu terror começa a desaparecer quando percebo que reconheço seus olhos. Eles são os olhos de Ren. As maçãs do rosto de Ren, seu nariz comprido, sem protuberância por ter sido quebrado. Esse deve ser—

— Frankie. — Ren colide comigo, me puxa contra seu corpo e gira para que eu fique protegida do homem. Olhando para cima, ele fixa os olhos no cara e murmura algo que soa muito próximo de *fustilar*⁵.

Exalando pesadamente, Ren olha para mim.

— Tudo bem. Está tudo bem. — Um abraço gentil e sou puxada para mais perto. — É só meu irmão. Você está bem?

Eu assinto.

— Me desculpe, eu surtei. Ouvi alguém entrar, liguei para você e você não atendeu, então fui ver quem era e ele simplesmente saltou da geladeira como uma caixa de surpresas e eu me descontrolei.

Seu irmão encosta o quadril no balcão. Mastigando a maçã, ele fala em torno de sua mordida.

— Parece que Ren perdeu seus modos, mas, novamente, eu ficaria um pouco confuso também, se eu tivesse alguém como você em meus braços com apenas uma toalha entre nós.

Ren e eu engolimos em seco simultaneamente. Percebo agora que ele está com o peito nu, uma toalha pendurada na cintura. A minha tem um nó acima dos meus seios, mas com todos os nossos movimentos a afrouxaram consideravelmente.

— Eu sou Viggo — ele diz.

Ren não parece se importar com uma apresentação.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta bruscamente.

Viggo sorri e engole sua mordida.

— Eu trouxe os produtos de confeitaria para a sua próxima reunião do clube.

— Produtos de confeitaria? — Eu pergunto.

— Sim, senhora — diz Viggo — sou um confeiteiro autodidata.

— Ele também está matriculado na escola de carpintaria — acrescenta Ren —, aprendendo tudo o que há para saber sobre bicicletas e começou a tocar violino. Ele tem problemas com compromisso—

— Atenção — Viggo o corrige com um sorriso largo e uma piscadela.

Ren suspira pesadamente, e sua mão desliza sobre minhas costas enquanto ele encara seu irmão. Eu nem mesmo acho que ele percebeu que está fazendo isso, me acalmando com seu toque.

— Cozinhar é um de seus muitos hobbies que cometi o erro de apoiar.

— Ren olha para ele. — Você sabe muito bem que não é esta noite. Eu tenho um jogo decisivo. Não que algum dos Bergman se importe com o hóquei.

Dando de ombros, Viggo mastiga sua maçã.

— Oops.

De repente, sinto o tecido se mexendo. Um chiado sai de mim enquanto a toalha desliza pelos meus seios.

— Ren! — Eu grito.

Ele gira, então está de costas para Viggo novamente. Estou protegida com a toalha presa entre nós.

— Estou aqui. Sua virtude está preservada.

Eu ronco de tanto rir.

— Minha virtude. Perdi minha *virtude* no primeiro ano do ensino médio, Zenzero. — Um rubor aquece suas bochechas. — Mas obrigada. Eu não queria que seu irmão me visse nua.

No pior momento possível, meu quadril cede e eu cambaleio em seus braços. Ren me pega, então me puxa para mais perto, mas não antes que a toalha escorregue mais para baixo, e agora...

Os olhos de Ren se arregalam. Meus seios nus se chocam contra seu peito. E pela segunda vez, mas definitivamente mais proeminente, estou sentindo...

— Ren — eu sussurro roucamente. — Isso é o seu—

— Sim.
— Cutucando minha—
— Sim. — Ele limpa a garganta. — E ele sente muito por ser tão assertivo.

Senti o contorno promissor disso durante a ioga esta manhã, mas agora está confirmado. O homem é *gigantesco*.

— Está tudo bem — digo-lhe, tentando ficar calma sobre isso. — É... é apenas uma resposta corporal. Não é sua culpa, mas, puta merda—

— Vocês estão bem, aí? — Viggo chama. Outra mastigação de sua maçã.

— Quando eu resolver esse pepino — Ren murmura. — Vou enfiar uma daquelas maçãs direto na garganta dele. — Ele olha para mim. — Eu sinto muito por isso.

— Sou eu que sinto muito. É tudo culpa minha e da minha perna ruim...

— Não, não é, Frankie. — Ele me dá um aperto suave que acho que deveria me tranquilizar, mas acaba apenas pressionando toda a nossa nudez. Estou tentando não ter uma reação, mas meus mamilos estão como pedras contra seu peito, minha garganta e bochechas queimando com um rubor. Uma dor quente e necessitada entre minhas pernas me faz sentir ainda mais instável.

— Eu tenho um plano — Ren diz. — Vou apenas acompanhá-la para trás, pelo corredor, e então você estará fora do campo de visão de Viggo. Fecharei os olhos e você poderá chegar ao seu quarto com privacidade.

— Ok. — Eu concordo. — Boa ideia.

Lentamente, começamos a caminhar em direção ao meu quarto. Ren se move de forma constante, liderando com uma cutucada de joelhos que eu sigo enquanto dou passos cuidadosos para trás.

Ele olha para mim, tentando bravamente não olhar abaixo do meu queixo, para meus seios nus pressionados contra seu peito. É sua maior façanha de cavalheirismo. Eu, por outro lado, sou sem vergonha. Não consigo parar de me fixar em como meus mamilos se contraem, como raspam a camada de pelos em seu peito sólido. Eu sinto os planos rígidos de seus peitorais, o calor de sua pele.

— É como se estivéssemos dançando. — Eu subo o olhar para ele, tentando me distrair. — Aposto que você é um bom dançarino.

Ren sorri.

— Por que você pensa isso?

— Como você está se movendo agora. Como você é gracioso no gelo.

Seu sorriso se alarga.

— Obrigado, Frankie.

— De na—

Nós congelamos quando a toalha de Ren se solta entre nós. Antes que qualquer um de nós possa alcançá-la e salvá-la, a toalha cai, seguida pela minha, passando por nossas coxas.

Ren pragueja baixinho, me segurando ainda mais perto, tentando prender o tecido em algum lugar em torno de nossos joelhos.

Eu fico olhando para ele, com os olhos arregalados em choque.

— Você acabou de dizer *carbúnculos*?

— Não. — Ele faz uma careta. — Talvez—

Antes que Ren possa dizer outra palavra, eu ofego quando nossas toalhas caem completamente. Estamos nus, da frente para a frente. Ren abre a boca, como se fosse dizer algo, quando um assobio baixo o interrompe.

— Cara, irmão — diz Viggo com uma mordida na maçã. — Eu preciso de qualquer treino que você esteja fazendo. Esses. Glúteos.

Os olhos de Ren se fecham. Eu vejo esse olhar apenas depois que Maddox faz algo particularmente estúpido. Essa é a cara de Me-dá-paciência-Jesus-estou-tentando-não-dar-uma-surra-em-alguém do Ren.

— Vá. Embora. Viggo.

Espiando por cima do ombro de Ren, vejo Viggo sorrir maliciosamente.

— Eu meio que quero ficar por aqui e ver como isso vai se desenrolar.

— Frankie — Ren diz, mortalmente tranquilo.

— Hum?

— Eu vou te pegar, mas vou lhe abraçar para que ele não possa te ver. Vou manter meus olhos à frente e, em seguida, colocá-la em seu quarto.

Eu assinto.

— Ok. Bom plano.

— E então, quando eu colocar você no chão, vou matar meu irmão.

Normalmente fico parada no canto com o outro pessoal interno de relações públicas e mídia durante as coletivas de imprensa. As coletivas de imprensa não são de minha responsabilidade, mas afetam meu trabalho. Para fazer bem o meu trabalho, preciso manter o controle de tudo o que está acontecendo com a equipe, portanto, é fundamental assistir às coletivas de imprensa ao vivo.

Rob, Ren, Tyler e o treinador sentam-se à mesa, as câmeras piscando neles. Eles estão todos em seus ternos, mas ao contrário de Rob e Tyler, o cabelo de Ren não está molhado e enrolado na ponta da gola como de costume. Suas bochechas não estão coradas por causa do ar frio e dos sessenta minutos de hóquei. Ele não foi autorizado a jogar novamente com a concussão e seu ombro em recuperação, o qual não parece incomodá-lo muito agora, mas Amy disse que não deveria resistir aos esportes de contato ainda.

— Por que Ren está aí em cima? — Eu pergunto com o canto da boca para Nicole, nossa coordenadora de imprensa.

Ela olha para mim, os braços cruzados sobre o peito.

— Por que ele não estaria? Ele é o capitão alternativo. Ele também é um queridinho da mídia. Eles o amam.

— Ele não jogou.

— E ele vai explicar quando isso vai mudar.

Rob termina de responder a uma pergunta quando um dos caras no cubículo grita:

— Ren, há várias fotos circulando de ontem e hoje mostrando você sozinho com a coordenadora de mídia social da equipe, Frankie Zeferino. Você pode falar sobre os rumores de que vocês dois estão juntos?

O mundo congela com o registro de um arranhão retumbante. Bem, isso é o que acontece dentro da minha cabeça.

Ren geralmente é um profissional em conferências de imprensa, mas este é um novo território para ele. Ren nunca é fotografado com uma mulher, nunca é questionado sobre evidências de um interesse amoroso, porque nunca houve nenhum. Eu vi Ren corar muito nos últimos dias. Eu o vi tropeçar em suas palavras e se esforçar para encontrar a coisa certa a dizer. Estou preparada para que isso se torne astronomicamente ruim.

Mas, em vez disso, Ren pisca aqueles olhos claros de gato e se inclina sobre os cotovelos, perto do microfone.

— Com quem passo tempo ou não fora do ringue nada tem a ver com o meu desempenho profissional, que é o foco desta coletiva. Por falar nisso, estarei voltando para o jogo de quinta-feira. Próximo.

Ele aponta e responde a outra pergunta, avançando sem esforço.

Caramba.

— Ele é tão bom — murmura Nicole. Ela sorri para mim. — Vocês dois, hein?

— Oh, não, não é—

— Estou brincando. Darlene me disse que você só está ficando na casa dele. Sinto muito por sua casa ter sido arrombada.

Eu expiro. Eu odeio esse tipo de *provocação*. Eu nunca sei que alguém está brincando até que me esclareça. Meu coração está batendo forte, a adrenalina fazendo minhas mãos tremerem.

— Obrigada. Não foi tão ruim, considerando todas as coisas.

Voltando-me para Ren, deixo meu foco nele estabilizar minha respiração. Sinto orgulho em vê-lo, como ele se comporta com habilidade e calma. Sempre com um sorriso gentil, sempre educado com os repórteres, que para seu crédito, são muito educados com ele. Todo mundo adora Ren.

É apenas quando as câmeras estão guardadas, as cadeiras arranhando enquanto os repórteres ficam de pé, que eu processo o fato de que Ren acabou com essa questão.

Mas ele também não respondeu.

Nossos rapazes estão saindo, de volta ao interior do estádio, onde o treinador terminará a conversa pós-jogo e enviará todos para comemorar nossa vitória apertada. Eu me arrasto o mais rápido que posso, tecendo através do mar de repórteres.

Assim que passo por eles, para não chamar atenção indevida, sussurro o nome de Ren.

Ele olha por cima do ombro e para, seu sorriso se alargando quando me vê.

— Francesca.

— Não me chame de “Francesca”. — Eu cutuco seu estômago e

praguejo baixinho. Acho que acabei de quebrar meu dedo em seu abdômen. — Você *não* lidou com isso corretamente.

Ele inclina a cabeça, uma carranca apertando suas feições. Ren gentilmente me pega pelo cotovelo, me persuadindo a andar com ele. Há uma parede de pessoas esperando atrás de nós, então eu o deixo me puxar.

— Importa-se de me dizer — ele diz baixinho — como você me faria lidar com isso?

Eu faço um barulho estranho e perplexo no fundo da minha garganta. Estou tão nervosa que nem consigo encontrar palavras.

— Você me ensinou que negar algo é a maneira mais segura de garantir que as pessoas pensem que você está escondendo algo. Eu descartei sem negar. Como você sempre disse.

— *Rennnn* — eu gemo. Era a hora de acabar com isso. Negar. Curto e grosso.

Ele franze a testa para mim e faz uma pausa, trazendo-me suavemente para o lado do corredor.

— O que eu entendi de errado? Como posso consertar?

Um estranho nó de emoção se forma na minha garganta. Ren está dizendo o que eu me perguntei tantas vezes na minha vida social. Minha empatia por sua confusão corta minha frustração pela metade.

— Eu teria preferido que você dissesse: "Frankie Zeferino e eu não estamos juntos. Somos colegas e eu estava dando-lhe uma carona para o trabalho. É isso."

Ren me encara por um longo momento, então acena com a cabeça.

— Ok. Me desculpe. Posso encontrar Mitch e contar a ele.

— A decisão é sua. É a sua vida pública.

Ele estreita os olhos.

— É a *sua* vida também, Frankie. Eu não quero que algo seja dito sobre você que você não quer.

Em algum ponto de nossa discussão, enquanto tentava ficar fora do caminho das pessoas enquanto elas passavam, fui esmagada na frente dele. Agora o corredor está quieto, deixando apenas nós dois e o calor saindo de seu terno, seu cheiro limpo e apimentado. Calor percorre cada parte de mim que o está tocando e me sacode com consciência. Eu dou um passo para trás.

— Tudo bem, Zenzero. Talvez... talvez você tenha feito certo. O tempo vai dizer.

— De qualquer maneira, vou encontrar Mitch. Dizer a ele o que você disse.

Eu agarro seu braço.

— Ren, espere.

Ele realmente não se importa que as pessoas pensem que estamos namorando? Mesmo quando ele está salvando seu coração por esta mulher? Estou tão confusa. Mas, como sempre acontece comigo depois de um longo dia no mundo superestimulante e socialmente desgastante, estou cansada demais para tentar descobrir mais disso. Só sei que hoje o

que está feito, está feito, e ele voltar atrás para encontrar Mitch só aumentará as suspeitas de Mitch. Esse cara é um filho da puta intrometido.

— Está tudo bem — digo a Ren, liberando seu braço. — Eu prometo. Eu exagerei.

— Ok. No entanto, diga-me se mudar de ideia. — Seus olhos procuram os meus enquanto seu sorriso retorna. — Você está com um olhar faminto se formando. Vamos pegar um hambúrguer para você.

Abro a boca para discordar dele, mas então meu estômago ronca.

— Eu odeio quando você está certo.

Ren ri, e o som me segue por todo o caminho até o restaurante.

REN

Música da Playlist: “Mama, You Been on My Mind” - Jeff Buckley

— OH MEU DEUS — ela geme. Em pé na minha cozinha, Frankie abre um saco de gomas de refrigerante e quebra uma das garrafinhas pegajosas com os dentes. Encomendei uma caixa enorme deles depois que descobri que eles são sua fraqueza, pensando em surpreendê-la com eles no trabalho. Vendo como eles foram entregues aqui primeiro, esse plano falhou quando ela reconheceu a caixa. — Onde você *conseguiu* isso? — ela pergunta.

— No mesmo lugar que você, eu imagino. A fera corporativa que é a Amazon.

— Vendedor terceirizado?

Eu coloco uma na boca e mastigo.

— Sim.

— Extorsionário, bastardos sem alma — ela murmura.

Minha gargalhada ecoa na cozinha enquanto eu sirvo a chaleira para duas xícaras de chá.

— Algumas coisas valem o custo.

— Eu juro, quando eu estiver na faculdade de direito, vou ver o que posso fazer sobre isso. Isso é besteira. Eu preciso dessas coisas. E é como se eles soubessem. Eles *sabem* que podem me fazer pagar quinze dólares por pacote.

Segurando o chá dela e o meu, uso meu cotovelo para abrir a porta. Pazza se espreme através no momento que pode e salta para a areia.

Seguindo-a, Frankie cruza a porta em seguida e observa seu filhote voar em direção ao oceano. Com firmeza, ela caminha em direção à água, então se abaixa com cuidado sobre o cobertor que eu coloquei, seus cantos enfiados na areia firme. Quando a alcanço, ela está sentada com os joelhos dobrados, olhando para a água.

Meu peito aperta, impossivelmente forte. Ver Frankie de moletom e um coque bagunçado na cabeça, parecendo tão em casa aqui, é um momento agri-doce. Eu quero que dure, mas sei que em breve ela irá embora, sem nenhuma garantia de que terei um tempo assim com ela novamente.

— Pazza terá um despertar rude — diz ela, acendendo um baseado e expirando lentamente — quando voltar a morar no meu pequeno bangalô, nada de viagens emocionantes à casa da tia Lo ou a este lugar chique.

Eu me sento no cobertor ao lado dela, ainda segurando nossos chás.

— Por que ela não vai mais para a casa de Lorena?

Ou passar um tempo aqui?

Porque *ela* não planeja passar tempo aqui, idiota. Muito claro, se ela está dizendo isso.

Frankie retira delicadamente sua garrafa térmica de minhas mãos.

— Bem, com a faculdade de direito, terei uma rotina melhor, sem pernoites ou dias longe. Não há necessidade de ficar na casa de Lo. — Ela encolhe os ombros.

Por um tempo, ficamos sentados em silêncio, olhando para o oceano, observando a lua pintar a água de um branco prateado. Pazza cava na areia, rola, funga e sai correndo, voltando obediente quando eu assobio e a chamo de volta. Depois de minutos longos e pacíficos, o peso delicado da mão de Frankie me atinge, tirando minha atenção da costa.

Ela encara seus dedos deslizando sobre minha mão. Sua testa franze e ela afasta a mão.

— Conte-me sobre o verdadeiro Ren.

Eu olho para ela.

— O que você quer dizer?

— Aquele que está escondido atrás de toda aquela merda despreocupada. Aquele que nós meio que evitamos discutir depois da ioga.

Eu caio de volta no cobertor e fico olhando para as estrelas.

— Oh. Esse. Bem...

Como se lesse minha mente, Frankie estende o baseado na minha frente. Eu fico olhando para ele, em seguida, retiro-o cuidadosamente de suas mãos. Mais da metade da equipe fuma maconha, por vários motivos — alívio da dor, redução da ansiedade, recreação. Tenho estado tão tenso desde o momento em que assinei que nem sequer considerarei isso. Mas a ideia de ficar um pouquinho mais relaxado enquanto converso com Frankie, menos preso em meus pensamentos barulhentos, parece muito atraente.

Depois de dar uma pequena tragada, expiro lentamente e luto contra a necessidade desesperada de tossir.

Frankie sorri para mim.

— Eu corrompi você.

Eu rio antes que se transforme em uma tosse seca. Não demorou muito, menos de um minuto talvez, antes que um peso silencioso se instalasse em meus membros. Minha mente está incrivelmente clara.

— Uau. Lamento não ter experimentado cannabis antes.

Ela ri e bagunça meu cabelo.

— Bem-vindo ao lado sombrio, Zenzero.

Eu encontro seus olhos e sorrio, procurando seu rosto.

— Você disse que quer o Ren verdadeiro. Isso é uma troca de favores? Isso significa que conheço a verdadeira Frankie?

Seu sorriso vacila, mesmo quando seu dedo enrosca uma mecha do meu cabelo em torno de sua ponta, um movimento constante e reconfortante.

— Sim, acho que sim. Mais do que a maioria das pessoas, pelo menos.

— Ela me cutuca. — Pare de desviar.
Virando minha cabeça, eu observo as constelações.
— O verdadeiro Ren ainda é um pouco inseguro e desajustado.
— Por quê?
Eu encolho os ombros e levanto minha mão, sinalizando que quero outra tragada.
— Quem sabe. — Com cuidado, dou outra pequena tragada no baseado e o devolvo a ela, falando através da minha expiração. — Eu era estranho quando era mais jovem. Em seguida, nos mudamos quando eu estava no colégio, então tive que começar tudo de novo, tentando encontrar alguns amigos. Eu nunca encontrei meu caminho.
— Até o hóquei?
Eu sorrio para as estrelas.
— Sim. Estou feliz no gelo. E eu realmente me dou bem com os caras. Eles gostam da minha esquisitice. Não sei, me sinto aceito, suponho.
— Isso é importante — ela diz baixinho. — Eu tenho isso com Annie e Lo. Eu seria infeliz sem elas.
Eu viro minha cabeça e olho para ela.
— E sua família?
Frankie encolhe os ombros.
— Eh. Eu amo minha irmã, Gabby, mas ela era uma verdadeira idiota quando éramos mais jovens. Eu era sua irmã mais nova, tendo todos esses colapsos e problemas, e ela se sentia ignorada. Já passamos disso, mas também somos pessoas muito diferentes com um país entre nós. Com mamãe, sou uma bomba-relógio ambulante e cada passo que dou é um mais perto de desmoronar. Nonna está tranquila quanto a artrite, mas não entende o autismo. Eu a deixo maluca com a minha falta de um filtro. Eu costumava envergonhá-la na igreja e em seu círculo social. A Igreja Católica e eu não nos damos muito bem, e é tipo, a vida dela.
— E quanto ao seu pai?
Ela abaixa o olhar para a areia, arrastando o dedo lentamente por sua superfície.
— Ele morreu quando eu tinha doze anos. É parte do motivo pelo qual deixo minha mãe tão ansiosa. Ela nunca superou perdê-lo. Ele era um bombeiro, e quando morreu no trabalho, isso só aumentou sua ansiedade sobre o bem-estar de sua família, se isso faz sentido.
Cuidadosamente, pressiono minha mão na dela, meus dedos deslizando contra os dela.
— Eu sinto muito.
Lentamente, seus dedos dançam com os meus.
— Está tudo bem. Sempre sentirei falta dele, mas a dor diminui depois de um tempo. — Ela suspira, apaga o resto do baseado e o coloca ao lado do seu chá. — Então, me fale sobre o Clube de Shakespeare.
Eu inclino minha cabeça, confuso com sua mudança de direção.
— O que tem isso?
— O que você gosta sobre isso. Porque você ainda participa. — Ela bebe seu chá e olha para o oceano.

— Bem, isso começou no colégio, alguns nerds como eu que adoravam ler e interpretar essas palavras de uma época em que a linguagem *significava* algo — quando vocês não apenas jogam palavras um no outro, ou não sei, talvez vocês façam, mas pelo menos teve que ser criativo sobre isso.

— Por isso, as blasfêmias.

Minhas bochechas esquentam. Não estou envergonhado em si, mas não estava fazendo isso com a consciência de que alguém estava ouvindo.

— Você percebeu isso.

Ela sorri e põe o chá na mesa.

— Acho que meu favorito até agora é *tapa-sexo com cérebro fervente*.

— Isso dá conta do trabalho. Não gosto de xingar as pessoas, principalmente em público. Talvez pareça extremo, mas sinto o peso de cada pequeno fã que me observa, cujos pais lêem o que digo na imprensa. E-eu acho que quero respeitar isso. Ainda assim, em algum momento, você tem que extravasar, sabe?

Ela acena com a cabeça.

— O Clube de Shakespeare mantém isso fresco em sua mente. Alguém que eu conheço que faz parte deste grupo heterogêneo?

Eu me apoio nos cotovelos e tomo um longo gole de chá, evitando seus olhos.

— Eu não posso dizer. É um segredo.

Quando eu olho para cima, há um brilho em seus olhos, um pequeno sorriso puxando seus lábios.

— E como alguém ganha acesso a este encontro exclusivo?

— Bem, primeiro eles têm que ser convidados por um membro. Então, eles têm que recitar seus versos favoritos de Shakespeare.

— Parece fácil.

— Oh, há mais nisso. A adesão depende da autenticidade, das palavras ditas com o coração. Eles têm que dizer isso como se sentissem, como se fosse importante para eles.

— Por quê? — Frankie pergunta.

— É assim que você o mantém seguro. Se alguém aderisse e adotasse uma atitude de desprezo, isso estragaria tudo.

— Bem, talvez eu tenha que melhorar meu lado poeta, então.

Eu viro minha cabeça bruscamente para encontrar seus olhos.

— V-você gostaria de vir?

— Algum dia, talvez. Parece divertido. Além disso, imagino que você seja muito atraente, recitando Shakespeare. Eu tenho que ver isso.

Minhas bochechas esquentam ainda mais.

— Não tenho certeza sobre isso, Frankie.

— Por que não?

— Porque... — *Então você me veria em toda a minha nerdice. Meu idiota excêntrico absoluto.* — Estou constrangido — digo defensivamente.

Ela revira os olhos.

— Ren, deixe-me te dizer uma coisa. Qualquer pessoa que já viu você

se divertindo para caralho como um geek de teatro e te importunar por isso, não vale o seu tempo. Meu terapeuta diz: mostre às pessoas quem você realmente é, e você terá a emoção absoluta de saber que elas o amam por *você*. É por isso que os amigos que tenho não são muitos, mas eles conhecem e amam meu verdadeiro eu.

Você conhece meu verdadeiro eu, seus olhos parecem dizer enquanto ela olha para mim.

Meus ombros machucados doem por apoiar-me no cotovelo, e eu caio no cobertor, tão atordoado por suas palavras quanto pela dor atravessando meu corpo. Frankie desliza a mão pelo meu braço, até meu ombro. Quando ela o esfrega, amassando os pontos sensíveis com os dedos, um gemido sai de mim.

— Se sente bem? — ela pergunta baixinho.

— Uh-huh. — Meus membros estão pesados, meus pensamentos calmos. Eu me sinto como uma massa em suas mãos.

— Ótimo. Agora vamos ouvir porque você está se escondendo nessa concha de cara legal.

— Eu sinto que estou sendo interrogado.

Ela sorri.

— Estou aproveitando seu estado de relaxamento. Você está tão tagarela. — Seu dedo cutuca minha bochecha, onde uma covinha fica visível quando eu não tenho barba. — Eu preciso da sujeira, Zenzero.

Eu dou-lhe um olhar provocador que derrete quando ela volta a esfregar meu ombro.

— A sujeira é que eu amadureci tarde. Então, quando cheguei à faculdade e meio que cresci, encontrei meu caminho no hóquei, as pessoas começaram a me tratar de forma diferente. E eu não sabia o que fazer com isso. Eu era a mesma pessoa que sempre fui, mas agora que tinha uma certa aparência e encontrei alguma medida de sucesso socialmente construída, de repente eu deveria me *sentir* diferente?

Seus dedos pararam por um momento, então voltaram suavemente.

— Continue.

— Isso é realmente tudo que há para dizer. Encontrei meu lugar com meus geeks de Shakespeare, jogando hóquei, e acho que ainda estou tentando descobrir como ser *eu* e pertencer a esses dois mundos. Essa "fachada de cara legal" de que você fala é o que tentar proteger minhas apostas se parece.

— Você já teve um relacionamento que o fez sentir que poderia ser todas essas coisas?

— Não.

— Relacionamentos ruins?

— Nunca tive um relacionamento sério, bom ou ruim.

— Ah — ela diz. — Então encontros. Sim, acabam antes mesmo de vocês se conhecerem.

Eu fico olhando para o céu noturno, me preparando para a reação dela quando eu disser isso.

— Sem encontros também.

Seus dedos param. Ela abaixa a mão.

— Puta merda, Ren. Você é *virgem*?

Virando, eu a encaro.

— Sim.

— Você está brincando comigo. — Ela bate no meu peito. — Isso não é engraçado.

— Frankie, não estou brincando com você.

— Você tem vinte e cinco anos. Inteligente. Bonito. Bonito do tipo que encharca calcinhas, de uma forma que é sexualmente anormal...

— Sinto muito, sou *o quê*?

— Apenas. Esqueça que eu disse isso. — Balançando a cabeça, ela pisca para mim em descrença. — Estou tendo muita dificuldade em processar isso.

— É a verdade.

— Uau.

Tento encontrar seus olhos, mas eles dançam para longe, para minha boca, meu corpo, antes de encontrarem meu olhar novamente.

— Você pode me perguntar por quê.

— Por quê? — ela grita, levantando as mãos em descrença. — Quero dizer, puta merda, Ren.

— Eu nunca quis isso com as mulheres que conheci. — Eu encolho os ombros. — Quero dizer, meu corpo obviamente sim. Muitas vezes, mas eu só... eu começava a beijar alguma garota em uma festa, em seu dormitório, e sim, eu aprendi como lidar com o corpo de uma mulher, mas ainda me sentia estranho. Não parecia certo.

— Até a senhora misteriosa.

Eu olho para ela e sinto meu coração bater contra minhas costelas.

— Até ela.

— O que a torna diferente? — Frankie pergunta.

Meus olhos procuram os dela.

— Eu não tenho certeza. Pelo menos, não tenho certeza do que era no início. Agora que a conheço melhor, acho que nos conectamos bem. Humor semelhante, talvez alguns pontos fracos semelhantes. Muita química física, pelo menos do meu lado das coisas. E... ela é a primeira pessoa com quem eu me senti bem. Como se eu não fosse uma contradição ambulante que nunca pertenceria a lugar nenhum, mas alguém que realmente faz algum sentido. Como se eu não tivesse que escolher entre essas diferentes partes de mim.

— Ela parece o melhor tipo de pessoa, então — Frankie disse calmamente.

Eu sorrio para ela e digo a verdade absoluta.

— Ela é.

REN

Música da Playlist: "Everything I Am Is Yours" - Villagers

AQUELA CONVERSA NA PRAIA DESBLOQUEOU algo dentro de mim. Sempre fui atraído por Frankie, gostei de seu humor e suas piadas, como ela esconde seu grande coração sob aquela fachada rabugenta, mas até agora estava fraturado em momentos fragmentados e inadequados de tempo. Agora, alguns dias e horas ininterruptos com ela parecem como um presente agri-doce – uma janela para o que é possível, mas ainda uma miragem – uma fantasia mantida fora de alcance.

Mesmo em viagem, a proximidade com ela é um novo tipo de tortura. Num jogo em Minnesota, passei quarenta e oito horas compartilhando refeições com ela, reuniões, entrevistas, fotos. Roubando apenas olhares fugazes, o mais simples toque e conversa.

E, lentamente, fui me desfazendo.

Eu roubo um olhar para ela. Vejo como sua pele brilha como ouro sob as luzes, e aquelas calças pretas abraçam sua bunda redonda, moldando-se a suas longas pernas. Ela é lindamente alta. Alta o suficiente que quando eu a abraço, eu não tenho que me curvar ao meio ou me abaixar. Quando ela me beijou na praia, parecia que nascemos para fazer isso. Nos encaixamos. Perfeitamente.

Frankie gira sua bengala e grita para seu telefone, seu rosto pintado com uma carranca persistente. Isso me faz querer jogar seu celular por cima do ombro e beijá-la até que aquele sorriso largo e a única covinha profunda transformem seu rosto em pura alegria.

Mas eu não posso. Eu tenho que assistir ela falar besteira com os caras, conversar com Rob sobre *The Office*, fazer Kris tropeçar quando ele fizer uma pegadinha fingindo que acidentalmente tweetou uma selfie nua. Frankie não é minha. Ela é da equipe. Ou, na verdade, nós somos *dela*. Ela tem todos nós enrolados em seu dedo. Porque ela nos protege, nos mantém sob controle, nos mostra como lidar com os haters e como não enlouquecer lidando com as redes sociais.

E ela está sempre lá, firme e leal. Vou sentir falta de passar praticamente todos os dias com ela quando a temporada terminar. Pior, depois dessa temporada, quando ela entrar na faculdade de direito, se ela não quiser o que eu quero, se não houver para onde irmos a partir daqui, e eu tiver que dizer adeus, vou ficar devastado.

Apenas esse pensamento aumenta minha pressão arterial. Eu olho para longe dela e me distraio consertando os cadarços dos meus patins, garantindo que eles estejam bem amarrados. Agora não é hora de ficar emocionado e frustrado. Agora é a hora de focar no jogo, no momento

bem na minha frente.

“Não se preocupe com o amanhã. O amanhã se preocupará consigo mesmo”, meu pai sempre me disse. Mas, novamente, ele tem a vida que deseja – uma esposa que ama, a ninhada de filhos com que sonhou, uma família própria. Fácil para ele dizer. O que há para se preocupar quando tudo está indo do seu jeito?

Quando os coordenadores da equipe nos cercam e nos mandam através do túnel, meu corpo está solto e quente, meu ombro envolto por estabilidade sob minhas ombreiras. Quase não sinto dor quando giro totalmente o braço, e não tenho dor de cabeça há setenta e duas horas. No último jogo, fui finalmente liberado para jogar, mas o treinador só me deixou jogar pela metade do número de turnos que normalmente faria.

Eu resmunguei sobre isso e ele me disse para falar com Amy. Amy me disse que tive sorte de sequer poder entrar no gelo. Então, eu fechei minha boca, depois quase puxei um músculo sorrindo tanto quando o treinador me disse hoje que eu tinha sido liberado para jogar em tempo integral.

No gelo de Minnesota, a energia é palpável, intensa com a fome de nos provar em território inimigo. Nós sobrevivemos com uma vitória por 3-2 duas noites atrás, mas foi confuso e desconexo. Não jogamos nosso jogo, e esta noite é a noite para recuperar nosso estilo de jogo, não para cair no deles.

Os caras ficam quietos enquanto andamos de patins, fazendo aquecimentos, todos entrando em seu estado de espírito para o jogo. Quando eu dou uma olhada para ela novamente, Frankie ainda está absorta em seu telefone, murmurando para si mesma. Seu cabelo cai em uma camada quase preta pelo seu ombro e eu aperto minha mão dentro da minha luva, sentindo a necessidade reflexiva de alisá-lo para trás.

É uma ironia cruel que meus dois interesses pessoais mais importantes estejam em conflito: ganhar a Copa Stanley e ganhar o coração de Frankie. Quanto mais os playoffs duram, mais tenho que esperar para conquistá-la. Normalmente acho a ironia divertida.

Não dessa vez.

Alguém grita sobre um disco que está chegando, me tirando dos meus pensamentos.

Concentre-se, Ren. Lide com o aqui e agora.

Eu pego-o e aumento minha velocidade enquanto patino, sacudindo o disco no meu taco, girando, fingindo, me perdendo na memória muscular.

O barulho de vozes ecoa no rinque, mas minha audição se restringe aos sons calmantes do gelo macio e úmido, o arranhar dos meus patins enquanto eu giro e desloco para trás, minha mente se aquietando, meu corpo centrado. Respirando profundamente, eu absorvo aquela picada gelada no ar, um frio explosivo que enche meus pulmões.

Tranquilidade pura.

Até que eu olho para cima e encontro os olhos de Frankie. Seu rosto está rígido, tenso de uma maneira que eu não tinha visto antes. Ela

parece preocupada e nervosa. Patinando em sua direção, eu paro perto do banco. Os dedos de uma mão estão emaranhados em seu colar, a outra segurando seu telefone, os nós dos dedos brancos ao seu lado.

— O que está errado? — Eu pergunto.

Ela engole enquanto seus olhos dançam entre os meus.

— Nada.

— Obviamente não é nada. Você parece ansiosa.

Sua mão cai de seu colar.

— Eu gostaria de solicitar formalmente que você não seja atingido na cabeça esta noite. Só isso.

Eu franzo a testa, virando apenas o tempo suficiente para dar um tapinha no disco, devolvendo-o a Kris através do gelo. Então eu giro de volta.

— Eu sempre tento não fazer isso, Frankie.

— Não o impediu de ser esmagado no acrílico da última vez que estivemos aqui — ela resmunga.

Um pequeno sorriso aparece em minha boca.

— Francesca. — Eu me inclino. — Você está se preocupando comigo?

— Não. — Ela torce o nariz e joga o cabelo atrás do ombro. — E chegue para trás. Você fede como um jogador de hóquei suado.

— Eu sou um jogador de hóquei suado, Francesca. Eu achava que você já estava acostumada com o cheiro a essa altura.

Ela fecha os olhos como se estivesse procurando serenidade e fracassando.

— Estou apenas lembrando você, é do interesse de todos aqui que você jogue seguro.

Meu estômago se contrai com uma onda de felicidade nervosa. Frankie se preocupa o suficiente comigo para ficar preocupada se vou me machucar. O suficiente para fazer cara feia para mim do outro lado do gelo e me avisar sem rodeios para ir com calma.

Kris manda o disco de volta na minha direção. Eu atiro para cima do meu taco e faço malabarismos.

— Não se preocupe, *älskade*. Eu vou tomar cuidado.

Sua carranca se aprofunda.

— É claro que você fala uma das poucas línguas europeias com as quais não tenho familiaridade. Aquela palavra na ioga. Agora isso. Não gosto deste desenvolvimento recente do uso de uma segunda língua, Søren.

— Hm. — Golpeando o disco em direção a François, que não estava nem remotamente antecipando meu disparo sobre ele, eu ganho uma de suas pitorescas blasfêmias francesas. — Isso vindo de uma mulher que falava bobagens em italiano pelas minhas costas durante a ioga com Fabi. Muito hipócrita.

— Isso... — Ela bufa. — Tudo bem. Justo. Mas, só para você saber, ainda posso pesquisar o que você disse.

Eu sorrio e começo a patinar para longe.

— Boa sorte. Sueco não é fonético.

Antes que ela possa me infernizar mais sobre isso, eu circulo a rede, poder através do gelo, e deixo minha mente se acalmar. Mas meu coração não para de galopar a uma velocidade vertiginosa.

Terceiro período, empatados por 1-1. Graças a alguns jogos passados, minhas pernas ainda estão frescas, meus pulmões puxando ar facilmente. Eu me agacho para um confronto direto e ganho o disco, passando-o para Rob e planando no gelo para a zona de ataque. Estou de olho no número 27, aquele que me bateu recente e sujo nas placas da última vez que estivemos aqui. Quando joguei na outra noite, ele e eu tínhamos apenas um turno que se sobrepunha porque eu joguei muito pouco, mas esta noite é outro assunto.

Ele está na minha cola. Constantemente.

Até agora, consegui evitar suas tentativas mais sujas, o que parece enfurecê-lo. Ele não é o primeiro defensor a se incomodar com minha agilidade no gelo, dado o meu tamanho. Ele também não é o primeiro defensor a me mirar como se sua única missão fosse brutalizar meu corpo. A cada time que jogamos, sou um alvo. Sou nosso artilheiro e sou bom em evitar arranhões, ganhar o disco, catalisar o ataque. Eu desafio a física, e isso choca e então rapidamente irrita meus oponentes.

Para ser justo, também me chocou no início. Mas agora eu entendo que é a minha força, essa intuição que tenho, a maneira como percebo golpes chegando e escapando, a capacidade do meu corpo de manter a consciência periférica de tantas coisas, então, me esgueirar com o disco exatamente onde precisamos ir. Eu não poderia explicar *como* faço isso se quisesse – é apenas algo que minha conexão do cérebro-corpo sabe implicitamente.

Dito isso, embora eu seja adepto de evitar desastres, fugir e aturar o número 27 está ficando cansativo. Incontáveis ganchos, cutucadas e golpes, enfiando o taco em meus patins, na esperança de me fazer tropeçar. Ele tentou e errou em me esmagar contra as placas mais vezes do que eu posso contar. E, ao contrário de outras vezes, quando resisti o abuso dele e de outros defensores com um distanciamento estóico, a frustração latente cresceu até ferver a raiva dentro de mim. Eu não sei por que o que eu normalmente ignoro e deixo não me incomodar está me irritando tão implacavelmente esta noite. Por que minhas mãos coçam para causarem danos, meus punhos se contraem para tirar sangue. Tudo o que sei é que elas fazem.

Talvez você esteja atingindo seu limite, Bergman. Todos nós os temos.

Bom ponto, subconsciente. Passei três anos nesta liga sendo completamente limpo. Recuando das brigas, jogando um jogo justo, nunca mordendo a isca. Eu faço todas as proezas de relações públicas que eles me pedem, apareço em todas as capas de revistas e entrevistas que a liga deseja. E o tempo todo eu sorri, me mantive longe de problemas e não pedi nada, exceto um belo jogo para jogar e minha casa

tranquila para descansar quando não estou jogando.

Mas, acima de tudo, esperei. E esperei. E *esperei* por Frankie. E agora eu tenho que sobreviver convivendo com ela, vendo a água do chuveiro escorrendo em seu peito, vendo-a comer minhas omeletes com olhos sonolentos e cabelos desarrumados, compartilhando o pôr do sol na praia com ela e seu cachorro fofo que eu já sinto falta. E eu ainda não posso tê-la. Não posso dizer a Frankie o que ela significa para mim ou tocá-la como estou morrendo de vontade.

Eu me sinto como uma panela de pressão da mamãe na vez em que ela se esqueceu do arroz e a tampa explodiu, banhando o quarto. Uma bagunça de necessidades reprimidas e não atendidas explodindo até o topo.

Quando 27 bate nos meus patins novamente, eu giro, bato nele com o ombro e avanço com o disco em direção ao gol. Todo o meu foco se estreita na rede. Eu voou por cima do gelo, fintando, tecendo, sabendo que meu jogo de pés é mais rápido do que o defensor pode acompanhar, sabendo que esse gol é *meu*.

Eu jogo para Tyler, acelerando por trás do último homem do Wild e pego o disco quando Tyler finge e joga para mim. Quando eu pressiono o goleiro, o disco grudado no meu taco, depois recuo para chutar, meu pé cede graças ao taco do Número 27, que engancha no meu patins e me faz tropeçar.

Estou caindo, indo direto de cara no chão, mas de alguma forma, ainda consigo arremessar. Meu olhar segue o disco flutuando no ar, mergulhando para baixo. Assim que eu caio no gelo, ele passa furtivamente pela proteção do goleiro e cai com um *baque*, seguro dentro da rede.

Gooooooooo!!!!

— Seu bastardo sortudo! — Tyler grita, me levantando. — Faltam três minutos e você conseguiu!

Rob está cheio de orgulho, batendo no meu capacete e no meu peito como sempre.

— Isso foi incrível.

Quando eu passo de patins, 27 me empurra. Eu congelo, mantenho contato visual, então começo a passar patinando, mas ele ergue o braço novamente e me empurra mais uma vez.

— Chega — Tyler estala, arrancando uma luva. — Já passou da hora dele—

Rob segura a mão de Tyler.

— Ren pode lutar suas próprias batalhas. E se ele não quiser fazer, elas não são suas.

Número 27 cospe seu protetor bucal e sorri maldosamente, revelando quatro dentes faltando.

— Ele é muito mulherzinha para lutar suas próprias batalhas. Ele é a sua vadia, Johnson? Tem que proteger a sua...

Tyler se lança contra ele, mas consigo me colocar no meio deles.

— Ele não vale a pena — digo a Tyler, enfiando a luva em seu

estômago e girando-o para longe. — Saia daqui. Acalme-se.

Eu olho por cima do ombro para o cara, endireito meu capacete, viro e começo a patinar para longe.

— *Um eunuco de corte tosco* — murmuro.

Rob bufa em uma risada histérica, patinando ao meu lado.

— De que porra você me chamou? — 27 grita, me empurrando por trás.

O árbitro entra patinando, afastando 27 para longe.

Tyler dá uma gargalhada enquanto agarro seu braço e o arrasto comigo, patinando em direção às placas para trocar para o último turno. Tudo o que precisamos fazer é manter a vantagem que acabei de adquirir para nós pelos próximos três minutos e evitar uma penalidade. Então vencemos a série e avançamos para a próxima rodada dos playoffs.

Rob passa por mim patinando, ainda lutando para conter a risada.

— A melhor coisa que já ouvi no gelo.

Eu sorrio, rodando meu protetor bucal, sentindo o alívio de outro gol e de repreender aquele idiota. Estou quase nas placas quando travo os olhos em Frankie, que está carrancuda novamente. Abaixando meu protetor bucal, eu dou a ela um sorriso brilhante. De repente, seus olhos se arregalam, suas mãos balançando em alarme. Eu me viro para olhar por cima do ombro e giro habilmente, bem a tempo de deslizar do gancho de direita do 27. Passando por mim, ele voa para as placas e se desmancha no gelo.

Quando eu viro de volta, os olhos de Frankie estão arregalados, sua boca aberta.

— Tá vendo? — eu digo a ela, passando sobre as placas e indo para o banco. — Eu disse que teria cuidado.

FRANKIE

Música da Playlist: “Lovely” - Billie Eilish, Khalid

DEPOIS DO JOGO, REN recusou o jantar com o time. Rob deixou implícito que foi por causa de uma forte dor de cabeça, mas suspeito que a ausência de Ren tem muito mais a ver com o que aconteceu quando 27 se lançou contra Ren e comeu gelo em vez de acertar um golpe.

Eu não deveria estar fazendo isso, mas estou. Eu ando pelo corredor macio e acarpetado do hotel, direto para o quarto de Ren. Ele está sempre reservado ao meu lado, e é enlouquecedor. Cada vez que o ouço ligar o chuveiro, abrir e fechar as gavetas da cômoda do hotel – porque Ren é aquele cara que desfaz sua mala ordenadamente para uma estadia de duas noites – tenho que tentar não o imaginar andando pelo quarto, gloriosamente nu, com aquele martelo Viking entre as pernas, que agora estou surpreendentemente familiarizada depois dos desastres de ioga e toalhas de banho.

Batendo suavemente, eu espero. Ren abre a porta e aperta os olhos para mim. Ele está segurando uma enorme bolsa de gelo na cabeça e parece instável em seus pés.

— Como eu ia saber que o cara só tem um testículo? — Ren murmura. Eu encolho os ombros.

— Você não poderia saber. Foi apenas uma má coincidência. Não é como se ele não merecesse, no entanto.

Virando-se, Ren deixa a porta aberta e volta para sua cama, caindo sobre ela com um gemido.

— Foi apenas um xingamento renascentista improvisado. Apenas um monte de palavras antigas colocadas juntas.

— Uma das quais era *eunuco* — eu digo incisivamente.

Ren levanta a palma da mão como, “*e daí?*”

— Há dez anos amaldiçoo jogadores de hóquei usando insultos de Shakespeare piores do que aquele, e isso nunca criou um problema. — Ren suspira, parecendo exausto. — Eu tenho que tirar minha frustração do meu peito de alguma forma. Eu não brigo. Eu não mordo a isca. *Eu* não digo coisas desagradáveis sobre a mãe deles ou chamo-os de insultos homofóbicos. Os xingamentos elisabetanos são como eu mantenho um pouco de dignidade.

Agora, isso é algo que você não ouve todos os dias. Tenho a vontade ridícula de apertar suas bochechas e beijar Ren até ficar sem fôlego pelas coisas adoráveis que saem daquela boca. Em vez disso, resolvo fechar a porta atrás de mim e cuidadosamente me abaixar até a beira da cama.

— Bem. — Eu dou um tapinha em sua mão. — Eu posso dizer que

você se sente mal por chamar um cara com um testículo de *eunuco*, mas ele é um cara *idiota* com um testículo. Ele estava vindo atrás de você, intimidando você, Ren. Você simplesmente se defendeu e nem mesmo pretendia acertar um golpe tão pontudo.

Ren muda a bolsa de gelo em sua testa e não diz nada.

— Posso te perguntar uma coisa?

Ele gira a cabeça no travesseiro e encontra meus olhos.

— Sim.

— O que fez você decidir praticar um esporte profissional que é indiscutivelmente o mais tolerante – comemorativo, até – de hostilidade e agressão, quando você é claramente uma pessoa não violenta?

— O jogo é muito mais do que isso — diz ele, quase como se para si mesmo. — Eu amo a beleza disso. A graça e coordenação, o esforço da equipe de hóquei. Eu simplesmente escolho não abraçar seus aspectos mais cruéis.

— E você sente que desceu ao nível dele esta noite.

— Eu não queria — ele disse calmamente. — Fiquei aliviado por ele não ter esmagado meu rosto de *novo*, mas me senti péssimo quando o vi bater nas placas e depois cair no gelo. Eu sei que ele mesmo causou isso, eu entendo que em algum sentido de justiça cármica ele merecia isso, mas...

Ren suspira pesadamente, olhos fechados.

— Eu não sei. Foi como o ensino médio de novo. Eu me senti estranhamente vingado e culpado. Isso faz sentido?

Eu aceno.

— Sim. Eu entendo porque você precisou pular o jantar.

— Oh, eu estava indo jantar. Estou morrendo de fome. Eu não estava *tão* chateado com isso. Mas então essa dor de cabeça começou.

— Você tem tido muitas dores de cabeça?

Ele engole e pressiona a bolsa de gelo com mais força na testa.

— Elas começaram há algumas semanas. Amy diz que é o que às vezes acontece depois de algumas concussões. Então, bom progresso de vida.

Eu roubo o momento para olhar para ele. Cabelo despenteado, ondas desordenadas de castanho-avermelhado e dourado. Lábios carnudos e macios meio escondidos sob sua barba. Estupidamente, eu me inclino e empurro uma mecha de cabelo presa em sua testa.

Seus olhos se abrem, pálidos como gelo e igualmente capazes de me congelar.

— Por quê você está aqui? — ele sussurra.

Vozes ecoam no corredor, abafadas, quartos distantes de nós. Eu me ouço respirar, áspero e rápido.

— Não tenho certeza. Eu estava... acho que estava preocupada com você.

Seu olhar segura o meu, como se ele estivesse tentando me decifrar. Só espero que ele não consiga.

Fechando os olhos com força, ele arrasta a bolsa de gelo sobre eles.

— Desculpa. A luz dói.

Sua mão livre se fecha ao lado do corpo. Eu observo o tique da sua mandíbula. Ele está sofrendo. E por mais estranho ou talvez até errado como parece, sinto-me aliviada por não ser a única. Que a vida de Ren possa parecer ser uma brisa, mas ele é tão escravo do corpo humano falível quanto eu. Ele sabe o que é sofrer, ficar debilitado pela dor.

Lentamente, com cuidado, coloco minha mão em cima de seu punho.

— Relaxe — eu digo baixinho. — O enrijecimento torna a dor pior.

Ele respira fundo quando eu deslizo minha mão sobre os nós dos seus dedos, abrindo suavemente seu aperto. Pego sua mão e começo uma massagem firme, passando meu polegar ao longo de seu Monte de Vênus, subindo pelo espaço entre cada dedo.

Ren geme.

— Deus, isso é bom.

— Ótimo.

Digo a mim mesma para respirar, embora o calor ferva sob minha pele e todos os pelos dos meus braços se arrepiem. Deve ser por estar lendo *Razão e Sensibilidade* para o clube do livro este mês, mas o que há de tão sensual no simples toque de mãos? Como compartilhar o contato mais básico pode ser tão íntimo?

Depois de alguns minutos, eu gentilmente coloquei sua mão na cama. Antes que eu possa afastá-la, ele desliza a palma da mão contra a minha, como nossas bocas e corpos se movem em meus devaneios. Suave, lento. Quente. Íntimo.

Nossos dedos se fecham, e eu não sei quem fez isso primeiro, apenas que aconteceu.

— “Se minha mão profana o relicário” — ele sussurra, os olhos ainda fechados — “em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência.”

Eu engulo nervosamente.

— *Romeu e Julieta*.

— Dez pontos para Sonserina. Mais dez se você puder me dizer o que Romeu está dizendo.

Eu sorrio para ele. Ren saberia de que Casa de Hogwarts eu sou, não que seja terrivelmente difícil de definir.

— Que a mão de Julieta é um lugar do qual Romeu se sente indigno, pura demais para ele tocar. O que é claramente apenas uma frase de efeito, considerando que ele admite que não deveria segurar a mão dela e se oferece para compensá-la beijando-a.

A mão de Ren aperta a minha.

— E como Julieta se sente sobre isso?

A respiração me deixa, curta e rápida. Meu coração está batendo forte, a emoção se fechando na minha garganta.

— Eu não sei.

— Sim, você sabe. Você tem uma memória incrível. É como se você visse algo uma vez e pudesse se lembrar.

Não tenho exatamente uma memória fotográfica, mas tenho uma

muito boa.

— Você conhecia aquela frase de *Hamlet* — ele pressiona. — Cada peça de Shakespeare sobre um rei.

Deus, ele é um idiota. Tão beijável.

Mas eu não posso fazer isso. Não quando ele é um *virgem*, pelo amor de Cristo, alguém que espera fielmente por uma mulher para amar, cuidar e dar tudo. Ele e eu estamos literalmente em extremos opostos do espectro. Eu não tenho nenhum direito de beijar ele.

Novidade: você já fez.

Ok, eu não tenho nenhum direito de beijá-lo *mais*.

Eu fico olhando para nossas mãos, emaranhadas.

— “Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais santo e conveniente.”

— Mhm — diz ele com a visão turva, seu aperto afrouxando no meu.

— “Deixai, então, ó santa! Que esta boca mostre o caminho certo aos corações.” — Trazendo nossas mãos diretamente sobre seu coração, ele aperta nossos dedos com mais força e suspira. — “Eles oram.”

Sua respiração se acalma. Seu rosto se afrouxa. E me permiti roubar o menor toque de seu rosto. Eu aliso sua barba, traçando meus dedos contra sua bochecha, até sua têmpora.

— O que você está fazendo comigo, Ren? — Eu sussurro. — O que eu vou fazer?

Sua mão se contrai na minha, mas seus traços são suaves, claramente em um sono profundo. Eu fico, segurando sua mão, alisando seu cabelo. Mais tempo do que deveria.

Muito mais.

É por isso que passei os últimos quatro anos da minha vida trancada. Porque quando mantenho meu coração, meus sentimentos e meu corpo fechados, não me vejo acordando com uma emoção nauseante, excitada a ponto de me distrair ou dormir terrivelmente. Eu não faço coisas estúpidas como sentar com um gigante ruivo por uma hora, até que meus olhos caiam e minhas juntas comecem a gritar para dormir na sua própria cama. Não tenho sonhos dos quais não consigo me lembrar, exceto pelo que eles me fazem sentir. Quente. Solitária. Faminta.

É tudo culpa de Ren.

Estou dolorida e cansada enquanto saímos cambaleando do ônibus de volta a Los Angeles. Minha pequena Civic pisca as luzes enquanto eu a destravo através do estacionamento e levanto minha bolsa de mão mais alto no meu ombro.

— Frankie. — Ren corre em minha direção, carregando todas as suas coisas. Sério, quando o cara vai deixar os subordinados serem subordinados para ele?

— Sim? — Meu estômago aperta ao vê-lo correr em minha direção. Passamos o dia nos evitando tacitamente. Ou talvez eu o tenha evitado.

Ok, eu o evitei. Porque isso é o que meu estômago fez toda vez que eu olhei para ele. E o que havia para dizer? *“Ei, eu não sei o que está acontecendo comigo, mas estou tendo muitos sentimentos por você que giram em torno de fascinação, desejo e medo de gelar os ossos.”* Sou uma pessoa sem filtros, mas até eu sei que seria demais.

Eu quero beijar Ren e afastá-lo. Eu quero um banho e um passeio de bicicleta. Preciso de uma noite sozinha e um fim de semana com minhas amigas.

Estou ficando desequilibrada.

Ele me alcança.

— Posso seguir você até a sua casa?

— Você quer me *seguir*?

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Isso saiu errado. Eu queria ir *com* você, mas dirigindo meu próprio carro e deixar você dirigir o seu. Porque é a primeira vez que você volta para sua casa desde... tudo que aconteceu. Eu ia me oferecer apenas para dar uma olhada, para ter certeza de que você se sente segura.

Adeus cambalhotas. Agora meu estômago se transformou em um mortal para trás. Eu aperto minha bengala com tanta força que meus dedos doem.

— Bem, isso é muito atencioso da sua parte. Mas eu estava indo pegar Pazza primeiro na casa da Lorena. Echo Park é ainda mais fora do seu caminho. Isso vai durar até tarde da noite.

— Imaginei que você gostaria de ir buscar Pazza — diz ele sem perder o ritmo. — Vai te ajudar a se sentir mais segura tê-la lá. E não, não me importo em dirigir. Eu preciso de um pouco de silêncio no carro após dias com os baderneiros, de qualquer maneira.

Ele dá um passo para mais perto.

— Por favor, Frankie? Isso vai me dar paz de espírito também.

Seu cabelo farfalha com o vento, rebelde e iluminado pelo brilho do centro de treinamento. Aqueles olhos gélidos cintilam sob os longos cílios negros, com pontas ruivas. Como você pode dizer não para alguém tão bonito como Ren Bergman?

Especialmente quando ele é ainda mais bonito por dentro.

Eu não sei. Ele tem um coração de ouro, mas uma bunda de aço. É uma incógnita qual é melhor.

— Ok — eu digo com um suspiro.

Sua mão alcança e aperta a minha, em seguida, a libera suavemente antes mesmo de eu processar o que ele fez. Minha palma queima com aquele contato fugaz, enquanto o toque da noite passada corre para o primeiro plano da minha memória.

Sem dizer uma palavra, ele tira minha bolsa do ombro e sai à minha frente.

Arrastando meus pés todo o caminho até o meu carro, sigo Ren, que abre minha porta, alegremente coloca minha bolsa no porta-malas, em seguida, bate duas vezes como um carregador animado.

Ele corre para sua van que está estacionada ao lado da minha e acena

para eu ir primeiro. Decido ligar meu audiolivro, já que o clube do livro se reunirá em breve, e estou muito atrasada em *Razão e Sensibilidade*.

Não é a minha favorita de Austen. Há algo na história que me deixa triste enquanto a leio. A morte de seu pai e a dor que isso causa às mulheres Dashwood. Como é injusto, propriedades sendo retiradas das próprias filhas de um homem, indo para o primo delas. O romantismo imaturo de Marianne, a maneira como ela facilmente ignora a bondade do Coronel Brandon para com ela e se apaixona por aquele idiota do Willoughby.

Depois, há a pobre Elinor. Apenas dia após dia, escondendo seu coração de Edward, porque ela está ciente do que poderia custar a ela e sua família se ela expressasse afeto por um homem cujos sentimentos ela não tem certeza. Ela é tão obediente. Tão paciente. Ela lida com uma mãe com autismo nível 3, uma irmã que faz tudo que Elinor não faz – jogando a cautela ao vento, perseguindo seus impulsos loucamente – tudo isso enquanto faz o papel de mãe da filha mais nova, Margaret. A existência dela parece tão pesada que *estou* cansada do dever de arrastar Elinor para baixo.

— “A sensatez sempre será um atrativo para mim” — lê o narrador.

— É claro que sim. — Com isso eu posso me identificar. Porque ser sensato mantém você seguro.

Meus dedos seguram meu volante com força, e estou rangendo os dentes com tanta força que minha mandíbula dói. Eu tenho que colocar minha cabeça no lugar. Sim, é verdade que acho Ren atraente. Sim, tenho um ponto fraco pelo doce de homem de um metro e noventa. Sim, ele beija muito bem, especialmente para um virgem, o que me leva de volta a um pensamento frequente ultimamente, de que uma parte primitiva de mim deseja ser a sua primeira. Porque alguém como ele merece a melhor primeira vez e, embora não esteja dizendo que sou um prodígio do sexo, acho que poderia agradá-lo. Eu sei que com certeza gostaria de tentar. Provocar, adorar e saborear este romântico, gentil, cavalheiresco, nerd, mais quente que o pecado—

Merda, preciso parar.

Volto a sintonizar o audiolivro, querendo me concentrar na história, mas Elinor e sua maldita restrição quando se trata de Edward apenas acumulam aborrecimento em aborrecimento enquanto eu dirijo, até que estou parada na frente do prédio de Lorena, gritando: “Apenas diga a ele que você já o ama!”

Ren bate na minha janela e eu me assusto tão violentamente que quase me cago. Assim que consigo respirar novamente, pressiono o botão até que a janela seja abaixada.

Ele inclina os braços na borda e sorri, olhando o meu painel com o título do audiolivro ilustrado para mim.

— Nunca vi Austen incensar uma pessoa assim.

Desligo o motor e abro a porta, fazendo-o dar um passo para trás.

— Claramente, você não leu *Razão e o caralho de Sensibilidade*.

— Huh. — Ele fecha a porta atrás de mim, seguindo enquanto eu piso

no meio-fio. — Eu não sabia que o título incluía tantos palavrões. Deve ser a versão completa.

— Não incluí — eu resmungo. — Mas deveria.

Ren pressiona a campainha da unidade de Lo, e o fato de que ele sabe qual é depois de apenas estar aqui uma vez antes, quando eu estava uma bagunça em estado de choque, chorando pelo meu cachorro, apenas torce a faca mais fundo no meu bloco de gelo de um coração.

— Na verdade, não li esse — diz ele, enquanto esperamos. — Mas você despertou meu interesse agora.

Antes que eu possa dizer-lhe para deixar o meu clube do livro em paz, Lo nos chama para entrar.

Lorena está em um certo estado de nudez que indica que ela e Mia estavam se divertindo, então faço com que a retirada de Pazza seja rápida. Eu a coloco no meu carro, em seguida, levo-nos para casa, Ren atrás de mim durante todo o trajeto de Echo Park a Hawthorne.

Quando eu paro em casa, meu coração começa a bater forte. Minhas mãos ficam suadas. Pazza choraminga de seu assento, e eu acaricio sua cabeça, olhando para o meu bangalô alugado. O lugar que eu normalmente ficaria tão feliz em ver parece sinistro e hostil. Sem luzes acesas dentro. Uma nova maçaneta e fechadura que não reconheço montadas na porta, destinadas à nova chave desconhecida que seguro na mão. Não parece como voltar para casa.

Suspirando, abro a porta do meu carro, mas Ren já está lá, abrindo para mim, pegando minha bolsa do porta-malas, acariciando Pazza quando ela corre até ele, como se tudo isso fosse normal.

Quando chego à porta, minhas mãos estão tremendo. Eu deixo cair minhas chaves, e Ren se curva, pegando-as para mim.

Ele as segura, abertas em sua mão, mas seus olhos se conectam aos meus.

— Você quer que eu faça?

Eu aceno.

Rapidamente, Ren desliza a chave na fechadura, entra e imediatamente acende as luzes. Isso ajuda um pouco. Minhas paredes cinza enevoadas, acabamentos brancos pintados por toda parte. O sofá aconchegante cor de aveia em que me aconcheguei muitas noites, decorado com travesseiros e cobertores com o tema de Hogwarts.

Fechando a porta atrás de mim, Ren vira o ferrolho e o som me faz pular. Sua mão repousa quente e firme no meu ombro. Um aperto sólido, então ele o solta.

— Você está segura, Frankie. Seu senhorio fez um bom trabalho.

Eu aceno de novo, mordendo meu lábio entre os dentes.

— Quer que eu dê uma volta lá em cima? — ele pergunta.

— Sim, por favor.

Sem outra palavra, Ren sobe minhas escadas, duas de cada vez, silencioso como um grande gato, sua grande mão envolta do corrimão.

Pazza trota para a cozinha, farejando, cutucando sua tigela.

— Eu sei, — digo a ela — estou indo.

Alimentá-la me acalma um pouco. Sou uma criatura de hábitos e essa é nossa rotina quando a pego com Lo. Entramos, eu a alimento com o jantar, então saímos para o meu pequeno pedaço de quintal enquanto ela fareja ao redor, então faz seu negócio. Depois disso, nos enrolamos no sofá e lemos. Bem, eu leio. Pazza deita em cima de mim e disputa minha atenção.

Eu ouço os passos de Ren vagando escada acima. Abrindo e fechando portas de armário. Minha cortina de chuveiro sendo puxada para trás, então endireitada.

Um sorriso surge na minha boca quando abro o recipiente de comida de cachorro que Lo preparou para Pazza e coloco em sua tigela. Ele está lá em cima, verificando todos os cantos e recantos.

Por mais estúpido que seja ficar sentimental sobre isso, eu faço. Eu fico na minha cozinha, saboreando os sons de cuidado, porque logo eles irão embora. Eu voltarei a ficar sozinha.

Você gosta de ficar sozinha.

Pazza choraminga, batendo na minha mão com a cabeça.

— Nós vamos ficar bem — eu sussurro para ela.

Com uma bufada, ela se afasta e sacode o pelo, aqueles olhos dourados claros me encarando. “Claro, mãe” eles dizem. “Continue dizendo isso a si mesma.”

FRANKIE**Música da Playlist: "Sirens" - Cher Lloyd**

— FRANKIE? — Ren chama das escadas. Quando ele para no final delas, eu fico olhando para ele, seu corpo alto preenchendo a entrada.

— Oi.

Super eloquente, Francesca, sussurra o diabinho no meu ombro.

Não estou tentando ser eloquente, lado diabólico. Estou tentando não arrancar as roupas dele.

Ren sorri quando uma onda perdida de cabelo cai em sua testa. Empurrando-a para trás distraidamente, ele entra na cozinha.

— Fiz uma busca completa. E acredite em mim, com vasta experiência em esconderijos obscuros e extremamente inseguros, graças a muitos longos invernos em Washington confinado com irmãos entediados e hiperativos, posso garantir que sua casa está completamente vazia, a não ser por você e eu.

Pazza late para ele e inclina a cabeça.

Ele sorri para ela, coçando sua orelha quando ela trota em sua direção e se agacha aos pés dele.

— E Pazza, claro.

Eu fico olhando para ele, enquanto meu coração bate contra minhas costelas, um prisioneiro sacudindo as grades da prisão.

Me deixe sair. Por favor. Só desta vez.

Puxando uma respiração irregular, eu viro para longe e direto para a porta dos fundos. Quando abro a porta, assobio e estalo os dedos em sinal para Pazza. Ela passa correndo por mim, pulando imediatamente em algum inseto que dança na grama.

Minha garganta aperta quando eu abraço meus braços em volta da minha cintura. Eu ouço o farfalhar silencioso dos passos de Ren, sinto aquele cheiro limpo e apimentado que aquece sua pele.

Sua mão segura suavemente meu cotovelo.

— Você está bem?

Eu aceno sem encontrar seus olhos, fingindo concentração em Pazza.

— Estou bem. Eu só precisava de um pouco de ar fresco. Obrigada por verificar a casa para mim.

Ele se aproxima.

— Fiquei feliz em fazer isso, Frankie.

Minha pulsação troveja em meus ouvidos. Parece que meu coração está sacudindo minhas costelas, está batendo tão violentamente dentro do meu peito. Se ele me tocar mais, não serei mais forte o suficiente para resistir a Ren. Vou me atirar nele, implorar que me dê tudo apenas por

um tempo. Me dar *por agora*, até que ele possa ter *para sempre* com ela.

Ela.

Deus, meu sangue ferve e um pontapé de raiva surge em minhas veias. Eu a odeio. Tenho um ciúmes louco dessa mulher, que só posso presumir que seja inteiramente, completamente digna dele. E eu sei, eu *confio* que ela seja, porque eu confio em Ren. Ele é medido e atencioso. Ele tem a cabeça no lugar. Ele valoriza as coisas certas.

Ela provavelmente tem uma beleza discreta, porque Ren é muito íntegro para precisar de um maravilha – ele só pede beleza por dentro. Ela é uma daquelas voluntárias de abrigos, que assa biscoitos de chocolate perfeitamente circulares e faz amizade com todas as avós do quarteirão. Ela quer três filhos – dois meninos e uma menina – e adora álbum de recortes. Ela também lê aqueles romances criminais sem sexo e é a mulher menos eroticamente aventureira do planeta–

Calma, lá, Francesca. Estamos ficando um pouco desagradáveis, não estamos?

Bem, sim. Meus pensamentos se tornaram pouco caridosos. Esse é o meu ciúme falando. Essa é a minha inveja cobiçosa. Uma possessividade feroz por alguém a quem não tenho direito. Uma animosidade despropositada e injustificada contra uma mulher pela qual eu deveria estar feliz.

— Eu quero me desculpar, Frankie. Sobre a noite passada.

Eu viro, puxada para fora dos meus pensamentos.

— O quê?

Ren franze a testa para mim de sua posição agachada, acariciando Pazza.

— Não me lembro de tudo, porque aquela dor de cabeça era... sobrenaturalmente dolorosa, e eu tomei um dos comprimidos para ela que Amy me receitou, mas tenho uma vaga lembrança de gostar muito de segurar mãos.

O calor corre através de mim enquanto eu mordo meu lábio. Deus, você pensaria que nós transamos, a maneira que pensar nisso me afeta.

— Você estava.

Ele faz uma careta.

— Não foi profissional da minha parte. Eu sinto muito. — Seu rosto se transforma em um largo sorriso enquanto Pazza lambe seu rosto, pousando as patas enlameadas em seus joelhos.

— Pazza, para baixo. — Minha voz está afiada e ela cai imediatamente, correndo até mim.

Ren lentamente se levanta com um olhar de cautela em seu rosto.

— Qual é o problema?

— Nada. Apenas Pazza. E-ela vai estragar suas calças. — Eu aponto para a grama e lama manchando seus joelhos.

Ele sorri e encolhe os ombros.

— Eu não me importo, Frankie. Eu posso lavar minha roupa. Na verdade, sou um mágico em tratar manchas.

— Claro que você é. — Não consigo tirar uma mancha das minhas

roupas nem para salvar minha vida.

Por que todas essas pequenas coisas sobre ele somam em algo tão perfeitamente certo para mim? Por que ele tem que ser tão maravilhoso?

Por que eu tenho que ser tão fodida?

— Frankie. — Ren fecha a distância entre nós, enviando o calor de seu corpo transbordando sobre mim. — Por que eu sinto que você está evitando o assunto?

— Que assunto?

Ele levanta as sobrancelhas.

— Da noite passada.

— Oh. Bem. Quero dizer, você não era você mesmo. — Eu aceno com a mão, dando um passo para trás. A brisa envia seu cheiro de especiarias apimentado na minha direção. Ele cheira tão tentador. — *Non compos mentis* e tudo. Está tudo bem.

A linha esboçada entre suas sobrancelhas se aprofunda.

— Por que você parece chateada, então? Diga-me o que está errado, por favor, Frankie. — Os olhos de Ren procuram os meus.

— Eu não posso.

Eu não posso me sentir assim por você. Eu não posso te querer. Eu não posso fazer isso.

Algo muda em seu rosto, enquanto seu olhar dança sobre minhas feições, como se ele tivesse lido minha mente.

— Posso te perguntar uma coisa? — ele diz suavemente.

Não.

Nada de bom vai sair disso, eu já posso sentir. Ele interpreta mal meu silêncio como assentimento.

— Estava lá... — Ren engole, passando a mão pelo cabelo. — O que você disse ontem à noite quando eu estava adormecendo? Está na ponta da minha memória. Mas não consigo me lembrar.

Meu coração troveja. Merda. Merda.

— Hum... nada. N-não foi nada.

Seus olhos procuram os meus.

— Não é *nada* porque você não quis dizer aquilo? Ou não é *nada* porque você não tem certeza se quer que eu tenha ouvido, se é que eu ouvi, é isso?

O rugido enche meus ouvidos. Eu lambo meus lábios, aperto minhas mãos trêmulas.

— Eu não tenho certeza — eu sussurro.

Ren se aproxima. Eu procuro seus olhos em confusão. Se ele me ouviu, se sabe que estou arrasada por ele, o que acontecerá?

Segurando o meu olhar, ele escova as costas de sua mão contra a minha, enviando um raio de eletricidade pelo meu corpo.

— Há algo que eu acho que eu deveria dizer a você — ele diz calmamente.

Eu encaro o Ren, o medo do desconhecido roendo dentro de mim. Puxo meu lábio entre os dentes e mordo até sentir o gosto quente de cobre do sangue.

— Frankie. — Sua voz é urgente. Ele passa o polegar sobre meu lábio e o puxa para fora. A ponta de seu polegar pressiona minha mordida. Seus olhos seguram os meus, em busca de respostas que não tenho. — Você se machucou.

Eu me afasto, mas ele me acompanha, com fluidez, intuitivamente, assim como o Grande Tango de Toalha Nu. Dou um último passo para trás, até que estou rente ao estuque da casa. Isso pica minha pele, um desconforto bem-vindo. Apenas a mais ínfima dor em comparação com o que está me cortando.

Ele ouviu minha confissão. Ele sabe que sinto algo por ele. E agora ele vai graciosamente, gentilmente, quebrar meu coração inexperiente. Eu já sei disso.

— Você está bem? — ele sussurra.

— Não particularmente. — Limpo o nariz com as costas da mão e afundo os dedos no colar para ansiedade. Rodo o relógio giratório, deslizo o polegar pelo gol de quadribol. — Eu não lido bem com situações estressantes. Eu fico ansiosa. Exausta. Histriônica. É muito vitoriano.

Ren me encara, uma série de emoções voando em seu rosto antes que eu tenha a menor chance de identificar pelo menos uma delas.

— Agora sei que você está chateada, Frankie. Você está fazendo piadas ruins e autodepreciativas.

Eu faço uma carranca para ele. Ele me encara, seus olhos pálidos e misteriosos como a lua atrás dele.

Eu olho para longe. Não consigo lidar com a intensidade do seu olhar. Eu fico olhando para seus sapatos sociais, bem plantados na grama. A longa linha de suas pernas. De seu torso sólido até a cavidade de sua garganta. Fecho os olhos e lembro como ele se parece por baixo daquela camisa social impecável. Ele tem um daqueles corpos que poderiam ser esculpidos em granito. Poder revestido em beleza.

Eu quero tanto o Ren. Eu quero ele tanto quanto eu quero fugir *dele* o mais rápido possível. Porque eu não queria deixar ninguém entrar há muito, muito tempo. É assustador como sempre. E dói ainda mais, agora que sei que a rejeição está chegando antes mesmo de eu pedir uma chance.

— Frankie. — O apelo em sua voz atrai meu olhar. Eu não poderia desviar o olhar se quisesse.

— Depois de dizer o que estou prestes a dizer, quero ouvir seus sentimentos honestos sobre isso, mas... não agora, se estiver tudo bem. Eu esperava que você desse um pouco de tempo para mergulhar nisso primeiro.

Eu torço meu nariz.

— Geralmente não é assim que eu funciono, Zenzero. Eu não tenho toneladas de filtros entre isso e isso. — Eu aponto da minha têmpora para os meus lábios.

— Uma das muitas coisas que gosto em você. — Ele sorri. — Mas acho que o que tenho a dizer pode deixá-la um pouco... chocada. Pelo

menos me dará os poucos segundos preciosos que levarei para andar por sua casa e entrar na van. E eu vou fazer isso. Porque sou um covarde.

Eu engulo em nervosismo, cerrando minhas mãos em punhos, enquanto uma estranha corrente de medo e mal-estar rola por mim.

— Você é a pessoa menos covarde que já conheci, mas tudo bem.

Ren exala pesadamente.

— Portanto. Assim que eu disser, vou embora. E quando você estiver pronta – *se* estiver pronta – diga-me e conversaremos. — Ele olha para o céu noturno, como se estivesse procurando nas estrelas por algo que a terra não pode lhe dar. Mas então, seu olhar cai mais uma vez para mim, um sorriso terno aquecendo seu rosto.

— Primeiro. Nunca quis esconder isso de você, mas e-eu não sabia mais o que fazer a não ser ficar quieto quando era impossível. E então, quando soube que você estava indo embora, quis esperar até você deixar o time, mas não sei o que aconteceu, exceto na praia, ontem à noite, algo parece que mudou, e agora não posso. Eu não posso mais conter isso. Precisa ser dito.

— Eu quero que você saiba, se você nunca mais quiser ouvir sobre isso, eu vou respeitar. Não vou deixar isso desconfortável. Serei profissional no trabalho e deixarei você em paz. Ok?

É assim que você desilude alguém facilmente? Parece uma maneira estranha de fazer isso. Eu procuro seus olhos.

— Ren, estou tão confusa.

Ele faz um som de inquietação e esfrega a testa.

— Sim, estou percebendo isso. O que... não sei se isso torna isso mais fácil ou mais difícil, mas aqui vai.

De pé, jogando os ombros para trás, ele inala e olha fixamente para o chão. Até que, finalmente, ele me olha por entre os cílios grossos e fixa o meu olhar.

— A mulher que eu estava esperando...

Meu estômago embrulha. É assim que ele vai fazer. Contar-me sobre ela e, como um balde de água gelada, apagar cada centelha de luxúria entre nós.

Já me sinto enjoada de tristeza, sabendo que assim que souber quem ela é, este minúsculo momento que tive com ele – beijos roubados, olhares acalorados, os toques suaves de dedos emaranhados, palma com palma – tem que acabar. Porque sou muitas coisas – obsessiva, exigente, direta e irritadiça – mas uma coisa que não sou, e nunca serei, é a outra mulher.

— Essa mulher, Frankie — diz ele. — É você.

É você.

Duas palavras. Mísseis, rasgando meu coração, aterrissando em um *estrondo* de sacudir a terra.

Ren está certo. Estou sem palavras. E muito antes de localizar meu corpo mais uma vez no tempo e no espaço, Ren se foi do meu quintal, deixando-me piscando rapidamente na meia distância enquanto meu cérebro tenta processar as palavras que acabou de ouvir.

E. Você.

Vagando trêmula para dentro da casa, eu lentamente afundo no chão, enquanto minha respiração fica curta e rápida.

Inúmeros momentos com Ren passam pela minha mente, pintados em uma luz nova, ponderada e gloriosamente aterrorizante.

Sou eu quem ele está esperando.

Eu sou aquela que ele queria.

Minha garganta está seca. Agarro o balcão e me levanto, procurando um copo do armário, enchendo-o com água filtrada e drenando-o. Baixando o copo, encontro meu reflexo na janela acima da pia. Eu mantenho seu olhar, olhando para suas feições chocadas.

Ela nunca sentiu tantas emoções conflitantes ao mesmo tempo, e isso transparece em seu rosto. Esperança. Terror. Alegria.

Faz muito tempo desde que abracei a parte de mim que dói para ganhar vida quando Ren está perto. Aquela que ri e brinca, que abraça forte e beija profundamente. Aquela que chora em filmes sentimentais e abre seu coração para aqueles que ama. Aquela que acredita que alguém poderia amá-la sem um dia se ressentir com ela, sem ver sua longa lista de necessidades e obstáculos como fardos, mas sim como belas partes do que a faz *dela*.

Porque *eu* sei que ter artrite, ser autista, não me torna menos completa ou humana. Isso não me torna errada ou quebrada. Isso torna algumas coisas em minha vida mais desafiadoras, sim, e talvez eu não represente o “padrão”, mas posso ser alguém que supera obstáculos sem que isso signifique que algo fundamentalmente está faltando em minha constituição.

O problema é que essa verdade tem sido mais difícil de segurar quando eu deixo as pessoas entrarem. Porque então meus limites sensoriais, minhas emoções inesperadas, meu corpo facilmente cansado, minha boca não filtrada, fazem parte do pacote para mim e, aparentemente, eles dão suas boas-vindas. Todos – minha família e amigos de infância, meu único namorado da faculdade – *todos*, exceto Annie e Lo, que amei e deixei entrar, acabaram se ressentindo de mim.

Então, quando me mudei e comecei minha vida do zero, disse a mim mesma que simplesmente não amaria ou seria amada dessa forma, não mais. Porque cada vez que eu deixo alguém entrar e eles me mostram que não valho o trabalho, fica mais doloroso, mais difícil se recuperar.

— O que você vai fazer? — Eu pergunto ao meu reflexo.

Por muito tempo, meu estilo de vida funcionou para mim. É consolador guardar minhas emoções, ser sensível com meu coração, prática com minhas ações, controlada e ordenada. Estar segura me permitiu ir além da dor do meu passado.

O silêncio enche minha casa. Um vazio pesado se derrama em seus cantos, tão gritante e iluminador quanto a lua lá fora. Uma pergunta incômoda penetra no fundo do meu peito e pica meu coração.

E se a vida que construí, aquela que deveria me libertar, se transformou em uma prisão afinal?

REN

Música da Playlist: “Saturday Sun” - Vance Joy

ACORDEI CONVENCIDO DE QUE A noite passada foi um sonho. Mas então, eu rolei para fora da cama e passei pelo meu cesto de roupa suja no caminho para o banheiro, congelando quando notei pegadas de lama e manchas de grama colorindo os joelhos da minha calça. E tudo voltou rapidamente.

Com força.

Eu disse a ela. Eu realmente disse a ela. Escutei uma intuição avassaladora, uma voz inegável de dentro da minha cabeça, me dizendo que eu deveria.

Porque apesar da minha névoa de cérebro contundido na outra noite, eu sabia que lembrava que não apenas segurei a mão de Frankie, Frankie a segurou de volta enquanto ela sussurrava algo que eu não conseguia lembrar, mas de cujo *som* me lembro. Ela parecia triste. Esperançosa. Afetuosa.

Saber que ela me beijou, a maneira como conversamos na praia, o cuidado com o toque dela no hotel. Então, tudo o que ela disse naquela noite durante a entrega – meus irmãos disseram que se aquela mulher não tivesse sentimentos por você, eles não sabiam o que era.

Eu não conseguia suportar a ideia de que Frankie pudesse sentir algo por mim e ter qualquer dúvida de que eu sentia exatamente o mesmo por ela também. Os benefícios do engano não superavam mais seus riscos.

Então eu disse a ela que a queria. Que eu tenho *querido* ela. Por anos. Seus olhos se arregalaram. E estupidamente, eu fiquei lá por cinco segundos eternos, esperando que talvez ela pulasse em meus braços, rindo descontroladamente enquanto nos beijávamos sob as estrelas.

Em vez disso, ela piscou. E engoliu em seco. Lentamente.

Então, saí e hiperventilei enquanto dirigia para casa. Em seguida, tomei Zzzquil suficiente para derrubar um cavalo e acabar com o sofrimento da consciência por algumas horas.

Agora, enquanto entro no centro de treinamento, meu estômago dá um nó. Eu mal consegui comer uma barra de proteína no café da manhã e me absteve do meu café gelado normal porque meu coração está voando muito bem por conta própria sem a ajuda da cafeína. Enquanto ando no centro de treinamento, tenho que respirar profundamente e devagar para não começar a suar em pânico.

— Bom dia, docinho. — Mildred sorri por cima dos óculos de meia-lua na recepção do centro.

— Bom dia, Millie. — Eu coloquei uma xícara bem quente para

viagem na borda de sua mesa. — O de sempre.

Ela pega o seu café, abrindo a tampa e dando uma longa e saborosa cheirada.

— Ah, é isso. Quanto eu devo a você?

— Você sempre pergunta isso e eu sempre digo a mesma coisa. — Batendo duas vezes em sua mesa, começo a me afastar.

Millie sorri.

— Você é um bom rapaz, Ren.

Antes que eu possa responder, uma nova voz corta o espaço.

— Zenzero.

Eu giro ao redor.

Frankie.

Como ela fica mais adorável cada vez que a vejo? O que há com as roupas do dia de treino — moletoms desleixados e calças ajustadas, o longo rastro de seu rabo de cavalo escuro — que me afeta? Será que, quando ela está vestida desse jeito, eu imagino estar vendo seu lado suave, a mulher terna e sem defesas que vislumbrei tão poucas vezes, sob aquele macacão abotoado na frente?

— Oi — eu sussurro.

Ela sorri, e isso me atinge bem no peito. Seus sorrisos são poucos e raros. Cada um é uma vitória.

— Oi — ela diz baixinho.

Engolindo em seco, eu esfrego minha nuca. É tão silencioso na entrada que você pode ouvir o eco fraco das vozes dos caras lá embaixo, do outro lado do prédio.

Limpando a garganta com o punho, Frankie se aproxima de mim.

— Eu estava me perguntando se você estaria livre para almoçar depois da hora do treino em terra seca e no gelo esta manhã?

Meu estômago se contrai. Eu procuro por seus olhos, mas eles são ilegíveis. Este almoço é para me desiludir com jeitinho? Ou... poderia ser para me dizer o que só passei anos esperando ouvir? *Eu quero você também.*

— Claro — eu finalmente consigo dizer. — Diga o lugar.

— Eu não sou exigente. Você escolhe.

Um suspiro melancólico nos interrompe. Nós dois nos viramos e olhamos para sua fonte.

Millie pisca inocentemente por trás dos óculos.

— Não se preocupem comigo. Não é todo dia que você vê amor jovem—

— Oh, não somos—

— Não é isso—

As palavras de Frankie e minhas tropeçam umas nas outras. Paramos ao mesmo tempo, um espelhamento de bochechas coradas.

— Certo — Frankie diz baixinho, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Almoço.

Ela passa por mim, me deixando sozinho com Millie, que de repente está muito absorta em algo na tela do computador.

— Mildred.

Ela aperta os olhos para a tela, evitando meu olhar.

— Sim, querido. Como posso ajudá-lo?

Eu inclino meus cotovelos na borda da mesa, abaixando meu rosto até que ela seja forçada a encontrar meus olhos. Eu sei que eles assustam algumas pessoas, especialmente quando eu não pisco. Eles são os olhos da mamãe. Pálidos e prateados. Eles são uma combinação inesperada com o meu cabelo. Um pouco artificial. Muito intimidante.

Millie me olha nos olhos e engole em seco com um gole alto.

— Vou cuidar dos meus próprios negócios de agora em diante.

— Excelente. — Afastando-me da mesa, chamo por cima do ombro.

— Chega de intromissão, Mildred. Sem abandono de atividades confidenciais do Clube, luzes de "verificar o motor" ou as velas de ignição, ou disposição dos quartos de hotel, ou você estará caminhando para longe da próxima reunião do Clube.

Ela gargalha.

— Nós dois sabemos que você é muito molenga para seguir em frente com uma ameaça cruel como essa, mas boa tentativa, docinho.

Ela está certa. E às vezes gostaria de não ser tão previsível.

— O que você vai pedir? — Frankie olha para o cardápio dela, mordendo o lábio. — São tantas opções.

Ergo os olhos do meu telefone, onde um meme que Andy teve o prazer de me marcar e se tornou viral, reproduz repetidamente em minhas mensagens: eu comendo gelo, assim que lanço o meu arremesso. O gol que marquei quando o 27 me fez tropeçar. Tem dedo da Frankie metido nisso. Ela faz isso de vez em quando, e sempre decola.

— Francesca.

— Hm? — Ela finalmente ergue os olhos. — O quê? Estou tentando decidir entre hambúrgueres aqui, Bergman. Heh. Sacou? *Burguers. Bergman.*

Eu viro meu telefone para que ela possa ver o meme.

Ela tem a cortesia de corar, as pontas das orelhas ficando de um rosa claro.

— Oh, essa coisinha antiga.

— Oh, Frankie. Não há nada de pequeno ou antigo nisso. Na verdade, é bem recente e grande. De tal ponto, que pode-se chamá-lo *viral*.

— Dê-me isso — ela murmura. Arrancando o telefone da minha mão, Frankie o gira em seu aperto.

— Não pode ser tão ruim... — A cor sumiu de seu rosto. — Ok. É tão ruim assim.

Eu mordo meu lábio, tentando não dar a entender que eu realmente não me importo. Na verdade, acho engraçado. Frankie não apenas deixou a minha pancada épica em repetição, ela acrescentou um pequeno gif de um árbitro e as palavras rolando pela tela enquanto ele dava o

sinal: *FORA DE PERIGO!*

Foi inteligente. Eu entendo porque todo mundo adora. Pareço um jogador de beisebol deslizando para o home plate. Exceto que marquei um gol para ganhar uma série de playoffs. E o hóquei é cerca de oitocentas vezes mais interessante e desafiador do que o beisebol. Mas estou divagando.

Frankie engole em seco, seus dedos tamborilando na mesa.

— Ren, me desculpe, eu nunca—

Eu coloco a mão sobre seus dedos inquietos. Meu polegar suaviza a sua palma, escondida sob minha mão, para que ninguém possa ver a intimidade desse gesto.

— Eu não me importo. Eu estava apenas pegando no seu pé.

Quando ela pisca para mim, seus cílios estão molhados.

— Eu me sinto *péssima*. Você disse que era um grande nerd ambulante na escola, o que eu só posso presumir que significa que você já foi constrangido *bastante*—

— Quer dizer, não *bastante*—

— E aqui estou eu, fazendo algo que fez rir às suas custas—

— Frankie. — Eu aperto sua mão suavemente, um tanto atordoado pela emoção da sua resposta. A Frankie que conheço teria revirado os olhos e me dito "a vida é dura". — Eu realmente não me importo. Eu tenho uma vida muito boa. Se acontecer de alguns estratagemas de mídia social se meterem a rir de mim, meu amor pelo jogo e o estilo de vida que ele me proporciona são mais do que compensadores.

Finalmente, Frankie parece relaxar. Sua cor volta um pouco em suas bochechas e seus ombros caem.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Eu solto a mão dela. Tomando um gole d'água, eu sorrio para ela por cima do meu copo. — Além disso, eu marquei para ganhar a série. Quero dizer, aquela queda foi praticamente heróica.

Seus lábios se contraem.

— Heróica. Sim.

Eu paro e rio, levantando meu moletom para cobrir minha boca. O rosto de Frankie se abre em um sorriso largo que ela cobre com a mão.

Mas não rápido o suficiente. Por apenas uma fração de segundo, eu pego aquele sorriso brilhante e desenfreado de Frankie. E vale a pena cada meme horrível às minhas custas que ela poderia inventar.

Conforme nossa risada vai morrendo, noto que há algumas pessoas olhando para mim — *nós* — todas as quais estão não secretamente fazendo vídeos ou tirando fotos.

O que me lembra de algo.

— Francesca.

Ela abaixa o cardápio.

— Søren.

Eu abaixo minha voz e me inclino.

— Espero não estar insultando sua inteligência quando pergunto isso, mas você considerou que seríamos fotografados, certo?

— Sim. — Ela levanta o cardápio e volta a ler.

O garçom passa, enchendo nossas águas. Quando ele se afasta, Frankie observa até que ele esteja a uma distância decente de nós, então abaixa o cardápio.

— O que são mais algumas fotos nossas durante o almoço? — ela diz, tomando um gole de água. — Verdade ou não, é o que as pessoas pensam. Até *Darlene* acreditou.

— Ela o quê?

— Esta manhã ela me mandou uma mensagem para perguntar, dizendo que eu poderia ser honesta com ela e não teria problemas. Aparentemente, ela pensou, especialmente depois da resposta que você deu à entrevista coletiva, que você e eu *éramos* uma coisa. — Frankie bufa e depois toma um gole de água. — Ela disse que parecia provável pela foto. Hilário, certo?

Suas palavras cortaram brutalmente. Aí está minha resposta, rápida e dolorosamente imediata. Deus, que decepção.

Frankie franze a testa enquanto me observa.

— O quê?

Eu esfrego meu coração instintivamente. Não faz nada para sufocar a dor em meu peito.

— Ren. Fale comigo. Lembre-se, eu não posso... Eu sou ainda *pior* do que o resto da população quando se trata de intuição. Mas a coisa boa sobre mim, em comparação com a maioria das pessoas, é que não tenho problema em ouvir como e quando entendi errado. — Ela se inclina, deslizando a mão em minha direção, parando no meio da mesa. — Por favor.

Eu encontro a mão dela para que nossos dedos se toquem.

— Você acabou de dizer que o pensamento de estarmos em um relacionamento é ridículo.

— Eu não disse isso — ela diz suavemente. — Eu disse que deduzir, a partir de uma *foto*, que estamos em um relacionamento, é hilário. *Darlene*, entre todas as pessoas, deveria ser mais esperta do que presumir isso de uma foto de paparazzi. — Ela inclina a cabeça, seus olhos dançando pelo meu rosto. — Você pensou que eu estava dizendo que achava a ideia de *nós* hilária.

Eu deslizo meus dedos ainda mais pela mesa, até que eles estão entrelaçados com os dela.

— Sim.

Ela aperta minha mão na sua, me fazendo olhar para cima.

— Mas não foi isso que eu disse. E se alguma vez você encontrar alguém que quer dizer literalmente o que diz, sou eu, Zenzero.

— Eu entendo. Isso faz sentido. — Estou resistindo a um bumerangue de emoções, mas tento sorrir e mostrar-lhe que acredito nela. Porque eu faço.

Com um aperto final, ela retira sua mão.

— Então. Com esse espírito, vou ser direta...

O garçom aparece novamente. O pior momento possível. *De sempre.*

Fico pendente, o futuro da minha vida amorosa descartado para fazer um pedido de almoço. Não é totalmente surpreendente. A comida é um assunto sério para Frankie. Virando-se, ela diz a ele o que quer, fecha o cardápio e o coloca nos braços dele. Eu também peço, e nós dois o observamos até que ele vá embora, nos deixando sozinhos em nosso canto isolado do restaurante.

— Você estava dizendo? — Eu ofereço. Tentando desesperadamente não soar... bem, desesperado.

— Certo. Eu tenho algumas perguntas e preocupações. Em primeiro lugar, o que você quer de alguém quando se trata de sentir algo por ela?

— Bem, não estou falando de *alguém*, Frankie. Eu estou falando de você.

Ela morde o lábio.

— Sim. Isso.

— Isso?

— Apenas... — Ela acena com a mão impacientemente. — Fale. Elabore.

— Bem, se você se sentiu como eu me senti, eu gostaria de namorar. Poderíamos manter entre nós até que você se sentisse confortável contando para outras pessoas, dado o trabalho.

Ela acena com a cabeça pensativamente, seus dedos emaranhados em seu colar.

— Ren, sinto atração por você. Eu me importo com você, respeito você para caramba... — Frankie estreita os olhos. — Do que você está sorrindo?

Ao ouvi-la dizer isso, fico eufórico. Sinto como meu sorriso é absurdamente largo, então coloco a mão sobre ele e dou de ombros.

— Mas o negócio é o seguinte. Eu não queria um relacionamento há anos.

— Anos?

— Pare de me repetir. Sim, anos. Eu evitei isso como uma praga.

— Por quê? — Eu pergunto.

Ela solta ar pelas bochechas e tamborila os dedos na mesa.

— Historicamente, nos relacionamentos, a paciência das pessoas se esgota comigo e com minhas circunstâncias. Percebi que fico mais feliz, que minha autoestima e bem-estar melhoram, quando estou sozinha. Então, eu meio que deixei para lá a ideia de ser uma pessoa com uma casa de cerca branca e de duas a cinco crianças.

— Bem, tudo bem. Eu quero minha casa na praia, que você gosta; um cachorro, que você tem; e cinco filhos que—

— *Cinco*? — Os olhos de Frankie se arregalam comicamente. — Jesus, Bergman. Minha yaya dói só de pensar nisso.

— Sua *yaya*?

— Eu já disse, pare de me repetir. — Fechando os olhos, ela respira profundamente e diz ao expirar — Eu me distraí.

— A culpa é minha. — Quando ela abre os olhos, tento encará-los. — Posso te perguntar uma coisa?

Ela acena com a cabeça.

— Você já sentiu como se *eu* te tratasse assim?

— Não — ela diz imediatamente.

Meu coração dá uma cambalhota comemorativa.

— Mas... — Frankie gira seu colar e me observa com atenção. — Nós não estivemos em um relacionamento.

— Mas eu queria estar.

Seus dedos param. Um rubor surge em suas bochechas.

— Não é o mesmo.

— Você tem razão. Então, deixe-me prometer a você, aqui e agora, que nunca vou vê-la como um fardo ou um problema a ser superado. Você é uma *pessoa*, Frankie, por quem sou louco. E qualquer dificuldade, qualquer coisa difícil em sua vida, bem, eu simplesmente serei grato por estar com você enquanto você as supera.

— Até envelhecer — ela diz categoricamente. — Todo mundo começa falando como você, Ren.

Tento não deixar isso doer. Tenho que me lembrar que sua dúvida e desconfiança não são sobre *mim*. Elas são sobre o seu passado e como lhe doeu. Para alguém cujo pensamento é tão analítico e orientado por padrões quanto o de Frankie, o passado é o melhor preditor do futuro.

— Ok — eu admito. — Eu sei que pode ser difícil confiar em mim, que *nunca* vou te ver assim. Eu entendo que pode levar algum tempo para experimentar isso. Portanto, se você estiver disposta a me dar a chance de ganhar sua confiança nessa função, ficarei contente. Podemos ir devagar, sem pressa. A única coisa que peço é exclusividade.

Ela hesita.

— Claro, eu seria exclusiva. — Alcançando, ela bate no meu braço. — Que tipo de idiota você acha que eu sou?

— Bem, não sei o que as crianças estão fazendo hoje em dia.

— As *crianças*? Ren, eu sou mais velha que você.

— Por um ano colossal.

Ela revira os olhos.

— Eu só... — eu suspiro. — Eu só preciso de fidelidade. É isso.

Frankie pega um pãozinho das cestas de pão, abre-o e esmaga um pouco de manteiga, totalmente concentrada em sua tarefa, enquanto murmura baixinho.

— O que você está murmurando para si mesma? — Eu pergunto a ela.

Frankie me lança um olhar fulminante e diz em torno de uma mordida de pão:

— Como se eu quisesse outra pessoa se eu tivesse você.

Afeição se desenrola dentro de mim enquanto suas palavras se estabelecem, quentes e profundas em meu coração.

— É uma coisa muito bonita de se dizer, Francesca. E você *tem* a mim.

A maneira como ela olha para mim, seu medo e vulnerabilidade dolorosamente perto da superfície, é como um golpe no peito. Como costuma acontecer com Frankie — e eu percebi isso também com minha

irmã Ziggy – sua mente vê o mundo de forma incisiva, com uma análise bruta que a maioria de nós evita. Frankie vai direto ao âmago da vulnerabilidade do amor. E enquanto a maioria de nós gosta de confortar-nos com a ilusão de que o amor é felicidade, ele não é chamado *de cair* de amor por nada. Amamos, encantados pela vista deslumbrante, e caímos, sem saber onde pousaremos.

Nossa comida é posta diante de nós, os pratos virados em um ângulo exato para a melhor apresentação. Copos d'águas cheios. Então estamos sozinhos novamente.

Frankie olha para sua comida e suspira.

— Ei. — Eu a toco suavemente, deslizando sua mão dentro da minha.
— Como você está se sentindo sobre tudo isso?

Ela encontra meus olhos.

— Depois de ontem à noite, quando você me contou, então você foi embora... Eu pensei se eu poderia fazer isso, se eu quisesse. — Seus olhos se suavizam e seus ombros se arredondam, como se ela quisesse se enrolar em si mesma. — E tudo que eu conseguia pensar era sobre o quanto eu sentia sua falta. Eu gostaria de estar com você. É por isso que estou aqui, porque neste momento, posso pelo menos dizer-lhe com total sinceridade, que quero estar com você, e sinto que vou querer estar com você cada vez mais. Mas também tenho que ser honesta, Ren. Isso é assustador.

— Como posso tornar menos?

Ela sorri suavemente.

— Seja honesto comigo. Seja honesto com você mesmo. Quando for demais, me diga.

— Não vai, Frankie. — Eu aperto a mão dela. — Eu vou te mostrar isso.

— Bem, é isso então. Mas até que estejamos fora dos playoffs ou ganhemos a Copa, agimos como sempre fizemos no trabalho – completamente profissional. Enquanto a temporada durar, não importa o que façamos particularmente nas horas livres, nada muda na forma como eu o trato na frente dos outros.

— E se alguém descobrir enquanto você ainda está com a equipe? Você quer esperar até depois da temporada?

Por favor, diga não. Por favoooooor, diga não.

— Claro que não — ela diz, agitando a mão. — Seremos profissionais no trabalho, e se alguém adivinhar por que estou passando tempo com você fora dele, não é como se eu corresse o risco de perder meu emprego por isso. Estou saindo do time. Não é da conta de ninguém o que fazemos. Quero dizer... isso funciona para você?

Eu sorrio para ela.

— Absolutamente.

— Ótimo. — Frankie sorri para si mesma e volta para sua refeição. Ela fica quieta enquanto mastiga sua comida, e assim que estou começando a me preocupar com o silêncio, com os lugares que seus pensamentos a levaram, sou interrompida pela pressão suave de seu pé ao lado do meu

por baixo da mesa.

O menor gesto.

Mas parece impossivelmente significativo.

FRANKIE**Música da Playlist: "Crush" - Tessa Violet**

NÃO SEI POR QUE BRINCO COM ELE por baixo da mesa. Não sei por que me sinto tão aliviada em confessar que me sinto vulnerável, que a perspectiva de uma intimidade me apavora, porque um dia ele poderia fazer o que outros fizeram antes e me machucar.

O que eu *sei* é que, enquanto nós comemos e eu repito a sua resposta na minha memória, meu coração bate calmo e firme, um calor desconhecido centrando sob minhas costelas, irradiando de forma terna, cantos esquecidos do meu corpo.

Eu sei que a luz do sol no cabelo de Ren brilha como uma moeda de cobre envelhecida, que algum frágil broto de felicidade floresce dentro de mim enquanto comemos em um silêncio confortável. Ele está disposto a provar sua confiabilidade quando não deveria, e eu gostaria de não precisar disso dele. Eu gostaria de não ver as pessoas como culpadas até que se prove a inocência. Mas o passado foi um professor severo e sua lição não é facilmente esquecida – eu não me machuco quando adoto uma perspectiva de autoproteção.

— Então. — Abaixando o garfo, Ren se inclina para trás e relaxa em sua cadeira, as mãos atrás da cabeça.

— Então. — Eu bebo o resto do meu refrigerante, depois franzo a testa para ele. Quando eu olho para cima, ele está sorrindo para mim. — O quê?

Ele balança a cabeça.

— O que você planeja fazer entre o final da temporada e o início da faculdade de direito?

— Bem, não muito. Estudar, ler, colocar o sono em dia. Talvez conseguir uma prótese de quadril.

Ele deixa cair as mãos, seus olhos se arregalando.

— Frankie, você não me disse que seu quadril estava tão ruim...

— Calma, Ren. Foi uma piada. Uma ruim, obviamente.

Ren esfrega o rosto e passa os dedos pelos cabelos.

— Ok, eu vou chegar lá. Doenças autoimunes e grandes cirurgias são um jogo justo para o humor.

— Não é uma grande cirurgia. A nova técnica é minimamente invasiva. E sim, eu tenho senso de humor sobre meu dossiê médico. Você conhece o ditado. "Se você não rir, você vai chorar." Portanto, eu conto piadas.

Nosso garçom chega com um novo refrigerante.

— Oh. — Eu olho para ele e sorrio. — Obrigada.

Ele fica vermelho como uma beterraba.

— C-claro, senhorita. — Girando, ele se foi antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, como: "Posso ver o cardápio de sobremesas?"

O quê? Eu tenho uma queda por doces.

Ren limpa a garganta, me levando a voltar para encará-lo. Seus olhos dançam pelo meu rosto.

— Eu não tinha ideia de que bastava isso para ganhar esse tipo de sorriso de você.

Eu torço meu nariz.

— O quê?

— Refrigerante. E eu que pensei que eram as gomas.

— Você pediu isso para *mim*?

Ren inclina a cabeça.

— Claro, Frankie. Eu sabia que você gostava deles.

— Oh. — Eu mexo com meu garfo. — Achei que você simplesmente gostou deles depois de experimentá-los em minha casa.

Uma batida de silêncio se mantém entre nós. Ele se inclina e limpa meu lábio.

— Ketchup — ele diz baixinho. Em seguida, ele enfia o polegar na boca e o lambe para limpar com um *estalo*.

Jesus pré-escolar com um furador de carpintaria, meus fios estão se cruzando. E quando ele se inclina para perto, ele me atinge com seu aroma apimentado e limpo. Eu encaro seus olhos amáveis, absorvendo seu tamanho e proximidade. Decido que Ren é uma tentação viva. Eu quero ficar debaixo dele. Para ontem.

Não consigo olhar nos olhos dele por muito tempo. Eles veem muito, viajam muito sob minha pele e despertam sentimentos que me fazem estremecer e engolir em seco. Aquela boca gentilmente sorridente diz que ele pode ir devagar. Aqueles olhos claros de gato dizem *quero você para o jantar*.

— Frankie — diz ele.

— Hm?

— Você virá amanhã à noite?

— Sim — eu deixo escapar.

E posso literalmente pular em você quando chegar.

— Ótimo. — Levantando a mão, ele sinaliza para o garçom. — Porque sinto falta da Pazza.

— Ei. Uma garota gosta de saber que é desejada por algo mais do que seu adorável çachorro.

Ele sorri. É um novo sorriso. Um sorriso secreto.

— Então deixe-me tranquilizá-la. Eu quero você para muito mais do que isso.

Glup.

— Mas, como eu disse, não há pressa ou pressão — ele continua. — Em qualquer um de nós. Fisicamente. Emocionalmente. Iremos devagar, apenas passaremos um tempo juntos.

— Oh, eu sinto zero pressão. Ir devagar não é necessário. — E eu juro

para quem quer que seja o santo padroeiro da satisfação sexual – acredite em mim, existe um, os católicos têm santos padroeiros para *tudo* – se esse homem não me seduzir no momento em que eu entrar em sua casa amanhã, eu vou perder a cabeça.

— Excelente. Você pode vir amanhã à noite. Eu posso cozinhar, e podemos apenas relaxar.

Cozinhar e relaxar. Isso parece promissor. Como a versão de Ren do Netflix and chill⁶.

— Isso funciona. Mas que fique claro, espero que você visite meu humilde bangalô também. Eu gosto do meu buraco de hobbit.

— Certo. Vou passar um tempo no bangalô. A única coisa a qual não tenho certeza é sobre passar as noites. Eu preciso de uma cama king-size. Eu não me encaixo nessas queen-sizes.

— Eu... O quê? — Eu tropeço na minha linha de pensamento. Sexo é uma coisa. Dormir juntos é outra. Dormir juntos significa aconchego e união. Intimidade que não tenho há anos, exceto quando deixo Pazza me acariciar com seus “abraços” no sofá e sinto a quantidade ridícula de amor que você pode nutrir por uma criatura animal.

— Então, uh — Eu limpo minha garganta por trás de um punho, tentando parecer não totalmente apavorada. — Você está planejando passar a noite?

Respire fundo, Francesca. Um passo de cada vez.

Ren me olha com seus olhos de gato.

— Você me viu trabalhar a cada momento que tenho sob as luzes, Francesca. Pretendo ser igualmente dedicado quando as luzes estiverem apagadas.

Santa calcinha encharcada.

Ele olha para o garçom quando ele chega à nossa mesa.

— Podemos ter o cardápio de sobremesas? Obrigado.

— Você vai pedir sobremesa? — Eu murmuro. Eu bebo um pouco de refrigerante e tento sair da névoa do sexo. — O que Lars vai dizer? Ele sentirá o cheiro desses carboidratos simples em seu hálito. Então é fim de jogo.

Ren sorri.

— Não para mim. Já sei o suficiente para entender que, se estou comendo com você, a sobremesa está inclusa no pedido.

— Você está me bajulando.

— Dificilmente. Estou apenas tentando colocar um sorriso neste rosto adorável com a ajuda de um pouco de indulgência culinária.

Eu o nivelo com um olhar penetrante.

— Não conte com muitos sorrisos. Acho que atingi minha cota por hoje.

Seu sorriso se aprofunda quando a luz do sol se espalha pelo restaurante.

— Sim, senhora.

Taryn, nossa instrutora de aeróbica aquática, chicoteia seu corpo através da piscina, seus membros esfaqueando com fluidez, como se a viscosidade da água fosse apenas uma lenda urbana em vez de física indiscutível.

— Vamos lá, senhoras! Vocês estão me tirando.

Annie bufa à minha esquerda.

— Eu não acho que ela deveria estar dizendo isso.

— Não — eu ofego. Deus, esses segmentos de pisar em água. — Isso é pedir para ser processada.

— Você está quieta esta noite, Frankie. O que há?

Eu balanço minha cabeça.

— Apenas sem fôlego.

— O que não seria um problema se você viesse para a hidroginástica com qualquer tipo de regularidade.

— Me come, Annabelle. Tenho um trabalho exigente. E nem todas nós temos vinte e dois quilos de gravidez nos ajudando na água.

Annie arfa e então joga a água na minha direção.

— Como você ousa! Esta é a resistência que construí. E embora minhas reservas de gordura em excesso e fluidos uterinos sejam menos densos que a água—

— Pare. — Eu quase engasgo. — E nunca mais diga "fluidos uterinos".

Ela revira os olhos.

— O que quero dizer é que estou arrasando nesse desafio de pisar na água porque estou em forma, não por causa do bebê.

— Ok, Annabelle.

— Francesca, eu juro—

Taryn limpa a garganta. Ruidosamente.

— Vocês duas se importam?

Sorrimos timidamente e dizemos em conjunto:

— Desculpe.

Uma vez que a atenção de Taryn está voltada para os idosos usando aqueles dispositivos de flutuação pelos quais eu daria meu peito esquerdo agora, Annie olha para mim.

— Algo está acontecendo com você. Eu quero ouvir sobre isso.

Droga, *por que* tenho que ser tão transparente? Mamãe sempre disse que eu visto meu humor no rosto, o que nos traz outro benefício de fazer cara feia — ela esconde tudo o mais que você está sentindo.

Desde o almoço, minhas engrenagens estão girando, meu cérebro não para quieto. Minha ansiedade está rugindo a todo vapor, e se eu pudesse torcer minhas mãos sem me afogar agora, eu o faria.

Não sou boa em transições e mudanças. Sou péssima para enfrentar o que é novo. Sou pior em antecipar tudo que pode dar errado. Esse limite que estou prestes a cruzar com Ren tipifica tudo isso. Por isso, o surto.

— Tive um longo dia — digo a ela. — Você sabe como eu fico. Eu me desligo quando estou apagada.

— Hm. — Ela funga. — E eu que pensei que seria uma boa ideia ir buscar milkshakes e batatas fritas depois que terminássemos a aula

— Tudo bem! Quero dizer, eu poderia aumentar os carboidratos depois disso.

Ela estreita os olhos.

— E me diga o que está acontecendo enquanto você está nisso.

Após mais vinte minutos de inferno de hidroginástica e um banho rápido para enxaguar o cloro, Annie e eu dirigimos para nosso restaurante preferido nas proximidades. Assim que temos nossas guloseimas, nos acomodamos em uma mesa de canto.

Sentando-se com um suspiro, Annie levanta as pernas, apoiando os pés ao meu lado.

— Você se importa?

Eu acaricio suavemente seus tornozelos inchados.

— Claro que não. Então. Como está o laboratório? — Eu pergunto, lutando com a garrafa de ketchup.

Desistindo, eu entrego a ela. Ela tira a tampa e me devolve.

— Emocionante. Desafiante. Mas também é a mesma besteira frustrante de sempre. Muito *mansplaining*. Tentando ser ouvida e respeitada. Também não ajuda que a gravidez exija considerações especiais no laboratório para minha segurança. Juro, se eu fosse um cara, eu *não* teria essa dificuldade em receber financiamento.

Com um suspiro, ela pega seu milkshake e toma um longo gole.

— Eu espero ter um menino para que eu possa criá-lo para ser feminista para caralho. Outro homem neste mundo que valoriza as mulheres como deveria, que apoia suas habilidades iguais.

Uma pontada estranha no meu peito me faz abaixar meu punhado de batatas fritas. Desde que Annie me contou que estava grávida, a ideia distante de filhos pairou mais perto na minha mente — como seria assustador amar essa criaturinha indefesa, mas como seria incrível vê-los crescer e se tornar o tipo de humano maravilhoso que o bebê de Annie e Tim será. Ren e sua conversa hoje sobre uma casa cheia naquela bela casa de praia, dirigindo sua van de pai, está me pressionando — em um momento, um medo claustrofóbico, no próximo uma esperança vertiginosa.

— Frankie?

— Desculpa. — Eu balanço minha cabeça e acordo. — Estou contigo. E acho que você criará um pequeno feminista excelente.

— Como estão as coisas no trabalho? — ela pergunta. — E por que você está tão distraída?

— Você sabe como eu fico durante os playoffs. É essa dualidade maluca de campanhas publicitárias e esgotamento. Queremos vencer, mas estamos todos fartos uns dos outros. Estamos cansados, os caras estão cuidando de corpos machucados e todos nós estamos exaustos de viajar para jogar. A mesma merda deste período do ano passado e do ano anterior.

— Isso é realmente tudo? — Ela pega minha mão e dá um tapinha. — Podemos falar sobre ele agora. Passamos no teste de Bechdel.

— O quê?

Annie franze a testa para mim.
— Frankie.
— O quê? Não sei do que você está falando.
— Toda a TV que você assistiu, todos os livros que você leu, e você não sabe a métrica para garantir que o filme e a ficção não retratem mulheres apenas reunidas para falar sobre homens?
— Uh. Não. Acho que perdi isso em minha busca final pela nerdice. Ela joga uma batata frita em mim.
— De qualquer forma. Nós passamos. Me atualizei bastante sobre tudo o mais na vida. Então, fale sobre ele logo.
— Quem?
Annie revira os olhos enquanto toma seu milkshake.
— Ren, sua idiota. Ele disse o que sente por você, não disse? Eu fico boquiaberta com ela.
— O quê? *Como* você—
— Eu não sabia — diz ela, com as mãos levantadas. — Foi só um palpite. A atração dele parecia muito clara.
— Não para mim!
— Bem, eu sei. Como você mesma disse, o interesse dos homens não é algo que você percebe. Desde a primeira vez que o conheci, juro, apenas a maneira como ele olhou para você quando você nos apresentou — *desmaio*. Mas quando ele se juntou a nós para almoçar? Confirmei.
— Bem, que bom saber que todo mundo tinha descoberto, exceto eu.
— Jogo meu guardanapo sobre a mesa e me jogo contra a cabine. Às vezes, as áreas da vida para as quais pareço totalmente cega e sem noção, são honestamente humilhantes.
— Ei. Me desculpe, eu não queria te chatear. — Annie suspira. — Frankie, nós duas sabemos que, mesmo que você soubesse, você não *queria* saber. Você não queria ver. Porque você está decidida a ser solteirona.
— Annabelle. Se você não estivesse *carregando uma criança*, esta solteirona estaria dando as suas *calças* um cuecão épico.
— As mulheres não usavam calças naquela época, Francesca.
O sino toca quando a porta da lanchonete se abre, fazendo-me olhar casualmente por cima do ombro.
O chão cai debaixo de mim. Ren entra. Com uma mulher.
— Me mate agora. — Eu afundo na cabine, sentindo um suor frio brotar em minha pele.
— O quê? — Annie se anima, como um filhote de passarinho espiando do ninho. — O quê?
— Jesus, Annie — eu sibilo. — Estou tentando me *esconder*, não chamar atenção para nós.
Seus olhos se arregalam.
— Oh, bem, olá, lindo. Ah, há algo sobre ele. Os ruivos normalmente nem causam isso em mim, mas seu homem é...
— Ele *não* é meu homem. — Eu gemo. Eu não posso acreditar que Ren está aqui. Com uma mulher alta e esbelta que tem lindos cabelos ruivos

escuros e grandes olhos verdes.

Por que ele estaria aqui com uma mulher quando conversamos há oito horas sobre tentar ficar juntos? Tem que haver uma explicação racional, mas inferno se eu consigo pensar em uma. É demais para o meu cérebro.

Puxando seu boné para baixo, Ren coloca sua mão nas costas da jovem e gentilmente a guia na frente dele enquanto eles são conduzidos pela recepcionista para se sentarem. Seus olhos dançam pelo espaço quando ele percebe pessoas olhando para ele, falando para si mesmas. Eu me viro e mergulho mais fundo na cabine.

— Quem é aquela com ele? — Annie pergunta.

— Eu não sei. — Não tenho ideia do que fazer com o que estou vendo, exceto que Ren está ao lado de uma mulher que é tão impressionante quanto ele e que provavelmente não tem uma montanha de problemas pessoais.

Diferente de mim. As batatas fritas e o milkshake coalham no meu estômago. É assim que o ciúme se parece. Eu odeio isso.

Annie suspira.

— Você está sendo ridícula, se escondendo assim. É inútil. Ele vai ver você. Não é como se este fosse um grande restaurante.

— Por queeee — eu lamento. — Por que não fomos para o In-N-Out?

— Porque Betty's Diner faz as melhores batatas fritas. Nunca houve a questão de ir a qualquer outro lugar.

Eu gemo enquanto esfrego minha testa.

— Minha sorte de merda.

— Pare de ser uma Murta Que Geme. Oh, acho que ele acabou de me ver. — Annie olha para mim e sorri, com as bochechas rosadas. — Ok. Estou agindo naturalmente. É só o Ren gostosão—

— *Ren gostosão?*

Ela me cala.

— Eu me sentaria se eu fosse você. Você vai parecer uma esquisita, afundada na cabine quando ele vier dizer oi.

Estou apenas me endireitando quando vejo Ren caminhando em minha direção, olhos gélidos brilhando por baixo da sombra de seu boné de beisebol.

Ren. Boné. Barba.

Guh.

Alguém em uma cabine próxima levanta o telefone, e ele habilmente muda de lado para que a mulher com quem ele está fique protegida dos observadores desavergonhados.

Quem é ela?

— Estou bem — murmuro baixinho. — Estou bem.

— Apenas respire, Frankie — Annie diz calmamente.

— Frankie. — Ren sorri para mim, então olha para Annie. — Ei, Annie. Como você está?

Annie sorri para ele, fica rosa claro e pisca os cílios.

— Hum, sim.

Eu reviro meus olhos.

— Ei, Ren.

Ren se vira ligeiramente, envolvendo o braço em volta das costas da mulher, colocando a mão em seu ombro.

A bile sobe pela minha garganta. Dolorosa, aguda, pontadas de ciúme. O que está acontecendo?

— Zigs, esta é Frankie e sua amiga, Annie.

A mulher estende a mão primeiro para Annie, que está mais perto, depois, para mim, trazendo suas feições perto o suficiente para inspecionar. Claro. Surpreendentemente jovem. Alta. Pele leitosa, olhos verdes vívidos, cabelo ruivo saudável que é tão longo que chega quase até os quadris. Suas roupas não lhe caem bem – calça de moletom folgada e um moletom enorme e manchado. Ainda assim, há algo familiar e atraente para mim em sua aparência.

— Uau — diz ela, com os olhos arregalados. — Estou finalmente conhecendo Frankie. Ren fala sobre você constantemente.

Minha barriga dá uma cambalhota e não posso deixar de sorrir. Ren fica vermelho claro e faz uma careta. Ela percebe e olha para ele.

— O quê? — A confusão genuína envolve sua voz enquanto ela olha dele para mim. — Você faz.

— Sim — diz ele com um suspiro. — Você tem razão.

O rosa mancha suas bochechas quando ela olha para o chão.

— Desculpa.

— Você é boa, Zigs. Está tudo bem, — ele diz a ela baixinho.

Algo em seu constrangimento, naquele momento de perceber seu deslize, reverbera com familiaridade. Já fiz isso tantas vezes – disse o que todo mundo está pensando, mas que aparentemente é catastrófico para os adultos admitirem. Nunca vou entender e por mais que tente aprender o padrão do que é dito e do que não é, não consigo. O que significa, que às vezes eu estrago tudo. Eu estive no lugar dela.

Há algo de familiar, também, na curiosidade aberta em seus olhos quando apertamos as mãos, seu esforço concentrado para observar as sutilezas de uma apresentação, mas a ânsia de retornar à santidade de seu próprio corpo e pensamentos.

Tudo se encaixa no lugar. Esta é...

— Você é a *irmã* dele — eu digo em estado de choque. — Você é...

— Sim, esta é Ziggy — Ren diz rapidamente, fixando os olhos em mim. — Minha irmãzinha.

Algo se passa entre nós. Ele está tentando me dizer algo com os olhos, mas sou a pior candidata do mundo para isso. Então, para jogar pelo seguro, mantenho minha boca fechada e organizo meus pensamentos por um momento.

Eu sorrio para ela, sentindo uma estranha afinidade com essa jovem que, mesmo depois de apenas alguns momentos de conhecê-la, eu me reconheço muito. Esta deve ser a irmã de quem ele me falou. Aquela que está dentro do transtorno do espectro também.

— Bem, então — eu digo a ela. — Minha vez de dizer que Ren fala

muito sobre você também. E é bom finalmente dar uma cara ao nome.

Ela pisca para mim, depois se afasta, com um sorriso relutante.

De repente, alguém de uma cabine próxima vagueia em nosso caminho, pairando bem perto de Ren. Eu vejo a expressão aberta de Ren se fechando, seu sorriso educado assumindo quando ele se vira, protegendo Ziggy atrás de seu corpo.

— Desculpe incomodá-lo... — o cara diz.

Por que as pessoas pedem desculpas quando estão fazendo algo e vão continuar fazendo? Demonstre remorso genuíno e pare de fazer isso, ou apenas admita que você está sendo um idiota invasor, incomodando um jogador profissional de hóquei por uma assinatura às nove e meia de uma noite de semana, quando ele está apenas fora para comer alguma coisa.

— E aí, cara? — Ren diz.

— Apenas me perguntando se—

Eu levanto minha bengala, arqueada sobre minha cabeça como uma varinha, e digo:

— *Sectumsemptra!*

— Jesus! — O cara tropeça para trás, batendo em uma cadeira e correndo de volta para sua cabine. Eu dou-lhe um olhar mortal, até que ele desaparece de vista.

Ziggy tapa a boca com a mão, fazendo sua voz sair abafada.

— Isso foi incrível.

Ren olha para mim.

— Um pouco agressivo uma maldição logo de cara, você não acha, Francesca?

Annie balança a cabeça.

— Você não sabe da metade. Quando ela e Tim ficam bêbados, ela diz *Imperio* e ele segue suas ordens. É como charadas doentias e distorcidas do Pottermore.

Se ela não estivesse com 300 semanas de gravidez, eu a chutaria por baixo da mesa.

— Isso é particular, Annabelle.

Ela me dispensa.

— Bem, agora que perdemos o fã, por que você não se junta a nós? — Annie diz para Ren.

Ziggy abre a boca, mas antes que ela possa responder, Ren aperta seu ombro suavemente.

— Tudo bem. Não gostaríamos de interferir na sua conversa — diz ele. — E eu não vejo esta aqui há um tempo. Ela está atrasada para uma inquirição de irmão mais velho.

Ziggy revira os olhos. Isso me faz sorrir. E também faz meu coração pular que Ren está no tempo de proteção com sua irmã.

— Aguente firme — digo a ela. — Como a bebê da família com uma irmã mais velha mandona, você tem minha simpatia.

— Ei. — Ren me empurra suavemente e eu me aproveito, caindo no banco. — Merda, Frankie. — Ele envolve seus braços em volta do meu

ombro, me içã na posição ereta. — Eu sinto muito, eu...

Suas feições mudãm quando ele vê que estou tentando não rir e percebe que estou bem. Ele estreita os olhos.

— Essa é uma jogada suja.

— Achei muito engraçado — diz Ziggy secamente.

— Sim, bem. — Ren se endireita e me dá um olhar indiferente. — Nós vamos deixar você com isso. — Virando-se para a minha amiga, ele sorri mais largo. — Annie, que bom ver você. — De volta para mim com cara de gambã. — Vejo você no trabalho amanhã, Francesca.

Eu mostro minha língua para ele.

— Søren.

Ziggy suga a respiração, olhando entre nós.

— Ela te chama de *Søren*? Puta—

— Vamos. — Ren a pega pelo cotovelo. — Estamos indo embora.

Tchau!

Annie sorri, observando-os caminhar até sua mesa. Ren cai no banco de frente para mim e me pousa com um olhar penetrante. Lentamente, um sorriso aquece seu rosto como se ele não pudesse evitar.

— Oh, Frankie — Annie diz melancolicamente. — Você está encrencada.

Eu suspiro enquanto me sinto sorrindo de volta.

— E eu não sei disso?

FRANKIE

Música da Playlist: "Work" - Charlotte Day Wilson

EU LEVANTO MINHA MÃO PARA BATER na porta de Ren, mas ela se abre antes que eu possa.

Meu punho cai desajeitadamente ao meu lado. Jesus Arremessando Mesas no Templo, Ren está vestindo uma calça de moletom. Moletom cinza escuro justo. E uma camisa branca de mangas compridas, puxada para cima em seus antebraços.

— Francesca. — Ele dá um passo para trás, segurando a porta mais aberta. Pazza entra e pula, colocando as patas em seu estômago.

— Pazza, desça! — Eu cutuco sua bunda com minha bengala e fecho a porta atrás de mim.

Quando eu olho de volta, os olhos de Ren estão em mim, um pequeno sorriso aquecendo seu rosto.

— Eu não me importo quando ela pula. É bom que *alguém* pareça feliz em me ver.

Eu inclino minha cabeça.

Ren suspira.

— Essa foi uma dica. Sobre você.

— Eu não falo em *dicas*. — Eu passo por ele, largando minha bolsa e apoiando minha bengala na parede para que eu possa estender a mão para tirar os sapatos. — Diga ou não... Ah!

Braços quentes e sólidos me tiram do chão. Três passos largos de Ren, então sou posicionada suavemente na ilha da cozinha, as mãos de Ren espalmadas em cada lado meu. Sua boca sussurra sobre minha bochecha, seus lábios provocando seu caminho para a concha da minha orelha.

— Não há pressão. Você só precisa estar um *pouco* feliz por estar aqui.

— Estou muito feliz — digo sem fôlego. Minhas mãos deslizam por seus braços e descansam em seus ombros arredondados, enviando o ar para fora dele. O calor de Ren pressiona mais perto entre minhas pernas. Delicadamente, suas mãos abrangem minha cintura e me puxam para mais perto. Beijos suaves e aconchegantes no meu pescoço iluminam uma explosão solar bem no fundo.

— Ótimo — ele sussurra. Um último beijo firme na base da minha garganta, antes que ele se afaste. — Estou feliz por você estar aqui também.

Com cuidado, ele me levanta da ilha e começa a dar um passo para trás, mas eu me lanço para ele, envolvendo meus braços firmemente em torno de seu peito largo.

— Eu sinto muito que eu estava carrancuda quando você abriu a

porta. Isso me surpreendeu. Quando estou assustada, eu franzo a testa. Sempre faço. Mas estou feliz em ver você, ok?

— Oh. Eu entendo o que você quer dizer. Sinto muito por ter criado um caso sobre isso.

— Tudo bem — eu digo baixinho.

Seus braços envolvem meu corpo e me seguram perto. Lábios em meu cabelo, em minha têmpora, ele respira longa e lentamente, então pressiona sua boca em minha testa.

— Seu cheiro é tão bom.

Um sorriso contra seu peito.

— Você também.

Isso o faz rir.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Apimentado. — Eu coloco meu nariz direto em sua camisa e inalo — Sabonete de homem.

Outro beijo aquece meu rosto.

— Orquídeas. Brisa noturna.

Puxando meus braços com mais força em torno dele, pressiono meu estômago em seus quadris e mordo meu lábio. Ren é duro e grosso dentro de sua calça de moletom, e tudo que posso pensar é no peso primoroso dele sobre mim, dentro de mim.

— Frankie — diz ele, um engate de dor em sua voz. — Eu, uh... o forno está prestes a explodir.

Gemendo, coloco minha testa em seu peito.

— Por que estamos comendo de novo?

— Porque eu quero uma Frankie feliz, e Frankie fica mais feliz quando está bem alimentada.

— Ficarei muito feliz se você e eu acabarmos naquela cama grande do tamanho de Ren. — Eu pisco para ele, tentando sorrir.

Ele franze a testa para mim.

— Você está se sentindo bem?

— Sim. — Eu deixo cair meus braços e passo por ele, agarrando minha bengala. — Eu simplesmente consigo sorrir tanto quanto você pode começar uma briga de hóquei.

— Ei, agora. — Ele caminha mais fundo na cozinha. — Não me provoque pela minha não violência.

— Eu nunca faria.

Ren está de costas para mim, mexendo em algo que cheira fan-porra-tástico — algum tipo de ensopado aromático e saboroso.

A medida que meus olhos percorrem seu corpo, minha opinião sobre a injustiça da vida é cimentada. Por que os homens parecem criaturas tão sensuais em roupas confortáveis? Ren está vestindo calças de moletom que abraçam sua grande bunda de hóquei e se agarram aos músculos longos e poderosos de suas pernas. Sua camisa se estreita até a cintura e mostra seus bíceps e ombros definidos. Ele poderia muito bem estar nu — não, na verdade, é *mais* sensual porque ele *não está* nu. É a coisa mais frustrantemente sexual que já vi.

Alguma vez.

— Frankie.

— Hm? — Eu pisco para longe, culpada por olhar para sua bunda.

— Eu gosto da sua bunda também.

Erguendo minha bengala, cutuco a bunda em questão.

— Os homens têm objetificado as mulheres há milênios.

Simplesmente estou fazendo a minha parte para acertar as contas.

Ren ri e estende o braço em minha direção. Eu deslizo para dentro dele e me inclino contra seu peito, dando uma olhada de perto na maravilha no fogão.

— Bem, hum. O que é?

Ele sorri para mim e passa a mão pelo meu braço, como se para se certificar de que estou aquecida. Como se ele não entendesse que é uma fornalha humana, irradiando um calor reconfortante.

— *Kalops* — ele diz.

— *Kalops*.

— Sim. — Com um beijo no topo da minha cabeça, ele tira o líquido da colher e a coloca de lado. — Ensopado de carne sueca. A receita da minha mãe.

— Por que eu nunca conheci sua mãe? Ou seu pai, por falar nisso?

Os olhos de Ren se fecham e ele desvia o olhar, voltando-se para uma panela de batatas fervendo.

— Papai é um oncologista com muitas responsabilidades. Mamãe está muito ocupada com Ziggy desde que assinei. Ela passou por momentos difíceis nos últimos anos e mamãe não gosta de deixá-la sozinha. Ziggy esteve... em um lugar perigoso por um tempo. Não acho que minha mãe superou isso.

— Por que ela não pode simplesmente trazer Ziggy para um jogo?

Ren suspira.

— Você a conheceu, Frankie. Ir a um restaurante desconhecido tem muito a ver com o mundo exterior que ela consegue administrar no momento. Um espaço cacofônico como a arena literalmente a faria ter um colapso.

Eu sei que ele não está apenas jogando o termo “colapso” também. Uma das coisas que admiro em Ren é que ele escolhe as palavras com sabedoria, que acredita no poder e na responsabilidade da linguagem.

As pessoas usam o termo “colapso” arrogantemente, mas em referência ao autismo, é uma coisa muito específica. Quando confrontados com uma sobrecarga sensorial, os colapsos às vezes parecem com um adulto tendo um acesso de raiva ou desligando catatonicamente. É o corpo e a mente fazendo tudo o que pode para parar a entrada esmagadora de dados – um protetor de sobretensão emocional, a mudança mental quando um excesso de informações aciona o disjuntor da mente. Colapso é um instinto de sobrevivência.

— Bem, eu entendo — eu digo a ele. — Você sabe que eu uso tampões de ouvido durante os jogos. — Meu quadril lateja com desconforto e treme um pouco. Antes de cair e fazer Ren cagar nas calças de

preocupação, pego um dos banquinhos de sua ilha de cozinha e me sento nele. — Ainda assim, deve ficar chateado por seus pais não virem.

Eu faço uma contagem da família que eu *tenho* observado em jogos de Ren. Freya, a mais velha, que veio com um galã de olhos azuis caribenhos e cabelo preto – Aiden, acho que era o nome dele. Ryder e Willa, é claro – eles são os que vieram mais. Então, o irmão mais velho, Axel, que veio sozinho e parecia que tinha engolido algo azedo. Não nos conhecemos. Apenas o vi à distância quando ele abraçou Ren desajeitadamente e saiu disparado. E quanto aos outros?

— Você tem zilhões de irmãos. Um deles não podia sair com Ziggy para que seus pais pudessem assistir a um jogo?

Sem resposta.

— Seus irmãos e irmãs sabem por que o número da sua camisa é sete?

Todo o seu corpo enrijece. Eu vejo sua garganta trabalhar enquanto ele engole.

— Eu simplesmente gosto do número sete.

— Besteira, Zenzero. É para sua família. Sete irmãos, não é?

Que mal vem aos seus jogos. Em que mundo ser um jogador profissional de hóquei faz de você a ovelha negra da família?

Como se tivesse seguido minha linha de pensamento, ele encolhe os ombros, abrindo o forno e espiando dentro. Uma explosão de canela e açúcar jorra de trás da porta do forno, mas antes que eu possa ver o que está lá, ele a fecha.

— Os Bergman não são uma família do hóquei.

— Você é *sueco*, pelo amor de Deus. Os europeus do norte inventaram o hóquei.

— Nova Escócia, docinho.

Não engasgo com nada em particular, exceto o absurdo do que acabou de sair de sua boca.

— Desculpe, *como* você acabou de me chamar?

Ren sorri enquanto desliga o fogo por baixo do ensopado e o cobre com uma tampa.

— Eu preciso de um apelido carinhoso para você. Estou experimentando.

— Hum. Que tal Frankie? Isso vai servir.

— Pff. — Ren fecha a distância entre nós, ficando dentro das minhas pernas. Aquelas mãos calejadas e quentes deslizam em volta do meu pescoço e mergulham em meu cabelo, massageando os músculos doloridos. — Você me chama de coisas doces.

Eu gemo quando ele atinge um ponto sensível. Isso faz meus olhos se fecharem.

— A palavra italiana para raiz vegetal. E uma referência velada a um viking violento e saqueador. Não é exatamente amoroso.

— Eles não precisam ser amorosos — ele diz baixinho. — Eles só têm que ser meus, para você... pombinha.

— Não.

— Mirtilo.

— De jeito nenhum.
— Gatinha.
Eu abro um olho e dou uma olhada nele.
— Você não tem jeito.
— Nós dois sabíamos disso. — Ele pressiona um longo beijo na minha testa novamente. — Você está na minha cozinha — ele sussurra, inclinando minha cabeça para encontrar seus olhos. — Me belisque.
Eu pego um belo pedaço de pele do seu lado. Apenas pele, porque com certeza não há nenhuma gordura em seu torso.
— Ai! Frankie, eu estava sendo figurativo.
Opa.
— Desculpa. Eu sou uma garota literal, Zenzero. — Eu agarro seus quadris e o puxo para mais perto. — Deixe-me beijar para melhorar.
Deslizando minhas mãos sob sua camisa, eu estremeço com o deleite de minhas palmas correndo sobre aquela pele quente e tensa, os cumes de seu estômago.
Um ruído baixo e estrangulado sai de sua garganta.
— Frankie—
— Shh. Eu não irei longe demais.
Vejo a minúscula marca vermelha onde belisquei. Inclinando-me em direção a ele, pressiono meus lábios em seu estômago, em seguida, lentamente sigo meu caminho até logo acima de seu quadril. É muito mais sexy do que parece lógico. Quer dizer, é o estômago dele. Estou beijando um dodói.
Mas então seus dedos deslizam pelo meu cabelo e, impotente, ele inclina os quadris para frente.
— Cuidado, você vai arrancar meu olho com essa coisa. — Beijo seu estômago novamente e coloco a palma da mão no contorno formidável de sua ereção esticando aquela calça de moletom pecaminosa.
Com um gemido, ele se afasta e se curva, as mãos nos joelhos enquanto respira longa e lentamente. Exatamente como depois de uma corrida no gelo. É estranhamente satisfatório ver que o afetei tanto.
— Você é perigosa, Francesca.
Eu sorrio para ele e dou um tapinha em suas costas.
— Já era hora de você descobrir isso.

Com a barriga cheia da comida matadora de Ren, estamos sentados no sofá de Ren assistindo *Razão e Sensibilidade*. Hugh Grant está na tela diante de Emma Thompson, ambos vestidos com roupas Austeniana. Hugh, como Edward Ferrars, está tentando falar com Emma Thompson, interpretando Elinor, é claro. Mas ele é estranho para caralho. Não consigo pensar em ninguém que tenha conquistado o mercado, sendo adoravelmente desajeitado, melhor que o Hugh Grant das antigas.

Então, novamente, Ren é muito bom em trabalhar o ponto de vista adorável também.

Ren se move um pouco, deslizando seus dedos pelos meus novamente e apertando suavemente. Nunca o suficiente para machucar meus dedos. O que é bom, porque eles estão latejando muito bem por conta própria.

Nos últimos dois dias, tentei ignorar que meu desconforto padrão normal aumentou para dor e rigidez incômodas. Eu não deveria estar queimando. Os produtos biológicos e os corticosteróides em baixas doses que tomo geralmente funcionam bem. Se uma explosão estiver vindo, vou ficar furiosa. Infelizmente, não há nada que eu possa fazer a não ser esperar para ver. E me enterrar mais profundamente nos braços de Ren enquanto eu bocejo.

Meus olhos continuam fechando, não porque estou entediada. O filme é *lindo*. Tem minha atenção. Estou gostando de comparar o que estou lendo para o clube do livro com o filme e percebendo as liberdades que eles tomaram. Mas a verdade é que o cronograma da equipe me atinge. E caminhar o dia todo em vários graus de dor e desconforto, sem falar no trabalho mental de acompanhar um trabalho exigente e toda a socialização, me cansa.

Então, estar sendo colocada dentro dos braços de Ren. Suas pernas também. É tão aconchegante que não consigo deixar de sentir sono, descansando em seu sofá enorme na sala de estar. Cinza. Linho macio. Felpudo, mas firme. A parede sólida de seu peito aquece minhas costas, e o peso de seus braços em volta de mim é mais calmante do que meu cobertor pesado.

Lábios macios pressionam minha têmpora.

— Ainda está acordada, doçura?

Eu bato nele com o cotovelo sem muito entusiasmo.

— Isso responde — ele geme.

— Você sabe como pode me chamar? — Eu olho para cima quando ele se inclina sobre mim e nós escovamos os narizes.

Ele beija a ponta do meu.

— Do quê?

— Rabugenta.

Ele franze a testa.

— Eu não gosto de chamar você de qualquer iteração de rabugento.

— Tirando meu cabelo do rosto, ele me encara. — Você não é rabugenta. Você é apenas...

— Rabugenta. Nós discutimos isso. Melhor não contestar. Melhor perguntar *por quê*?

Ele suspira.

— Ok. Por quê?

Eu deslizo minha mão ao longo de sua coxa e vejo seu tique de mandíbula.

— Porque eu quero desligar o filme. E pare de dar voltas.

Um sorriso lento aquece seu rosto.

— Você não gosta de carícias?

— Digo, eu gosto. Você dá um carinho de primeira.

Ele inclina a cabeça em uma reverência.

— Obrigado.

— Eu apenas quero mais.

Ren solta os dedos da minha mão e segura meu queixo em suas mãos, seu polegar raspando pelos meus lábios.

— Nós chegaremos lá, Frankie. Eu quero mais também — ele sussurra, antes de sua boca deslizar suavemente sobre a minha. Ele cutuca meus lábios abertos, provoca a ponta de sua língua contra a minha.

Eu envolvo um braço em volta do seu pescoço e deslizo meus dedos por seus cabelos. É sedoso, mas espesso, e ele suspira em minha boca quando raspo minhas unhas em seu couro cabeludo. Ren envolve um braço em volta da minha cintura enquanto uma mão segura meu rosto, seu polegar acariciando a covinha na minha bochecha. Seu toque é ternura contida. Mas seu beijo é pura fome.

Faíscas deslizam pela minha pele e o calor corre pelas minhas veias enquanto uma doce dor se instala entre as minhas coxas. Eu dei um bocado de amassos nos meus tempos e, até agora, teria dito que era uma bela história de emaranhados de línguas e apalpadelas. Mas conforme nosso beijo se aprofunda e meu corpo se aquece sob seu toque, sou confrontada com uma nova compreensão do passado. Nada do que fiz me preparou. *Nada* se compara a isso.

Ren se afasta e sorri, seu olhar não deixando meus lábios. Estou esperando. Para as mãos deslizarem para baixo na minha cintura, para descascar minhas leggings e me esfregar até um orgasmo áspero e poderoso, mas em vez disso, eu sinto dedos quentes, calejados e ásperos, tecendo nos meus novamente.

Um suspiro estremecido me deixa. Estou dolorosamente excitada. Perplexa e maravilhada que alguém que esperou tanto tempo parece determinado a esperar mais.

Ren leva minha mão à boca e pressiona beijos quentes, lentos e de boca aberta na minha palma, depois em cada ponta do meu dedo. Estou praticamente ofegante, arqueando-me em direção a ele enquanto sua boca desliza para o interior sensível do meu pulso. Sua língua gira em círculos lentos e constantes que não são difíceis de imaginar provocando em outro lugar que anseia por toque.

Exalando lentamente, Ren dá um último beijo no meu pulso, então o abaixa. Eu o encaro em confusão óbvia, meu cabelo despenteado de seus dedos, meus lábios separados.

Uma risada seca salta para fora dele, antes que ele a sufoque.

— Vamos, coelhinha. Hora de ir para cama.

Eu fico boquiaberta enquanto ele se levanta e estende a mão para mim.

— Você está me zoando?

— Ok, então "coelhinha" foi fraco, eu vou te dar isso.

— Não é isso.

Ele franze a testa, antes que o reconhecimento dissolva o vinco entre

suas sobrancelhas.

— Oh. *Ir para a cama*. Não. Está tarde. Por que não iríamos para a cama?

— Bem, uh. — Eu aponto para a enorme ereção que está ao nível dos meus olhos, prestes a estourar sua calça de moletom. — Eu diria que temos uns bons 20 centímetros de razão aí.

Suspirando, ele tenta e falha completamente em se ajustar. Uma ereção como essa não vai a lugar nenhum.

— Estou bem.

— Qualquer coisa que você diga. — Pegando sua mão, eu me levanto com um pouco mais de esforço do que o normal, endireitando-me lentamente e avaliando-o por qualquer sinal de agitação ou pena. Mas ele apenas me observa atentamente, observando, absorvendo. Nada mais.

— *Você* pode ficar bem — digo a ele. — Mas se você achava que uma Frankie faminta era assustadora, você está olhando para uma Frankie sexualmente frustrada. Se prepare.

Chegando perto, Ren envolve seus braços em volta das minhas costas e me puxa para perto.

— Eu disse, vamos para a *cama*, Francesca, não para *dormir*.

Com um beijo rápido na ponta do meu nariz, ele se afasta, passando pelo que eu já sabia depois de algumas noites em que fiquei com ele é sua rotina noturna de trancamento. Verificar novamente o sistema de segurança e os bloqueios. Certificar de que as luzes do sensor de movimento externo estejam acesas.

Pazza funga acordada de sua posição perto da porta onde ela estava roncando. Ren pega minha bengala e a coloca ao meu lado.

Enquanto fico boquiaberta, me perguntando como um virgem ficou tão bom no jogo da sedução.

REN

Música da Playlist: "Toothpaste Kisses" - The Maccabees

DEPOIS QUE TRANQUEI A PORTA ONTEM À NOITE, nós escovamos os dentes lado a lado nas pias duplas do meu banheiro, Frankie carrancuda em torno da espuma de pasta de dente e do zumbido de sua escova elétrica, eu sorrindo para seu reflexo no espelho. Antes de chamá-la ontem à noite, enquanto cozinhava, arrumava e trocava os lençóis da cama, pensei muito sobre o que Frankie me disse no almoço do dia anterior. Como isso era assustador para ela, se abrir e tentar ficar juntos.

A única coisa que tenho do meu lado, percebi, é o tempo. É hora de mostrar a ela que posso ir devagar, construir confiança e conforto. Hora de mostrar a ela que não encontro uma única coisa sobre como ela funciona, ou o que ela precisa para ser intrusiva, ou inconveniente, ou qualquer outra coisa que as pessoas de seu passado a fizeram sentir.

Então, quando ela apareceu, segurei sua mão em vez de colocá-la dentro daquela leggings preta justa, por mais que eu quisesse. Eu rodei minha língua sobre a pele sedosa de seu pulso, ao invés da pele sedosa entre suas coxas.

O que não consegui prever foi exatamente o *quão* mal-humorada ir devagar a faria ficar. Então, fazendo um ajuste, decidi colocá-la na cama, tocá-la e beijá-la, dar a ela um orgasmo e colocar um sorriso em seu rosto. Depois de escovar os dentes, beijei-a profundamente para tentar apagar aquele beicinho que escurecia suas feições. Pareceu funcionar um pouco, porque ela saiu do banheiro sem pôr em marcha, direto para a minha cama, onde caiu com um baque surdo.

Mas no tempo em que eu tomei banho, usei o banheiro e saí, ela estava roncando baixinho, enrolada dentro dos cobertores, seu cabelo escuro uma mancha de tinta contra lençóis brancos da cor de papel.

Deslizando para a cama, agradei a Deus pelo meu colchão viscoelástico que absorve o movimento e nem ao menos moveu seu corpo quando me sentei ao lado dela, antes de desligar a luz. E então me enrolei em torno de Francesca Zeferino, beijei sua bochecha enquanto a inalei e adormeci.

Seu gemido suave é a primeira coisa que ouço. Em seguida, pássaros cantando lá fora. Pisco acordado com a luz do sol banhando-a com seu brilho e levanto minha cabeça o suficiente para dar uma boa olhada nela. Os olhos de Frankie estão cerrados, sua mandíbula tensa. Eu não posso dizer se ela está sonhando ou apenas chateada por estar parcialmente acordada.

Olhando por cima do ombro, li meu relógio. Faltam apenas alguns

minutos para o meu alarme tocar, então eu o silêncio, antes que comece a tocar música de banjo e torne o pequeno raio de sol em meus braços passível de cometer um assassinato.

Outro gemido baixo a deixa. Cuidadosamente, eu me apoio no cotovelo, procurando o motivo pelo qual ela parece tão desconfortável.

Ela tem artrite, cara. Claro, ela está desconfortável, especialmente pela manhã.

Não que Frankie precise saber, mas quando percebi com o que ela estava lidando, fiz meu dever de casa sobre AR. Eu sei o custo do sono, Deitar ainda acalma a inflamação nas articulações e as endurece. É inevitável.

Mas por que ela está *sofrendo*? Os remédios dela não deveriam controlar isso? Uma onda feroz de preocupação e proteção explode através de mim. Eu quero envolvê-la e beijar até tudo ficar bem. Quero pegar tudo que dói dentro dela e colocar no meu corpo. Sou grande, Sólido. Alguém como eu deveria ter isso, não alguém como Frankie. É injusto. Claramente injusto.

— Pense mais alto — ela resmunga — e você vai me acordar.

Eu sorrio, deslizando suavemente minha mão pelo braço dela e subindo enquanto pressiono um beijo na curva de seu pescoço.

— *Morrn, morrn, min solstråle.*

— Me xingando de novo.

Eu bufo uma risada.

— Eu apenas disse: "Bom dia, meu raio de sol."

— Raio do sol ou não, não há nada de bom nas manhãs. — Com um longo gemido, ela rola lentamente de seu estômago para suas costas, seu rosto contraído. — Pelo menos não para mim.

— Frankie, o que há de errado?

Ela suspira.

— As manhãs são as piores. E você não tem um colchão aquecido. O que é basicamente a única coisa que ajuda.

O alívio sobe por mim.

— Na verdade, eu tenho. — Inclinando-me por ela, com cuidado para não pressionar seu corpo, eu ligo o botão do meu colchão aquecido. Foi uma das minhas primeiras compras quando assinei com a equipe para combater dores musculares e dores no corpo por jogar um nível totalmente novo de hóquei, uma boa mudança para a promessa de que chegará à temperatura em menos de trinta segundos.

— Você tem? — Seus grandes olhos castanhos mel se arregalam. Um longo suspiro feliz a deixa enquanto o calor inunda a superfície da minha cama. — Você tem.

Eu fico olhando para ela, observando seu rosto, ainda suave com a sonolência, uma ruga de travesseiro cortando sua bochecha. Seu cabelo está estranhamente frisado e seus lábios parecem mais carnudos, franzidos de sono.

— Você está me encarando — ela sussurra.

Eu aceno, me curvo e pressiono um beijo em sua mandíbula, depois

em seu pescoço. Tudo nela é suave e macio, tão incrivelmente tentador.

É por isso que coloquei calças de moletom limpas quando fui para a cama ontem à noite – estou tão duro, o roçar dos lençóis, o peso do cobertor sobre nós é quase insuportável. Eu quero tanto abrir suas coxas, agarrar seus quadris e me afundar dentro dela – sentir o corpo de Frankie apertado em volta do meu, me mover com ela e ouvi-la gritar, mas agora não é a hora. Ainda não.

Você diz muito isso, Bergman. Agora não. Ainda não.

Conte-me sobre isso. Ou melhor, diga-o à minha torturada ereção matinal.

— Eu voltarei — eu sussurro contra seu pescoço.

Livrando-me dos lençóis, eu pulo da cama e visto uma camisa. Outro barulho vindo de Frankie me faz girar, a camisa na metade do meu peito.

— O que foi?

Ela franze a testa para mim.

— Eu não me importaria se meu café fosse entregue por um Søren sem camisa, é tudo o que estou dizendo.

Eu puxo minha camisa para baixo o resto do caminho.

— Estou me sentindo bastante objetificado agora, Francesca. Agora, planejava trazer um lanche para o café da manhã e um pouco de café. Precisa de mais alguma coisa?

Ela balança a cabeça.

— Além da sua nudez? Não.

Pazza está deitada obedientemente ao pé da cama, mas ela se levanta quando abro a porta do quarto. Há uma felicidade no bater de suas patas, suas unhas batendo no chão de madeira, que me faz sorrir. Abro a porta de correr, observo-a correr pelo deque, descer os degraus e ir para a areia, onde ela prontamente faz xixi na fileira de festuca que protege parcialmente minha propriedade da costa. Ela corre um pouco mais longe, correndo pela areia dura, aterrorizando uma gaivota.

Quando eu assobio, ela vem correndo de volta para o deque, parando por tempo suficiente para que eu lave suas patas e a enxugue.

— Café da manhã, filhote.

Ela corre até sua tigela de comida que Frankie embalou, enquanto eu faço o café de Frankie como sei que ela gosta e aqueço dois pães de canela que assei.

É doméstico. É pacífico. Soltando o cachorro, fazendo café enquanto Frankie descansa na cama e toma um tempo para se acomodar para o dia.

Não se precipite. Ela disse que está nervosa para fazer isso. Ela disse que vai tentar. É isso.

A preocupação aperta meu estômago. Embora eu valorize a honestidade de Frankie, seu estilo de comunicação franco que parece andar de mãos dadas com o autismo, estar tão ciente de sua apreensão sobre um relacionamento é estressante. Estou um pouco apavorado que Frankie vá quebrar meu coração antes mesmo de perceber que é dela para quebrar.

Pazza choraminga para mim e inclina a cabeça. Se os cães sorriem, este acabou de fazer.

Pegando a bandeja de produtos, caminho pelo corredor, abro a porta com o ombro e quase deixo cair tudo. Frankie está sentada na cama com nada além de uma das minhas camisetas com gola em V. Em mim, é confortável, ajustada o suficiente para ficar invisível sob as camisas sob medida que tenho que usar antes e depois de cada jogo. Mas em Frankie, ela cai.

Tortuosamente.

O decote em "V" desce em seu peito, expondo suas clavículas e a linha de seu esterno, a sombra curvando-se entre seus seios fartos. Mamilos escuros destacam-se nitidamente contra o tecido. Olhando para eles, minha boca enche de água.

— Tá vendo? — ela diz, claramente procurando algum feedback positivo. — Olhe para mim. Em vertical. — Com algumas rotações dos pulsos, ela levanta os braços, como uma atriz preparada para receber aplausos. — Eu até me levantei e fiz xixi. Molhei meu rosto. Mudei para algo confortável. Você não está orgulhoso?

Eu engulo em seco.

Ela sorri, vendo onde meus olhos se fixaram.

— Achei que você gostaria disso.

— "Gostar" é uma escolha de palavra interessante. — Atravesso o quarto, coloco a bandeja entre nós na cama e entrego o café a Frankie.

Depois de tomar um longo gole, ela suspira satisfeita.

— Dificilmente parece justo — eu digo, tentando manter meus olhos no pãozinho de canela que estou cortando em quatro partes, mas principalmente descobrindo meu olhar sendo atraído repetidamente para seus seios. — Eu não ficaria tão bem em uma de suas camisas.

Ela sorri.

— A almofada de aquecimento ajuda as minhas articulações, mas me faz suar como uma prostituta na igreja. Nenhuma das minhas camisas ficou bem quando eu as vesti. Muito áspero. Muito quente. Eu só precisava de algo grande, macio e com um cheiro agradável.

Eu coloco um pedaço de pãozinho de canela na minha boca e raspo as costas da minha mão contra seu mamilo, endurecido fortemente através do material.

— Que bom que você encontrou uma.

— Espero que você não se importe — ela diz. Um arrepio sutil rola por ela quando meu dedo mergulha entre o vale de seus seios e provoca o outro mamilo da mesma maneira. — Eu vasculhei suas gavetas e encontrei.

Minha cabeça se levanta.

— Você mexeu nas minhas gavetas?

— Mhm — ela diz antes de dar uma mordida no pãozinho de canela e mastigar. — Quem sabia que Søren Bergman codifica as cores de suas roupas íntimas, meias, camisas...

Eu a beijo, pelo menos para impedir sua provocação. E embora eu

saiba que ninguém gosta de hálito matinal, agora ambos temos gosto de canela e café.

Quando me afasto, seus olhos estão turvos e ela tem glacê no lábio. Eu lambo e sinto sua respiração engatar.

— Eu gosto de coisas arrumadas — eu digo baixinho. — Ajuda-me a encontrá-las mais facilmente.

Seu sorriso é lento, mas caloroso, e quando ela levanta a mão e tira o cabelo da minha testa, tenho vontade de cair de joelhos.

— Oi — ela sussurra.

— Oi — eu sussurro contra seus lábios. Eu a beijo novamente, então me sento e me inclino contra a cabeceira da cama, como ela. Comemos em silêncio, mas é confortável. Fácil e tranquilo.

Até Frankie terminar seu pãozinho de canela e lambar as pontas dos dedos. Não que eu tenha estado nada menos do que duro nas últimas doze horas, graças à proximidade de Frankie, mas agora meu pau lateja enquanto uma dor furiosa se constrói em minha virilha.

Frankie emite um *tsc* e pousa seu café.

— Não posso ter isso, Zenzero.

Eu olho para cima do meu café.

— Não pode ter o qu... Jesus!

Sua mão desliza sobre minhas calças, bem entre minhas pernas, e eu quase nos escaldo, espirrando violentamente meu café enquanto o jogo na mesa de cabeceira. Eu quero pará-la, mas se eu fizer isso, tenho certeza que vou desmaiar com o sangue correndo para cada centímetro de mim que Frankie está espalhando com movimentos de especialista.

— F-Frankie, você não precisa...

— Søren Bergman, a menos que você esteja prestes a ter uma parada cardíaca ou a casa esteja pegando fogo, cale a boca e deixe-me fazer você gozar.

Eu dou um grunhido quando ela me libera e, em seguida, desliza a mão por baixo do elástico do meu moletom. Virando-me para ela, coloco a bandeja fora da cama e arrasto Frankie para baixo, deitada no colchão. Minha boca aperta seu mamilo, enquanto eu chupo forte através do algodão de sua camiseta. Com uma nova umidade, seu mamilo fica evidente, uma cor de cereja escura que quero lambar, morder e provocar por horas. Pegando seus seios fartos, eu gemo em apreciação.

Quando eu arrasto meus dentes suavemente sobre um pico duro e úmido, seus dedos mergulham em meu cabelo. Ela suspira e arqueia para mim.

— Puta merda, Ren.

Trabalhando em seu mamilo com a minha boca, eu deslizo minha mão em sua barriga e a curvo sobre o calor úmido que escorre por sua calcinha. Apenas um leve deslizar do meu dedo e suas coxas se apertam ao meu toque.

— Oh. Não pare de fazer isso — ela ofega. Seus dedos apertam meu cabelo, me segurando perto. Seus quadris se inclinam para cima.

Eu sorrio de satisfação, até que sinto sua palma deslizando sobre

minha cueca boxer, seu aperto me abraçando, para cima e para baixo.

— Frankie.

É tudo que posso dizer, tudo que posso ver e sentir. Seus lábios pressionam meu cabelo enquanto eu chupo e provoco seus mamilos, enquanto eu a esfrego suavemente através de sua calcinha, círculos rápidos e firmes. A mão de Frankie trabalha em mim, segura e rápida, enviando um calor vertiginoso e uma dor furiosa por liberação subindo pela minha espinha. A necessidade de empurrar, conduzir e socar toma conta. Eu pressiono meus quadris com mais força em seu aperto, sentindo o aviso de liberação crescendo, quente e poderoso.

— Ren — ela sussurra.

Eu levanto minha cabeça tempo suficiente para encontrar seus lábios, para beijá-la enquanto ela chora contra minha boca e goza em ondas suaves e lindas contra minha mão.

Eu quero saborear isso — a satisfação nebulosa em seus olhos, o jeito que ela sorri mais largo do que nunca — mas sua mão é a própria tentação, e estou lutando contra a borda.

Segurando meu olhar, ela morde meu lábio, arrastando-o entre os dentes. A dor disso tropeça no fio que me faz voar alto. Em um grunhido de pura felicidade, eu gozo, enquanto a mão de Frankie trabalha em mim com esfregões suaves que prolongam meu orgasmo.

Depois de um longo e silencioso momento, eu me jogo de volta na cama e a puxo cuidadosamente comigo, segurando sua cabeça no meu peito, mas distante do derramamento quente por todo o meu estômago. Com um beijo firme no topo de seu cabelo, suspiro pesadamente.

— Ren? — ela diz baixinho.

Eu olho para ela.

— Sim?

— Estou um pouco preocupada.

Eu agarro seu queixo, inclinando sua cabeça para que ela olhe para mim.

— Por quê? — Seu rosto está tenso, a ansiedade clara em suas feições.

— O que foi?

Ela me alcança e me beija.

— Porque se é tão bom quando nossas roupas estão colocadas, o que diabos vai acontecer quando todas elas saírem?

Procurando seus olhos, tento ver por que a promessa de algo tão bom a assusta tanto. Mas eu falho. Não há resposta, a não ser o fato de que tudo isso é novo e enervante para Frankie, como é — embora, de maneiras diferentes — para mim. Não há nada a ser feito ou descartado sobre isso. Apenas espaço a ser tomado. Tempo e paciência.

Com um beijo em sua testa, eu descanso minha cabeça na dela, permitindo que o silêncio seja a resposta o suficiente.

Por enquanto.

FRANKIE

Música da Playlist: "Somewhere Over the Rainbow" - Leanne & Naara

EM ALGUM MOMENTO, RECENTEMENTE, minha vida se tornou um romance de Austen. Como se o livro em si pudesse ser capaz de algum tipo de magia sombria de repressão sexual, estou tentada a jogar *Razão e Sensibilidade* pela janela e espero que isso envie Ren correndo para o meu quarto para fazer de mim uma mulher de verdade.

Tem sido uma tortura linda, gloriosa e estonteante. Dias de carinho, dedos enroscados, amassos e esfregação, e Santo São Francisco de Assis e Seus Amigos Animais Peludos, preciso que Ren use aquele grande e velho bastão que Deus deu a ele e pontue em mim logo.

Eu evito dois dos caras no corredor, entrando na sala de treinamento. Eu preciso encontrar Ren, porque são quatro horas. Que é quando meu plano de ação, entra em ação.

Não sou a melhor do mundo em mentir de imediato, mas sou muito boa em subterfúgios premeditados. Em exatamente três minutos, meu estômago vai começar a doer. Vou deixar Ren saber que vou passar a noite em casa, que vou perder o jogo.

Darlene está dentro do meu plano e certificou-se de que um dos estagiários de RP esteja preparado para pelo menos acompanhar o Twitter e o Instagram durante o jogo, então estamos cobertos nessa frente. Será apenas o segundo jogo que perdi. O primeiro que perdi foi porque peguei uma constipação horrível – muito obrigada, medicamentos imunossupressores – e finalmente tive que admitir a derrota, deitei no sofá e gritei roucamente para a TV enquanto a cabeça de Pazza girava furiosamente entre o jogo de hóquei e eu.

— Viu Ren? — Eu pergunto a Lin.

Ele balança a cabeça enquanto John passa a fita em seu tornozelo para ele.

— Schar? Você viu Bergman?

Kris ergue os olhos dos alongamentos dos calcanhares.

— Negativo, Frankie.

Murmurando baixinho, saio da sala de treinamento e perambulo pelos corredores, meus ouvidos atentos, esperando ouvir o tenor quente e baixo da voz de Ren.

Eu deveria estar na casa da infância de Ren em exatamente uma hora, e com a vadia que é o trânsito de LA, eu quero deixar bastante tempo para eu chegar lá e para seus pais chegarem à arena. Porque Ren Bergman não está jogando outro jogo profissional sem a presença de seus pais, com dinâmica familiar complexa ou não. Além disso, me deu a

oportunidade perfeita de sair com Ziggy. Ele fala com ela ao telefone todos os dias, e alguns dias atrás – processe-me – eu bisbilhotei. Ren me pegou, aqueles olhos de gato enrugando quando ele sorriu, e a conexão assustadora entre aquela expressão e minha libido foi reforçada, porque eu quase gozei no local. “Quer dizer oi, Francesca?”, ele disse.

Eu abomino telefonemas, mas tenho algum orgulho. Peguei o telefone dele, e você sabe, conversar com Ziggy foi estranhamente bom. Depois disso, senti que tínhamos base suficiente para pôr em prática minha ideia.

Perdida em pensamentos, bato direto em um peitoral familiar. Quente, apimentado, sólido. Eu tenho que segurar minha mão livre para não agarrá-lo pela camisa e beijá-lo.

— Francesca.

Eu bato em seu estômago.

— É Frankie para você, Zenzero.

— O que você quiser, joaninha.

Meus olhos reviram com tanta força que dói.

— Irremediável.

Gentilmente, Ren agarra meu braço e nos conduz para o lado do corredor enquanto Andy e Tyler passam. Normalmente não sinto quando as pessoas estão vindo ou indo ao meu redor se meu foco está ocupado em outra coisa. Eu sou aquela pessoa que fica parada no meio do corredor, tagarelando, alheia a bloquear seu caminho.

— Tudo certo? — Ren pergunta baixinho.

Limpando minha garganta, coloco minha mão na minha barriga.

— Na verdade, não.

O olhar de puro pânico que imediatamente enrijece seu rosto faz a simpatia correr por mim. Eu trago minha mão ao seu peito, um gesto intuitivo de tranquilização, mas então a puxo de volta quando me lembro onde estamos.

— Eu estou bem no geral, mas meu estômago, não está *bueno*.

Ele inclina a cabeça.

— Seu estômago? Você comeu algo ruim? Você tem um vírus?

— Ren. Relaxe. — O fato é que cólicas têm me incomodado desde a noite passada, agudas e persistentes. Eu também tenho estado uma bagunça dolorida e rangente na semana passada. Estou prestes a começar minha menstruação, então não é totalmente surpreendente. Isso torna muito menos difícil fingir desconforto. Porque *estou* desconfortável, apenas nada que normalmente me impediria de trabalhar. Quando você vive com dor crônica, você se acostuma a suportá-la. Você apenas vive, até entrar em colapso. Então você se levanta, muda em torno de remédios e tenta novamente.

— É... coisa de mulher — digo a ele.

Ele relaxa visivelmente.

— Oh. Ok. Sabe, não sou delicado, Frankie. Você pode dizer que está com cólicas e está menstruando.

Eu sorrio para Ren, encantada com sua atitude e um tanto surpresa. É

uma função corporal natural. Não vejo por que temos que envolver isso em eufemismos. Mas, há muito tempo, aprendi que isso é o que se espera, especialmente dos homens. É bom saber que, com ele, não tenho que jogar esse jogo.

— Ok. Sim. Tenho cólicas horríveis, tão fortes que estou com náuseas. Estou indo para casa. — Mantendo o seu olhar por um breve momento, eu deslizo meus dedos dentro dos dele, com cuidado para que esteja escondido da vista de qualquer pessoa no corredor. — Boa sorte esta noite. Hat-trick ou fracasso, Bergman.

Ele sorri.

— Como sempre, só posso prometer o meu melhor.

Isso não é verdade. É tudo o que qualquer um pode fazer. E tão poucos de nós se sentem confortáveis em admitir isso. Quando eu solto sua mão e começo a me virar, Ren chama meu nome.

— Sim?

Aproximando-se, ele abaixa sua voz.

— Posso ir hoje à noite?

— Quer dizer... como eu disse, posso estar fora de serviço.

— Eu sei disso. Eu só quero ficar com você.

Meu coração dá uma pirueta dentro do meu peito.

— Oh. Bem, claro. Mas sejamos realistas. Minha cama é uma merda comparada com a sua. Que tal te encontrar em sua casa após o jogo?

Ren abre a boca para falar, faz uma pausa e sorri educadamente para uma das coordenadoras da equipe quando ela passa. Quando ela se vai, seus olhos se voltam para mim.

— Apenas vá para lá agora. Use a banheira de imersão no meu quarto, relaxe. Ok?

— Ok. — Nós mantemos o contato visual e a mandíbula de Ren faz um tique. Eu sei que ele quer abraçar. Beijar. Ele tem o hábito de me balançar em seus braços quando nos abraçamos, o que não é apenas um sonho, mas também reconfortante. — Tchau — eu sussurro.

Ele aperta minha mão, depois a solta. E eu saio com uma sensação de naufrágio que cresce a cada passo. Não gosto de deixá-lo sem dar um beijo de despedida nele.

Quem diabos é você?

Boa pergunta. Algo está mudando dentro de mim, uma mera semana neste pequeno experimento. Um no qual eu estou forçando a abertura das portas de ferro do meu coração e deixando alguém entrar. Algo dentro de mim não quer apenas ranger as portas abertas tão ligeiramente. Quer abri-las em boas-vindas. Quer confiar no amor e dizer ao universo, faça o seu pior.

Porque não há discussão, eventualmente, o universo o fará.

Tudo bem. Então, conhecer os pais de Ren pessoalmente foi uma tonelada mais estressante do que eu pensava. Eu me senti como uma

adolescente sorrateira que quase foi pega se agarrando no porão. Eles não sabem que eu saboreei o corpo de tirar o fôlego de seu filho com o desejo guiando minhas mãos. Eles não sabem que ele faz a receita de pães de canela da mãe para mim e beija minha testa todas as manhãs quando me entrega meu café. Eles não sabem que eu misturei palavrões com seu nome tantas vezes, enquanto ele me fazia desmoronar.

E se eu tiver escolha, eles nunca saberão.

Eu também me senti um pouco estranha, primeiro porque eu roubei o número de Ziggy do telefone de Ren, mandei uma mensagem e perguntei se ela estava de acordo com a minha ideia – que eu simplesmente apresentei como uma oportunidade de tirar os pais dela de cima e falar de garota para a garota. Embora a ideia ter nascido da vontade de levar os pais da Ren a um maldito jogo, o fato é que eu *quero* ser uma amiga para Ziggy, para lhe dar algum apoio que eu poderia ter usado quando fui diagnosticada pela primeira vez. Estou entrando em contato não apenas por causa desse sentimento de corações rodopiando que tenho por Ren, mas também por uma preocupação genuína por Ziggy e um desejo de conhecê-la melhor.

Então, liguei para a Sra. Bergman, explicando que eu era uma boa amiga de Ren, que conhecia Ziggy e que queria se oferecer para sair com ela como outra mulher do espectro, ter uma conversa franca. Eu disse-lhe que Ren não estava nisso – que eu queria surpreendê-lo com a presença deles. Depois disso, a Sra. Bergman pareceu muito cautelosa. Pedi-lhe que usasse Willa e Ryder como referência de caráter e me ligasse de volta.

Ela me ligou nem mesmo dez minutos depois, parecendo muito melhor do que antes.

Veja, Willa e eu *somos* amigas. Portanto.

Quando cheguei à bela casa de infância de Ren – calmante, um mar de paredes brancas cremosas e madeira natural, foi surreal colocar um rosto na voz de sua mãe, ver os olhos e as maçãs do rosto de Ren em suas feições. Em seguida, cumprimentando seu pai com aquela voz estrondosa e sorriso largo que eu soube imediatamente que ele tinha dado a Ren, junto com seu cabelo ondulado e acobreado, e seu corpo largo e poderoso. Eu estava tão nervosa, minhas palmas estavam escorregadias de suor e meu coração batia forte contra minhas costelas.

Mas, uma vez que eles foram embora, a maior parte da minha ansiedade foi embora com eles, deixando apenas nervosismo suficiente sobre fazer o certo por Ziggy enquanto tento me aproximar dela.

Ela encara a TV, assistindo ao jogo de hóquei. No segundo que olho para a tela, posso localizar Ren. Mais alto do que todos, dando voltas em torno do gol. Uma ponta ruiva enrolando-se em seu capacete.

— Um dia eu quero poder ir — ela diz calmamente. — Posso dizer que ele está triste por eu nunca ter ido. Que eu torno praticamente impossível para mamãe e papai irem.

Eu não digo nada de imediato. Não sei tudo o que aconteceu, exceto que Ren disse que Ziggy esteve em um lugar perigoso em algum

momento. Parece melhor simplesmente dar a ela espaço para falar e processar, especialmente quando eu não sei os detalhes.

Eu também não toco em Ziggy, nem me sento terrivelmente perto. Posso dizer que ela não gosta disso. Desde o momento em que entrei, ela manteve pelo menos um metro e oitenta entre nós. Seus pais também não a abraçaram em despedida. Apenas beijaram sua testa e saíram.

Então, em vez disso, estou enrolada a dois pontos de distância em um canto de um sofá que é tão espaçoso, que faz o de Ren parecer uma almofada de alfinetes. Aninhada sob cobertores, eu fico olhando para a TV na maior parte do tempo, mastigando pipoca e amaldiçoando essas cólicas.

— O que você acha que a impede de ir? — Eu finalmente pergunto a ela.

Ela ri vagamente.

— Tudo. As multidões. O barulho. As luzes. Até a viagem até lá. O tráfego me deixa claustrofóbica. Eu odeio apenas ficar *sentada* ali. Eu saltei do carro e andei os quatrocentos metros finais da última vez que ficamos presos em um congestionamento na 405. Mamãe enlouqueceu.

Isso me faz rir.

— Eh. Eu não culpo você.

Ziggy olha na minha direção, seus olhos verdes penetrantes, que agora reconheço serem gêmeos dos de Ryder, me espetando.

— Como você faz isso? — ela pergunta.

Eu levanto minhas sobrancelhas. *Eu* disse à Sra. Bergman que estou dentro do espectro. Mas não contei a Ziggy. Porque *ela* não *me* contou. E eu não quero pressioná-la.

— Fazer o quê?

— Você é autista — ela diz com naturalidade. — Como eu.

— Ren te contou?

Ela acena com a cabeça.

— Assim como ele disse a você sobre mim.

Touché.

Olhando para as próprias mãos, ela murmura:

— Ele disse que você é alguém com quem eu poderia falar, se quisesse.

— Bem — digo com um gemido, enquanto me mexo no sofá e tento adquirir um pouco de conforto. — Ele tem razão. Eu sou. Então, você quer?

Ziggy ergue os olhos, olhando para a TV novamente.

— Eu não sei. Às vezes, acho que sim. Outras vezes, acho que não quero saber.

— Não quer saber o quê?

Ela encolhe os ombros.

— As partes difíceis. As coisas que não melhoram. Os últimos anos foram uma droga. Não consigo imaginar nada mais desafiador do que isso.

Colocando a tigela de pipoca entre nós, eu a examino. Ela é magra.

Encolhida em si mesma. Se ela for parecida comigo nessa idade, ela não come regularmente e está cronicamente sem dormir e ansiosa. O que me deixou profundamente curiosa sobre o tipo de apoio que ela está recebendo.

— Você está em terapia?

— Psicoterapia — diz ela categoricamente. — Eu acho isso ocasionalmente útil. Sobretudo exaustivo.

— Além da psicoterapia, você está fazendo terapia ocupacional? Você aprendeu sobre dietas sensoriais?

Ela torce o nariz.

— Terapia ocupacional, não. Mas o cara mencionou isso na psicoterapia, talvez? Não me lembro. Eu divago muito quando vou. Eu faço isso para agradar a mamãe e papai. Porque eles estão preocupados comigo.

— Bem, talvez ele esteja trabalhando para guiá-la em direção a terapia ocupacional. É aí que você aprende como cuidar das coisas que são difíceis de explicar e esgotantes para falar sobre. Por exemplo, dietas sensoriais. Assim como um nutricionista ajuda você a descobrir quais são suas necessidades nutricionais, as dietas sensoriais são feitas sob medida para cada pessoa para manter seu cérebro e corpo equilibrados e o mais pacíficos possível, pelo menos até que o mundo exterior jogue tudo para cima.

Ziggy se vira de modo que ela está ligeiramente inclinada em minha direção.

— O que você quer dizer?

Eu levanto meu colar de inquietação.

— Eu sou inquieta, sempre fui. Minha mãe disse que poderia jurar que eu teria um diagnóstico de TDAH quando ela me levou para minha avaliação completa. Mas aqui estamos. Eu sou autista. E preciso de estímulos sensoriais para me sentir bem e calma. Então, sento-me em uma bola de exercícios grande — assim posso pular, girar e balançar. Eu tenho um colar que as pessoas não pensam duas vezes antes de eu tocar, e com ele posso estimulá-lo quando preciso, sem que ele chame atenção especial para mim. Eu faço ioga todas as manhãs e nado para queimar energia, qualquer atividade que não machuque minhas articulações.

Eu viro a barra da minha calça social.

— Costuras francesas. Sem coceira. Camisetas sem etiqueta. — Eu tamborilo meus dedos, quebrando a cabeça. — O que mais... Oh, sim. Normalmente, eu termino o dia sob um cobertor pesado e meu cachorro por cima. Mas estou *buscando* sensorialmente, então talvez você não goste disso. Você parece sensorialmente —

— Esquiva — ela termina, olhando para suas cutículas rasgadas e roendo uma unha. — Sim e não. Só precisa não me pegar desprevenida, mas gosto de abraços. Das pessoas certas. No tempo certo. Eu não sou um robô.

— Eu não disse que você era. Mas eu entendo o sentimento de estar na defensiva sobre isso. É um estereótipo dos autistas, que somos essas

conchas frias e sem emoção, o que não é verdade. Nós apenas sentimos de forma diferente. E muitas vezes, o caso é que nós realmente sentimos *demais*, temos de compartimentar isso, funil-lo em mecanismos de enfrentamento que torna-os mais administrável.

Ela puxa uma respiração instável.

— Você é a primeira pessoa que entende isso.

Tento entender o que ela quer dizer, o que não é fácil para mim. Tenho um palpite de que ela não está se referindo apenas a colares de inquietação ou o quanto a psicoterapia é uma droga quando você está cansada de falar. Tenho uma suspeita crescente de que ninguém realmente tocou em Ziggy desde que ela teve um colapso e foi diagnosticada. Quer dizer, eu vi Ren segurar seu ombro, gentilmente tocá-la nas costas, mas alguém a abraçou? Segurou ela? Ajudou-a a contextualizar esses sentimentos e desafios grandes, avassaladores e assustadores, para que ela saiba que eles não precisam consumi-la, que não a tornam desumana ou quebrada, mas que, em vez disso, provam sua resiliência, sua capacidade de curar e crescer?

O toque de amor nos lembra de nossa humanidade. Quase todo mundo precisa disso, em algum molde, ou forma, ou período de tempo. Às vezes, tudo o que precisamos fazer é pedir.

— Quando foi a última vez que alguém te abraçou, Ziggy?

Uma lágrima escorre por sua bochecha. Merda. Eu fiz a irmãzinha de Ren chorar. Ele vai me renegar e parar de me dar ótimos orgasmos e nunca mais me fazer comida sueca—

Calma, Francesca. Concentre-se em Ziggy.

Outra lágrima escorre e ela pisca, encarando as suas mãos no colo.

— Ziggy — pergunto baixinho — tudo bem se *eu* te abraçar agora?

Um pequeno e eterno silêncio paira na sala enquanto as lágrimas escorrem cada vez mais rápido por seu rosto. Testemunho o peso de sua dor, que reconheço inteiramente, e que aperta meu peito em memória, torce meu coração.

Ziggy limpa o nariz com a manga da blusa e acena com a cabeça, duas inclinações lentas do queixo.

Cuidadosamente, coloco a pipoca de lado e chego mais perto dela no sofá, com meus braços abertos. Eu deixei Ziggy vir até mim. Porque eu sei, pela maneira como o irmão dela abre os braços e me deixa escolher como e quando eu caio neles, a diferença que faz quando alguém não apenas te tolera por onde você está, mas te *abraça* por isso.

Lentamente, como uma muda cortada e caída, ela cai na minha direção, até que sua testa pousa no meu ombro, suas bochechas molhadas de lágrimas. Os soluços começam baixinho. Mas eles não permanecem assim. Eles constroem, uma onda de emoção enterrada, finalmente vindo à tona. Dor. Confusão. Desespero. Eu os sinto saindo dela. Sinto seus ecos em minha memória. Lágrimas mancham minhas bochechas enquanto eu cuidadosamente envolvo um braço ao redor dela, esfregando suas costas em um formato de oito constante.

— Você vai ficar bem, Ziggy. E embora possa não ser tão rápido

quanto você gostaria, você vai dar um jeito. Você vai ser feliz de novo um dia, eu prometo.

Seus soluços ficam mais agudos e, de repente, ela aperta os braços com força ao meu redor, um aperto de ossos de pássaro e tenacidade.

— Deus, espero que sim.

— Você vai — eu sussurro, colocando minha bochecha no topo de sua cabeça. — Eu prometo. E eu não digo isso levianamente. Eu *prometo*, ok?

Eu a balanço em meus braços, até que seu choro diminua. Enquanto eu a solto gentilmente, ela se senta, espalma os olhos e me dá um sorriso hesitante e lacrimejado.

Entregando-lhe a caixa de lenços de papel, eu me junto a ela assoando o nariz e enxugando os olhos. Nossos olhos estão inchados de lágrimas, nós duas parecemos mais leves, mais estáveis, e entre nós parece clareza para o ar após uma tempestade de abalar a terra. Alcanço a minha bolsa e pego meu laptop.

— O que você está fazendo? — Ziggy pergunta baixinho.

Eu sorrio enquanto viro a tela e a ligo.

— Você e eu estamos acessando meus sites favoritos de acessórios sensoriais e roupas confortáveis. O meu estilo de compra, direto do sofá. Parece bom?

Seu rosto se ilumina. Com cuidado, ela desliza pelo sofá até que esteja aninhada perto. Quando Ziggy olha para mim, seus olhos verdes claros brilham com algo que eu não tinha visto antes. Algo pequeno e frágil, mas indiscutivelmente *ali*.

Esperança.

FRANKIE**Música da Playlist: "Close To You" - Rihanna**

— PEPITA DE AMOR?

A voz de Ren reverbera pela casa, ecoando em seu banheiro, onde estou mergulhada em uma banheira que foi claramente feita para um gigante. Um gentil gigante ruivo de quem senti falta irracionalmente a noite toda.

Seus pais voltaram para casa primeiro, mas disseram que Ren estava a caminho para uma visita rápida a Ziggy, então eu fugi, peguei Pazza em minha casa e preparei um banho de espuma para mim.

— Aqui, garanhão — eu chamo.

Sua risada é baixa e calma, mas ainda continua pela casa. Passos longos e sólidos ficam mais altos, até que a porta do banheiro range ao se abrir e os sapatos sociais batem nos ladrilhos polidos do espaço.

— Garanhão — diz ele, com a mão sobre os olhos. — Eu posso me dar bem com isso.

Movendo-me na água, certifico-me de que os pedaços essenciais estão cobertos com bolhas. De repente, estou estranhamente autoconsciente. Talvez seja porque me sinto trêmula, um pouco insegura. Talvez Ren fique feliz com o que fiz com Ziggy e seus pais.

E talvez não.

— Minha virtude está preservada — digo a ele. — Você pode descobrir seus olhos.

Baixando sua mão, Ren sorri para mim, enviando ar para os meus pulmões.

Eu não vi esse sorriso antes. É mais profundo. Mais complexo. Essa é a única maneira que consigo pensar para descrevê-lo. Ele se abaixa suavemente na borda da banheira e brinca com uma mecha do meu cabelo que se soltou do coque bagunçado na minha cabeça.

— Oi. — Eu olho para ele, lutando contra o desejo nervoso de prender a respiração e desaparecer debaixo d'água.

Ele é tão lindo para mim. E sim, em parte, isso é porque Ren é objetivamente bonito, mas há muito mais nisso. Há a bondade em seus olhos, a prontidão de seu sorriso, ainda que a sensação de que alguns sorrisos dele são especiais, outros são apenas para mim.

Sua camisa é branca, o que de alguma forma combina com sua pele clara e o mais leve toque de sardas em seu peito e pescoço. Seu cabelo ondulado está despenteado por causa de um banho rápido após o jogo, sua barba foi penteada rapidamente, mas precisa de uma real aparada, o que não será possível, é claro, até depois dos playoffs.

Sinto um aperto estranho no estômago, uma necessidade de me jogar em seus braços, enquanto ele sorri para mim em seu terno e gravata afrouxada, sem nada entre ele e minha nudez além de uma banheira de água e bolhas que se dissolvem rapidamente.

— Apenas dois gols esta noite, Sr. Bergman. — Eu emito um *tsc* em desaprovação simulada. — Eu esperava melhor.

— Desculpas — diz ele secamente. — Frankie. — Soltando meu cabelo, Ren desliza sua mão atrás do meu pescoço, massageando suavemente. — Obrigado pelo que você fez esta noite.

— Oh... Hum. Claro.

Eu coro de vergonha. Eu quero me dissolver. Deixar a água morna me levar.

Nunca lidei bem com agradecimentos. Isso me faz sentir pressionada, culminando com um toque de síndrome do impostor. Ninguém faria o que eu fiz quando a oportunidade se apresentou? Ser agradecida por fazer o que é decente parece estranho.

Como se tivesse lido minha mente, Ren balança a cabeça lentamente. Inclinando-se, ele me beija com ternura absoluta, enquanto seu polegar desliza de forma enlouquecedora ao longo do meu pescoço.

Quando ele se afasta, seus olhos estão na minha boca. Ele se inclina e rouba mais um beijo antes de se endireitar.

— Disseram-me com clareza que você irá à festa de aniversário de família de Ziggy e, se eu não te trouxer, não sou bem-vindo.

Uma risada genuína salta de mim.

— Ela é ótima, Ren.

Ele acena com a cabeça, seu rosto sério. Sua mão se move do meu pescoço para o meu ombro, seus dedos traçando gotículas de água deslizando pela minha pele.

— Sim, ela é.

— Ela vai ficar bem. Nós conversamos muito esta noite. Só não acho que seus pais – sem ofensa a eles – ou o conselheiro estão fazendo isso da melhor maneira. Eles ainda estão abordando a terapia dela a partir do seu ponto de ruptura. Mas a raiz do colapso de Ziggy não foi depressão ou ansiedade. Esses eram seus sintomas. Ela ficou deprimida e ansiosa porque estava exausta. Agora o que precisa acontecer é ser *proativo*, não reativo.

Ren inclina a cabeça.

— Continue.

— Basicamente, ela precisa de ajuda para aprender seus limites sensoriais, suas necessidades de conforto, rotina, ambientes sociais. Ela precisa de um horário de alimentação – não estou brincando, eu tive um por um tempo no colégio porque me esquecia com tanta frequência – e ela precisa ser educada em casa se quiser, apenas para ter uma folga das pessoas até que sua bateria seja recarregada.

— Oh, e nós encomendamos para ela algumas roupas que vão caber nela também. — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Honestamente, ela tem um metro e oitenta de altura, com um corpo longo e bonito, e ela

estava vestindo roupas de menino. Eu digo, perguntei-lhe o que ela queria vestir – não queria fazer suposições – e ela disse que o motivo de usar as roupas de segunda mão de seus irmãos era porque eram as únicas roupas confortáveis que ela conseguiu encontrar, mas ela quer se vestir de forma diferente. Ela simplesmente achava que não poderia se sentir confortável e ter a aparência que queria. Eu assegurei a ela que ambos eram possíveis, como eu sou prova.

Ren ri e seus olhos dançam.

— Você sempre está linda, Frankie.

— Obrigada. Então, nós pedimos algumas leggings extra-longas tamanho pequeno, neste lugar que as fazem tão macias, com costuras que não dão coceiras. Um monte de blusas, sem etiquetas, de manga comprida e curta, cem por cento de algodão. Moletons macios, um colar para inquietação como o meu, e ela também queria tentar alguns estimuladores – *mmph!*

Seus lábios estão em mim novamente, mas desta vez suas mãos estão segurando meu rosto, sua língua varrendo a minha, sua boca faminta.

— Não posso expressar o quanto estou grato a você — ele sussurra contra meus lábios. — E eu quero ouvir muito mais amanhã. Mas não quero mais falar sobre minha irmãzinha, não esta noite. Você está nua, na minha banheira, e se eu não tocar em você *agora*, vou enlouquecer.

O calor corre através de mim. Meus seios se contraem e uma dor forte se constrói entre minhas pernas.

— Então me toque.

Ren continua me beijando, mas suas mãos estão ocupadas, trabalhando furiosamente nas mangas de sua camisa aberta, então algema seus braços, antes de sua mão mergulhar na água e encontrar meu clitóris como um sinalizador.

— Jesus, Ren. — Eu levanto a mão da água para me apoiar na borda da banheira enquanto ele me beija, sua boca paciente, mas urgente.

Abra. Mais. Mais forte.

Eu raspo seu lábio entre meus dentes, movo minha língua provocativamente e ganho seu rosnado silencioso. Seus dedos deslizam sobre mim de forma constante, sussurrando um toque que me leva a uma necessidade frenética e desesperada. Vagando sua boca pelo meu queixo, para o espaço delicado atrás da minha orelha, ele passa a língua pela minha pele e sopra ar fresco.

Um arrepio me destrói.

— Ren — eu sussurro.

— Hm?

— Eu quero... — Eu sou interrompida, ofegando quando ele curva um dedo dentro de mim e esfrega meu ponto G com o tipo de precisão dedicada que trai sua profissão. Alvo. Mirar. Pontuar.

Minha primeira onda de liberação me cega, me jogando na água. Eu agarro a borda da banheira com tanta força que minha mão dói, mas Ren não para.

— Outro — ele sussurra, seguido por um beijo quente e emaranhado

enquanto os dentes e a língua lutam pelo controle.

— Eu n-não posso. — Eu nunca tive um orgasmo consecutivo. *Múltiplos*. Quando elas eram primeiro apenas amigas que ficam, Lorena condescendentemente se gabava de Mia dando múltiplos o tempo *toooooo*. Enquanto Annie e eu fazíamos beicinho no canto, dizendo que os idiotas com os quais estávamos presos não pareciam conseguir criar um orgasmo decente para nós nem se suas vidas dependessem disso.

Bem, não até Tim, para Annie.

Não até Ren, para mim, aparentemente—

— Oh, *Deus* — eu grito.

Ren limpa a última das bolhas que cobrem meus seios e arrasta sua língua sobre cada ponta rochosa. O tempo fica confuso. Os segundos se transformam em minutos empilhados em minutos, sem a menor sensação de sua passagem. Se demorou uma eternidade, não tenho ideia, e Ren não parece se importar. Eu estou felizmente sem pensar na construção do tempo, e Ren não se incomoda com o trabalho constante de seu toque, cada beijo faminto me ancorando no presente, me acariciando.

Ele está fazendo algo diferente com os dedos, e é mágico.

— Eu vou go... — Eu grito e me viro em direção a ele, jogando meu braço em volta de seu pescoço porque eu não posso fazer isso sozinha. Eu não posso sentir tanto enquanto eu voou sobre a borda de novas alturas. Sem peso, sem fôlego, satisfeita.

— Linda — ele murmura, quente e suave contra o meu pescoço. — Tão linda. — Beijos gentis seguem palavras mais gentis.

Minha língua está grossa, meu corpo pesado e solto. Quem precisa de maconha quando você tem orgasmos?

— *Urgubuh* — murmuro.

Ele alisa o cabelo que está grudado no meu rosto.

— Isso está certo?

— Feitiçaria — eu suspiro, o peito arfando enquanto eu caio de volta na água.

Ren ri enquanto se levanta e pega uma toalha do aquecedor de toalhas. Assim que vejo aquele algodão macio e quente esperando por mim, percebo que meus lábios devem estar quase azuis. Estou tremendo.

Segurando a toalha, Ren desvia seu olhar enquanto eu saio da banheira, para o calor esperando em seus braços. Envolvendo meu corpo com firmeza na toalha, ele sorri para mim.

— Receio que não seja capaz de tal feitiçaria, Francesca. Apenas o bom trabalho de trouxa à moda antiga.

Eu aponto para a situação legítima em suas calças.

— Importa-se de explicar a varinha, então?

Ele revira os olhos.

— Honestamente. É o melhor que você pode inventar?

— Vinte e dois por trinta e cinco centímetros! — Eu digo indignada. Ren se curva e começa a secar suavemente minhas pernas e pés com outra toalha quente. — É um comprimento impressionante. Se você ler

Harry Potter com qualquer tipo de dedicação, saberá que chamar seu pênis de varinha é o melhor elogio do mundo para um homem.

Ele levanta uma sobrancelha de seu lugar agachado aos meus pés, parecendo completamente indiferente. Mas quando eu abro minha boca para argumentar, ele de alguma forma já está de pé, me beijando antes que eu possa dizer outra palavra.

— Você e Ziggy comeram? — Ele pergunta, se curvando para pegar seu paletó e minha pilha de roupas descartadas. Eu absolutamente fico olhando para sua bunda.

— Sim. Pedimos pizza... *aiii*. — Uma cólica forte e dolorosa aperta minha barriga, seguida pelo calor familiar de sangue escorrendo pela minha coxa. — Puta que pariu.

As mãos de Ren estão em meus ombros, sua cabeça inclinada, tentando encontrar meus olhos.

— O que está errado?

Ren congela ao notar o sangue. Ele empalidece.

— Oh, Deus, Frankie. Eu te machuquei?

— Não, Ren! Você não fez nada de errado. — Eu suspiro. Graças a Deus pela água do banho. Porque foi por um triz. — É a porra da minha maldição feminina.

Seu corpo inteiro relaxa. O alívio cobre seu rosto e ele esfrega meus braços suavemente.

— Lamento que você esteja sofrendo. Você tem coisas aqui? Você precisa que eu saia correndo?

Eu fico olhando para ele, sentindo uma onda de emoção irracional picando meus olhos.

— Eu esqueci. Peguei Pazza, e estava com pressa...

Para chegar aqui o mais rápido possível e ficar nua na banheira quando você voltasse para casa, esperando que eu pudesse te seduzir.

Sim. Eu mantenho esse pensamento para mim.

Ele aperta meus ombros suavemente.

— Qual marca?

Eu pisco para ele. Caras não deveriam ser *tão* frios com menstruações, não é? Especialmente depois de um triz. Mas Ren não é qualquer cara, não é?

— Hum — eu digo inutilmente.

— Aqui. — Ele gentilmente me pega em seus braços, me levando para seu quarto.

— Ren! — Eu grito enquanto ele me levanta mais alto em seus braços.

— É uma menstruação, não um consumo.

— Eu sei, é apenas mais fácil. Porque eu sei que você vai discutir comigo sobre...

— Não em sua cama. Vou fazer o seu colchão parecer uma cena de crime!

Virando o lençol, Ren me deita e caminha até um armário onde ele rapidamente pega duas grossas toalhas de praia. Com precisão militar, ele as dobra nitidamente ao meio, empilha-as umas sobre as outras e as

enfia embaixo de mim, enroladas como um burrito em minha toalha de banho.

Pegando meu telefone e garrafa de água do outro lado do quarto, em seguida, retirando uma de suas camisetas da cômoda, Ren coloca tudo ao meu lado na cama.

— Pronto — ele diz.

Eu faço uma carranca para ele. Ele sorri.

Batendo nos bolsos, Ren verifica sua carteira e telefone, tira suas chaves. Com um último beijo na minha bochecha, ele se vira e sai da sala, parecendo um jogador de hóquei todo sexy em seu terno de depois do jogo.

— Basta enviar uma mensagem de texto para a marca e o tamanho. E fique confortável! — ele grita do corredor. — Você pode sair para pegar um saco de gomas de refrigerante, mas eu juro que se você estiver em qualquer lugar que não seja na minha cama quando eu voltar, Francesca, você estará em apuros.

Eu quero dizer-lhe onde ele pode empurrar suas diretivas autoritárias, mas você não sabe, em vez disso, me encontro em silêncio, felizmente aconchegada em sua cama, um sorriso radiante aquecendo meu rosto.

Não que eu esteja surpresa com a minha sorte de merda, mas eu *iria* começar a minha menstruação bem quando parecia que Ren estava indo parar de me torturar e finalmente me deixar ficar sob ele. Outra semana — porque minhas menstruações são idiotas — de celibato cruel. Ok, talvez não *celibato*. Ele me fez gozar na noite passada apenas provocando meus mamilos enquanto fazia essa coisa com um vibrador—

— Frankie?

Eu pulo do meu assento no carro.

— Huh?

A boca de Ren se inclina em um sorriso, mas seus olhos permanecem fixos na estrada.

— Você não ouviu uma palavra do que acabei de dizer, não é?

— Não. Desculpa. — Eu respiro lenta e calmamente. — Não tive a intenção de me desligar. Eu estava sonhando acordada.

Ele aperta minha perna suavemente.

— Você não precisa se desculpar. Eu não sabia que seus pensamentos estavam em outro lugar.

— "Em outro lugar" me faz parecer muito filosófica, quando na verdade eu estava apenas imaginando novas variações de prazer mútuo sem penetração, e o quanto eu realmente quero que você me incline sobre o sofá, então...

— Frankie. — A voz de Ren está estrangulada. — Vou entrar no treino com uma... — Ele aponta para sua virilha e uma ereção pronunciada.

— Desculpa. — Eu bato minha cabeça no encosto de cabeça e suspiro.

— Estou apenas frustrada. Eu odeio menstruação.

— Eu disse, eu não—

— Não. — Eu levanto uma mão silenciadora. — Absolutamente não. De jeito nenhum você estará perdendo seu cartão V para mim enquanto eu estou navegando na maré vermelha. Nãããão.

— Não é como se eu estivesse trocando histórias com os caras por causa de uma cerveja. Será privado para você e para mim. Eu não me importo.

— *Eu me* importo.

Ren suspira.

— Claramente. E aqui estamos nós – você, um novo nível de teimosa, e eu, tão loucamente duro que terei sorte se puder patinar direito.

— Own. Bolinho. Estamos tendo nossa primeira briga?

Antes que ele pudesse me provocar de volta, um carro esporte nos corta, aproveitando a distância segura que Ren ofereceu para o carro na nossa frente.

Ren tem que pisar no freio com força. Sua mão instintivamente abrange meu peito, segurando-me para trás enquanto seus olhos voam para o espelho retrovisor, antecipando com razão uma possível colisão traseira, que de alguma forma evitamos.

A adrenalina bate em meu corpo. Eu exalo de alívio e olho para o braço de Ren, ainda protetoramente esticado sobre mim. Lágrimas embaçam minha visão. Estou prendendo a respiração. Passa pela minha mente que se eu estivesse com minha família, com meus amigos da faculdade, teria sido uma tarefa sufocante. Preocupações com traumatismo cervical. Exigências de raios-X.

Por favor, não faça isso. Por favor, não...

Abruptamente, o braço de Ren deixa meu corpo e com um golpe de seu punho, ele acerta a buzina. Apertando um monte de botões até que sua janela abaixasse, Ren grita para o idiota do Boxster na nossa frente: "*Canalha barrigudo!*"

Eu mordo minha bochecha. Trazendo minha mão para a base do pescoço de Ren, eu deslizo meus dedos pela nuca desgrenhada de seu cabelo grosso, na esperança de acalmá-lo um pouco.

Ren lança um olhar penetrante para mim.

— Você está bem?

Eu aceno.

— Nada dói? — ele pressiona.

Eu balanço minha cabeça. E espero, com a respiração suspensa, pelo que vem a seguir.

— Ok. — Ele exala pesadamente, esfregando o rosto. Virando-se, ele segura minhas bochechas e me beija. Suas mãos começam a viajar pelo meu corpo, como se ele não acreditasse em mim. — Tem certeza de que nada dói?

— Estou bem, Ren. — Suavemente, eu raspo minhas unhas por sua barba e o beijo de volta. — Confia em mim?

Ele concorda.

— Ok. Estamos bem. — Uma buzina de carro soa atrás de nós. O olhar de Ren gira para o espelho retrovisor com um brilho feroz. O sol brilhante da manhã cai sobre ele, fazendo seu cabelo brilhar em um vermelho fogo. E por Jesus Pulando pelo Jardim da Ressurreição, Ren *franze a testa*.

Tudo dentro de mim se torna um inferno quente. O não sorridente Søren Bergman não é nada menos que magnífico.

— Você fica muito bonito quando está com raiva, fofinho.

Ele estreita os olhos de gato em mim.

— Por que é *você* quem está usando apelidos irritantes e sorrindo — ele range para fora — e *eu sou* aquele que amaldiçoa estranhos enquanto ranjo meus dentes até virar pó?

Porque nós dois estamos tão frustrados sexualmente, graças ao pior momento, que estamos prestes a explodir?

— Porque o mundo é um lugar cruel e os motoristas de Los Angeles são uma merda. — Eu sorrio e aponto à frente. — Olhos na estrada, botão de amor. O tráfego está se movendo.

FRANKIE

Música da Playlist: “And the Birds Sing” - Tyrone Wells

— ELA É TÃO PEQUENA — eu sussurro. Naomi Grace Churchill nasceu ontem à tarde. Ela é minha afilhada e posso estar ligeiramente obcecada.

— E você está monopolizando-a — Lo reclama.

Mia dá uma cotovelada nela.

— Relaxe. Deixe-a se curar. Frankie obviamente está com a febre do bebê.

Minha cabeça se levanta e meus olhos encontram Ren instintivamente. Ele se inclina contra a parede, os braços cruzados sobre sua camiseta cinza. Jeans velhos abraçam suas pernas longas. Boné puxado para baixo. Nenhuma alma o reconheceu quando viemos para o hospital. Ou, se o fizeram, foram bons o suficiente para deixá-lo em paz.

O canto de sua boca se levanta quando seus olhos de gato se enrugam, surpreendentemente pálidos na sombra da aba de seu boné. Mas ele não diz uma palavra.

Annie sorri para mim.

— Você fica bem com um bebê, Frankie.

— É por isso que você a teve para mim — digo a ela. Naomi segura meu dedo mindinho com o punho. Sua pele é suave como uma pétala de flor.

— Oh, foi isso que eu fiz? — Annie diz secamente. — E eu aqui pensei que ela era para Tim e eu.

— Não. Vou levá-la para casa.

Tim ri.

— Que tal você levá-la para casa à noite. Quase não dormimos.

Lorena está praticamente mostrando os dentes para mim.

— Argh, tudo bem — eu resmungo. — Tire ela de mim. Devemos ir de qualquer maneira.

— Aonde você está indo? — Lo a tira cuidadosamente de mim, embalando Naomi em seus braços e balançando instintivamente. Se eu tenho febre de bebê, Lo está tendo uma convulsão febril de bebê.

— Não babe nela. Festa de aniversário da irmã de Ren.

— Awn, isso é bom! — Annie pisca para mim, então se dirige a Ren.

— Então, Ren, você está levando Frankie para um evento *familiar*—

— Annabelle — eu advirto.

Ren sorri para mim, depois se vira e olha para Annie.

— Estou. Ela vai conhecer todo mundo hoje. Pensamentos e orações são apreciados. Eu sou um de sete, então pode ser um pouco demais.

— Ah — Lo diz. — É por isso que Frankie está sentada aqui,

parecendo que está prestes a fazer cocô.

— Vocês sabem, pessoal... — Eu me levanto lentamente da poltrona ao lado de Annie. — Eu diria que odeio ir embora, mas sou uma péssima mentirosa, então para todos, exceto Naomi, que nunca disse uma palavra sarcástica, eu digo, adeus.

Dou um abraço gentil em Annie primeiro, depois dou a volta até chegarmos à porta.

— Espere! — Annie chama.

Ren e eu congelamos, então nos viramos.

— O que foi? — Eu pergunto a ela.

Tim sorri timidamente.

— Minha avó tem o tipo de queda por Ren que você provavelmente nunca vai querer saber, e ela está resfriada, então ela não pode vir ao hospital para conhecer o bebê. Pensei que faria a década dela se tivéssemos uma foto dele segurando Naomi e mandássemos para ela.

Estou prestes a ser totalmente a Frankie sem rodeios e recusar por Ren — porque, um cara não deveria apenas ser um homem às vezes, ao invés de uma camisa? — mas Ren apenas dá de ombros e avança.

— Eu não me importo. Claro.

Annie olha para mim e murmura, “desculpe.”

Eu aponto para Ren e encolho os ombros. Se ele não se importa, eu também não. Eu simplesmente me sinto protetora com ele. Ele está sempre sorrindo, sempre sendo legal, sempre assinando coisas. Quero que ele diga não quando quiser. É quando ele está passando por um momento difícil, fico feliz em intervir, como uma especialista.

— Deixe-me lavar minhas mãos bem rápido. — Ren usa água e sabão na pia, os olhos voltados para sua tarefa. Eu o observo, estupidamente gostando de como seu cabelo cai em volta do boné, sua barba de playoff mal feita, a franzida de seus lábios enquanto ele se concentra.

Olhando-o, me sinto quente e confusa. Aquela grande palavra com A bate na minha cabeça e eu praticamente a sufoco.

Cedo demais. Ainda não. Desacelere.

— Aqui. — Ren pega Naomi suavemente de Lorena, habilmente girando-a para se aninhar dentro de seu antebraço.

Jesus Andando Sobre as Águas. Já vi Ren segurar bebês antes, mas não...

— *Meu bebê* — murmuro.

— Ela não é seu bebê. — Lo bate na minha bunda de brincadeira. — Ela é minha.

— Ela é *nossa* bebê — Annie diz diplomaticamente.

Tim aproxima a câmera e capta o momento exato em que os olhos de Naomi piscam e se abrem quando ela vê Ren.

— Pronto — diz Tim. — Consegui!

Eu me aproximo e coloco minha cabeça no bíceps de Ren. É como um travesseiro. Se um travesseiro fosse um músculo sólido esculpido em pedra. Ainda assim, ele cheira a apimentado e limpo, como o sabonete que usou durante o banho esta manhã. Eu escovei meus dentes por mais

tempo para poder ver a metade superior de seu corpo não escondida pelo vapor, músculos se contraindo e flexionando enquanto ele se lavava.

— Ela gosta dele — Mia diz presunçosamente. — E olhe para o rosto dele. Ren também está com febre do bebê.

Eu reviro meus olhos. Mas quando eu olho para ele, o olhar de Ren encontra o meu, o menor sorriso aparecendo em seus lábios.

Um sorriso que não é brilhante como os raios de sol ou largo como o oceano. Não o sorriso para fãs, avós ou transeuntes. Um pequeno sorriso conhecedor.

Para mim.

— Tudo bem. — Ren estaciona a van e sopra o ar de suas bochechas em um fluxo lento e constante. — Eu não vou mentir, minha família é estranha e esmagadora. Eu sou um dos mais barulhentos, e *eu* ainda nos acho, por vezes, muito intensos. Então, se você apenas precisar de um lugar tranquilo para fugir, vou lhe mostrar meu antigo quarto, e você pode levar o tempo que precisar. Essa é a coisa boa sobre a minha família, eles não ficarão nem remotamente insultados se você disser na cara deles que precisa de um descanso deles. Willa fez isso dezenas de vezes—

Eu agarro sua mão, enrolando meus dedos em torno dos dele.

— Está tudo bem, Ren. Eu sei que posso te dizer se ficar demais. Tenho certeza que tudo ficará bem.

Ren ri inquietamente.

— Sim. Certo. Está bem.

— Ei. — Pegando seu rosto em minhas mãos, dou-lhe um beijo lento e profundo. Quando nos separamos, ele suspira, baixando sua testa na minha.

— Obrigado — ele sussurra. — Eu precisava disso.

Eu procuro mais um beijo.

— Eu também.

Dando a volta no carro, ele abre minha porta como sempre, em seguida, oferece o braço.

Há uma pequena colina de onde ele estacionou, e ele está olhando para ela.

— Eles deveriam ter me deixado um espaço na frente.

— Por quê?

Ren levanta a mão.

— Para você. Para que você não tenha que andar todo esse caminho.

Aqui, eu carrego você—

— Ok, Zenzero. Intervalo.

Ren gira, com as mãos nos quadris, e se ele não estivesse tão preciosamente nervoso, eu acharia uma postura muito intimidante.

— Você não me assusta com esse espetáculo de armas do Grande Vermelho, então apenas relaxe.

Ele abaixa os braços.

— Eu quero que isso seja bom para você. — Ele gesticula para a casa novamente. — E estamos começando com uma caminhada de quatrocentos metros até a casa. Você deu um espetáculo difícil, Frankie, mas eu sei que andar sobre coisas como essa machuca você. E você está sofrendo agora.

— Hein. Eu tenho a Varinha das Varinhas e vou agarrar seu braço se estiver prestes a cair. Ok?

Ele suspira.

— Tudo bem.

Eu pego seu braço para acalmá-lo. Imediatamente, ele o aperta ao seu lado.

Ren puxa seu boné para baixo e coça o pescoço.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, como se para si mesmo.

Eu sorrio para ele.

— Exatamente.

A caminhada não é terrível, mas Ren não está errado. Meu quadril teria ficado mais feliz sem ter ido tão longe em terreno irregular. Ren não bate, não hesita, apenas abre a porta da frente da casa e grita algo em sueco que não entendo.

Um coro da mesma frase ecoa de volta, me assustando.

Ele sorri para mim.

— Eu disse que somos estranhos.

— Vocês estão aqui! Finalmente. Vocês estão atrasados. — A mãe de Ren caminha em minha direção, me abraçando com força.

— Oh... — eu começo a dizer, mas Ren me interrompe.

— Mãe, eu disse que tinha um treino. — Ele capta meu olhar e suspira. Fui avisada de que sua mãe é brutalmente direta. Eu assegurei-lhe que ser franco é a última coisa que vai me incomodar. — Ei — ele diz para sua mãe. — Pega leve com ela.

As mãos de Elin se afrouxam.

— Certo. Desculpa! Eu abraço forte. Mas você... — Ela aperta meus ombros levemente, me fixando com os mesmos olhos gélidos que ela deu a seu filho. — Devo ser gentil com você.

Ren massageia a ponte do nariz.

— Obrigada por me receber, Sra. Bergman...

— Oh, apenas Elin. Por favor — ela diz com um sorriso brilhante.

Eu toco o estômago de Ren.

— Você está com minha bolsa.

— Ah. Certo. — Deslizando minha bolsa de seu outro braço, ele a entrega para mim.

Preciso largá-la para poder agarrar as alças, abri-las e extrair o vinho que trouxe. Endireitando-me, engulo um gemido de desconforto nas minhas costas e entrego a ela a garrafa.

— Obrigada.

— Que gentil. — Elin a pega, me dá um sorriso e, em seguida, desliza o braço no meu. — Você pegue *meu* braço, agora, Frankie.

Meus olhos viajam para a sala aberta. A mesa de jantar maciça e

rústica. Linhas limpas, a cozinha ampla e, à direita, o sofá seccional comicamente grande. Barulhos no centro da cozinha preenchida inteiramente por mulheres, fazendo-me parar de nervosismo.

Elin olha para mim.

— Normalmente não nos dividimos assim, mas todos acabaram de jogar uma partida de futebol e, enquanto as mulheres estavam prontas para um coquetel, os homens não queriam parar de jogar. Por que você não se junta a nós? Estamos apenas fazendo bebidas agora.

Eu sorrio nervosamente para Ren por cima do ombro. Ren sorri suavemente de volta.

— Frankie! — Willa pula de seu banquinho e me dá um abraço. — Você acabou de perder um massacre. Chutamos seus traseiros, não foi?

— Sim, chutamos — diz Ziggy, com um sorriso suave iluminando seu rosto. Ela abre os braços primeiro, então eu sei que está tudo bem para mim entrar neles.

— Feliz aniversário, Ziggy — eu sussurro. Enquanto dou um passo para trás, coloco um pacote embrulhado em suas mãos.

— O que é? — ela pergunta.

— Abra.

Ziggy o deixa cair no balcão, arranca o papel. Ela grita.

— Ele acabou de lançar! Mãe, Frankie me deu o livro seis! Oh meu Deus.

Quando conversamos pela última vez, Ziggy me contou sobre essa série de romance de fantasia que ela estava destruindo, então comprei para ela o próximo da série, que saiu na semana passada. Pulando para cima e para baixo, ela se lança sobre mim e me abraça com força.

— Muito obrigada.

Eu a abraço de volta.

— De nada, Ziggy.

Suspirando feliz, ela o aperta contra o peito.

— Oh! E você viu que estou usando as roupas que encomendamos? Acabei de trocar minhas coisas de futebol por elas.

Eu dou uma olhada nela. Legging preta que vai até os tornozelos. Uma camiseta verde esmeralda que combina com seus olhos.

— Você está ótima, Ziggy.

Ela cora um rosa claro.

— Obrigada. É tão confortável.

— Ótimo. — Eu aperto seu braço suavemente, antes de me virar para Freya, que eu só conheci uma vez antes. Ela é quase a cópia de sua mãe. Características fortes e marcantes. Olhos pálidos, cabelo loiro platinado ondulado usado logo abaixo do queixo.

— Oi. — Eu ofereço minha mão. — Eu sou Frankie.

— Eu me lembro — ela diz. — Freya. — Sua voz está rouca e, embora eu não consiga ler sua expressão, sua voz parece tingida de tristeza. Ela sacode a minha mão suavemente, sem apertar, o que não é surpreendente. Ela é uma fisioterapeuta, disse Ren. Ela saberia pegar leve. — É bom finalmente conhecê-la, não apenas acenar oi no estádio.

— Arena — corrige Ziggy.
Freya sacode a mão.
— Tanto faz. Somos uma família do futebol. — Ela sorri para mim. —
Ren disse coisas tão boas sobre você por tanto tempo.
Eu pego seu olhar e o vejo ficar vermelho claro.
— Oh?
Ela ergue uma sobrancelha loira.
— Quero dizer, ele tem estado louco por você por—
Ren a interrompe com um abraço, abafando-a contra seu peito antes
de colocá-la à distância de um braço.
— Freya Linn. Você tem falhado comigo.
Ela bate em seu estômago com o punho frouxo, mas apenas
ricocheteia em seu abdômen. Ela sacode a mão.
— Não estou.
Ren sorri para mim, enganchando um braço em volta do pescoço de
Freya, puxando-a e dando-lhe um cascudo. Ela torce seu mamilo, o que o
faz uivar e se afastar.
— *Meretriz* — ele a chama.
Ela se atira para o mamilo dele novamente, mas ele é muito rápido.
Colocando as mãos suavemente nos ombros de Ziggy, ele fica atrás dela.
— A aniversariante é vil. Sem mais mamilos.
Este é o verdadeiro Ren. Aquele que vejo um pouco mais a cada dia
que estou com ele. Brincalhão, idiota, um pouco antagônico, ainda um
pouco tímido. Meu sorriso é tão largo que minhas bochechas doem,
vendo-o no meio da sua família.
— Feliz aniversário, Zigs. — Ren a abraça por trás e beija o topo da
cabeça de Ziggy, deslizando um cartão em sua mão.
Ela o rasga e lê, dobrando o que parece ser um cartão-presente com
força em seu aperto. Quando ela olha para ele, ela está com os olhos
marejados. Ela o abraça por um longo momento, e ele a abraça de volta.
Ziggy se vira para encarar todos nós e limpa o nariz.
— Ren me deu um cartão-presente grande o suficiente para comprar
as chuteiras que eu queria — diz ela em voz baixa.
Elin sorri para Ren e balança a cabeça.
— O dinheiro que os americanos gastam em sapatos—
— Eles não são *sapatos* — diz Ziggy defensivamente. — São chuteiras
e significam muito para mim. Obrigada, Ren. — Ela o abraça novamente.
Quando ela se afasta de abraçá-lo, ela sorri para mim, empilhando o
cartão-presente em cima do livro que comprei para ela. — Estou feliz que
você trouxe Frankie — diz ela.
Ren sorri para mim por cima da cabeça de Ziggy.
— Estou feliz por ter trazido Frankie também.
Minhas bochechas esquentam. Ren está me olhando como ele olhou
para mim quando passou por mim, então de dentro no chuveiro esta
manhã, e está acelerando meu motor de maneiras que não são aceitáveis
para reuniões familiares.
— Então. — Eu me viro para Freya. — De que desafio ele está

falando?

— Freya e eu estamos fazendo um desafio de agachamento — Ren responde. — Mas ela falhou em relatar suas repetições na semana passada. — Ele aponta para as pernas longas e musculosas de Freya saindo de um short jeans rasgado. — Claramente, ela está fazendo corpo mole.

Freya estreita os olhos para ele do outro lado da ilha da cozinha.

— Eu não estou fazendo corpo mole. — Invertendo uma garrafa gigante de vinho em uma jarra de vidro alta, ela rouba um pedaço de fruta da pilha que Elin está cortando ao lado dela. — Eu apenas tenho estado um pouco ocupada com o trabalho, levantando e movendo o corpo humano durante todo o dia. Eu poderia agachar e pressionar *você*, Ren.

Ren solta um assobio baixo.

— Desafio aceito.

Elin sorri para si mesma.

— Você tem irmãos, Frankie?

— Uma irmã mais velha.

— Ah — diz Elin, olhando para mim. — Vocês são próximas, então.

— Não, na verdade, não. Quer dizer, nós nos amamos, mas há uma diferença de idade e um país entre nós.

— Hm. — Elin baixa os olhos para sua tarefa. Eu sinto que falhei em um teste ou algo assim.

Willa se inclina e sussurra:

— Não se preocupe, ela está apenas curiosa. Não há resposta certa ou errada. Confie em mim. Se eu fui dobrada por esta família, qualquer um pode. — Puxando um banquinho na ilha, Willa dá um tapinha nele. — Vamos, sente-se.

Ren abre a boca, provavelmente para dizer a ela que eles acabam com meus quadris, mas eu falo antes que ele possa.

— Ren, por que você não vai dizer oi para os caras? Vou ficar aqui um pouco, depois vou sair e visitá-los. Dê-me algum tempo para me acomodar.

Ren parece dividido, seus olhos dançando entre as mulheres como se ele não confiasse muito nelas. De repente, ele aponta o dedo para Freya, depois para a mãe.

— Vocês duas. Nenhuma história embaraçosa dos primeiros anos. Frankie me viu fazer papel de idiota o suficiente.

Freya revira os olhos.

— Por que os homens são *tão* frágeis? Temos outras coisas para conversar além da vez em que você fez cocô no chapéu do vovô depois que ele caiu do porta casaco e caiu de cabeça para baixo.

— Eu estava *treinando ir ao penico*! — Ren grita. — Parecia exatamente com o banheiro das crianças no andar de cima.

Elin joga a cabeça para trás numa gargalhada.

— Oh. Essa me pega. Toda vez.

Ziggy levanta os olhos do telefone.

— A melhor parte dessa história é que ninguém percebeu até que o vovô colocou o chapéu na cabeça.

Willa explode uma risada ao meu lado. Mas meus olhos permanecem fixos em Ren, que está corado e envergonhado a três metros de distância.

— Søren—

A sala fica em silêncio.

— *Como* você acabou de chamá-lo? — Freya diz.

Ren sorri para mim, ignorando-a.

— Sim, Francesca.

— Eu fiz quase a mesma coisa.

Ziggy deixa cair o telefone no balcão.

— Você fez?

— Uhum. — Estendendo minha mão, espero que Ren fique ao meu alcance. Quando ele faz, eu envolvo meu braço em torno de suas costas quentes e sólidas. — Exceto que eu estava na missa e achei que a pia batismal parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para fazer xixi.

Willa dá um tapa no balcão e ri.

— Você não fez isso.

— Oh, eu fiz. — Eu deslizo minha mão ao longo das costas de Ren e esfrego suavemente entre seus ombros, encontrando seus olhos.

Vê? Você não está sozinho. Enquanto eu estiver aqui.

Eu gostaria que ele pudesse ler minha mente, pudesse ouvir o que eu quero que ele saiba.

E, a coisa mais engraçada acontece. É como se ele fizesse exatamente isso. Porque ele se inclina, com um beijo suave naquele lugar sensível atrás da minha orelha, e sussurra:

— Obrigado.

Mal Ren vai para a porta de vidro deslizante que conduz ao deque, uma loira alta a abre e esbarra nele. Puxando a porta para fechar atrás dela, ela cumprimenta a todos alegremente. Cabelo dourado cortado rente até os ombros. Olhos brilhantes que dançam entre o verde e o azul, terra e mar.

Ela é o sol encarnado.

E quando ela olha para Ren, eu quero invocar um raio e golpeá-la.

Ele dá um abraço nela e rapidamente dá um passo para trás. Parados um ao lado do outro, eles não poderiam ser mais perfeitos. Uma sensação muito estranha e terrível se instala em meu estômago.

Esse é o tipo de pessoa com quem eu costumava imaginar Ren. Alguém que é sociável sem se esforçar — emocionalmente ágil, habilmente comunicativa, que distribui sorrisos como uma rainha de concurso em um desfile.

Ela até se parece com ele de alguma forma. Escultural e alta. Traços fortes, sorriso largo, corpo atraente.

— Então? — Ela dá uma cotovelada nas costelas dele. — Posso finalmente conhecê-la?

Willa limpa a garganta.

— Já que você foi *minha* amiga primeiro, Desordeira, eu gostaria de

fazer as honras. Rooney, esta é Frankie. A amada de Ren.

Então *esta* é Rooney, a melhor amiga de Willa da faculdade.

Rooney se afasta de Ren, se inclina e me dá um abraço gentil.

— Tão bom finalmente conhecê-la.

Quando ela se endireita e pisca para mim, é tão cegamente enervante quanto olhar para o sol. Mas talvez eu não esteja acostumada com pessoas tão patologicamente alegres quanto Rooney. Ela põe o temperamento de Ren no chinelo.

— Você também — eu consigo dizer.

Freya mexe qualquer álcool que esteja na jarra. Eu o vejo girar obedientemente no rastro de uma longa colher de madeira. Fruta. Álcool. Sangria.

Oh! Graças a deus. Eu preciso de um barril disso. São tantas pessoas em um só lugar, incluindo uma mulher que, neste momento de fraqueza insegura, só me lembra de todas as maneiras como me sinto inadequada.

— Saia daqui, Ren — Freya diz com um aceno, enquanto ela experimenta o gosto da bebida no jarro. — E se você vir meu marido sendo alegre fora de casa, diga-lhe que espero que ele tropece.

Elin dá um tapa na bunda de Freya e murmura algo em sueco.

— Não vou me meter nessa. — Ren acena e desliza para abrir a porta.

— Venha logo, ok? — ele me diz.

Eu concordo.

— Eu vou.

Muito em breve, se eu tiver algo a dizer sobre isso.

Rooney se senta ao meu lado, pega uma cenoura e a passa em uma tigela de homus. Mastigando, ela me examina.

— Você é *gostosa*.

Willa suspira.

— Fidelidade não existe mais?

Rooney manda um beijo para ela.

— Você foi a minha primeira, querida. Mas você escolheu Ryder em vez de mim. É hora de eu seguir em frente.

Eu fico olhando entre elas.

— Vocês duas... estavam... juntas?

— Elas não falam a nossa língua, Frankie — diz Ziggy, deslizando o dedo no telefone. Acho que ela está lendo. Em sua própria festa de aniversário. Garota esperta.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto.

Ziggy ergue os olhos.

— É tudo uma grande piada. Se você interpretar qualquer coisa literalmente — que é como você e eu tendemos a levar tudo — é muito confuso.

Rooney sorri timidamente.

— Desculpa. É um mau hábito. Sou uma filha única que cresceu assistindo muito Gilmore Girls sem ninguém para ser a Rory da minha Lorelai.

— Mas isso faria de você a *mãe* dela — eu digo confusa.

Ziggy levanta a mão.

— Meu ponto foi provado.

Willa dá um tapinha gentil no meu braço.

— O que Rooney quer dizer é que ela gosta de falar. Bastante. E eu também. Nós conversamos para lá e para cá, principalmente sobre nada, mas tudo está envolvido no amor. Faz sentido?

Na verdade, não.

Nunca falo a menos que tenha algo significativo a dizer, até que tenho *muito* a dizer. Falar por falar é exaustivo.

Ziggy sorri para mim como se pensasse a mesma coisa, depois volta para o seu telefone.

Uma sombra adorna a porta do pátio e, aos poucos, o Bergman mais velho, Axel. Ele é mais alto do que Ren e magro, como se ele corresse maratonas. Músculos longos e fortes. Postura ereta como uma vara. Ele é muito bonito, se não um pouco intimidante, com sua expressão severa. Os olhos verdes como grama de Ryder e Ziggy. Cabelo cor de chocolate despenteado como o de Viggo.

Ele congela quando vê todos nós.

— Por que todos estão olhando para mim?

Rooney murmura baixinho:

— Porque quem diabos *não iria* olhar para ele?

Willa bufa. Axel estreita os olhos para ela.

— Ninguém está olhando, Ax — Freya diz, colocando mais vinho na jarra. — Você acabou de entrar. As pessoas tendem a olhar para outra quando ela entra em uma sala.

Axel me vê, mas sua expressão não muda. Uma picada estranha na nuca me faz sentar mais ereta.

— Você é Frankie — diz ele. Há muito pouca entonação em sua voz. Como os rostos me confundem, confio no tom de voz para intuir o subtexto. Não recebo nada com esta entrega neutra.

— Eu sou. Você é Axel. — Eu ofereço minha mão. — Prazer em conhecê-lo.

Caminhando em minha direção, Axel pega minha mão e a aperta.

— Você também. — Quando ele percebe Rooney, ele fica surpreso. — Seu cabelo está mais curto.

Ela sorri.

— Sim. Eu cortei. O que você acha?

Ele a encara, umedecendo o lábio inferior com a língua.

— Você mudou.

Seu sorriso vacila.

— Você não gostou?

— Mudanças faz com que Ax tenha um enxame — Freya diz, agitando a sangria. — Ele quase me renegou quando fiz um corte pixie alguns anos atrás.

Axel ainda encara Rooney.

— Eu acho... eu preciso me acostumar com isso. Na minha cabeça você tem cabelo comprido.

— Bem, pelo menos estou na sua cabeça — Rooney diz a ele. Seu sorriso está de volta e é formidável.

Limpando a garganta, Ax recua.

— Banheiro — ele diz.

Três longas passadas, e ele se foi. A cozinha fica estranhamente silenciosa. E um rubor furioso mancha a bochecha de Rooney.

FRANKIE

Música da Playlist: "Mushaboom" - Feist

WILLA SE INCLINA E OBSERVA a saída de Axel até que uma porta fora da minha visão se fecha. Retornando, ela joga um pedaço de queijo em Rooney. Ele ricocheteia em sua testa.

— Você é *sem vergonha* com ele.

Rooney pega o queijo e o coloca na boca.

— Ele é um gato. Eu não consigo evitar.

Elin sorri para si mesma enquanto enxagua as mãos. Freya coloca um copo de sangria na minha frente e eu aceno em agradecimento. Eu realmente não sei o que dizer, então eu bebo minha bebida em vez disso.

— Rooney sempre prefere os tipos melancólicos — diz Willa.

— Eu *preferia* — Rooney a corrige. — Eu renunciei aos homens.

Todas as mulheres na sala, exceto eu, explodem em gargalhadas.

— Eu fiz! — ela diz. — Eles são todos horríveis. Exceto Ax. Ele é diferente.

— Ele é, não é? — Willa diz, balançando as sobrançelas.

— Há quanto tempo você, uh... — Eu limpo minha garganta, tentando conversar com ela. — Renunciou aos homens?

— Deixe-me pensar. — Rooney bate em seu queixo e olha para o teto.

— Cinco semanas. Foi brutal. Mas eu encomendei um vibrador, que deve chegar a qualquer momento, então as coisas estão melhorando.

Willa bufa em sua sangria. Elin parece imperturbável e Freya apenas ri baixinho. Ziggy está lendo e perde completamente.

Quando alguém abandona esse tipo de verdade em um ambiente de grupo, está em minhas boas graças para sempre.

— Um brinde a isso. — Eu levanto meu copo. Rooney bate seu copo no meu e, quando ela sorri para mim, eu realmente me pego sorrindo de volta.

A conversa decola sem a minha ajuda depois disso, embora eu encontre meus momentos para dialogar aqui e ali. Depois de não muito tempo, há apenas um copo de sangria no meu sistema, mas estou corada e relaxada, um pouco tonta, que é quando sinto que tenho um pequeno vislumbre de como é ser uma humana socialmente fluente. Fluir com a conversa e se divertir, em vez de acompanhá-la como uma partida de tênis, tentando desesperadamente manter o controle de quem sacou e de quem é a vez de rebater de volta.

Mas também estou quente e um pouco agitada, o que já aprendi que significa que preciso de ar fresco e alguns momentos de silêncio. Desculpando-me, saio para o deque de trás e quase colido com o pai de

Ren.

— Merda! — Eu grito. — Digo, porcaria. Digo...

Sua risada é tão parecida com a de Ren que me faz olhar duas vezes.

— Frankie. Eu não sou nenhum santo. Você pode praguejar perto de mim. — Me firmando, ele cuidadosamente dá um passo para o lado. Sua mão aponta em direção a uma cadeira para eu sentar.

— Oh. Hum. Tudo bem. — Sem jeito, eu me jogo na cadeira, pegando um jogo americano da mesa ao ar livre e me abanando. — Desculpe, novamente, Dr. B. — Foi assim que ouvi Willa e Rooney chamá-lo, então parece o caminho a seguir. — Eu não estava olhando para onde estava indo.

Ele acena com a mão, gemendo baixinho enquanto cai em uma cadeira na minha frente.

— Você se importa se eu me juntar a você? Aquelas bestas que eu criei ali embaixo me esgotaram.

— Fique à vontade — digo a ele.

— Obrigado.

Eu sorrio, observando todos os cinco irmãos Bergman jogando uma bola de futebol, tentando mantê-la no ar. Viggo a levanta com o peito, então dá um chute na rede próxima, antes que o único irmão que eu não reconheço e, pelo processo de eliminação, é Oliver, corra para pegá-lo. Meu olhar passa pelo gramado além de nós, extenso e plano, aninhado entre as flores e um bosque distante. O anoitecer é minha hora favorita do dia, quando o céu brilha como pêssego e violeta e o ar fica frio.

Quando eu olho para trás, eu congelo. A perna da calça do Dr. B levantou o suficiente para revelar uma haste de titânio no lugar de um tornozelo. Eu encaro em choque completo.

Com um gemido baixo, ele massageia os músculos logo acima do joelho, olhando para o quintal, para seus filhos, um sorriso suave aquecendo seu rosto. Quando ele olha na minha direção, ele faz uma pausa. Seu olhar percorre minha expressão.

— Ele não te contou?

Eu balanço minha cabeça.

— Minha recordação militar — ele diz enquanto dá um tapinha na coxa. — Fica dolorido depois de um longo dia e de tentar acompanhá-los. Me desculpe se isso incomodou—

— Não — eu deixo escapar.

Meu coração está batendo forte. Por que Ren não me contou? Todas as minhas indecisões e hesitações sobre as potenciais armadilhas dos meus desafios em um relacionamento e ele nunca pensou que ajudaria para mim saber que ele cresceu vendo esse tipo de amor em primeira mão?

Vê? Relacionamento entre alguém com deficiência e outra sem é possível, regozija-se a pequena Lorena no meu ombro. Estou tentada a dar-lhe um peteleco para fora de seu poleiro, se ela não fosse uma invenção da minha imaginação e isso não desconcertasse completamente o pai de Ren.

— Por favor, não se desculpe — eu finalmente consegui dizer com a

voz rouca, levando a mão à minha garganta e esfregando-a inquietamente.

Dr. B sorri para mim, e é igualzinho ao Ren.

— Se isso te faz sentir melhor, você não é a primeira pessoa que eu surpreendi. Acho que às vezes meus filhos esquecem que não é normal para todo mundo. É tudo o que eles já conheceram.

— Como foi isso? Estar em uma profissão rigorosa, casado, ter filhos, com...

— Com uma limitação física? — Ele olha para o campo e suspira. — Difícil às vezes. Desanimador outras vezes. Sempre curando.

— Por quê? Por que “curando”?

O Dr. B tamborila os dedos nos braços da cadeira.

— Bem... quando aconteceu, Freya era uma criança de colo, Elin estava grávida de Axel. Eu estava devastado. Pensei que nunca seria capaz de dar a minha esposa e filhos o que eles precisavam. Não como eu havia imaginado, pelo menos. Nunca mais conseguiria praticar medicina como esperava. Eu senti como se minha vida tivesse acabado.

— Mas então, Axel nasceu, e eu o segurei, aqueles olhos iguais aos meus me encarando, e algo clicou. Eu percebi que ele me amava. Ele já me amava, exatamente como eu era. Eu o fiz com sua mãe, e ele era minha carne e sangue e não ter a maior parte da minha perna não mudava isso. Finalmente, entendi que minha vida não havia acabado, apenas minha *ideia* da minha vida foi.

— Foi quando eu libertei totalmente minhas velhas expectativas, como eu achava que minha vida deveria ser, e em vez disso amei minha vida pelo que ela era: um presente. Um coração batendo no meu peito. Respiração em meus pulmões. Uma esposa e filhos que me amavam como eu era.

Meus olhos embaçam com lágrimas. Eu limpo meu rosto enquanto elas escorrem pelo meu rosto.

— Isso é muito... encorajador — eu sussurro. — Obrigada por me contar.

Ele acena com a cabeça, segurando meu olhar por um longo momento, antes de nossos olhares se moverem juntos, em direção ao campo novamente. Enxugando meus olhos, procuro na grama até ver que Ren está no gol. No momento em que Oliver dá um pênalti, ele mergulha, errando completamente. Todos os cinco irmãos caem em várias posturas e volumes de hilaridade, e o Dr. B ri, observando-os. Como se soubesse que estou olhando para ele, Ren ergue os olhos enquanto se levanta e me chama atenção. Sua risada morre quando nossos olhos se encontram. Meu coração salta dentro do meu peito.

De repente, a porta se abre novamente e Ziggy salta para fora, praticamente se jogando em seu pai e caindo em seu colo. Ele a pega com um *uf*, antes que ela beije sua bochecha e envolva seus braços em volta de seu pescoço. Estou aliviada ao ver seu afeto fácil. Isso significa que seus pais pararam de manter tanta distância entre eles e Ziggy, que ela se sente mais confortável com a proximidade física novamente.

— Oi, Ziggy Estrelinha — ele sussurra, envolvendo os braços ao redor dela.

— Oi Papai. — Ziggy olha para mim e se reposiciona no colo dele, como se não fosse cômico alguém tão crescida e de membros longos estar deitado sobre o pai. É doce, inocente e totalmente Ziggy. Ela ainda é uma garota de várias maneiras. Muito parecido com o que eu era quando adolescente.

Dr. B descansa sua bochecha em sua cabeça e suspira, seus olhos enrugando-se felizmente.

— Você sabe quem o nome de Ren homenageou? — ele me pergunta.

Eu aceno.

— Kierkegaard.

— Isso mesmo. Eu estava lendo suas *As Obras do Amor* no final da gravidez de Elin dele. Eu lia em voz alta para ela enquanto ela mergulhava na banheira, depois de colocar Freya e Axel na cama. Simplesmente se encaixou. O nome, sua filosofia...

— Não estou familiarizado com Kierkegaard em nenhum detalhe — digo-lhe honestamente.

O Dr. B ergue os olhos para a luz do dia que se desvanece e sorri.

— “Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se.”

— A outra, papai — Ziggy falou baixinho.

Ele beija a testa dela.

— “O desespero mais comum é não escolhermos ou não podermos ser nós mesmos.”

Ziggy sorri.

— Essa é a minha favorita.

— E a *minha* favorita — diz o Dr. B, enquanto muda Ziggy em seu colo — é...

Uma nova voz surge. Eu olho por cima do ombro para ver Ren sorrindo para mim, com as mãos nos bolsos.

— “Enganar-se por amor” — diz ele — “é o engano mais terrível; é uma perda eterna para a qual não há reparação.”

Minha garganta está seca como um deserto. Eu lambo meus lábios e me sinto derretendo no calor de seu olhar.

— Essa é boa.

Ren acena com a cabeça.

— Sim, ela é.

— Frankie! — uma voz grita de baixo.

Eu me viro e me inclino contra a grade do deque, apertando os olhos para descobrir quem falou.

— Sim?

Viggo acena.

— Desça aqui. Eu preciso de uma parceira.

Eu olho para o campo. Eles estão se preparando para... badminton? Oliver e Axel esticam a rede com a ajuda de Ryder. Não vejo o marido de Freya, Aiden, em qualquer lugar. Quando eu olho para Ren, vejo que ele

está encarando Viggo, com a mandíbula apertada.

Enquanto fico de pé, saio arrastando os pés do meio da mesa e da cadeira e saúdo o Dr. B e Ziggy.

— Foi bom conversar com vocês. Mas agora é hora de levar uma coça no badminton.

Dr. B sorri e dá um tapinha nas costas de Ziggy, seus olhos fixos nos meus.

— Vá em frente e mostre a eles como se faz.

Olhando para Ren, eu sorrio. Mãos nos quadris. Um rubor em suas bochechas. Postura do Grande Vermelho Furioso. Enfio meu braço em volta de sua cintura e sorrio para ele.

Ren franze a testa quando eu o seguro enquanto descemos as escadas do deque para o gramado dos fundos.

— Eu disse a Viggo que croquet seria melhor — ele resmunga.

— Talvez. Mas acho que posso me segurar no canto da rede. Vamos dividir a área, e eu vou ficar com a minha. — Eu dou um tapinha em sua bochecha. — Lembre-se. Me dê uma chance. Não presuma que não consigo.

— Estou tentando. Eu estou... — Ele suspira. — Posso ser honesto?

— Sempre. Por favor.

— Ok. — Ele passa a mão pelo cabelo e puxa com força. — Estou preocupado que você se machuque. Não porque eu penso que você é incapaz ou que o badminton está além de você — de verdade, eu não acho — mas olhe para nós... — Ele aponta para seus irmãos, todos eles com mais de um metro e oitenta e pesando 90 quilos.

— Bem, isso é um argumento justo. Mas não é um esporte de contato.

— *Tudo* é um esporte de contato na casa dos Bergman.

Eu ri.

— Tudo bem. Eu vou tomar cuidado.

Ren envolve um braço em volta do meu ombro e beija meu cabelo. Minha cabeça repousa em seu ombro de uma forma que eu posso ver atrás de suas costas, onde Oliver está furtivamente se esgueirando em sua direção. Eu já vi essa postura. Essa é uma postura de estou-prestes-a-abaixar-a-calça-de-um-cara.

Me empurrando ao redor de Ren para que ele fique protegido atrás de mim, eu levanto minha bengala e aponto para Oliver.

O irmão mais novo de Ren sorri, congelado no lugar.

— Impedido por Bellatrix. O que ela vai fazer?

— Eu posso ser Sonserina — digo a ele. — Mas eu não sou uma Comensal da Morte.

Ryder olha entre nós.

— O que diabos é isso? Acabei de cair em um nono círculo do inferno nerd?

Ren o empurra.

— Deixe-a em paz. Ela está me protegendo.

Oliver sorri, simulando para a direita. Eu ergo minha bengala e grito:

— *Estupefaça!*

Ele congela perfeitamente, boquiaberto, meio agachado.

— Isso é tudo que você tem? — Viggo grita.

Erguendo minha bengala mais alto, eu toco a ponta do peito de Oliver.

— *Locomotor Mortis*.

Tentando não sorrir, Oliver se levanta com as pernas travadas e cai na grama. Uma explosão de aplausos soa do deque, onde Ziggy e Dr. B, e agora Willa, Rooney e Elin estão.

— Uau, Frankie! — Willa grita.

Antes que eu possa responder, estou enfiada firmemente dentro dos braços de Ren, um beijo suave pressionado na minha bochecha.

— Você me salvou — ele sussurra.

Eu sorrio para ele e roubo um beijo.

— Sim, não é?

REN

Música da Playlist: "Close" - Nick Jonas, Tove Lo

— O QUE HÁ COM FRANKIE? — Andy pergunta. — Ela tem estado extremamente mal-humorada esta semana. É eu nem mesmo a vi sair esta noite. — Puxando a camisa pela cabeça, ele a joga no chão, sacudindo o suor como um cachorro molhado. Eu sento no banco e fico olhando para o meu armário. Atordoadado.

Volte para casa com fome.

Isso é o que diz a mensagem dela. No momento em que a buzina tocou e o jogo terminou, com uma vitória acirrada de nossa parte, Frankie se dissolveu na enxurrada de funcionários e equipe enquanto algum estagiário de RP tratava do encerramento e de entrevistas rápidas, obviamente substituindo ela. Assim que pude, entrei no vestiário e vasculhei minha bolsa até encontrar meu telefone. Porque eu sabia que ela não iria embora assim sem uma explicação.

Volte para casa com fome.

Eu engulo nervosamente. Existem algumas maneiras de interpretar essa mensagem. Uma das quais, envia luxúria golpeando meu sistema.

Um empurrão no ombro me faz olhar para cima.

Andy ainda está aqui.

— O que é isso de novo? — Eu pergunto-lhe atordoadado.

— Eu disse... — Ele me empurra mais uma vez, e desta vez eu o empurro de volta, fazendo-o tropeçar em seu armário. — O que há com Frankie?

Eu tiro meu capacete e o deixo cair, arrastando meus dedos pelo meu cabelo.

— O estômago estava incomodando-a de novo — eu minto de improviso.

— Bem, pelo menos não é aquela merda desagradável que Maddox trouxe.

Maddox está com bronquite. Depois dele ter cortado um pulmão ao nosso redor na semana passada no treino. Perto de *Frankie*. Eu aperto minhas mãos e tento expirar lentamente. Se ela ficar doente com o descuido dele...

Andy torce o nariz.

— É apenas estranho. Frankie é tão durona. Doente ou não, ela está sempre aqui. Você acha que ela está bem?

Batendo em seu braço, dou-lhe um sorriso distraído.

— Acho que ela vai ficar bem.

— Ei. — Kris vem até mim. — Você viu Frankie? É estranho sem ela.

Andy revira os olhos.

— Cara. Ele apenas disse que ela está com dor de estômago. Preste atenção, sim?

Enquanto aqueles dois começam a brigar, eu os ignoro, tiro a roupa rapidamente e pego uma toalha. Quando eu passo e ouço a conversa deles, não posso deixar de pensar em como Kris está certo, como é estranho sem ela estar aqui. Como todos ficarão despreparados, quando ficarmos sem ela para sempre.

Quando entro no chuveiro, a água correndo sobre mim, sinto a pressão da ansiedade em meu peito. Medo de não a ter para sempre, tênue esperança de que não importa aonde a vida a leve a seguir, eu estarei ao seu lado porque construímos algo sólido e duradouro entre nós—

Há algo sólido e duradouro entre vocês dois, certo.

Eu olho para o meu pau duro. Ali está ele. Projetando-se para fora e miseravelmente insatisfeito, que é basicamente como tem sido nas últimas semanas. Só de pensar em Frankie me dá dor, sempre fez. Mas recentemente, a tortura tem sido ainda maior, com o tempo que passamos juntos, me envolvendo com seu ar noturno e perfume de orquídea, sentindo a seda de seu cabelo roçar minha bochecha quando ela se aninha em mim, envolvendo meus braços em volta dela na cama e colocando seu corpo macio contra o meu corpo duro.

Ênfase em duro.

Meu pau se contorce furiosamente com a memória da maneira como ela se arqueia ao meu toque quando goza, como sua bunda se aninha contra mim quando ela está pronta para adormecer.

Gemendo, bato nos ladrilhos e mudo a temperatura da água para gelada, tremendo enquanto me lavo rapidamente. Funciona. Eu coloco meu corpo sob controle, mas ainda assim minha mente vagueia para Frankie. Ela mordendo o lábio enquanto pensa. Entrando em meus braços, me deixando balançá-la e beijá-la. Enroscados na cama, explorando, aprendendo os corpos um do outro através das roupas e toques roubados embaixo deles.

Tirando a toalha do gancho e enrolando-a em volta da minha cintura, vou até o meu armário. Não há necessidade de se trocar na área do chuveiro agora que sei que Frankie não estará aqui.

Sim, minha modéstia nesse aspecto era inteiramente para ela. Porque eu tinha esperança de que, se pudesse evitar que ela visse a mim e a minhas partes perigosas, não seria simplesmente um dos caras que não se incomodava em se cobrir quando ela estava por aí. Assim como o corpo dela era e ainda é, em grande parte, um mistério para mim, eu queria que o meu fosse um mistério para ela também.

Volte para casa com fome.

Deve significar mais do que um jantar tardio. Meu estômago se contrai de nervosismo. Pego meu telefone, desbloqueio e digito.

Sim, senhora.

Quando fecho a porta da frente, o ar corre para fora de mim. Frankie está de pé no fogão, taça de vinho na mão, balançando ao som da música tocando em seu telefone. Um ritmo lento e sensual fazendo o menor par de shorts de pijama esvoaçar enquanto ela se move. Uma blusa fina como papel cai pelo seu ombro e seu cabelo está amontoado no topo de sua cabeça, suaves mechas de pedaços de chocolate acariciando seu pescoço.

Olhando por cima do ombro, ela sorri enquanto põe seu vinho na mesa.

— Bem-vindo de volta.

Eu fecho a distância entre nós, deslizo minhas mãos em torno de suas costelas e a puxo contra mim. Eu a beijo, chupo seu lábio inferior, provooco sua língua.

— Ren — ela diz sem fôlego. — Está tudo bem?

Balançando a cabeça, beijo seu pescoço, arrasto seu lóbulo entre meus dentes, fazendo-a estremecer e se derreter em meus braços.

— Senti sua falta — eu sussurro.

Sua risada é suave e ofegante.

— Já faz uma hora.

Eu seguro seu rosto, inclinando-o para que eu possa beijar todos os pontos que eu quiser.

— Não, não faz — eu murmuro. — Já se passaram anos.

Frankie fica imóvel, inclinando a cabeça e levando a mão ao meu rosto. Seus olhos procuram os meus.

— O que há de errado, Ren? — ela pergunta baixinho.

Eu me afasto o suficiente para sustentar seu olhar, meu polegar deslizando sobre sua covinha.

— Apenas algo que um dos caras disse. Isso me deixou nervoso. Triste.

— O que foi?

— Quando você sair — eu sussurro. — Vou sentir sua falta.

Seu rosto se suaviza.

— Oh, Ren. Eu irei sentir sua falta também. Mas... — Piscando para longe, ela alisa meu cabelo para trás. — Quero dizer, supondo que ainda estaremos juntos. Estou esperando, isto é...

Eu a beijo.

— Frankie — eu sussurro contra seus lábios. — Deus, eu farei qualquer coisa... — Aí está a verdade, forte e firme como meu coração batendo dentro do meu peito.

Eu amo você.

Eu sempre amei. Eu a amo desde o momento em que a vi. De alguma forma, inexplicavelmente, é a verdade.

Eu a beijo novamente, emaranhando as línguas, segurando seus quadris contra os meus, mostrando-lhe o quanto eu preciso dela.

— Você sabe há quanto tempo eu te quis? — Eu digo contra seu

pescoço, arrastando minha língua sobre sua clavícula.

Ela suspira.

— Eu também. — Suas mãos vêm para a minha gravata, lutando com o nó. Eu o solto e, em seguida, ataco os botões da minha camisa. Frankie agarra minha fivela, puxando-a com tanta força que ela perde o equilíbrio e quase esbarra no fogão. Eu a pego pelo cotovelo e a envolvo com um braço para mantê-la firme.

— Merda — ela murmura, olhando para a refeição que ela estava cozinhando.

Eu passo por ela, desligando as bocas do fogão.

— Mais tarde.

Ela balança a cabeça, inclinando-se, beijando-me, os braços em volta do meu pescoço. Eu a pego e envolvo suas pernas em volta da minha cintura.

— Isso dói? — Eu pergunto contra sua boca.

— Não — ela sussurra, baixando a cabeça, esticando o pescoço para eu beijar.

Eu gemo quando ela alcança entre nós e me apalpa sobre a calça do meu terno.

— Sua menstruação acabou? — Eu pergunto.

Ela acena com a cabeça furiosamente.

— Hoje. Graças a Deus.

Colocando-a no balcão da cozinha, eu a pressiono para trás, em seguida, beijo meu caminho até sua barriga. Eu tiro seu short, puxando-o de suas pernas e jogando-o de lado.

— O que você... Oh, *Deus* — ela se engasga, seus braços caindo suavemente no granito frio.

— Você disse para voltar para casa com fome. — Beijo sua barriga, giro minha língua cada vez mais para baixo. — E estou mais do que feliz em seguir ordens.

Minhas mãos a separam, e finalmente, *finalmente* eu a vejo perto, respiro ela. Pele macia aveludada, cachos escuros pelos quais eu passo meus dedos. Explorando a pele delicada de seu estômago, chego mais longe e seguro seu seio.

— Olhe para você. Perfeita.

Ela arqueia ao meu toque enquanto eu provoco seu mamilo e pressiono beijos lentos e molhados de boca aberta na parte interna de sua coxa.

— Ren, você não precisa...

— Não se incomode em terminar essa frase, Frankie. Vou morrer se não fizer isso.

Ela ri sem fôlego.

— Tão dramático — Um suspiro pula para fora dela enquanto eu me curvo e passo minha língua onde ela está quente e úmida, decadentemente macia. Meu polegar brinca com seu clitóris com toques fracos e leves, enquanto eu a provo e a atinjo com a minha língua.

Gritos fracos e constantes a abandonam. Seus dedos mergulham em

meu cabelo, mas não há puxão, nem empurrão, nem direção. Ela está hesitando.

— Você está se segurando, Francesca?

A respiração corre para fora dela.

— N-não.

— Você está tendo o que quer?

Ela acena com a cabeça, mas é lento. Hesitante.

Eu puxo seus quadris para a borda do balcão, segurando sua bunda enquanto caio de joelhos e coloco cada uma de suas pernas sobre meus ombros.

— Não, você não está.

Frankie grita, um soluço quebrado quando eu tranco minha boca sobre ela e a tomo com minha língua. Um dedo enrolado profundamente dentro dela, onde ela está mais macia, tenra, tão impossivelmente molhada. Depois, dois. Eu a quero pronta. Eu não quero que doa quando eu estiver dentro dela. Só quero prazer para Frankie, sem mais dor. Não mais do que ela já fez em sua vida.

Ela é doce como mel, seda quente. Eu acaricio, mordisco e, finalmente, abaixo meus lábios em seu clitóris pequeno e inchado, e chupo suavemente-

— Sim! — ela dá um tapa no balcão, inclinando seus quadris em meu rosto.

Eu me afasto o tempo suficiente para morder sua coxa com ternura, perseguindo-a com um beijo.

— Me diga o que você quer.

— Eu... — Ela grita novamente enquanto eu agito seu clitóris com meu dedo. — Eu quero mais forte. Rude.

— Você quer foder a minha cara.

— Jesus — ela geme. — Você seria o inesperado rei da conversa suja.

— Diga-me.

— Eu quero foder a sua cara! — ela grita.

Sorrindo para ela, eu abaixo minha boca, então minha respiração sussurra onde ela está brilhando molhada e corada.

— Então faça.

Quando eu coloco a língua novamente, a seguro perto, ela range, selvagem, imprudente, montando minha boca, segurando meu cabelo, me guiando até que ela explode em um grito rouco.

Suas coxas apertam em volta dos meus ombros. Ela grita novamente, e desta vez um soluço áspero acompanha. Ondas suaves e pulsantes contra meus lábios. Uma onda de doce liberação atinge minha língua e eu gemo, me espalmando reflexivamente. Eu quase gozei apenas por prová-la.

Ela está ofegante, destruída por calafrios enquanto eu fico de pé, então a pego em meus braços e caminho pelo corredor. Uma vez no quarto, eu a abaixo lentamente no meu corpo, cerrando os dentes quando ela desliza contra minha virilha.

Frankie me encara com as mãos apoiadas no meu peito. O tempo

passa mais devagar, os únicos sons são o rugido distante do oceano, o ritmo constante de nossas respirações. Com cuidado, ela passa os dedos por baixo do meu paletó e o tira. Puxando-o dos meus braços, ela o joga na cadeira próxima. Eu fico olhando para ela enquanto tiro minha gravata e faço um trabalho rápido com o resto dos meus botões. Frankie se apressa, tirando o tecido, puxando minha camiseta.

Quando estou sem camisa, ela pressiona um beijo quente no meu peito, raspando os dentes no meu mamilo.

— Deus. — Eu agarro seu cabelo, segurando-a perto.

Frankie se afasta e eu agarro sua camisa, arrastando-a sobre sua cabeça. Um gemido sai do meu peito quando a vejo. Tão bonita. Mais impressionante do que eu jamais poderia ter imaginado. Eu fico olhando para ela enquanto meu coração bate forte. Seios suaves, seus mamilos tensos. Músculos longos, um declive enlouquecedor aos seus quadris. Pele dourada. Eu corro minhas mãos para cima e para baixo em sua cintura e suspiro. Ela é tão macia.

— Você é linda, Frankie. Tão incrivelmente linda.

Ela sorri e fica na ponta dos pés, me dando um beijo longo e lento.

— Tire a roupa — ela sussurra, sua mão caindo na minha fivela novamente. — Eu quero te ver.

Eu tiro minha calça e cueca boxer, a pego novamente e a carrego para a cama. Depois de colocá-la no chão, com cuidado, fico ao lado dela.

Ela morde o lábio enquanto seus olhos percorrem meu corpo.

— Søren. Você é magnífico.

Suas coxas se esfregam enquanto ela me encara. Eu afasto suas pernas e aperto meu próprio punho, um longo puxão do meu pau que atrai um gemido áspero de mim enquanto eu olho para ela. Uma força feroz e primitiva me leva a me tocar enquanto olho para a parte mais íntima dela.

— Isso é o que você faz comigo, Frankie. Você faz isso há anos. Me deixou tão duro que dói.

— Bem, isso parece justo — diz ela atordoada. Ela olha para o meu comprimento enquanto eu bombeio, seus olhos arregalados, lábios entreabertos. — Vendo que eu não estive nada além de desprezivelmente molhada ao seu redor há muito tempo. Você sabe o quão desconfortável são calcinhas encharcadas, Ren?

Um rosnado rola para fora de mim. Caindo sobre ela, eu deslizo um braço sob suas costas e a arrasto para cima da cama comigo, estabelecendo-me entre suas coxas.

— Confissão.

Suas mãos deslizam pelos meus braços e embalam minha cabeça.

— Estou ouvindo.

— Estou com medo de que isso seja um desastre.

Ela ri e me beija.

— Isso é impossível. Somos você e eu. Conversaremos. Mostraremos um ao outro o que precisamos.

Eu me curvo, beijo-a, sem palavras. Meu coração troveja no meu

peito, ansiedade beliscando meus ombros. Como se ela intuísse isso, as mãos de Frankie deslizam ao longo das minhas costas e massageiam suavemente meus ombros.

— Olhe para mim — ela sussurra. Ela tira meu cabelo do rosto e sorri para mim. — Confia em mim?

Eu concordo.

— Ótimo. Eu também confio em você.

Frankie e eu conversamos sobre controle de natalidade. Atestados limpos de saúde. Como nós dois realmente não queremos nada entre nós. O que significa que não há nada que nos impeça de finalmente estarmos tão próximos quanto duas pessoas fisicamente podem estar.

Pegando cada uma de suas mãos nas minhas, eu as arrasto sobre sua cabeça. Isso envia seus seios para cima, mostra a curva de suas costelas, a cavidade entre seus quadris que está pronta para mim. Eu me apoio contra ela, sustentando seu olhar.

Lentamente, sem fôlego, eu penetro dentro dela, apenas alguns centímetros, e paro. Frankie respira fundo, os olhos cerrados. É diferente de tudo que eu já conheci. Quente, apertado, intrincadamente suave, mas de alguma forma não.

— Você está bem? — Eu sussurro.

Ela acena com a cabeça furiosamente. Em seguida, balança a cabeça.

— Você é enorme. É como um caminhão tentando pegar um beco sem saída.

Eu rio em seu pescoço.

— Eu sinto muito. Eu vou devagar. Eu quero tornar isso bom para você — eu sussurro.

Ela me beija suavemente.

— Não estou preocupada com isso — ela sussurra de volta.

— Bom. Pelo menos um de nós.

Uma risada explode dela, e eu tenho que apertar minha mandíbula por causa de como isso faz seu corpo flexionar em torno do meu.

— Apenas me dê tipo... cinco horas para me ajustar — ela murmura.

— Terei sorte se durar cinco minutos, Frankie.

— Vá devagar enquanto pode, ok? — ela sussurra. — É melhor assim. Mais gentil. Desse jeito.

Com sua deixa, eu afrouxo meu aperto e liberto suas mãos. Agarrando minha bunda, ela me guia com ela enquanto inclina seus quadris para trás, em seguida, balança para cima. O ar corre para fora de mim.

— Deus, você é incrível. — Eu coloco minha boca sobre a dela, beijando, saboreando, compartilhando a respiração enquanto eu sigo seu ritmo e o instinto do meu corpo. Eu me afasto e gemo impotente enquanto relaxo novamente.

Segurando meu peso nos meus cotovelos de cada lado de seu rosto, beijo seu pescoço, sua mandíbula, seus lábios, finalmente afundando tanto dentro dela que sinto que não posso ir mais longe.

Frankie engasga. Eu me afasto reflexivamente, mas ela me para,

ofegando por ar.

— Está tudo bem. Não pare, ok?

Meu corpo está implorando para enfiar e socar e tomar. É muito duro, demais.

— Eu não quero machucar você.

— Você não vai — ela diz suavemente, suas mãos indo para a minha bunda novamente, me guiando, me puxando para ela. — Eu prometo que você não vai.

Ondas de músculos se contraem ao redor do meu pau. Um suspiro sai de mim enquanto eu recuo, em seguida, pressiono contra ela, com certeza e devagar. Eu sinto faíscas subirem pelas minhas pernas, uma necessidade feroz de me mover me guiando.

— De novo — ela sussurra. — Novamente.

Nossos gemidos ecoam na boca um do outro enquanto eu empurro dentro dela, enquanto Frankie me abraça com força. Seus quadris rolam no ritmo do meu, primeiro devagar, depois com urgência. Mais rápido.

— Mais rápido, Ren — ela murmura. — Mais rápido.

O último fio da minha hesitação se rompe, desencadeando uma torrente de necessidade. Eu encontro seu clitóris com o meu polegar e o circulo firmemente no tempo com cada impulso para dentro dela. Rápido. Deliberar. O estalo de pele contra pele, o ritmo silencioso de seus gritos. Mais ondas, vibrando e desfalecendo, provocando espasmos ao longo do meu comprimento enquanto nossos corpos se movem juntos.

Já estou tão perto, tenho que parar. Mais um golpe e estarei acabado. Sentando-me dentro dela, beijo os seios de Frankie, chupo seus mamilos com força. Meu corpo treme enquanto me contenho.

— Ren, está tudo bem — ela diz suavemente. — Está tudo bem para você gozar. Você já me fez...

— Não — murmuro contra sua pele. — Eu quero sentir você gozando comigo. Eu quero sentir você gozar em todo o meu pau. Eu *preciso* disso, Frankie.

Seu corpo aperta em torno de mim.

— Eu também — ela diz suavemente.

— Então, deixe-me fazer isso. — Eu agito seu clitóris, chupo seus mamilos e lentamente balanço dentro dela.

— Sim — ela entoa baixinho. Suas mãos procuram meu corpo enquanto ela se contorce embaixo de mim. — Estou gozando — ela murmura. — Estou gozando. Oh meu Deus...

Ela treme embaixo de mim, enquanto o aperto de seu corpo aumenta fortemente ao longo do meu comprimento. Quero ficar quieto e saborear cada expressão enquanto ela se desfaz, mas não posso. Eu tenho que me mover. É uma demanda implacável, uma necessidade consumidora de me mover furiosamente dentro dela, até que um raio se estala sobre minha espinha, e eu empurro dentro dela com um rugido final.

Eu derramo por tanto tempo que as estrelas dançam nos cantos da minha visão, antes de finalmente conseguir puxar o ar. Um arrepio percorre seu corpo enquanto pressiono beijos suaves em sua garganta,

sua mandíbula.

Caindo contra Frankie, eu a viro comigo, então ela está situada ao meu lado, seu quadril machucado para fora do colchão e cuidadosamente espalhado sobre mim. Minhas mãos dançam sobre sua pele, meus lábios viajam por suas bochechas, até que finalmente nossas bocas encontram uma a outra, mãos acariciam rostos, e nós suspiramos, uma exalação longa e satisfeita.

Frankie pisca, abre os olhos e sorri para mim com um suspiro feliz.

— Eu disse que não tínhamos nada com que nos preocupar.

FRANKIE

Música da Playlist: "Cinnamon Girl" - Lana Del Rey

REN JOGA DE LADO a toalha que usou suavemente entre minhas pernas, ao longo de seu comprimento. Caindo de volta na cama, me puxando para perto, ele olha para o teto, a luz da lua lançando em seu cabelo um cobre manchado e frio. Sua pele está pálida como os raios de lua, seu olhar é um céu gelado de inverno. Músculos tensos e poderosos se contraem em seus braços enquanto ele me envolve em seu abraço. Eu o toco em todos os lugares que posso, correndo minhas mãos ao longo dos músculos longos, pele firme, o recuo acentuado onde seu quadril encontra seu traseiro.

— Uau. — Com um gole espesso, ele se vira e olha para mim. — Isso foi... bom para você?

Eu rio e pressiono um beijo em seu pescoço.

— Muito mais. Muito mais do que bom. Foi *uau*. — Entrelaçando meus dedos com ele, beijo sua mão. — E para você?

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não há nada... Nada se compara ao que acabei de sentir por você. — Pressionando seus lábios na minha testa, ele me abraça, então olha para mim, sem fôlego, os olhos brilhando.

Sorrindo, ele tira meu cabelo da testa.

— Você é incrível — ele diz baixinho.

Eu corro minha mão ao longo de seu peito e beijo seu coração.

— Você também.

Enganchando minha perna mais alto sobre ele, eu levanto minha mão pelo terreno de seu corpo, traçando a superfície plana de músculos e ossos. Eu o beijo enquanto corro minha mão em sua barriga, tocando-o suavemente. Mesmo sem uma ereção, ele é grosso e pesado.

E já estou doendo por mais.

A cada toque, eu o vejo endurecer. Isso me faz sentir delirante, aprendendo esta nova parte de Ren — seu desejo, seus quereres, cada idiossincrasia de seu prazer.

Ele joga a cabeça para trás quando eu deslizo meu aperto para baixo, meus dedos vagando para segurá-lo, explorando a pele macia aveludada, músculos rígidos. Seu abdômen ondula, e ele aperta meu ombro com mais força.

— Oh, inferno — ele murmura. Seus quadris vacilam enquanto ele pressiona em meu aperto. Lentamente, eu abro caminho sobre seu corpo, beijando suas costelas, a linha estreita de cabelo apontando para sua ereção.

— Frankie, você não precisa...

— Eu quero — eu sussurro. Eu quero prová-lo. Eu quero dar-lhe prazer pelo prazer. E será a primeira vez que ele me deixará fazer isso.

Ren geme e rola seus quadris enquanto eu dou uma lambida suave e provocante. Ele alcança minha cintura e me gira para que ele possa alcançar entre minhas coxas. Esfregando meu clitóris com o polegar, ele enrola dois dedos dentro de mim.

Um grito áspero sai de mim, antes que eu agarre a raiz de seu pau e o leve profundamente em minha boca. Minhas pernas tremem quando ele acarícia meu ponto G, trabalha em meu clitóris. Ren respira instavelmente, sua mão livre delicadamente segurando minha cabeça, seus dedos enroscando no meu cabelo.

— Oh, Deus, Frankie. Sua boca. Jesus.

Eu gemo de prazer, observando-o desmoronar sob meu toque, travando o olhar com aquelas íris pálidas que se alargam quando seus quadris vacilam.

— Perto — ele sussurra, me avisando, tentando se afastar. Eu balanço minha cabeça, seguro-o com força em minhas mãos.

Fique. Eu quero isso.

Meu orgasmo começa no meu coração, irradiando para fora. Ren sente, seus olhos se arregalam, então ficam nebulosos enquanto ele empurra em minha boca. O ar corre para fora de mim enquanto eu voou sobre a borda, enquanto a luz dança atrás de minhas pálpebras. Com um grito aflito, Ren arqueou as costas, derramando pulsações quentes e longas na minha garganta. Sua respiração é áspera e irregular. Eu lentamente o liberto com um beijo final na ponta e sorrio para ele.

Sem preâmbulos, ele estende a mão para mim e me puxa para cima de seu corpo. Depois de longos momentos de silêncio, ele pressiona lábios frios ao longo do meu pescoço, até minha boca com uma exalação pesada e satisfeita.

— Bem, Zenzero — eu digo feliz contra seu pescoço. — Não que eu esteja surpresa, mas seu título de Novato do Ano, e o status de melhor jogador permanece incontestado.

Uma risada sai dele quando ele encontra meus lábios para um beijo carinhoso.

— Eu sinto que isso é tudo que devemos fazer. Como se eu quisesse largar meu emprego e passar o resto da minha vida fazendo isso com você.

— Adivinha? — Eu sussurro.

— O quê?

— É para isso que serve o período fora da temporada.

Um sorriso caloroso e travesso ilumina seu rosto.

— E lá se vão todos os incentivos para vencer a série.

Eu costumava achar a manhã seguinte que dormi com alguém

embaraçoso. Principalmente porque sempre foi um erro. Nunca foi minha intenção passar a noite, ficar de conchinha, o braço musculoso de um homem como meu travesseiro enquanto eu dormia. Mas como com tudo quando se trata de Ren, cada manhã, desde nossa primeira noite, tem se mostrado deliciosamente diferente.

Acordei com uma mão escorregando entre minhas pernas. Beijos quentes pintando meu pescoço. Outra vez, gentilmente colocados em minhas costas. Outras, em volta do meu estômago. Sempre um colchão quente embaixo de mim, mãos gentis massageando minhas juntas rígidas. Uma boca, dedos e corpo ávidos, já experientes, me levando a orgasmos gloriosos, enviando luz explodindo sob minhas pálpebras assim como o sol no horizonte.

Essa é a primeira – e a minha favorita – parte da nossa rotina. A segunda é uma caminhada matinal, pelo menos enquanto o tempo está quente o suficiente.

Eu caminho ao longo da areia, observando a brisa do oceano chicotear o cabelo de Ren em uma fúria louca de ondas de cobre do amanhecer. Seguro seu braço para me equilibrar e sinto meu corpo afrouxar, minhas juntas se abrem a cada passo na areia firme e fria.

— Eu estava desmaiada ontem à noite quando você voltou para casa — digo-lhe.

Ren me olha e sorri.

— Oh, eu sei. Eu ouvi você roncar no momento em que entrei.

Eu olho para ele.

— Estou congestionado. — Seu rosto se contrai de preocupação. — Alergias, Zenzero.

— Hm. — Ele desvia o olhar.

— Como foi o Clube de Shakespeare?

Quase morri de fofura noite passada. Tive minha noite tranquila, aninhada no sofá com Pazza, mas primeiro recebi um adeus do idiota mais doce que existe. Lá estava ele, um conto de bolso de *Como Gostais* enfiado no bolso de trás da calça jeans, uma enorme bandeja de assados de Viggo enfiada em seus braços. E um brilho secreto e encantado em seus olhos que eu nunca tinha visto antes.

Como se o universo estivesse pronto para provar que estou errada, Ren me observa, olhos de gato enrugados com o mesmo brilho conspiratório. Inclinando-se para dar um beijo suave na minha têmpora, ele murmura:

— Foi divertido. — As palavras zumbem suavemente contra meu cabelo, antes que ele se endireite e olhe para frente.

Pazza sai correndo atrás de uma gaivota, latindo loucamente, e quando ela voa para o céu, ela se senta tristemente.

Observando-a, fico distraída de onde piso, então, quando acerto uma depressão na areia, minha perna se dobra, jogando-me em direção à água. Pouco antes de prever um mergulho gelado para acordar, sou puxada para trás, uma mão quente envolvendo minha cintura e me levantando.

— *Ufa*. — Eu esbarro no peito de Ren, minhas mãos reflexivamente agarrando sua camisa. O constrangimento aquece minhas bochechas e, em vez de encontrar seus olhos, descanso minha cabeça em seu peito, ouvindo o ritmo constante de seu coração.

Ele pressiona um beijo no topo da minha cabeça.

— Você está bem?

Eu aceno, mas uma lágrima estúpida rola pela minha bochecha. É a primeira vez que eu tropecei assim na frente dele, faz-me sentir exposta. Indecentemente vulnerável.

Segurando-me perto, ele envolve os dois braços em volta de mim com força. Como se ele soubesse que preciso de um minuto.

— Eu sou durona — eu sussurro.

Ele concorda.

— Eu sei que você é.

— Eu posso cuidar de mim mesma.

— Você pode — ele diz. — Você ainda pode. Você sempre poderá. Eu apenas me juntei também. Agora nós cuidamos um do outro.

Eu soluço um grito abafado e pressiono minha testa em seu esterno. Seu queixo se encaixa exatamente na minha cabeça. Eu sinto seu pomo de adão enquanto ele engole.

— Frankie? — ele diz baixinho.

Em uma fungada, eu digo:

— Hm?

Deslizando uma mão das minhas costas, lentamente pelo meu braço, ele estende minha mão e entrelaça nossos dedos.

— Dance comigo?

Eu me afasto o suficiente para encontrar seus olhos. Ele está sorrindo, mas há um rubor em suas bochechas. Uma aparência, que estou começando a aprender, que ele usa quando está nervoso.

— Ok?

Colocando-me perto de seu alcance, Ren traz nossas mãos unidas ao peito. Enquanto ele nos balança, ele cantarola baixinho no meu ouvido. É quente e baixo. Não reconheço nenhuma melodia, mas não importa. É lindo do mesmo jeito.

— Você foi mais rápida que eu — ele diz baixinho. — Tentando dar um mergulho antes mesmo de convidar você para dançar.

Novas lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Søren.

— Sim, Francesca.

Um longo e silencioso momento se mantém entre nós enquanto uma força desconhecida sai do centro do meu corpo. Uma coisa poderosa, emergente e imparável, ruge em meu peito, rasgando meu coração. Uma fechadura deslizando no lugar, ela se fecha com um pequeno, silencioso e irrevogável *clique*.

A porta do meu coração se abre e sai um punhado de palavras aterradoras. Dentro de mim, a verdade irrefutável que estremece no lugar.

Eu amo Ren.

Esse conhecimento me faz sentir livre, sem peso, como se Ren me soltasse agora, eu apanharia a brisa do mar e flutuaria serenamente para o céu.

— O que foi, docinho?

Eu viro minha cabeça o suficiente para afundar de brincadeira meus dentes em seu peito.

— Você me tem de mãos atadas. Sem apelidos quando eu não puder me defender.

Ele sorri para mim, desacelerando nossa dança até que estejamos parados, exceto pelo vento que gira em torno de nós, chicoteando nossos cabelos e roupas.

Ren abaixa a cabeça e me beija. Uma varredura suave e abrasadora de seus lábios. Gentil e carinhoso.

— Eu te amo, Frankie. — Esses olhos gélidos procuram os meus enquanto ele me segura perto. — Eu te amo há muito tempo. E eu sei que talvez não seja assim que você se sente, e tudo bem. Mas eu precisava que você soubesse. Isso. Você e eu... — Ele puxa para trás o cabelo emaranhado em meu rosto. — Significa tudo pra mim.

Eu aceno, tentando engolir o nó de emoção na minha garganta. Mas tudo que consigo falar, enquanto me agarro a este homem, é o mais fraco, sufocado pelas lágrimas:

— Eu também.

Três jogos subsequentes. Mais um em casa, dois em Denver. Zero vitórias. Muito sexo ótimo. Muitos abraços e conversas, entrando sorrateiramente em quartos de hotel e relaxando no sofá. Mas o humor da equipe é sombrio e o meu não é muito melhor.

Sinto uma coceira na garganta e uma dor nas juntas. Meu corpo está quente e lento. Ou estou me preparando para a explosão do ano ou estou tendo alguma coisa. Que, estarei morta, se contar a Ren sobre.

Sentado no deque, Ren esfrega a testa enquanto lê a página de esportes em seu telefone. Sua testa está franzida, sua mandíbula tensa. E por alguma razão me sinto responsável.

— É se eu te trouxe azar?

Ren levanta os olhos de seu telefone.

— O quê?

— Desde que começamos a dormir juntos, você perdeu três seguidos.

Ren ri consigo mesmo e toma um gole de café. Mas quando ele vê meu rosto, ele pousa sua caneca com um baque e se inclina.

— Você está falando sério? A prática e racional Frankie está culpando sua vida sexual por um time que não está tendo um dos seus melhores playoffs.

Eu encolho os ombros e mordo meu bagel.

— Eu não sei. Digo, vocês estão péssimos. *Péssimos*.

— Puxa. Obrigado.

Coloco minha mão em sua coxa enorme, aperto afetuosamente e olho para a areia onde Pazza dispara em direção à água, latindo para as ondas.

— Não você, especificamente, Zenzero — eu digo baixinho, puxando um lenço de papel e assoando o nariz. Ren e Rob são basicamente a única coisa que mantém a equipe unida. Maddox ainda está doente — não que ele estivesse jogando espetacularmente — mas ele também derrubou alguns outros jogadores importantes, com qualquer que seja o contágio que lhe deu uma infecção pulmonar.

Ren olha para mim, pausa a mão na minha testa e depois na bochecha.

— Você começou a fungar durante o sono na noite passada. Você não parou esta manhã.

— Estou bem. — Eu afasto sua mão levemente e tomo um gole de meu café. — Alergias sazonais.

Ele faz um barulho evasivo. Virando-se ligeiramente para me encarar, Ren coloca uma perna em seu joelho e descansa um braço ao longo das costas da minha cadeira. Sua mão desliza em volta do meu pescoço e faz massagens.

Eu assobio com a dor e o prazer de seu toque. Sinto dor por toda parte e, embora não tenha febre, estou pensando que é só uma questão de tempo. Não que Ren saiba disso. Porque se ele soubesse, ele me colocaria na cama e insistiria em ficar em casa e cuidar de mim. Isso não vai acontecer, não no quinto jogo de amanhã da série, e se ele não comparecer ao treino hoje ou no jogo amanhã à noite, o treinador o rejeitará e eles definitivamente perderão.

Quando Ren desliza o polegar pelo meu pescoço em direção à base sensível do meu crânio, quase suplico e confesso o quão merda me sinto, mas pela primeira vez, o número da minha mãe acendendo no meu telefone para o FaceTime é uma interrupção bem-vinda.

— Tenho que atender — murmuro, me afastando de seu aperto.

Ren não faz nenhum movimento para sair.

Eu levanto meu telefone e levanto minhas sobrancelhas.

— Você se importa?

Ele sorri, acomodando-se na cadeira com o café.

— De jeito nenhum. Por favor, atenda. Eu gostaria de conhecê-la.

Engasgando, quase deixo cair meu telefone.

— Eu. O quê? Ren—

— Você vai perder a ligação dela, fofinha.

Eu reviro meus olhos e deslizo para respondê-la.

— Oi, mãe. — A boca de Ren se curva. Eu bato em seu peito. — Minha Nova Iorque surge quando eu falo com ela. Não se atreva a zombar de mim.

— Amorzinho, eu nunca faria isso.

Eu praticamente rosno para ele.

— Frankie? — minha mãe grita. Ela está olhando de cima através dos

óculos, caminhando pela cozinha.

— Mãe. Sente-se. Você me deixa enjoada ao se mover assim.

— É bom falar com você também — ela diz. — Que bom que você está viva. Faz algum tempo.

Ren levanta uma sobrelanceira em censura. Eu mostro minha língua para ele.

— Não mostre sua língua para mim, mocinha—

— Mãe, não era para você. Era para ele.

— Oooh — ela cantarola. — Um homem? Finalmente. Eu disse a Gabby que pensei que você estava indo para aquela amiga sua com todos os piercings chiques, mas ela me disse que você não vai por este caminho.

— Gabby estaria correta. Além disso, Lorena está fora do meu alcance. — Suspirando, giro o telefone para que a câmera fique voltada para Ren. — Mãe, este é Ren Bergman. Ren, esta é minha mãe, Maria Zeferino.

Ele acena e seu queixo cai.

— Jesus — minha mãe sussurra.

Ren olha nervosamente de mim para ela.

Eu me inclino em direção a ele e sorrio.

— De onde você acha que tirei meu amor por ruivos, Zenzero?

Ren fica vermelho vivo. Limpando a garganta, ele sorri para ela.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Zeferino. Frankie disse coisas maravilhosas sobre você.

O inferno que eu disse. Eu cravo meu calcanhar em seu pé descalço, mas ele não parece se importar.

Mamãe levanta uma sobrelanceira.

— Prazer em conhecê-lo, Ren. Mas eu duvido muito disso. Eu a deixo louca. É por isso que ela mudou um país para longe de mim.

Eu reviro meus olhos, trazendo o telefone de volta para ficar voltado apenas para mim.

— Eu me mudei através do país para um trabalho incrível e um clima ameno.

Ela acena com a mão.

— Como está sua saúde?

— Está tudo bem — eu digo com os dentes cerrados.

— Você está se exercitando? Tomando seus remédios? Obtendo seus exames de sangue e raios-X...

— Mãe. Eu disse que está tudo bem.

Ela aperta os olhos para mim.

— Você parece magra. E seu nariz está vermelho. Você está doente?

Ren faz um barulho de desaprovação.

— Vê? — ele sussurra. — Eu te disse.

Eu o olho.

— E eu disse a você — sibilo de volta — que não preciso de outra mãe exigente. Então, cai fora, Ren.

Ele se senta ereto, os olhos semicerrados. Em uma posição abrupta,

ele pega seu café e entra. A culpa se instala em meu estômago. Eu não deveria ter descarregado nele, mas caramba, é irritante ser falada com tanto paternalismo. Sou uma mulher adulta. É meu corpo para administrar.

Ou administrar mal.

E que se dane. Eu o avisei que isso seria um problema, que era um limite sensível e inabalável para mim.

Quando eu o ouço através da porta de tela aberta, fazendo barulhos na cozinha e resmungando para si mesmo, meu estômago se contrai de inquietação, o peso pressiona meu peito que nenhuma respiração profunda resolve. Definitivamente estou ficando doente. Só que com o quê, não tenho certeza.

Diga a ele. Confie nele.

Eu não posso. Porque não posso confiar que ele seja objetivo. Ele deixará de lado suas responsabilidades e então seguiremos por aquele terrível caminho do ressentimento. Vou arrastá-lo, ele vai seguir feliz... até que ele fique miserável e eu fique com alguém que tem que escolher entre mim e uma vida plena. Eu não vou. Fazer. Essa. Merda

— Já acabou? — Mãe diz.

Minha cabeça cai quando eu olho para o meu telefone.

— Desculpa. Minha mente vagou.

— Diga-me para onde foi. — Ela se inclina e apoia a bochecha em uma das mãos. — Eu tenho o dia todo.

Procurando seus olhos, eu mordo meu lábio em hesitação. Eu amo minha mãe. E antes de ser sempre uma lista de verificação de problemas de saúde, eu sentia que éramos próximas. O tempo diminuiu essa barreira entre nós? Posso me abrir para ela e desabafar?

Seus olhos são como os meus e brilham quando ela sorri.

— Eu sei que posso ser autoritária — diz ela. — Mas liguei porque sinto falta de conversar. Isso é tudo. Eu confio em você para se cuidar, ok?

Oh, a culpa.

— Não vou reclamar ou cutucar você sobre qualquer coisa relacionada à saúde — diz ela. — Eu prometo. Vou apenas ouvir. E podemos conversar sobre outras coisas.

Com um olhar por cima do ombro, vejo Ren vagando pela cozinha, provavelmente preparando o café da manhã. O arrependimento dá um puxão em meu coração. Eu simplesmente o afastei. Tornei-me uma especialista nisso, não é? Como se precisasse de mais provas, examino minha mãe, a mulher que me ama imperfeitamente, mas ainda assim me ama. Depois de nossas mágoas e erros mútuos, eu lentamente e sistematicamente me afastei.

Inclinando-me para perto de sua imagem no meu telefone, eu limpo minha garganta, procurando os olhos de mãe, os que ela me deu.

— Eu sinto sua falta — eu digo a ela, vacilante.

Seu olhar suaviza por trás dos óculos. Ela funga.

— Eu também sinto sua falta, querida. Mas você se parece com o sol,

e vinte graus quase o ano todo combina com você. Isso torna a sua falta um pouco mais fácil, saber que você está feliz onde está. Você está feliz, certo?

Eu concordo.

— Sim, eu estou. — Olhando por cima do ombro, vejo Ren, na janela, olhos abaixados. Como se ele me sentisse observando-o, ele olha para cima. Nossos olhos se encontram. Eu ofereço-lhe um sorriso hesitante e apologetico. Ele me devolve um, depois se vira e desaparece ainda mais fundo na cozinha.

— Eu sinto que estou vendo algo que não deveria — Mamãe diz ironicamente.

Quebrando minha distração, concentro-me novamente nela.

— Desculpa. Eu o afastei, e queria que ele soubesse que eu sentia muito. E... — eu suspiro. — Eu sinto que devo desculpas a você também. Eu estive distante. Gabby me incomoda toda vez que conversamos apenas para esclarecer tudo com você, mas nunca sei por onde começar, mãe.

Ela acena com a cabeça.

— Eu sei, querida. Eu me sinto da mesma forma. Mas talvez possamos apenas conversar por agora, depois, eventualmente trabalhar nosso caminho em direção às coisas difíceis, hein?

— Ok — eu digo timidamente. — Bem, sobre o que você quer conversar?

Mamãe se acomoda em sua cadeira e pega seu café.

— Aquele pedaço de amor ruivo com quem você estava toda confortável quando liguei.

Eu fiz uma carranca para ela.

— Agora, não negue que você tem uma xícara grande de chá quente de gengibre. — Ela mexe as sobrancelhas. — E enquanto você está nisso, derrame.

REN

Música da Playlist: "Let's See What The Night Can Do" - Jason Mraz

— SINTO MUITO SOBRE ESTA MANHÃ — diz Frankie baixinho.

Eu mudo de faixa e sorrio para ela quando é seguro.

— Está tudo bem, Frankie. Eu entendo por que você estava chateada. Eu canalizei meu pai interior sobre você um pouco.

Sua mão brinca preguiçosamente com meu cabelo na minha nuca. Ela tem essas pequenas maneiras de me tocar – enrolando meu cabelo em seus dedos, deslizando minha palma contra a dela em um ritmo constante – que me fazem sentir como se ela estivesse me envolvendo em seus hábitos sensoriais, sua necessidade de se mover e tocar, e eu não consigo encontrar uma palavra para explicar o quanto isso significa para mim. A emoção fica presa na minha garganta quando ela se inclina e pressiona um beijo no meu pescoço.

— Zenzero — ela diz contra minha pele. — Por que você não me diz para onde estamos indo?

Porque é caro, e depois de pesquisar o restaurante no Google, você vai vetá-lo.

Meu aperto aumenta no volante enquanto sua mão sobe pela minha coxa. Perigosamente alto.

— Ei. Sem táticas sedutoras de interrogatório enquanto estou dirigindo.

Ela ri e belisca meu pescoço.

— Não é nada revolucionário — eu consigo dizer, desejando manter o foco na estrada. — Apenas um lugar para comer que é completamente privado, então ninguém vai nos incomodar e não haverá publicidade negativa antes de você deixar o time.

Frankie se recosta repentinamente e solta uma tosse forte e úmida. Puxando o suéter mais apertado ao redor dela, ela olha pela janela e esfrega a garganta em vão. Alergias sazonais, uma ova. Ela está ficando doente, provavelmente aquela porcaria que Maddox espalhou pela equipe, e ela está determinada em negar.

— Um lugar privado para comer não é muito específico — diz ela. — Estou vestida o suficiente para isso?

Eu olho para ela, então volto para a estrada. Por baixo do suéter cinza, ela usa um maxi-vestido preto que se destaca em sua pele. A gola de seu vestido cai sobre seus seios, revelando um decote de dar água na boca que seu colar de inquietação mal esconde. A luz do sol do fim de tarde dança em suas clavículas, a ponta de seu nariz e traz à tona as manchas de bronze em suas íris cor de avelã.

— Você é perfeita — digo-a.

Bufando, ela ri.

— Estou longe de ser perfeita, mas se você quer dizer que estou vestida apropriadamente, então eu aceito.

Quando entro na entrada privada do estacionamento com manobrista, Frankie coloca a mão na minha coxa novamente, sua voz mais suave.

— Mas, já que estamos no assunto, você também está perfeito, Zenzero.

Eu olho para baixo. Estou usando apenas calça cinza-carvão e uma camisa social branca, mangas dobradas, sem gravata.

— Você me vestiu.

— Eu fiz. Tenho um excelente gosto. E meu muso é muito bonito. A inspiração não foi difícil de encontrar.

Eu sorrio enquanto desligo o motor.

— Obrigado, bolinho de mel.

— Eles ficam cada vez piores — murmura Frankie. Ela se curva para frente, olhando para a fachada de tijolos do prédio. — Que lugar é este?

— Um segredo bem guardado.

Ela se vira e franze a testa com os olhos estreitos.

— É melhor não ser uma brincadeira de festa surpresa. Eu odeio surpresas.

— Eu sei disso, Frankie. É só você e eu.

Finalmente.

Depois de um rápido passeio de elevador, somos conduzidos à nossa mesa com vista para a água. Frankie se acomoda em seu assento, olhando em volta analiticamente enquanto eu movo sua cadeira.

— Este lugar parece caro, Søren.

— Francesca. Por favor, não faça isso.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Não faça o quê?

— Me infernizar por levá-la a algum lugar decente e privado para comer. — Eu caio na minha cadeira e abro meu cardápio. — Cozinhamos praticamente todas as noites. Comida chinesa é uma ostentação rara. Posso pagar para comer fora.

Ela resmunga baixinho, levanta o cardápio e o abre.

Espiando ao redor, eu observo o espaço, então Frankie, que desvia o olhar de seu cardápio e olha para a água, um sorriso discreto inclinando seus lábios. É exatamente o que eu queria, o que pensei que Frankie iria querer. O oceano atrás de nós. Isolamento. Lâmpadas de aquecimento para que ela não fique fria. E seu tipo favorito de comida.

Ela volta ao cardápio, imediatamente o abandona e me encara, boquiaberta.

— É tudo hambúrgueres.

— Essa é a ideia.

— É como se você estivesse tentando transar ou algo assim, Zenzero.

Eu sorrio enquanto ela morde o lábio e tenta não sorrir de volta para mim.

De repente, seu rosto se transforma em uma carranca.

— Precisamos conversar sobre algo — diz ela, séria.

Meu coração salta de um penhasco e cai em queda livre no pânico.

— Oh? O que é isso? — Os pensamentos do pior cenário bombardeiam minha mente com uma clareza impressionante.

Ela não está satisfeita.

Isso não está funcionando para ela.

Ela só quer que sejamos amigos.

— Não sei o seu nome do meio. — Sua carranca se aprofunda. — E percebi que é um daqueles detalhes que você deve saber quando está sério com alguém. Sinto que falhei porque não perguntei isso. Isso e algumas outras coisas.

Não mais despendendo para a sua destruição, meu coração salta e pousa em uma piscina de doce alívio. Eu deixo minha cabeça cair em uma exalação áspera.

Frankie não percebe.

— Eu percebi no chuveiro mais cedo — ela continua — Eu compartilhei mais vida com você, fiz mais sexo com você do que qualquer outra pessoa, falei sobre visões de mundo e de política, mas não sei seu nome do meio. Sei que você quer ficar com o time o máximo que puder, que deseja sentir falta da floresta tanto quanto ama o oceano, que quer um piano em sua casa, mas não sei seu nome do meio. E eu deveria. Estou fazendo algum sentido?

Finalmente, meu corpo se acalmou com a queda livre que meu coração acabou de sofrer, e eu olho para cima, encontrando seus olhos.

— O que é? — ela pergunta, olhando para mim em confusão.

— Oh, eu apenas catastrofizei. Eu pensei que você estava terminando comigo por um minuto.

Sua boca cai. Ela pisca rapidamente e depois cai na gargalhada. Uma risada histérica e *alta*.

— Como? — ela diz entre acessos de riso. — Como você pôde pensar isso?

— Na verdade, não acho *tão* engraçado o pânico interno que acabei de passar, Frankie.

Ela fica séria.

— Desculpe. Não é engraçado, você está certo. É só que, Ren... Estou feliz com você. *Tão* feliz. — Suas feições ficam cautelosas. — Você *está* feliz? — ela pergunta baixinho.

Eu deslizo minha mão na dela e enredo nossos dedos.

— Muito além de feliz, Frankie. Eu estou nas nuvens. Todos os dias.

Um pequeno sorriso de satisfação aquece seu rosto.

— Ótimo. — Depois de um momento de silêncio, ela se afasta e toma um gole de água. — Tudo bem, preencha as lacunas para mim, então. Nome do meio. Cuspa.

— Isak. O seu é Chiara.

— Como você...? — Ela me dá uma olhada. — Você totalmente examinou a minha identidade, não foi?

Aliso meu guardanapo, endireito minha faca. Um homem precisa de um pouco de dignidade na vida.

Tomando minha falta de resposta pela resposta que é, ela segue em frente.

— Você realmente quer cinco filhos?

Olhando para cima, encontro seus olhos, tentando rastrear a rota de nossa conversa, que nem sempre está clara quando Frankie e eu conversamos. Ela não faz todas as paradas e desvios que o diálogo “típico” leva. Às vezes preciso de um minuto para recuperar o atraso, mas acho extremamente revigorante falar tão diretamente com ela.

— É uma estimativa — digo-lhe. — Estou aberto a discussões. Você?

— Um casal, pelo menos.

Eu a encaro, achando fácil imaginá-la como uma mãe, e uma boa mãe. Brincalhona, empática, afetuosa. Posso vê-la sentada perto da água em uma cadeira de praia confortável, lendo um livro com um bebê dormindo em seu peito. Essa imagem, esse momento em minha mente, é algo que desejo com uma fome física.

Frankie sorri e desliza as pernas entre as minhas por baixo da mesa.

— Eu acho que você gosta de mim, Zenzero, quebra-molas de conversação e tudo.

Deus, se ela soubesse o quanto.

— Eu mais do que gosto de você, docinho de abóbora. Eu te amo, exatamente como você é.

Ela sorri e olha para o cardápio novamente.

— Essa é a coisa perturbadora.

Após fazermos o pedido, assistimos ao pôr do sol e eu sorrio enquanto ela geme e suspira sobre um hambúrguer gourmet. Quando a garçonete pega nossos pratos e deixa o cardápio de sobremesas, ela escolhe o doce mais chocolatado e se recosta na cadeira com um suspiro. A brisa do mar varre seu cabelo para cima e arrasta mechas escuras em seu rosto. Frankie habilmente as puxa de volta e olha para mim, me pegando olhando para ela.

— Oi — ela diz baixinho.

Eu sorrio e estico minhas pernas ainda mais embaixo da mesa, enroscando com as dela.

— Oi.

— Isso tem sido muito bom, Ren. Obrigada.

— Bom. — Eu levanto minha água em um brinde a ela. Não vou tocar em álcool, não quando vou levá-la para casa. — Parabéns pela faculdade de direito, minha ameixinha.

Seus lábios se contraem enquanto ela levanta seu refrigerante.

— Obrigada, pudinzinho.

O garçom pigarreou, parecendo que poderia ter conseguido mais do que esperava quando pegou esta mesa de dois lugares exclusiva. Frankie desvia o olhar, escondendo o sorriso ao tomar um gole de sua bebida.

Aceitando o cheque, tiro minha carteira e entrego a ele meu cartão.

— Obrigado.

O melhor tipo de empregado, nosso garçom simplesmente coloca a sobremesa bem na frente de Frankie, desliza uma vela nela, que ele acende, depois desaparece silenciosamente.

— Huh. — Frankie pega algo no meio da mesa. — O que é isso?

Eu a vejo pegar o papel do biscoito da sorte como se estivesse em câmera lenta. Deve ter caído da minha carteira. Eu não queria que ela visse isso. Ainda não.

Mais rápido do que você pensa, ela o agarra e gira o papel gasto entre os dedos. Mas também sou rápido e minha mão o segura.

Seus olhos se estreitam para mim.

— O quê?

— É particular.

— Uma sorte particular? — Ela tenta puxar a mão, mas meu aperto é sólido. — Qual é o problema?

— Por favor, Frankie. É uma espécie de lembrança. É especial para mim.

Ela franze a testa.

— Por que você não me deixa ler?

A lâmpada apaga-se sobre sua cabeça. Seus olhos se arregalam.

— Lembrança? Isso é daquela noite? Quando você veio e comeu toda a minha comida chinesa?

— Com licença. Nós dividimos aquela comida de forma justa, Srta. História Revisionista. Na verdade, acho que você roubou um dos meus wontons, talvez até dois.

Arrancando o papel de suas mãos, o que me sinto um pouco mal – no final do dia, as mãos de Frankie ficam rígidas e, em suas palavras, “desleixadas” – abro minha carteira e coloco-o de volta dentro.

Estou guardando esse papel da sorte para um dia no futuro. Um envolvendo um anel brilhante e eu morrendo de ansiedade.

Fazendo uma careta para mim, Frankie levanta um garfo para cavar seu bolo, então faz uma pausa ao ver a vela solitária. Seu rosto fica branco.

— Por que a vela? Não é meu aniversário — diz ela.

— Eu disse a ele que estávamos comemorando você. Acho que ele entendeu mal.

Frankie observa a chama, como se ela guardasse um segredo.

— O que eu faço?

Esfrego meu joelho contra o dela, sabendo que o toque às vezes é tudo que ela precisa para um pouco de segurança.

— Pode não ser seu aniversário, Frankie. Mas você sempre pode fazer um pedido.

Ela olha para mim e sustenta meu olhar. O pôr do sol brilha em seus olhos, incendeia sua pele. Eu mergulho em todos os detalhes que posso quando ela fecha os olhos e apaga a pequena chama com uma respiração poderosa.

Enquanto a fumaça ondula no ar, meu coração também diz seu próprio desejo.

Assim que estacionamos na minha garagem e entramos, Pazza fica emocionada em nos ver. Frankie nem mesmo a repreende quando ela pula e tenta me lambar. Ela está longe, com a testa franzida. Engrenagens girando.

Seguindo Pazza até o deque, Frankie a observa correr para a areia e vagar pela costa, farejando e cavando. Estou bem atrás dela, conectando meu telefone nos alto-falantes.

Frankie se vira e olha para mim, depois para os alto-falantes.

— Para quê a música?

Eu me curvo, me endireito e ofereço minha mão.

— Senhora. Concede-me esta dança?

A linha entre suas sobrancelhas desaparece enquanto ela ri.

— Você nasceu totalmente no século errado. — Chegando mais perto, ela agarra minha camisa, puxando-me para perto. Eu seguro seu rosto, inclinando-me para beijá-la. — Espera. — Frankie coloca a mão no meu peito.

Eu me afasto.

— O quê?

— Você não deveria me beijar... — Ela faz uma pausa, mordendo o lábio.

— Da última vez que verifiquei, as alergias não são contagiosas, Francesca.

— Não me chame de “Francesca”, Søren — ela resmunga. Depois de um momento de silêncio, ela encontra meus olhos. — Ok, eu posso estar com um pequeno resfriado, certo? Agora, por favor, *por favor*, não aja como uma babá comigo. Isso é o que eu quis dizer naquele dia em que almoçamos. Quando tudo isso começou, Ren.

Eu sustento seu olhar, em seguida, pressiono um beijo em sua bochecha. Mais perto do canto da boca.

— Ren...

— Se eu não tive o que quer que seja esta doença até agora, não vou pegá-la, Frankie. Apenas me deixe beijar você. — Eu deslizo meus lábios sobre os dela, um leve toque provocador enquanto meus polegares acariciam suas bochechas. Ela tem um gosto doce como chocolate, e seus lábios são decadentemente macios.

A medida que aprofundo o beijo, a brisa nos envolve, uma manta de maresia e um tênue fio de flores. Frankie envolve seus braços em volta do meu pescoço e se inclina.

— Você tem meu coração, Søren Bergman — ela sussurra contra meu pescoço. — Por favor, tenha cuidado com isso.

Eu envolvo meus braços com força em torno dela, balançando-a comigo.

— Sempre. — Pressionando um beijo suave no canto de sua boca, eu deslizo meu aperto em sua cintura, minha outra mão emaranhada com a

dela. — O mesmo vale para você, Francesca. Ou então serei reduzido a escrever poesia sentimental amadora.

Ela coloca a cabeça no meu ombro e suspira feliz enquanto eu nos conduzo em um balanço lento através do deque.

— Um dançarino tão bom — ela murmura. — Você é irritantemente bom em tudo que faz.

— Bem, nem tudo. Não posso fazer uma ponte para salvar minha vida. Sou péssimo em contas de dividir. E ainda estou aprendendo como ser bom em outras coisas.

Frankie olha para mim.

— Como o quê?

Eu bufo suavemente, sentindo um rubor subir pelo meu rosto.

— Você vai me fazer dizer isso?

— Ohhhh. — Ela acena com a mão. — Não se preocupe, aí. Você é o melhor amante que já tive, Zenzero. Sem dúvidas.

Meu coração se torce. Não por impulso de ego, mas porque digo a mim mesmo que tem muito mais a ver com o que Frankie *sente* quando estamos juntos. Em seu coração, não apenas em seu corpo. Que para ela, como é para mim, não é apenas sexo. É fazer amor.

— Me desculpe se eu não disse a você — ela sussurra. — Não é por falta de mim pensando nisso. Bastante. Frequentemente.

Eu pressiono um beijo suave em seus lábios.

Seus olhos encontram os meus e ela me encara com curiosidade.

— Você sabe como você me disse para entrar no Clube de Shakespeare, você tem que recitar versos que significam algo para você?

— Aham.

— Se eu estivesse na entrada da sua reunião, determinando se *você* entrou ou não, o que você me diria?

O vento manda uma espiral de cabelos escuros em seu rosto. Eu coloco-os com segurança atrás de sua orelha, traçando meus dedos pela concha de sua orelha, a linha lisa de seu pescoço.

— Francesca, você está tentando dizer que gostaria de ser cortejada?

Ela sorri para mim.

— Eu estava tentando ser tímida. Como eu me saí?

— Acertou em cheio. — Eu a puxo para mais perto, sentindo seu coração bater forte contra meu peito. — Vamos ver. Ah, apenas a coisa.

Limpando minha garganta, procuro seus olhos.

— “Duvide que as estrelas sejam fogo, duvide que o sol se mova, duvide que a verdade seja mentira, mas duvide jamais que eu te amo.”

— Eu olho para ela, dando-lhe um beijo suave. — Que tal?

O sorriso de Frankie se aprofunda quando ela me beija de volta. Eu a seguro perto de meus braços sob o dossel de estrelas incandescentes do céu noturno.

FRANKIE

Música da Playlisy: “My Body Is a Cage” - Arcade Fire

HÁ UMA ENERGIA INQUIETA NA EQUIPE. As feições de Ren estão estranhamente tensas, como se ele estivesse apenas meio presente, distraído com preocupação. Preocupação que espero não seja dirigida a mim. Embora eu seja uma candidata justa para isso. Eu me sinto como a merda presa na parte inferior de um tênis surrado.

Fui para a cama ontem à noite me sentindo mal e acordei sabendo que estava indo direto para o olho da tempestade. Meu peito está pesado. Eu continuo sufocando uma tosse úmida na curva do meu braço. E quando usei o banheiro apenas dez minutos atrás, meu xixi estava escuro, minha pele pálida enquanto eu olhava para meu reflexo sobre a pia. Eu sei que preciso beber água, mas mal consigo fazer passar pela minha garganta.

A pior parte é que eu não sou a pessoa mais triste da sala. Andy está quieto – o que ele nunca está – Tyler está mal-humorado, o coração de Lin não está aqui. Rob está com uma carranca, que minha memória arquivou sob o rótulo “Eu briguei com a esposa”, e se François estivesse mais estressado, eu daria a ele um dos meus Lorazepam de emergência.

Como sempre, a equipe está reunida em um canto do depósito da arena, onde caminhões voltam com todo tipo de estoque que você não consideraria necessário, mas aparentemente são vitais para administrar um ringue de esportes. É onde os caras fazem seu ritual usual de futebol, que apenas deveria mantê-los flexíveis, conectados e distraídos antes de se prepararem para o jogo.

A versão deles de futebol não é um jogo em si. São apenas os caras no aquecimento, circulando, jogando a bola. O único objetivo do exercício é não deixar a bola de futebol atingir o solo. Faz com que você seja cuidadoso com seus toques, ciente de seus companheiros de equipe. É uma atividade pré-jogo inteligente.

Eles estão apenas péssimos nisso.

Ren está no lado oposto da sala, em meio ao círculo, uma cabeça mais alta do que qualquer um dos caras ao seu redor, com as mãos no quadril. Ele está olhando para mim, claramente perdido em pensamentos. Eu inclino minha cabeça e empurro meu queixo. *Preste atenção.*

Quando Kris deixa a bola cair, Ren finalmente pisca e se afasta de me olhar.

Rob suspira e pega a bola.

— De novo.

— Por quê? — Tyler diz. — Estamos perdendo esta noite, neste

momento os playoffs já eram, e você sabe disso.

Ren deixa cair suas mãos e gesticula para Rob. Rob manda para ele. Enquanto Ren a bate no peito, então facilmente usa sua coxa para enviá-la de volta para Rob, ele grita:

— *Patife!*

Os olhos de Rob se estreitam enquanto a bola navega em sua direção, mas quando ele a direciona para Lin, um sorriso ilumina seu rosto enquanto ele grita:

— *Malandro!*

Metade dos olhares dos caras gira sobre seus ombros para mim. Eu me concentro cuidadosamente no meu telefone, para que eles não se sintam incomodados. Estou tendo dificuldade em focar meus olhos e, pela minha visão periférica, posso ver todos eles passando algum tipo de olhar inescrutável entre si, como se tivessem sido pegos fazendo algo que não deveriam.

Eu tusso fortemente em meu braço quando Lin diz sua palavra, então eu as perco. Mas quando François solta para Andy, sua blasfêmia berrada ecoa na sala:

— *Pátio baixo, maça cozida!*

Lin bufa. Tyler se dobra histérico e Andy voa em direção à bola, evitando que ela toque o chão. Fazendo malabarismo, ele a coloca no pé, então encara Kris, mortalmente sério.

— *Batedor de carteira.*

O riso irrompe na sala, a bola começa a voar, nenhuma vez tocando o chão, enquanto os ombros caem e carrancas se dissolvem. Eu vejo a bola viajar em um borrão psicodélico pelo espaço enquanto estrelas dançam no canto do meu campo de visão. O quarto está mais quente, minha respiração difícil é um refrão enquanto se inclina e gira embaixo de mim.

Dou um passo para trás e me apoio contra a parede, esfregando a mão no rosto. Minha mão sai úmida. Estou suando. Limpando a garganta, tento respirar lentamente e aperto um dos olhos, esperando que isso limpe minha visão.

Por um momento, o mundo parece claro, e posso ver como a atmosfera é diferente no espaço, agora. Como se um interruptor tivesse sido acionado, o clima da sala fica mais claro, como o sol explodindo sobre a terra no momento em que escapa de uma nuvem.

As blasfêmias continuam chegando, suas risadas crescendo em volume e complexidade como um enxame de abelhas. Esses caras pegaram a criatividade de amaldiçoar de Ren nos últimos três anos, ou eles se transformaram em idiotas gigantes de Shakespeare também. Seja qual for a explicação, o efeito é o mesmo. Moral restaurada. Espíritos levantados.

Deus, brilhante. Ren fez o que sempre fez – trouxe alegria, fez as pessoas se sentirem melhor. E é por isso que ele é fundamental para a equipe. É por isso que, quando minhas pernas se dobras e eu afundo no chão, só posso esperar que ele esteja muito ocupado para perceber que nem mesmo seu sol milagroso pode salvar esta pequena nuvem de ser

engolida pela tempestade.

Sem abrir os olhos, já sei onde estou. Eu sei pelo cheiro, os lençóis ásperos, a ameaça de lâmpadas fluorescentes próximas. Talvez uma luz do banheiro deixada acesa, a porta entreaberta.

A porra do hospital.

Quando eu respiro ofegante, meus pulmões parecem menos pastosos do que pareciam, por mais tempo que passou, quando o armazém virou para o lado e minhas pernas se transformaram em gosma. Não tenho noção de tempo.

Posso sentir meu quadril latejando como um filho da puta. Eu lambo meus lábios e fico surpresa ao sentir que eles não estão rachados. Sinto o calor de uma palma calejada pressionada contra a minha, dedos longos envolvendo possessivamente minha mão.

Ren.

Meus olhos piscam abertos, deslizam para a direita, em direção à mão que ele segura. Eu sorrio involuntariamente ao vê-lo, dormindo. Largado naquelas poltronas reclináveis de hospital extremamente desconfortáveis, a boca levemente aberta, manchas sob os olhos.

Eu estou fraca. Eu posso sentir isso. Meu corpo está pesado e eu já quero voltar a dormir, mas quero que Ren saiba que estou bem sobretudo.

Tenho coceira no nariz. Eu coço e bato desajeitadamente em uma cânula de oxigênio. Minha mão dói onde o bloqueio de heparina está colado, onde a agulha envia Deus sabe o que em meu sistema. Antibióticos. Soro fisiológico. Esteroides. Analgésicos.

A lista de prescrição está escrita em marcador desgrenhado no quadro branco aos meus pés. Não consigo ler porra nenhuma. Eu só sei que é longa. Ren se mexe na cadeira, continua dormindo e eu o observo. Já o vi dormir antes, e talvez isso soe estranho. Mas às vezes eu acordo antes dele e vejo o amanhecer pintar seu rosto, lançar sombras sobre suas maçãs do rosto, seus lábios macios, aquela testa suave, relaxada no sono. Sua testa não está suavizada agora. Está franzida. Ele está preocupado.

Tento apertar sua mão, mas mal consigo. Limpando minha garganta, eu falo com a voz rouca:

— Ren.

Seus olhos se abrem, disparam em minha direção, depois se arregalam. Sentando-se ereto, ele se levanta e se inclina sobre mim, segurando meu rosto.

— Ei — ele diz. Sua voz está instável. Seus olhos com as bordas vermelhas.

— Estou bem — eu sussurro.

Ele acena. Pisca, os olhos úmidos de lágrimas não derramadas. Tento levantar meus braços para envolvê-lo, oferecer-lhe conforto, mas eles estão muito pesados.

Minha voz parece rouca, mas limpo minha garganta e resmungo:

— Venha aqui, Zenzero.

Um som sai dele quando ele se inclina mais perto, descansa a cabeça na curva do meu pescoço. Eu viro minha cabeça e beijo sua testa. Seus braços deslizam cuidadosamente entre mim e o colchão. Ele suspira, lento e pesado. O som de alívio.

— Frankie. — É tudo o que ele diz, mas eu sinto o que ele quer dizer, amor e preocupação entrelaçados com meu nome.

Quando ele se afasta, ele se senta e puxa a cadeira para mais perto. Depois de alisar meu cabelo para trás, ele desliza a cânula de volta onde deveria se prender em volta da minha orelha.

— Há quanto tempo estive fora? — Eu sussurro.

Ele se concentra no meu cabelo, seus dedos fazendo um trabalho suave nos seus emaranhados. Tenho certeza de que pareço ter passado pelo inferno de um micro-ondas duplo.

— Quarenta e oito horas.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Impressionante. — Limpando a garganta novamente, tateio o botão para me levantar um pouco. — Como foi o jogo?

Ren tira a mão do meu cabelo e aperta minha mão.

— Nós perdemos.

— Sinto muito, Ren—

— Bom dia, luz do dia! — Lorena se levanta, emoldurada na porta, lendo meus pensamentos, vendo a frustração, o constrangimento.

A impotência.

Cruzando para o outro lado da cama, ela bate os lábios na minha testa.

— Eu nem vou perguntar. Eu posso dizer que você se sente uma merda.

Caindo no pé da cama, ela começa a massagear minhas pernas. Eu gemo porque é incrível, e também odeio que as pessoas que me amam me conheçam tão bem. Eu me sinto fraca e carente.

— Ouvi dizer que você teve uma saída bastante dramática. — Ela me dá um sorriso atrevido.

Eu olho para ela.

— Por que você está aqui mesmo?

Ren engole seu sorriso, escondendo-o atrás de um punho e limpando a garganta.

— Porque você tem pneumonia nos dois pulmões — diz Lo — e você é uma das minhas. Porque eu te amo, e quando estamos nos curando, precisamos de todo o amor que pudermos receber.

Ren leva minha mão ao rosto, beija minha palma e a coloca contra sua barba. Reflexivamente, eu enrolo meus dedos em seus cabelos macios, raspo minhas unhas ao longo de sua nuca.

Lo suspira.

— Bem, vou deixar vocês dois pombinhos. Vou incomodar sua enfermeira. Mandar em alguém por perto. — De pé, ela me beija

novamente na testa e dá um tapinha na minha perna. — Bem-vinda de volta, querida.

Ren a observa sair, então gentilmente se levanta e fecha a porta atrás dela.

Eu fico olhando para ele enquanto ele se move, amando a forma como as roupas simples caem lindamente em seu corpo. Boné puxado para baixo. Jeans que são escuros e gastos, uma camiseta azul desbotada que realça o gelo em seus olhos e o cobre em seu cabelo. Quando ele se senta, ele acaricia minha bochecha com as costas dos nós dos dedos.

Limpo minha garganta com força, depois lambo meus lábios. Ren estende a mão reflexivamente para a bandeja do hospital e pega um protetor labial. Tirando a tampa, ele passa sobre a minha boca, em seguida, coloca a tampa de volta.

— Você fez isso? — Eu pergunto. Minha voz parece lacrimada.

— Praticamente a única coisa que eu *poderia* fazer era garantir que você não acordasse com os lábios rachados. — Seu sorriso é fraco. — Frankie. Por que você não me disse o quão mal você estava se sentindo?

Eu procuro seus olhos.

— Eu sabia que você se preocuparia. Eu não queria te tirar do jogo, da melhor chance de ganhar.

Seus olhos se apertam nos cantos.

— Então, você decidiu que faria essa escolha por mim?

Mudando de posição na cama, tento adquirir um pouco de alívio para meu quadril.

— Eu te conheço, Ren. Dessa forma, você joga o jogo e eu tenho a tranquilidade de não ser um obstáculo. Foi sobre isso que falei quando concordamos em dar uma chance a um relacionamento. Não quero ser motivo de ressentimento. Não quero que minhas coisas de saúde impeçam você de fazer seu trabalho e ter sucesso.

Ren apenas me encara.

— Frankie, você é mais importante do que um jogo de hóquei. Inequivocamente.

— Talvez um jogo. Mas isso acontece comigo, Ren. Eu pego merda porque meu sistema imunológico me odeia e meus remédios não ajudam. Acredite em mim, não será a última vez. No futuro, você ficará feliz por eu manter essas coisas para mim.

Ele balança a cabeça, piscando rapidamente.

— Eu... eu... você está *falando sério*?

Eu franzo a testa para ele.

— Absolutamente. Diga-me como diabos você teria se sentido se não jogasse aquele jogo, e eles perdessem. Se você se sentasse ao meu lado no hospital, inútil, enquanto eu dormia em um estupor drogado com um problema perfeitamente curável, e você assistisse a sua equipe lutar e falhar sem você. No fundo da sua cabeça, você estaria se perguntando se deveria ter estado lá, se, com sua ajuda, eles teriam vencido, pensando “se ao menos Frankie não tivesse ficado doente” —

— Essa é a última coisa que eu pensaria.

Eu rio amargamente, mas é complicado por uma crise de tosse. Ren derrama um copo d'água, coloca um canudo nele e o leva à minha boca. Eu bebo metade dele e caio no meu travesseiro com um suspiro.

Seu rosto está tenso, sua mandíbula cerrada.

— Por que você está zangado? — Eu pergunto, confiante de que li *essa* emoção corretamente.

Ele vira a cabeça em minha direção, me prendendo com aqueles olhos gélidos que parecem particularmente frios no momento.

— Porque o que você está dizendo é besteira. — A palavra estala no ar. Os palavrões realmente têm mais peso quando uma pessoa os usa raramente.

Ele me encara, sem piscar.

— Eu *estava* aqui com você. Fui eu que fiquei de olho em você e a peguei antes que você quase batesse a cabeça no concreto. Eu sou aquele que sabia o que fazer. Eu sou aquele que não deixaria nada ficar entre você e eu até que eu soubesse que você estava bem e que iria acordar.

Eu fico olhando para ele em descrença.

— Você perdeu o jogo.

— Claro, eu perdi o jogo, Frankie! — Ele se recosta e me encara, perplexo. — Como você pode...

— Eu te disse que essa é a *última* coisa que eu sempre quis! — Eu grito com a voz rouca. — Eu não precisava de você aqui, Ren.

Ele se inclina, um fôlego longe de mim.

— *Eu* precisava estar aqui.

— Exatamente. Esta é a *sua* viagem. E toda vez que você escolher meus problemas de saúde em vez de sua própria vida, a viagem também será sua. Então, quando isso se acumular, quando você fizer essas escolhas, uma e outra vez, você vai *ficar* ressentido *comigo* por isso. Se você não agisse como um idiota apaixonado toda vez que eu pego um resfriado...

— Pneumonia. Nos. Dois. Pulmões. — ele rosna, arrancando seu boné e jogando-o no carrinho. — Você estava inconsciente. Seu nível de saturação de oxigênio era assustador. Isso não é um resfriado, Francesca.

— Você não deveria ter vindo. — Eu me arrasto mais para cima na cama, tentando conseguir algum tipo de terreno sobre ele. — Você não pode escolher a mim e minha saúde de merda ao invés de sua carreira e compromissos. Eventualmente—

Ren se levanta abruptamente, enviando a cadeira raspando pela sala. Plantando as mãos na minha cama de hospital, ele se inclina, olhos fixos nos meus.

— Eu *sempre* vou escolher você. E eu nunca vou ficar ressentido com você por isso. Isso é o que combinamos — que eu demonstraria o que acabei de dizer com minhas ações. Mas, aparentemente, mesmo *isso* é impossível de confiar. Tenho que ser um idiota que deixa sua namorada gravemente doente no hospital para jogar um jogo de hóquei idiota e provar a si mesmo.

— Adivinha o quê, Frankie? Não sou esse cara e nunca serei. Se você

não pode confiar em mim, depois de tudo que eu confiei a *você*, mostrando quem eu sou e que sou um homem de palavra, então isso dói pra caralho.

— Você está fazendo isso ser sobre você — eu rebato. — Você está deixando a emoção turvar seu julgamento. E é assim *que* vou acabar me machucando. No momento, você não queria se sentir culpado por não estar comigo. Para evitar isso, você ficou. Mas cada vez que você fizer isso, parecerá um pouco menos valioso. E cada vez, você vai me culpar um pouco mais. Mesmo que eu esteja dizendo que não preciso de você aqui.

Ren se empurra para fora da cama, andando pela sala como um animal enjaulado. Passando as mãos pelos cabelos, ele pega o boné do carrinho do hospital e o puxa, aba puxada para baixo.

— Não acredito que você seja tão cética, Frankie. Eu não posso acreditar que você disse isso sobre mim.

Eu fico olhando para ele, enquanto lágrimas quentes derramam dos meus olhos.

— Eu não sou cética. É isso que acontece, Ren.

— Não, foi isso que *aconteceu*. E estava errado. Mas não fui eu, Frankie. E quanto a mim? Eu não tenho uma palavra a dizer sobre como isso vai?

Suas palavras pousam desconfortavelmente perto do meu coração.

Confie nele. Acredite nele.

Ele dá uma olhada em qualquer cara que estou fazendo e suspira em derrota.

— Porque se não, como eu superarei seu passado? Não importa o quanto eu lhe assegure que nunca vou ficar ressentido com você, que nunca vou considerar você e minha própria felicidade em conflito, você não acredita em mim. Tenho que agir como *você* acha que devo. Não posso ter minhas próprias necessidades neste relacionamento.

— Isso não é justo. — Minha garganta dói de tanto falar. Eu pego o copo d'água e Ren avança, me ajudando quando eu não consigo nem segurar meu braço por tempo suficiente para pegá-lo.

Eu chupo o canudo e olho para ele enquanto meus olhos se enchem de novas lágrimas. Será que ele realmente sempre vai me olhar assim, quando estou no meu pior momento? Como se ele me amasse, como se minha dor fosse tão real para ele quanto para mim?

Como se não houvesse nenhum outro lugar que ele preferisse estar?

— Como isso não é justo? — ele diz baixinho, pousando a xícara.

— Ren, só estou tentando dizer que há um compromisso aqui. Quando eu me sentir assim, você pode cuidar de mim de maneiras razoáveis, mas não coloque sua vida em espera.

Ele balança a cabeça.

— Não. Isso é literalmente dizer que meu amor por você tem que ter condições. Eu não estou bem com isso. É você tentando encontrar uma brecha para não ter que confiar em mim o tempo todo.

Eu olho para ele.

— Você está sendo tão condescendente agora!

— Frankie. — Esfregando o rosto, ele suspira. — Eu entendi que tornar-se um casal significava que, entre outras coisas, quando qualquer um de nós estava sofrendo, não estávamos mais sozinhos nisso. Portanto, tenho uma relação com a sua dor. Não é minha e não posso dizer o que fazer com ela, mas posso escolher amá-la através dela. E se e quando você precisar de cuidado e conforto – o que, goste ou não, você precisou nas últimas quarenta e oito horas – eu serei a pessoa que dará isso a você. Esse é basicamente o *objetivo* de um relacionamento. Não é?

Meu queixo está tenso. Sinto-me pressionada, acuada e rebaixada, cansada, enjoada e irritantemente derrotada.

— Bem, então provavelmente teríamos nos servido melhor discutir essa sua filosofia, em vez de nomes do meio e número de crianças durante o jantar. Porque não tenho certeza se concordo com isso.

Seus olhos se estreitam quando ele inclina a cabeça.

— Eu estava aqui porque te *amo*. Parceiros que se amam estão lá um para o outro. Você não concorda com isso?

A teimosia atrai a flecha. Alvos de orgulho feridos. A raiva dispara, fatalmente precisa.

— Eu nunca disse que te amava.

Ren abre a boca, então congela. Lentamente, ele se endireita e me encara. Eu posso ver suas engrenagens girando. Está brincando com a semântica. Nós dois sabemos que tive a intenção, embora ainda não tenha dito essas palavras exatas.

Sua mandíbula faz um tique. Seus olhos brilham enquanto ele me encara.

— O que você está dizendo?

Dói como o inferno, olhar para ele. Saber que estou afastando a melhor pessoa que já tive na vida, mas esse é o problema. Eu não pertencço a alguém tão bom quanto Ren. Ele não é desapegado o suficiente, não é egoísta o suficiente. Seus limites são muito frouxos, seu impulso de intimidade muito rápido.

A verdade está aí, como sempre esteve. O sol e as tempestades compartilham o céu, mas nunca juntos. Elas escovam, tangenciais, momentos fugazes de beleza de tirar o fôlego – o sol ardente e vivificante perfurando um céu escurecido – até que acaba tão rápido que faz você se perguntar se alguma vez aconteceu.

— Estou dizendo que você deve ir embora, Ren.

Ele recua como se eu o tivesse golpeado. Piscando, ele desvia o olhar para longe e depois para o chão.

— Você não quer dizer isso, Frankie. Você esta brava. E embora eu discorde de você, você tem permissão para ficar com raiva de mim. Mas eu não estou indo embora.

Fecho meus olhos, pressiono minhas costas na cama e engulo minhas lágrimas.

— Sim, você está.

— Frankie—

— *Saia.*

Ele fica em silêncio por um longo momento. Nada além de ruídos de ambiente – portas abrem e fecham, o bipe de uma máquina. Eu mantenho meus olhos fechados, prendo a respiração e rezo para que o momento de tortura termine.

De repente, sua voz está perto do meu ouvido.

— Eu vou te dar um tempo. Mas eu não vou me afastar disso, não para sempre. Você merece mais do que isso. E eu também.

Eu mordo minha língua, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Finalmente, eu sinto seu calor, aquele cheiro limpo e apimentado ir embora. Passos longos desaparecem da sala antes que a porta se feche.

E então eu desmorono.

Nem um minuto depois, Lo reentra no meu quarto e olha direto do meu rosto manchado de lágrimas para a cadeira vazia de Ren.

— Ok. Que nível de auto-sabotagem acabamos de ativar?

Limpo os olhos com uma das mãos e, com a outra, levanto um dedo do meio pintado com brilhantes.

— Rabugenta encontra brilho — ela diz. — Eu gosto disso.

— Tem sido assim desde sempre.

— Assim como sua atitude de pobrezinha.

Eu bato o punho na cama e olho para ela.

— Eu o mandei fazer as malas. Eu posso mandar você também.

— Ooh. — Ela finge um arrepio. — Eu estou assustada.

Eu aperto minha mandíbula e fecho meus olhos novamente. Fechando a porta atrás dela, Lo leva seu tempo caminhando até mim.

— Na verdade — ela diz — *é você* quem está com medo. — Minhas mãos torcem os lençóis enquanto Lo arrasta a cadeira de Ren para perto da cama e se joga nela. — A questão é: do que exatamente você tem medo?

Quando eu não respondo, ela envolve sua mão na minha e se inclina.

— Relacionamentos não são perfeitos, Frankie. Eles são vivos, respiram. Eles têm dores de crescimento. Eles têm altos e baixos. Eles precisam de confiança e perdão. Eles não exigem falta de falhas ou perfeição. Eles só exigem duas pessoas que queiram se amar e continuar aprendendo a melhor maneira de fazer isso.

Abro meus olhos e olho para ela de maneira penetrante.

— Quem precisa do Hallmark Channel quando tenho você e Ren?

Lo examina meu rosto.

— Oh, querida. — Ela suspira e afasta minhas lágrimas. — É disso que você tem medo, hein? Ser amado por aquele grande e ruivo ursinho de pelúcia que adora o chão em que você anda?

Eu limpo uma lágrima perdida com raiva da minha bochecha.

— Eu o chutei para fora, Lo. O que eu fiz?

— Você reagiu mal ao ser bem amada.

— Eu o amo — eu soluço, cobrindo meu rosto. — E eu acabei de fazê-lo ir embora.

— Eu sei, Frankie. E é nisso que temos que trabalhar. Porque Ren não

precisa dessa merda em sua vida, e nem você. — Lo aperta minha mão suavemente. — Então, o que a terapeuta disse? Quando você falou com ela sobre ele?

— Bem... — eu limpo minha garganta. — Eu realmente não—

— Oh, mulher. — Lo solta minha mão. — Você não falou com ela sobre ele.

Eu balancei minha cabeça.

— Porque você sabia o que ela ia te lembrar, e você está com muito medo de reconhecer a verdade que ela teria contado sobre você.

Eu concordo.

— Que é? — Lo pressiona.

— Que mereço amor por ser exatamente quem sou — admito miseravelmente. — Que a pessoa digna do meu amor vai me amar por completo.

Exatamente o que minha terapeuta me disse. Exatamente o que eu disse a Ren naquela noite na praia. Eu sou muito boa em dar conselhos e uma merda em aceitá-los.

Lo se recosta na cadeira e joga os pés na cama.

— Isso mesmo. Então você tem que tomar uma decisão. Se você acredita que é digna de amor, você tem que acreditar que há alguém aí para amá-la. Não é ele?

— Sim — eu sussurro, enquanto enxugo as lágrimas.

— Não, você nunca saberá se ele vai te machucar, não definitivamente. Adivinha o quê, Frankie? *Ninguém* sabe se o amor vai machucá-los. Você simplesmente tem que se arriscar.

Minha respiração fica rápida e curta. Eu aperto os lençóis, tentando respirar. Deus, eu estraguei tudo. Tanto. Ainda estou apavorada, insegura e insanamente vulnerável, mas ela está certa. *Eu estou* certa. Se alguém vai me amar, se há alguém que eu quero amar e ser digna de amar, é Ren. E quando ele me mostrou o quanto ele se sentia assim por mim, eu o afastei. Porque isso é assustador. Lindamente, vulneravelmente assustador.

Tento sorrir para ela.

— Vai ficar tudo bem. Estou bem.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Mesmo? Porque parece que você está tentando não se cagar.

Eu gemo.

— Você sabe que eu não consigo sorrir sob comando.

— Então, por que tentar comigo?

— Sorrir transmite que está tudo certo. Estou tentando mostrar que posso lidar com isso.

— Ei. — Lo aperta minha mão. — Sim, você vai ficar bem. E sim, você pode lidar com isso. Mas adivinhe?

— O quê?

Ela sorri.

— Você não precisa fazer isso sozinha.

Três semanas. Muitas brigas com Lo, que finalmente deixou minha casa há alguns dias, quando ela estava confiante de que eu não desmaiaria no chuveiro ou entraria em outro ataque de soluços ansiosos. Cinco sessões de tele-terapia com minha conselheira para realmente falar sobre minhas dificuldades em ter um relacionamento.

Eu não estou consertada. Eu não sou perfeita. E eu nunca serei. Mas estou saudável o suficiente para viajar e pronta para ser corajosa. Eu só posso esperar que Ren ache que isso é o suficiente para ele.

No aeroporto, estou sentada no terminal, o telefone preso entre minha orelha e o meu ombro.

— Então, ouça — diz Willa na linha. — Dizem que Aiden apareceu no Love Shack—

— Desculpa, o quê?

— The Love Shack — ela diz simplesmente. — Confie em mim. Assim que chegar à casa A, tudo ficará muito claro.

— Terei sorte se Ren não me girar na estrada e me disser para voltar de onde vim.

Willa bufa e ri.

— Por favor. Ele vai perder a cabeça de felicidade quando vir você. A pessoa que ele vai enviar é Aiden.

— Só não se afaste assim que me deixar.

— É claro que não vou — diz ela. — Mas estou te dizendo, você não tem nada com que se preocupar—

A comissária de bordo anuncia o embarque antecipado pelo alto-falante, interrompendo nossa conversa. Desligando com Willa, eu me levanto e sorrio para as avós que olham minha bengala e murmuram “farsante” alto e claro.

Mesmo quando sua doença não é invisível, as pessoas ainda podem estar cegas para ela. Mas cansei de ser envergonhada, humilhada ou defensiva. Estou sendo eu. Porque isso é o suficiente. E pela primeira vez em muitos anos, sei que sou amada exatamente pelo que sou. A pessoa que me lembrou disso espera por mim em uma pequena cabana na floresta. Só posso esperar que ele me perdoe e ainda me ame.

REN

Música da Playlist: "The Night We Met" - Lord Huron

- CALMA. — Aiden deixa o machado cair e passa a mão na testa suada.
- O que aquele tronco fez com você?
Eu olho para cima, encontrando o olhar do meu cunhado.
— Apenas me ocupando.
Aiden revira os olhos.
— Você poderia ser mais torturado?
— Não chamei você aqui, Aiden. É meu período na cabana, *meu* tempo aqui que você está invadindo.

Meus pais têm uma casa A no estado de Washington, onde passei grande parte da minha infância, até meu segundo ano do ensino médio. Nós nos mudamos para Los Angeles porque papai recebeu uma ótima oferta na UCLA de Medicina e, embora eu goste do sul da Califórnia, gosto de voltar para o noroeste do Pacífico. Agasalhado, vendo minha respiração no ar quando acordo. Cercado por sempre-vivas e um céu azul profundo.

Todos os irmãos podem usufruir da cabana, mas os mais velhos têm que vir no horário programado e fazer a manutenção para manter esse privilégio. Minha época geralmente é no meio do verão, já que meu cronograma de trabalho é mais flexível, mas Ryder trocou comigo e me deu esta extensão do final da primavera quando eu essencialmente o implorei.

— É um tema que estou esbarrando ultimamente — diz Aiden asperamente. — Eu sou indesejado aqui. Como também sou indesejado em minha própria casa. Aquela em que trabalhei muito duro para comprar e consertar. — Aiden levanta o machado e balança, partindo um tronco em dois. — Obrigado por me lembrar. Não que você tenha perguntado por que estou aqui ou o que está errado.

— Você está certo — eu resmungo, puxando uma braçada de madeira até a pilha e largando-a. — Eu não tenho.

— O que é muito diferente de você — diz Aiden.

— Acho que virei uma nova página.

Eu balanço e parto outro tronco, sentindo a dor nos meus músculos, a queimação nas minhas costas. Tudo o que fiz foi tentar me exaurir por aqui. Caso contrário, não consigo dormir para salvar minha vida.

Três semanas.

Três semanas e aquela palavra ainda ressoa na minha cabeça. *Saia*.

Depois que cheguei em casa, eu dei uma surra no saco de pancadas, chorei no chuveiro — sim, você me ouviu, eu chorei — e então aproveitei a

disposição de Ryder para trocar de tempo na cabana e vim direto para cá. Se eu passasse mais um momento em minha casa com o brinquedo de mastigar de Pazza caído no chão ou o cheiro de Frankie espalhado por meus lençóis, eu iria enlouquecer.

Aiden acabou de mostrar sua bunda aqui há dois dias, parecendo desgrenhado e sem dormir. Não perguntei a ele o que estava acontecendo com Freya, porque não queria saber. Já tenho problemas suficientes.

No hospital, disse a Frankie que lhe daria tempo, que não iria embora para sempre. Estou quase no fim da minha corda com essa espera, no entanto. Prometi a mim mesmo, depois de um mês, ela teria notícias minhas, veria meu rosto e teria que conversar sobre isso.

— Você ranzinza é estranho. Quando você faz cara feia, você se parece com Axel. — Aiden cai no chão e se inclina contra uma cicuta enorme, bebendo de sua água entre as respirações para respirar. — Merda, quando eu fiquei fora de forma?

— Acontece quando você trabalha o tempo todo.

Ele me encara com um olhar.

— Então, você *sabe* por que estou aqui.

Eu olho para ele por cima do ombro antes de me virar e balançar, partindo outro tronco.

— Eu não tenho ideia do por que você está aqui. Eu só sei que você é um viciado em trabalho. — Aiden é professor na UCLA. Na verdade, ele é o responsável por unir Willa e Ryder quando ambos eram seus alunos, em grande parte contra a vontade deles, no início. — Você ensina, dá nota, palestra, painel de convidados, publica constantemente. Quando você teria tempo para fazer exercícios? Ou qualquer outra coisa, por falar nisso.

A mandíbula de Aiden faz um tique. Ele tem cabelo quase preto, um tom mais escuro do que o de Frankie, e uma barba de três dias, um forte contraste com seus olhos azuis e as olheiras abaixo deles. Ele parece zangado e exausto.

Bem-vindo ao clube, Aiden.

— Freya me expulsou.

Minha cabeça levanta.

— Ela te *expulsou*?

Ele suspira, olhos fechados, cabeça contra a árvore.

— Diga isso de novo. Eu adoro ouvir isso repetido.

— Aiden, não tenho capacidade para o seu sarcasmo cintilante. Eu tenho o meu próprio... — Eu exalo asperamente, sentindo uma onda de emoção apertar minha garganta. — Estou lidando com minhas próprias coisas. Diga o que você precisa, mas não posso ser seu abraço amigo agora. Ligue para Ryder ou algo assim.

Aiden joga sua água no chão.

— O que, para que ele possa dirigir até aqui e me espancar por ter machucado a irmã dele? Não, obrigado. Você é o ouvinte da família.

Eu largo meu machado no chão com um baque.

— Você machucou Freya?

Aiden levanta as mãos e se afasta.

— Não fisicamente. Jesus, Ren, o que você acha de mim?

— Não importa. As feridas emocionais são tão dolorosas, às vezes mais.

Lutando para se levantar, Aiden fixa os olhos em mim.

— Eu não queria machucá-la, Ren. Eu nem sei quando aconteceu. Tudo que sei é que me desviei em algum momento. Tenho estado ocupado ultimamente, um pouco distraído.

— Eu perdi algo, não tenho certeza do que, mas ela está com raiva de mim. Com *muita* raiva. Eu implorei a ela para conversar sobre isso, disse-lhe que queria consertar, mas ela disse... — Ele esfrega a mão no rosto e olha para a água próxima. — Ela disse que precisava de tempo. Que ela não sabe se pode ser consertado.

Quando ele olha para mim, seus olhos estão vermelhos. Ele parece abalado.

— Eu não posso perdê-la.

— Então não perca. Vá para casa e lute por ela.

Ele ri, mas quebra de emoção.

— Como você luta por alguém que não quer ser lutado? Como você conserta algo que eles dizem que está irrevogavelmente quebrado?

— Você aparece e demonstra esperança. Você mostra a ela que, sim, as coisas quebram, e elas nunca serão o que eram antes, mas quando você as juntam, elas ainda podem ser bonitas, só que diferentes.

O trovão ribomba ao longe, seguido por uma gota de chuva grossa que cai na minha bochecha e desliza para baixo.

Aiden suspira.

— Ela nunca foi assim. Nunca a vi tão sombria. Aquela luz que sempre está nos olhos de Freya se foi.

— Então vá colocá-la de volta. — Enfio um punhado de madeira em seus braços. — Pare de se esconder aqui e vá lutar pelo que você prometeu lutar. Amor para toda a vida, grosso ou fino, na saúde e na doença...

Deus, as palavras me rasgam como uma faca quente. Eu chuto uma pilha de madeira e saio correndo. Aiden é sábio o suficiente para me deixar em paz. Eu o ouço despejar seu punhado e caminhar de volta para a cabana. Para o seu próprio bem, espero que seja para fazer as malas e ir para casa.

Gotas de chuva se transformam em cachoeiras. O céu escurece, troveja e, embora eu esteja sob uma copa de árvores, eu flagrantemente evito a cautela e vagueio por entre elas, pegando galhos e batendo em tudo que posso como se alinhasse discos para os exercícios.

Não é o suficiente. Circulando de volta para a clareira, pego o machado e vou até a árvore morta que Aiden e eu começamos esta tarde. Minhas mãos latejam com novas bolhas se abrindo, mas não me importo. Melhor machucar na superfície do que no interior.

Ping.

Ping.

Ping.

Um grunhido me deixa com cada golpe. Até eu não conseguir mais segurar o machado e ele cair aos meus pés. Eu gemo, pressionando minha testa na árvore. *Como* eu a perdi? Eu fiz exatamente o que a prometi que não faria. Fiz uma escolha que a fez sentir-se como um problema que priorizo, e não como a pessoa que amo.

E "aí", como diz Shakespeare, "está o problema". Porque sempre vou escolhê-la. Vou aparecer por ela e cuidar dela, da mesma forma que ela apareceu e cuidou de mim – com ternura e empatia – mas até que Frankie pare de se ver como um fardo, ela sempre verá minhas escolhas através das lentes da obrigação. O que significa que tudo o que posso fazer é esperar que, com algum tempo e perspectiva, ela veja as coisas de forma diferente. Mais uma vez, sou deixado esperando.

Já esperei por ela antes. Você acha que eu seria capaz de lidar com isso, mas é como se sufocar lentamente sem ela, ansioso para saber como ela está e o que ela quer e se houver uma chance no inferno de ela finalmente se ver através dos *meus* olhos.

Desamparo e raiva dominam meu corpo. Um grito furioso surge através de mim enquanto eu grito para a floresta, e raios quebram o céu. Eu salto para trás instintivamente enquanto o mundo pisca em branco-azulado, revelando o contorno de uma mulher descendo o caminho para a estrada principal. O fantasma torturante de uma mulher.

Cabelo comprido colado ao rosto, uma bengala curta. Ela olha para cima e eu engasgo quando os reconheço – olhos verde-dourados, sol e terra, brilhando na luz da tempestade.

Meu coração salta no meu peito.

— Frankie?

Ela sorri e levanta a mão em um aceno.

Eu digo o nome dela novamente. E de novo. Então, estou correndo em sua direção, correndo pela estrada lamacenta, a respiração enchendo meus pulmões pela primeira vez em semanas. Risos tomando fôlego. Ela está aqui. Ela veio.

Eu paro, cara a cara com ela enquanto ela olha para mim, tremendo. Cílios escuros aglomerados. Duas cortinas de cabelo escuro e úmido emoldurando seu rosto.

— O-oi — ela diz trêmula.

Eu engulo enquanto uma lágrima desliza pelo meu rosto.

— Como você chegou aqui?

— De avião. Depois Willa — ela diz simplesmente.

Eu olho por cima de seus ombros e vejo o Subaru de Willa e Ry saindo da estrada principal, seguido por uma torrente de buzinas em staccato. Olhando para Frankie, eu balanço minha cabeça e pisco. Isso não pode ser real.

— Ren — ela sussurra. Chegando perto, ela segura minha bochecha. Eu pulo com o toque e meu coração dispara dentro do meu peito. — Eu sinto muito. Você me amou e eu joguei na sua cara. Isso... me assustou,

Zenzero. Eu não vou mentir. Ninguém nunca me amou sem reservas.

Eu a encaro enquanto a chuva cai, como um amor cuja magnitude, profundidade e força eu mal posso imaginar envolve meu coração e me puxa para ela.

Seus olhos procuram os meus.

— O que eu disse no hospital não era verdade. Eu tenho... eu *faço*... — Em uma exalação trêmula, ela chega mais perto. — Eu te amo, Ren.

— Frankie. Eu te amo — eu sussurro, segurando seu rosto, tão perto, tão suave.

— Ainda? — ela pergunta com cautela. — Mesmo depois das últimas semanas?

— Ainda. Sempre. Eu esperaria vidas inteiras por você, Frankie. Você *sempre* valeria a pena.

Ela olha para mim.

— Pergunte-me.

— Perguntar o quê? — Eu digo atordoado.

— “A associação depende da autenticidade” — ela repete, assim como eu lhe disse meses atrás. — “Em palavras ditas com o coração. Pergunte-me o que estou preparada para dizer.”

Eu balanço minha cabeça.

— Frankie, você não precisa...

— Isso. — Ela coloca a mão no meu coração, seus olhos procurando os meus. — Eu quero entrar. Privilégios para toda a vida, de preferência, mas vou me contentar com uma associação de avaliação mês a mês, se necessário.

— Frankie, você já o tem.

— “Amor não é amor” — ela desabafa, enxugando a chuva de seus olhos e piscando para mim. — “Se quando encontra obstáculos se altera, ou se vacila no mínimo temor. Oh não! Amor é um marco eterno, dominante, que encara a tempestades com bravura.”

— Está frio, você ainda...

— Por favor, Ren, deixe-me dizer a você. Deixe-me dizer o que você significa para mim. — Ela inala com força, então grita em meio à chuva e trovão, uma rajada de vento através das árvores,

— *“O amor não é bobo do tempo, embora lábios e bochechas rosados*

Dentro de sua bússola de foice dobrável vem;

O amor não se altera com suas breves horas e semanas,

Mas aguenta até a beira da desgraça.”

Eu a abraço e a beijo, em seguida, me afasto o suficiente para que eu possa olhar para aqueles olhos grandes e profundos.

— Eu amo você. Eu sempre fiz. — O vento sopra através das árvores, envolve em torno de nós, enquanto eu a puxo para perto, enquanto pressiono um beijo em seus lábios e sussurro:

— Sempre foi só *você*.

Seu grito quebra contra o meu beijo, enquanto eu a pego em meus braços, protegendo-a o melhor que posso da chuva. Ela grita de tanto rir, segurando a bolsa e a bengala com força contra nós, jogando a cabeça

para trás para o céu aberto. Lágrimas de sofrimento se transformam em lágrimas de alegria, enquanto as nuvens se abrem para o sol determinado.

Beijo Frankie e sinto o gosto de esperança.

REN

Música da Playlist: “Like I'm Gonna Lose You” - Meghan Trainor, John Legend

EU VEJO A LUZ DO FOGO brincar em sua pele, uma lavagem de aquarelas de pôr do sol. Ouro e bronze, sombras de rubi sob seu queixo, a protuberância de seus seios nus. Frankie, nua em um sofá arrastado na frente do fogo é uma visão de beleza saciada.

Inclinando-me para passar por ela, eu cutuco o fogo e jogo outro tronco. Sua mão desliza pelas minhas costas e se enreda no meu cabelo.

— Foi legal da parte de Aiden ir embora — diz ela.

Eu rio secamente.

— Era uma *exigência* que Aiden fosse embora.

O que ele fez. Ele deu uma olhada em mim segurando Frankie, nós dois ensopados de chuva, rindo e bêbados de amor, colocou sua mala no ombro e murmurou algo sobre o aeroporto enquanto saía. Ouvi os pneus de seu carro alugado travarem no cascalho, depois o barulho de um motor caindo na chuva. Em seguida, arranquei as roupas dela, coloquei Frankie em um banho quente e me ajoelhei para mostrar-lhe o quanto eu sentia a falta dela.

Frankie sorri para mim.

— Eu me sinto mal, mas é melhor que ele não esteja aqui. Você é um amante barulhento, Sr. Bergman.

Um rubor aquece minhas bochechas enquanto eu a encaro de brincadeira.

— Eu acho que você quer dizer, apaixonado, Sra. Zeferino.

Seu sorriso se aprofunda, interrompido apenas brevemente por uma tosse persistente que soa muito melhor do que três semanas atrás.

Eu deslizo meu dedo ao longo de sua covinha.

— Isso me torturou por muitos meses, Francesca. Anos, para ser mais preciso.

— Minha covinha? — Ela bate a mão na bochecha e no meu dedo, parecendo constrangida. — É estranho eu não ter duas, não é? Sempre me incomodou porque minha mente anseia por simetria.

— É por isso que eu gosto. Você sempre foi tão arrumada e exata. Então você tinha essa covinha torta que eu só vi quando você deu um raro sorriso. Mesmo que seja uma imperfeição, é lindo para mim.

Seu rosto cai.

— Algumas imperfeições não são tão bonitas, Ren.

— Não. Talvez não. — Eu deslizo meus dedos por seu cabelo. — Mas se elas são suas, eu as amo. E você ama as minhas.

Ela agarra meu pulso, parando minha mão.

— Eu preciso explicar isso. Eu preciso que você entenda.

Alisando sua bochecha com meus dedos, mesmo enquanto ela mantém meu pulso preso, eu fico olhando para ela.

— Estou ouvindo.

Frankie mantém meu olhar sempre que pode, antes que eles dancem pelo meu corpo, para o fogo, minha boca, meu cabelo.

— Algo que minha terapeuta me disse há algumas semanas... Passei muito tempo pensando nisso.

Eu espero por ela, ouvindo em silêncio, exceto pelo estalo e estouro da madeira curada rugindo na lareira.

— Ela disse que você não pode acreditar no amor de alguém por você até que você pense que merece isso — ela diz baixinho, olhando para o fogo. — Você tem que amar a si mesmo. E, dessa forma, acho que você está muito à minha frente, Ren.

— O que você quer dizer?

Ela suspira.

— Alguns dias eu me sinto cética. Em outros dias, estou otimista. Acho que nos dias difíceis, quando tudo dói e tudo parece difícil, não me considero muito adorável. E eu sei que não é *verdade*, que não tenho permissão para lutar, que não sou adorável quando faço isso, mas parece... *real*.

Eu a puxo para perto.

Frankie pisca para mim, incrivelmente adorável, iluminada pelo fogo, nua e lavada pela chuva, cautelosa e esperançosa.

— Isso faz sentido? — ela pergunta.

— Eu penso que sim. Não estou dizendo que seja a mesma coisa, mas me lembra um pouco de quando voltei para lugares antigos depois de anos de bullying. Dizendo a mim mesmo que não me encaixo, que não consigo acertar, que não sou bom o suficiente porque não sou um “cara normal”.

— O que você faz quando isso acontece?

— Às vezes eu ligo para Ryder e apenas o deixo me fazer rir. Outras vezes, releio um livro que foi a fuga de que precisava em um momento crítico do meu passado, que me fez sentir que pertencia. Na maioria das vezes, eu apenas conto os minutos até vê-la novamente. Porque você, Frankie, sempre me fez feliz. Você sempre me fez sentir como se eu fosse exatamente quem deveria ser, isso é bom.

Ela funga.

— Como? Sempre fui tão grosseira.

Eu ri.

— Talvez seja por isso. Você foi a melhor rabugenta que eu já conheci. Você se importou. Você parecia que pelo menos captou aquelas partes de mim que eu tentei minimizar. Como se as partes que eu senti que me faziam estranho, eram, na verdade, as partes de que você mais gostou.

— Ren — ela diz, segurando minha bochecha. — Você é estranho. — Nós dois caímos na gargalhada enquanto ela acaricia minha barba e rouba um beijo. — E eu também. Mas nem todo mundo precisa nos amar,

apenas as pessoas que importam. Foi o que eu te disse, mas você me *mostrou*: seja você mesma, e deixe aqueles que têm a sorte de amá-la, amá-la pelo que você é.

Eu envolvo meus braços em torno dela, beijo seu cabelo, sua têmpora, sua bochecha. Meus lábios encontram o canto de sua boca enquanto ela inclina a cabeça para encontrar o meu beijo. Deslizando minha mão em torno de suas costas, eu a seguro perto.

— Eu amo você. — Eu toco sua bunda e aperto. — Muito.

Ela sorri para mim.

— E você ama minha bunda.

— É justo. Você ama a minha.

Suspirando, ela me beija, acariciando meu nariz.

— Esta cabana é aconchegante. Vamos mudar para cá.

— Acho que não. Você nunca iria embora. Você fecharia as janelas com livros e faria o Uber Eats usar um quadriciclo para nos trazer comida chinesa.

— Parece uma existência brilhante.

Eu sorrio para ela.

— Onde você for, eu irei. Eu não pensei que você fosse uma garota do noroeste do Pacífico, mas...

Como se apenas pelo poder da sugestão, ela estremece, seus mamilos endurecem com o frio. Isso faz com que partes de *mim* endureçam também. Eu a encaro, segurando ternamente seus seios.

— Com licença. Olhos para cima, Zenzero.

Eu não olho para cima. Beijo cada mamilo, giro minha língua e lambo até que fiquem duros e sua respiração fique mais curta, mais rápida.

— O quê? — Eu pergunto.

— Eu... — Ela suspira, puxando-me para cima dela, pegando minha ereção dolorida em seu aperto, rolando o polegar sobre a ponta delicadamente sensível. — Eu esqueci. Eu ia discutir sobre algo, mas isso é muito mais agradável.

— Frankie — eu sussurro. Relaxando dentro dela, eu a seguro perto.

— Ren — ela respira contra a minha pele.

Minha boca encontra a dela, enquanto eu provo, saboreio e provoco. Enquanto meus quadris rolam, cada golpe é constante e reverente. Minhas mãos encontram a protuberância suave de seu seio, o veludo entre suas pernas. Meus dedos deslizam sobre ela, enquanto suas mãos reivindicam meus ombros, então pescoço, enquanto ela suspira, gritos silenciosos que crescem em desespero.

A sala é uma névoa de luz do fogo e o brilho de velas. Ar enfumaçado, suor e cobertores macios caindo no chão. Suas mãos seguram as minhas e enredam nossos dedos. Necessidade gloriosa e torturada, demanda aguda percorrendo meu corpo.

Eu chamo seu nome, pressionando meu corpo profundamente dentro dela. Frankie me aperta e se contorce embaixo de mim, enquanto as ondas de sua liberação me pegam em seu poder e me levam com elas.

Em um suspiro por ar, eu a viro comigo, nossos corpos próximos,

nossos corações mais próximos. Eu beijo seu cabelo, olho em seus olhos. E fico olhando para Frankie por longos e silenciosos momentos, memorizando a luz do fogo em sua pele, a forma como as chamas dançam em seus olhos que me observam atentamente.

Eu empurro em meus cotovelos, cuidadosamente me separando dela.

— Eu volto já.

— Onde você está indo? — Sua mão desce pelo meu peito. Sua voz está hesitante.

— Você vai ver. — Dando-lhe um beijo, eu sorrio para ela. Eu ia esperar, mas se essa experiência me ensinou alguma coisa, é que o único momento certo para dizer a alguém o que essa pessoa significa para você é no momento em que você sabe disso. Não há mais espera. Não há mais verdades parciais.

Sento-me e pulo no sofá, caminhando pelo corredor até encontrar minha calça jeans em uma pilha perto do banheiro. Pegando minha carteira, retiro o papel e jogo minha carteira de lado.

Frankie me observa reentrar na sala grande, com os braços atrás da cabeça e um largo sorriso no rosto.

— Eu acho que você provavelmente deveria desacelerar — diz ela. — O chão parece escorregadio. Você, correndo, nu, iluminado apenas por uma fogueira... Parece perigoso.

Eu sorrio para ela, congelando por apenas um momento para deixá-la deleitar seus olhos, antes de correr para o sofá, parando o suficiente para pousar suavemente de volta no sofá com um baque.

Ela suspira.

— Um dia vou transformá-lo em um exibicionista para mim.

— Aqui. — Dando um beijo em sua têmpora, ofereço-lhe o papel do biscoito da sorte, preso entre dois dedos. — Você faz as honras.

Frankie desdobra o papel, vira-o e olha para ele, depois lê baixinho:

— “Seu amor é aquele para quem você olha.” Oh, Ren — ela sussurra, jogando o braço em volta de mim e beijando meu pescoço. — Isso é incrivelmente doce. E graças a Deus você não estava “olhando” para a sopa wonton quando a leu.

Eu rio enquanto a beijo de volta.

— Estou tão feliz por ter sido você.

— Você realmente não me amou à primeira vista — diz ela com ceticismo. — Isso não existe.

— Eu não sei, docinho. Você entrou pela porta no meu primeiro dia e meu coração disparou. Tirou o fôlego de mim.

— Hm. Bem, de minha parte, percebi que gostei de você quando esbarrei naquele fabuloso peito nu.

— Francesca. — Eu rosno baixinho contra seu pescoço e o belisco.

— Ok. Foi quando você estava fazendo flexões sem camisa.

Pressionando-a no sofá e deslizando para baixo no cobertor, eu me acomodo entre suas pernas.

— Jujuba, você está me provocando.

— Fofinho. — Frankie desliza os braços pelas minhas costas. — Vou

ser muito honesta e confessar que a primeira coisa que gostei em você *foi* sua bunda, mas só porque você passou por mim enquanto eu estava de cabeça baixa, entrando na sala de reuniões, então eu só peguei a metade de trás de você. — Ela dá um aperto afetuoso no traseiro em questão.

— Mas então, eu entrei e vi esse cabelo acobreado, aqueles olhos gélidos. — Ela suspira. — E eu pensei, “Bem, droga. Ele está fora dos limites, Frankie. Então *deixa pará-lá*.”

— Não perceba a maneira como ele escuta com atenção. Não se deixe enganar pelo quão gentil ele é, pelo quão duro ele trabalha. Não sinta que está caindo mais fundo ao vê-lo demonstrar que a força não está em uma afirmação de poder, mas em atos de serviço. Não o ame quando ele lê livros infantis e chora ou segura o bebê do seu amigo como se ele fosse *feito* para segurar bebês. Definitivamente, não dê a ele seu coração quando ele dançar com você na praia e fizer você se sentir como se estivesse com os pés leves.

Ela sorri debaixo de mim, suas mãos acariciando meu rosto.

— Não se apaixone por ele quando ele te tocar. Quando ele te faz sentir de um lugar em seu coração que você não sabia que existia. Todas essas contradições ridículas, e eu ainda não tive uma chance.

Sua mão repousa sobre meu coração enquanto eu mantenho seu olhar.

— Francesca?

— Sim, Søren.

— Eu amo você. Sempre.

— Sempre — ela sussurra e sela com um beijo.

FIM

AGRADECIMENTOS

Este não foi um livro fácil de escrever. Mais do que o normal, parecia que eu estava puxando minhas entranhas e empurrando-as em um romance para que, teoricamente, inúmeras pessoas colocassem seus olhos e criticassem. Um pouco de exposição, pode-se dizer.

Eu sabia que queria escrever uma história #OwnVoices, mas por um bom tempo, eu estava longe de estar confiante de por onde começar. Acontece que a confiança nunca veio tanto quanto a convicção. Convicção de que o autismo precisa ser amado e melhor compreendido e que, como mulher autista, sou a melhor pessoa para escrever histórias que afirmem isso.

Frankie sou eu em alguns aspectos, e em outros, ela não é. Ela é um amálgama de experiências de vida e amigos autistas e pesquisas. Embora os autistas não sejam um monólito, temos coisas em comum, então espero que, embora Frankie não capture todas as facetas do autismo mais do que uma única pessoa autista na vida real faria, ela faça justiça às muitas meninas e mulheres do espectro que merecem ser representadas com compaixão e sensibilidade. Um agradecimento especial à Katie, que me deu uma das minhas coisas favoritas como uma autista: conversa direta. Katie tornou Ren e Frankie mais fortes tanto individualmente quanto juntos, e afirmou que as duas mulheres autistas nesta história não são caricatas ou clichês, mas sim pessoas tridimensionais e amorosamente imperfeitas.

Espero que você as veja dessa forma também – como mulheres que provavelmente são diferentes de você, que lutam de maneiras que você não luta, mas que são dignas de grandes vidas e amores profundos; que têm muito a ganhar e dar a este mundo, não apesar de serem neurodiversas, mas por causa disso.

Notas

[← 1]

Cara de desprezo, de poucos amigos que algumas pessoas com as feições do rosto relaxadas.
Exemplos: Kristen Stewart e Kanye West.

[← 2]

Em inglês, a autora utiliza o termo “playoff beard”, que é uma tradição supersticiosa dos jogadores de hóquei na qual eles ficam sem fazer a barba durante o período dos jogos finais.

[← 3]

Marca e site de estilo de vida saudável fundada pela atriz Gwyneth Paltrow.

[← 4]

Cornhole é um jogo onde os participantes devem acertar sacos com milho secos em um buraco de uma tábua inclinada.

[← 5]

Insulto criado por Shakespeare em sua obra “Henry IV, Parte 2”. Significa alguém “canalha”.

[← 6]

Expressão em inglês que pode ser utilizada para convidar alguém para transar.